Ensaios nacional-socialistas anticapitalistas e antiliberais

Coleção de ensaios e discursos das autoridades nacional-socialistas contra o capitalismo e o liberalismo ou os atributos diretos de ambos os pensamentos

---

2025

Cartão postal (por volta de 1930), que mostra Hitler como o “Ferreiro da nação”, construindo o novo ideal econômico. Abaixo estão as placas, indicando “judeus”, “luta de classes”, “capitalismo”, “liberalismo” e etc., indicando a derrubada desses sistemas.

"Sou socialista porque me parece incompreensível cuidar e tratar uma máquina com carinho, mas deixar perecer o mais nobre representante do trabalho, o próprio ser humano".

— Adolf Hitler, Monumento à Frente Trabalhista Alemã (DAF)

“Somente através do trabalho conjunto construiremos o verdadeiro socialismo” — DAF

“Na perspectiva do nacional-socialismo, o capitalismo era tão contra-seletivo quanto o marxismo, mas o capitalismo financeiro era mais perigoso, pois enquanto o marxismo era uma ameaça hipotética, o primeiro já estava em solo alemão há décadas. Para a ideologia nazista, a economia capitalista tendia a produzir fragmentação interna e uma luta individualista não natural [...] Para o biólogo nazista Konrad Lorenz, as espécies não se especializavam competindo internamente. Os grupos de organismos que eram orientados para a competição interna na chamada "seleção intraespecífica" acabavam negligenciando as ameaças do ambiente e os outros grupos concorrentes. O primeiro inimigo de uma espécie era outra espécie equivalente na escala natural, o competidor pelos mesmos recursos naturais. Em uma segunda ordem de coisas, um grupo de organismos enfrentava seus predadores e, em menor grau, suas presas”. — Carlos Videla. National Socialism - Its Principles and Philosophy. Sanctuary Press Ltd, 2020.

Índice

Citações e trechos nacional-socialistas contra o capitalismo e o liberalismo

Bernhard Köhler

A) Reação disfarçada de ciência
B) Desmantelamento das caixas econômicas de poupança
C) Política social e "socialismo"
D) Luta de classes e estilo de vida
E) Racionalização da economia popular
F) Racionalização do comércio externo
G) Dependência da política econômica alemã em relação à economia mundial?
H) Sobrevalorização e subvalorização do mercado de capitais
I) Estão a trazer a pobreza para dentro da vossa própria casa!
J) Ovos de coelhos medrosos
K) Pequena biografia de Bernhard Köhler

Udo Pfriemer

A) Destaques sobre a pequena guerra econômica
B) Inevitável recessão econômica.

Karl Erich Kohlen

Dois tipos de socialismo

Alf Noll

A) Capitalismo e a abolição da escravidão dos juros
B) O fim de uma alta dos "bens reais"

Otto Kern

Formação em política econômica para jovens

Karl Albach

A segunda batalha trabalhista

Werner Scheunemann

A) Programa-NS e política econômica: abolição do rendimento sem trabalho e sem esforço
B) Programa-NS e política econômica: abolindo a escravidão dos juros
C) Programa-NS e política agrária

Edgar Bissinger

Reflexões sobre a luta pelas matérias-primas no artesanato

Peter Schlenzka

Gestão econômica do consumo de materiais

Erwin Rogalski

O empobrecimento da Alemanha

Justus Neumärker

Desperdício de propriedade alheia

Carl Fluhme

É isso que a política económica nacional-socialista pretende!

Oskar Krüger

A "função de crédito" do comércio atacadista como obstáculo à redução dos preços

Robert Ley

O ódio do mundo pelo nosso socialismo!

Dietrich Klagges

A injustiça capitalista

Curt Rosten

O NSDAP é o partido dos grandes industriais e barões?

Bônus

Kerry Bolton: O Mito do eixo-empresarial nazista

Verônica Clark: O NSDAP não foi financiado.

John M. Ries: German Big Business and the Rise of Hitler (As grandes empresas alemãs e a ascensão de Hitler). Review do livro.

Citações e trechos nacional-socialistas contra o capitalismo e o liberalismo

“O nacional-socialismo não tem nem o indivíduo nem a humanidade como ponto de partida para as suas observações, declarações e decisões. Ele coloca conscientemente o povo no centro de todo o seu pensamento. Para ele, esse povo é um fenômeno determinado pelo sangue, no qual ele vê um alicerce da sociedade humana consagrado por Deus. O indivíduo é transitório, a nação é permanente. Se a visão liberal do mundo, na sua idolatria do indivíduo, deve levar à destruição do povo, o nacional-socialismo, por outro lado, deseja proteger o povo, se necessário à custa do indivíduo. É necessário que o indivíduo lentamente chegue à conclusão de que o seu próprio ego é insignificante em comparação com o ser de todo o povo... que, acima de tudo, a unidade de espírito e vontade de uma nação deve ser valorizada mais do que a unidade de espírito e vontade do indivíduo” — Adolf Hitler[1]

“Basicamente: o nosso programa nacional-socialista substitui o conceito liberalista do indivíduo e o conceito marxista da humanidade pelo povo, que está ligado pelo sangue e conectado à terra [...] Não existe nenhum conceito ou visão económica que possa, de alguma forma, reivindicar ser sagrado. O que é decisivo é a vontade de sempre atribuir à economia o papel de servir o povo e ao capital o papel de servir a economia [...] O nacional-socialismo é, como sabemos, o mais feroz opositor da visão liberalista de que a economia existe para o capital e o povo para a economia. Por isso, desde o primeiro dia, estávamos determinados a romper com a falácia de que a economia poderia levar uma vida independente, incontrolável e sem supervisão dentro do Estado”. — Adolf Hitler[2]

“Os povos que lutam por ideais nacionais elevados levam vidas fortes e esperam um futuro próspero. Eles tomaram o seu destino nas próprias mãos. Por isso, a soma dos seus poderes combinados raramente inclui valores que gozam de prestígio internacional e são mais benéficos para a coexistência mútua dos

[1] Der Aufstieg, 8 October 1933 (Rede auf dem Bückeberg). https://dea.digar.ee/?a=d&d=deraufstieg19331008.1.2&e=-------en-25--1--txt-txIN%7ctxTI%7ctxAU%7ctxTA----------

[2] Palavras do Führer de 30 de janeiro de 1937 Em: *Der S.A.-Führer, Volume 2.*

povos do que as "ideias imortais" do liberalismo, que confundem e destroem as relações entre as nações". — Adolf Hitler[3]

"A formação em geral terá de ocorrer, e a formação em todas as áreas, de acordo com as regras, culturais, instintivas, científicas e até religiosas, a fim de converter a perceção e o pensamento da próxima geração do *Volk* do liberalismo capitalista para uma compreensão da exigência e da necessidade do socialismo, para que esta nova ordem seja cada vez mais fortemente e cada vez mais ruidosamente desejada, exigida e levada a cabo até ao fim por todo o *Volk* [...] Pois a introdução de uma economia socialista é mais do que um "decreto"! Requer uma compreensão moral, uma convicção ética, uma profissão de fé religiosa! Pois, na sua essência mais íntima, é um afastamento da idolatria dos milénios anteriores, a superação de um sistema monetário (N.T: capitalismo) já atacado por Moisés e Cristo, que só pôde ser mantido até aos dias de hoje mantendo as pessoas ignorantes e aterrorizando-as, e por meio de uma hipocrisia mentirosa". — Adolf Hitler[4]

"Eu próprio fui e sou um filho do povo. Não defendi os capitalistas, defendi os trabalhadores alemães, o povo alemão, os trabalhadores alemães". — Adolf Hitler[5]

"Pois nós, os pobres, abolimos o desemprego porque já não prestamos homenagem a essa loucura, porque consideramos toda a nossa existência económica como um problema de produção e não mais como um problema capitalista. Colocamos toda a força organizada da nação, a disciplina de toda a nação, por trás da nossa política económica [...] É claro que era necessário um princípio social fundamental para alcançar isso. Hoje em dia, não é mais possível construir um Estado com base no capitalismo. Os povos acabam por começar a agitar-se [...] A política econômica da Alemanha é conduzida exclusivamente de acordo com os interesses do povo alemão. A este respeito, sou um socialista fanático alguém que tem sempre em mente os interesses de todo o seu povo. Não sou escravo de alguns sindicatos bancários internacionais.

---

[3] Interview for "Associated Press" in Völkischer Beobachter, April 4, 1934 [Collection of Speeches and Proclamations 1922-1945]. https://archive.org/details/AdolfHitlerCollectionOfSpeeches19221945/mode/2up

[4] Wagener, Otto, and Ruth Hein. Hitler--Memoirs of a Confidant. Edited by Henry Ashby Turner, Yale University Press, 1985, pp.263

[5] Adolf Hitler, discurso eleitoral em 5 de março de 1933 no Sportpalast de Berlim. Citado em: *Sozialismus wie ihn der Führer sieht. Worte des Führers sozialen Fragen, Zusammengestellt von Fritz Meystre, Heerschild-Verlag München 2 NW, 1935.*

“Não tenho nenhuma obrigação para com qualquer grupo capitalista. Eu nasci do povo alemão”. — Adolf Hitler[6]

“Vamos vencer esta guerra porque estamos a lutar por uma ideia e não pelo capitalismo judeu que move os soldados dos nossos inimigos”. — Adolf Hitler[7]

“O boom da economia mundial causado pelos efeitos económicos do rearmamento nunca poderia constituir a base de uma economia sólida a longo prazo, e esta última foi obstruída sobretudo também pelas perturbações económicas resultantes do bolchevismo. Havia uma fraqueza militar pronunciada nos Estados cuja existência dependia do comércio externo [...] O único remédio, e que poderia parecer-nos visionário, residia na aquisição de um maior espaço vital — uma busca que esteve sempre na origem da formação dos Estados e da migração dos povos [...] Se, então, aceitarmos a segurança da nossa situação alimentar como a questão principal, o espaço necessário para a garantir só pode ser procurado na Europa, e não, como na visão liberal-capitalista, na exploração das colónias. Não se trata de adquirir população, mas de ganhar espaço para uso agrícola”. — Adolf Hitler[8]

“O futuro dos verdadeiros povos culturais não será, portanto, nem judeu-bolchevique nem judeu-capitalista, mas, a serviço dos interesses nacionais, ele se empenhará cada vez mais em direção à verdadeira comunidade do povo [*Volksgemeinschaft*] como o ideal mais elevado, que teve esse objetivo desde o início, trabalhará ainda mais incansavelmente após esta guerra para realizar um programa que deve, em última instância, levar à completa erradicação dos antagonismos de classe e ao estabelecimento de uma verdadeira comunidade socialista”. — Adolf Hitler[9]

“A política económica alemã introduzida pelo nacional-socialismo em 1933 baseia-se em algumas considerações fundamentais. Nas relações entre a economia e o povo, apenas o povo é o único elemento imutável. A atividade económica em si não é um dogma e nunca poderá sê-lo.

---

[6] Adolf Hitler, Munich, Feb. 24, 1941. Der großdeutsche Freiheitskampf. Reden Adolf Hitlers. Band I und II in einem Band, Zentralverlag der NSDAP., Franz Eher Nachf., München, 1942., pp.420
[7] Junge, Gertraud. Bis zur letzten Stunde : Hitlers Sekretärin erzählt ihr Leben, 2002.
[8] Adolf Hitler's speech of November 5, 1937, The Essential Hitler: Speeches and Commentary, Pub Bolchazy-Carducci, Volume two 1935-1938, 2007.
[9] Discurso em 21 de março de 1943, Berlim. Citado em: *Der Hoheitsträger, vol.7, 1943*.

“Sabemos que o nacional-socialismo combate vigorosamente a opinião de que a estrutura económica existe para benefício do capital (N.T: Capitalismo) e que o povo deve ser considerado como sujeito ao sistema económico. Por isso, estávamos determinados, desde o início, a exterminar a falsa noção de que o sistema econômico poderia existir e operar de forma totalmente livre e totalmente fora de qualquer controle ou supervisão por parte do Estado. Hoje em dia, já não pode existir um sistema económico independente. Ou seja, o sistema econômico já não pode ser deixado exclusivamente por sua conta [...]”. — Adolf Hitler[10]

“Aqueles cujas bananas crescem naturalmente na boca têm, naturalmente, uma vida mais fácil do que o agricultor alemão, que tem de trabalhar arduamente durante todo o ano para cultivar os seus campos. A única coisa a que nos opomos é que um apanhador de bananas internacional tão despreocupado critique agora o trabalho do agricultor alemão.

Existem apenas duas formas de superar a situação que então se colocaria:

1. através de uma importação adicional de alimentos, ou seja, um aumento na exportação de produtos alemães, tendo em conta que algumas das matérias-primas para esses produtos devem ser importadas do exterior, de modo que apenas parte dos lucros comerciais permaneça para a compra de alimentos, ou

2. a expansão do espaço vital do nosso povo, a fim de garantir o problema da alimentação da Alemanha no ciclo interno da nossa economia.

Uma vez que a segunda solução ainda não está disponível neste momento devido à cegueira contínua das antigas potências vencedoras, somos obrigados a lidar com a primeira, ou seja, temos de exportar para poder comprar alimentos e, em segundo lugar, uma vez que esta exportação requer em parte matérias-primas que não possuímos, temos de exportar ainda mais para garantir adicionalmente estas matérias-primas para a nossa economia.

[10] Adolf Hitler's speech on January 30, 1937.
https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/hitler1.htm

Esta compulsão não é, portanto, capitalista, como pode ser o caso noutros países, mas sim a mais dura adversidade que pode atingir um povo, nomeadamente a necessidade do pão de cada dia". — Adolf Hitler[11]

"Afinal, há dois mundos que se confrontam. E eles têm razão quando dizem: *"Nunca poderemos nos reconciliar com o mundo nacional-socialista"*. Pois como poderia um capitalista de mente estreita declarar concordar com os meus princípios? Seria mais fácil o diabo ir à igreja e beber água benta". — Adolf Hitler[12]

"Um espírito ganhou vida neste país que o mundo ainda não conseguiu superar! O nosso povo está tomado por um profundo sentimento de comunidade. Nenhum poder no mundo será capaz de nos tirar o que conquistámos após um longo e errante caminho de luta interior e o que nos torna tão orgulhosos de outros povos. Na era das ilusões judaico-capitalistas de ouro, status e classe, o Estado popular nacional-socialista ergue-se como um monumento de ferro à justiça social e à razão clara. Ele não só sobreviverá a esta guerra, mas também ao próximo milênio!" — Adolf Hitler[13]

"Não queremos que os outros façam algo por nós, mas precisamos de ter um lugar onde possamos fazer algo. E é inaceitável que alguém diga: "Eu reivindico 40 milhões de quilómetros quadrados e tu não tens nada". Vamos acabar com isso. Aqui também substituímos este Estado capitalista ladrão, que hoje explora nações, povos e espaço vital ou, em parte, simplesmente os deixa devastados, os deixa cair em ruína, pela ideia social maior de uma ordem mundial". — Adolf Hitler[14]

"Entendo por socialismo o mais alto nível de serviço ao meu povo, renunciando às vantagens pessoais no interesse do todo [...] O benefício do todo é o

---

[11] Discurso de Adolf Hitler em 30 de janeiro de 1939, em Berlim. Citado em: *Hans Volz. Das Werden des Reiches, Teil 2, Junker und Dunnhaupt Verlag / Berlin, 1939*

[12] Adolf Hitler, Speech To Workers of Berlin, (Rheinmetall-Borsig works), December 10, 1940. https://archive.org/details/adolf-hitler-collection-of-speeches-1922-1945_202107/page/746/mode/1up

[13] Adolf Hitler, em 4 de maio de 1941. Citado em: *Der großdeutsche Freiheitskampf, III. Band. Reden Adolf Hitlers, Zentralverlag der NSDAP, Franz Eher Nachf, München, 1944, pp.48*

[14] Adolf Hitler. Discurso proferido em 14 de novembro de 1940, em Berlim, aos trabalhadores da frente. Citado em: *Adolf Hitler. Collection of Speeches and Proclamations 1922-1945. Second Edition (2024/136), pp.982*

essencial. No fim de contas, o termo nacionalismo não significa outra coisa senão devoção e amor pelo meu povo". — Adolf Hitler[15]

"O nome nacionalismo ou socialismo denotava atitudes perante a vida e não permitia a criação de novos valores. A falta de um sentido de comunidade transformou-se em ódio mútuo. [...] Hoje em dia, a oposição entre burgueses e proletários deve ser ultrapassada, porque a ascensão de cada povo só pode ter lugar sob palavras de ordem comuns. Temos de fechar a brecha e reagrupar as forças numa nova plataforma". — Adolf Hitler[16]

"Desde que o imperialismo britânico se lançou na conquista do mundo, esforçou-se por envolver a Europa e os seus povos em guerras internas sempre novas, a fim de os enfraquecer. Com demasiada frequência, a Inglaterra encontrou estadistas e dirigentes de povos, em parte cegos, em parte corruptos, que ofereceram os seus países ao serviço do domínio mundial britânico. Durante séculos, a alta finança judaica foi a que mais beneficiou com estas guerras de conquista instigadas pela Inglaterra. Com o slogan "democracia", esta conspiração do imperialismo e do capitalismo conduziu a inúmeras complicações em todo o mundo, e especialmente na Europa". — Adolf Hitler[17]

"O Führer rejeita completamente essas tendências capitalistas; num Estado nacional-socialista, apenas o benefício para o público em geral, e não as margens de lucro de quaisquer capitalistas, pode ser motivo de preocupação". — Martin Bormann[18]

"Enquanto o fascismo na Itália apoia e defende o sistema económico capitalista tanto teoricamente como politicamente, nós, nacional-socialistas, somos socialistas conscientes para quem a queda do capitalismo é tanto uma exigência do nosso programa como uma necessidade das nossas políticas". — Erich Koch[19]

---

[15] Hitler, 2 de novembro de 1930., citado em: Hitler Reden, Schriften, Anordnungen Band IV Teil 1, Dok.18., p.47.
[16] Hitler, 4 de dezembro de 1930., idem dok.37., p.146
[17] Adolf Hitler, 6 de abril de 1941, Op. Cit. Max Domarus. The Essential Hitler: Speeches and Commentary, Bolchazy-Carducci Pub., 2007., pp.2400.
[18] Rundschreiben, München 33, den 2. April 1941., Der Stellvertreter des Führers Stabsleiter. NARA, RG 242, T-175, Roll 60 (National Archives).
[19] Sind wir Faschisten? Ein paar notwendige Bemerkungen, Arbeitertum, July 1, 1931. Citado em: *Turner, Henry Ashby. "Big Business and the Rise of Hitler." 1969, pp.138*

“A essência da revolução mundial atual reside no despertar dos tipos raciais. Não apenas na Europa, mas em todo o mundo. Esse despertar é o contra-movimento orgânico contra os últimos resquícios caóticos do imperialismo mercantil liberal-econômico, cujos objetos de exploração aderiram ao marxismo bolchevique por desespero, a fim de completar o que a democracia havia começado: a erradicação da consciência racial e popular”. — Alfred Rosenberg[20]

“De uma perspetiva histórica mundial, a era liberalista tinha a missão de superar formas insustentáveis de sociedade e criar uma nova forma. Sem querer menosprezar grandes conquistas individuais, o liberalismo provou ser incapaz de fazer isso. Distorceu a ênfase na personalidade em individualismo econômico e político e, finalmente, sob a liderança judaica, destruiu cada vez mais todos os laços naturais, tornando-se assim um elemento de desintegração nacional e estatal” — Alfred Rosenberg[21]

“O liberalismo ensinou: liberdade, liberdade de movimento, livre comércio, parlamentarismo, emancipação das mulheres, igualdade humana, igualdade de género, etc., ou seja, pecou contra uma lei da natureza, que a criação só acontece através da resolução de tensões polares, que um gradiente de energia é necessário para realizar qualquer tipo de trabalho, para criar cultura. Hoje, em meio ao colapso do velho mundo feminizado, o pensamento alemão exige: autoridade, poder de formação de tipos, restrição, reprodução, autarquia (autossuficiência), proteção do caráter racial, reconhecimento da polaridade eterna dos sexos”. — Alfred Rosenberg[22]

“Quem quiser evitar a queda da Europa deve finalmente romper com a visão liberal e estatista do mundo e reunir todas as forças, homens e mulheres, cada um na área que lhe compete, sob o lema: proteção racial, força nacional, disciplina estatal” — Alfred Rosenberg[23]

[20] Alfred Rosenberg. Der Mythus des 20. Jahrhunderts, Hoheneichen-Verlag, 1942, pp.479.
[21] Alfred Rosenberg. Blut und Ehre. Ein Kampf für deutsche Wiedergeburt, „Völkischer Beobachter", 21. März 1933.
[22] Alfred Rosenberg. Der Mythus des 20. Jahrhunderts, Hoheneichen-Verlag, 1942, pp.503.
[23] Alfred Rosenberg. Der Mythus des 20. Jahrhunderts. Hoheneichen-Verlag, 1942, pp.508.

“E aqui deve ser dito de imediato: a sociedade romana grosseira, individualista e capitalista privada criou o poder romano, mas teve um efeito destrutivo na vida germânica e deve ser eliminada se quisermos recuperar”. — Alfred Rosenberg[24]

“O ponto de viragem decisivo no desenvolvimento do Estado ianque é o fato de não ter conseguido criar uma classe camponesa. Por volta de 1800, os EUA tinham uma população de cerca de cinco milhões e meio de habitantes, nove décimos dos quais trabalhavam na agricultura, ou seja, os pioneiros europeus tinham começado a desenvolver uma agricultura e uma classe camponesa. O desenvolvimento técnico e a ganância comercial das novas multidões de pessoas derrubaram completamente esse desenvolvimento e não garantiram e conduziram a cidade a partir de uma classe camponesa, mas, pelo contrário, a partir da especulação técnica e financeira dominante, os primórdios da classe camponesa foram transformados numa economia agrícola capitalista. Uma abordagem criativa tornou-se um modo de vida parasitário. O individualismo despreocupado compreensível em meio a espaços vazios não foi organicamente integrado a um novo modo de vida por meio de uma consciência estatal elevada, mas proliferou por todo o país como um ideal adorado e destruiu as percepções das grandes mentes do ianquismo, que sozinhas poderiam ter levado os Estados Unidos ao ranking das grandes nações culturais”. — Alfred Rosenberg[25]

“E se hoje temos de odiar os nossos adversários, esse ódio está associado a um sentimento de desprezo e repulsa. A forma como os nossos inimigos lutam sob a liderança judaica carece daquela dose de cavalheirismo que, mesmo nas guerras mais difíceis do passado, muitas vezes conferia um certo esplendor histórico às batalhas mais acirradas. Isso parece ter sido perdido e esquecido hoje em dia. A enxurrada de obscenidades da imprensa judaica, os abusos de longa data contra os nossos chefes de Estado e líderes, tudo isso está a culminar hoje na guerra infernal que foi deliberadamente iniciada pelos aviadores britânicos sob as ordens do capitalismo judaico-americano e que agora se esforça para reduzir a escombros os mais altos monumentos da criatividade humana”. — Alfred Rosenberg[26]

---

[24] Alfred Rosenberg in: Der kommende "Frauenstaat". ibid: Der Weltkampf : Monatsschrift für Weltpolitik völkische Kultur und die Judenfrage in aller Welt., 3. Jahrgang, April 1926.
[25] Alfred Rosenberg. Der Weltkampf und die Weltrevolution unserer Zeit, Rede von Reichsleiter und Reichsminister Rosenberg auf der 2. Tagung der Union Nationaler Journalisten-verbände in Wien am 22. Juni 1943.
[26] Alfred Rosenberg. Der Weltkampf und die Weltrevolution unserer Zeit, Rede von Reichsleiter und Reichsminister Rosenberg auf der 2. Tagung der Union Nationaler Journalisten-verbände in Wien am 22. Juni 1943.

“Sem a base segura de um campesinato satisfeito com a terra, o seu trabalho e a sua fertilidade, milhões de pessoas sem raízes, ávidas por poder e dinheiro, invadiram o continente norte-americano e impediram a formação de um solo espiritual e mental, que é sempre um pré-requisito para o surgimento de uma nação real. Não foi o trabalho que se tornou o centro da vida americana, mas a especulação, e não foi a vontade dos camponeses que determinou o caráter do desenvolvimento, mas o capital industrial e do mercado de ações. As megacidades cresceram de forma imparável, arranha-céus gigantescos empilharam-se uns ao lado dos outros como uma natureza de pedra e deram ao ritmo da vida americana uma direção que se esforçava incessantemente pelo universalismo, porque era incapaz de moldar o próprio país. Empresas capitalistas gigantescas derrubaram as ricas florestas do país, o arado do agricultor capitalista, dependente do capital, destruiu as vastas pradarias. Em poucas décadas, torrentes de inundações se seguiram, destruindo povoados e levando o valioso húmus para os mares. Durante algumas décadas, o solo foi capaz de resistir à pilhagem causada pela constante sementeira de novo trigo. Depois, também ele foi destruído pela erosão, e os tornados varreram as últimas migalhas férteis para os oceanos em tempestades de areia. Como resultado desta política parasitária, enormes áreas tornaram-se desertos que já não podem ser salvos, maiores do que a Alemanha e a França juntas, e este deserto está a espalhar-se cada vez mais por grandes áreas dos EUA”. — Alfred Rosenberg[27]

“[...] o nacional-socialismo, ao contrário do nacionalismo neocapitalista do século XIX, não deseja a opressão de outros povos, mas também rejeita a violação da identidade alemã por nações e Estados estrangeiros e por interesses privados” — Alfred Rosenberg[28]

“A era liberalista teve, do ponto de vista da história mundial, a missão de superar formas sociais insustentáveis e criar uma nova estrutura. Para isso, o liberalismo revelou-se incapaz, sem querer menosprezar grandes realizações individuais. Ele distorceu a ênfase na personalidade, transformando-a em individualismo econômico-político, e, sob a liderança judaica, acabou por

[27] Alfred Rosenberg. Der Weltkampf und die Weltrevolution unserer Zeit, Rede von Reichsleiter und Reichsminister Rosenberg auf der 2. Tagung der Union Nationaler Journalisten-verbände in Wien am 22. Juni 1943.
[28] Alfred Rosenberg. Blut und Ehre: Ein Kampf für deutsche Wiedergeburt. Reden und Aufsäße von 1919-1933, Zentralverlag der NSDAP., Franz Eher Nachf., München, 1942, pp.333-349

destruir cada vez mais todos os laços naturais, tornando-se assim um elemento de decomposição volátil e estatal". — Alfred Rosenberg[29]

"O reconhecimento da soberania do Estado *völkisch*, com todo o reconhecimento fundamental da propriedade privada, adquirida legalmente, sobre todo o seu território, é difamado pelos inimigos da ideia do Estado alemão como um "princípio comunista" e utilizado como arma para incitar os camponeses e os proprietários rurais contra o nacional-socialismo. Na realidade, a nossa exigência significa apenas a proteção do agricultor genuíno e criativo contra os grandes capitalistas especuladores, mas também a tentativa de lembrá-lo de seus deveres (como um membro que serve ao todo, entre outros, ao povo). Para o Estado, por outro lado, resulta novamente a obrigação de garantir a agricultura e reduzir ao máximo o comércio intermediário. O Estado deve ser senhor e não servo de grupos individuais ou mesmo de desejos prejudiciais ao povo. (A lei da herança do novo Império foi aqui um ato revolucionário). — Alfred Rosenberg[30]

"[...] nacional-socialismo ainda acredita que os seus princípios e a sua visão de mundo, mesmo que adaptados a condições étnicas individuais e diferentes, serão determinantes muito além das fronteiras da Alemanha para as inevitáveis lutas pelo poder nos outros países da Europa e da América. Também neles deve ocorrer uma divisão de espíritos e deve ser iniciada a luta étnica contra o internacionalismo capitalista e marxista, que é o mesmo em todos os lugares. O nacional-socialismo acredita que, após o fim da grande luta, após o fim da era atual, haverá uma época em que a luta alemã se tornará novamente uma luta mundial, mesmo que os nacional-socialistas alemães não sejam guiados por nada mais do que o amor ilimitado pelo povo alemão e, a partir disso, o ódio ilimitado contra seus destruidores". — Alfred Rosenberg[31]

"O capitalismo mundial e o marxismo professam duas crenças obrigatórias ao mesmo tempo: a visão materialista do mundo e da história e a atitude internacionalista. Enquanto o agricultor e o empresário industrial permanecem ligados à terra e ao solo, à medula e ao sangue do seu ambiente, a bolsa de

[29] Alfred Rosenberg. Blut und Ehre: Ein Kampf für deutsche Wiedergeburt. Reden und Aufsäße von 1919-1933, Zentralverlag der NSDAP., Franz Eher Nachf., München, 1942, pp.170
[30] Alfred Rosenberg. Wesen, Grundsatze und Ziele der Nationalsozialistischen Deutschen Arbeiterpartei: das Programm der Bewegung, 1937, pp.47
[31] Alfred Rosenberg. Wesen, Grundsatze und Ziele der Nationalsozialistischen Deutschen Arbeiterpartei: das Programm der Bewegung, 1937, pp.62-63

valores e o negócio do dinheiro não estão necessariamente ligados a nenhum lugar. Graças à concentração de toda a vida empresarial na grande cidade, os corretores e comerciantes tornam-se senhores do produtor e criador, enquanto o mercado de ações anónimo acaba por destruir o próprio conceito de economia nacional. Entre milhões em todas as nações, quase ninguém hoje sabe para quem, para que Estado trabalha. O espírito do nomadismo tornou-se dominante, e todas as leis foram influenciadas para promover essa nomadização, ou seja, para nós, europeus, a decomposição". — Franz Theodor Hart, escrevendo sobre a biografia de Rosenberg (comentando os princípios do Mito do século XX)[32]

"Americanismo.

Muitas vezes nos deparamos com a opinião superficial de que os americanos julgam todos os problemas políticos apenas do ponto de vista comercial. Isso é sempre seguido pela afirmação de que os Estados Unidos não intervirão na guerra europeia porque, como mostra a experiência da Segunda Guerra Mundial, não é um bom negócio. Ao avaliar essa questão, esquece-se que os democratas americanos têm um grande senso de missão. Eles acreditam que podem afirmar-se como líderes culturais e espirituais do mundo com base nos ideais democráticos que realizaram da forma mais «original» e «pura».

Todos os americanos seguem essa pretensão missionária. O capitalismo judaico-maçônico tem sido capaz de explorá-la para seus próprios fins, satisfazendo as necessidades sensacionais do cidadão americano médio com sofisticação engenhosa.

O americano individual pode ser um bom empresário na sua profissão, mas em questões de grande política é guiado por certos ideais gerais de humanidade. Depende apenas da habilidade com que esses ideais são repetidamente trazidos à sua atenção e de quem é apontado como a ameaça a essas santidades inquestionáveis do povo americano. A tese de que os Estados Unidos são a melhor democracia serve para justificar a pretensão dos líderes norte-americanos de poderem interferir não só intelectualmente, mas também, cada vez mais, politicamente nos problemas da Europa. O objetivo dessa interferência, no entanto, é impedir a consolidação da Europa por todos os meios possíveis, a fim de finalmente consolidar a pretensão dos Estados Unidos

[32] Franz Theodor Hart. Alfred Rosenberg: Der Mann und sein Werk, 1937, pp.80

à liderança política mundial, que não conseguiram afirmar após a guerra mundial.

No entanto, esta reivindicação da liderança política mundial não é a consequência natural de uma grande conquista histórica, mas o resultado de um processo de desenvolvimento político em direção ao «americanismo».

O americanismo está a caminho de derrubar o anglo-saxonismo e, consequentemente, de transmitir ao mundo uma imagem dos povos de língua inglesa caracterizada por um paternalismo presunçoso indigno de todos os povos.

A vitória do americanismo no mundo anglófono não significa um reenfoque das forças criativas, mas uma mecanização sem alma de todos os processos da vida e uma exploração dos povos sob o despotismo da presunção.

Existe uma profunda divisão entre a América e a Europa. Este fosso está a ser aprofundado por esta guerra, sobretudo pelas medidas da classe dominante americana, viciada no poder e cada vez mais megalomaníaca, que acredita poder impor as suas políticas, os seus interesses econômicos e a sua pseudocultura no continente europeu, seja com a ajuda da Grã-Bretanha, seja através dos desvios do bolchevismo". — Karlheinz Rüdiger[33]

"Não há preservação do campesinato alemão sem a superação do capitalismo e sem a criação de uma lei camponesa alemã". — Joseph Goebbels[34]

"Mas eles já não são defensores de um socialismo verdadeiro e significativo do trabalho, tendo-se tornado há muito tempo lacaios e beneficiários do capitalismo do mercado de ações, ao qual são subservientes e ao qual vendem e hipotecam os direitos da classe trabalhadora dia após dia em troca de dinheiro e cargos lucrativos.

"Temos de nos sentir em casa no capitalismo!" Esta declaração descuidada do líder social-democrata austríaco Bauer ilumina num instante e com absoluta conclusividade a traição histórica mundial que os marxistas de língua alemã

[33] Nationalsozialistische Monatshefte, Zentrale politischeu kulturelle Zeitschrift Der NSDAP., Heft 136., Zentralverlag der NSDAP Frz. Eher Nach München., juli 1941., pp.945.
[34] Deutsch Agrarpolitik, Januar 1943, Jahrgang 1, Nummer 4.

cometeram contra a classe trabalhadora e estão dispostos a cometer novamente todos os dias". — Joseph Goebbels[35]

"O capitalismo não é uma coisa, mas a relação com uma coisa. Não são as minas, as fábricas, a propriedade de casas e terras, a infraestrutura ferroviária, o dinheiro e os pacotes de ações que são a causa da nossa miséria social, mas o uso indevido desses bens do *Volk*. O capitalismo não é, portanto, nada mais do que o uso indevido do capital nacional, embora essa definição não se limite de forma alguma a questões puramente econômicas. Ela tem validade geral em todas as áreas da vida pública. Representa um princípio. O capitalismo é o uso indevido da herança do *Volk* em geral, e o homem que o usa indevidamente é um capitalista". — Joseph Goebbels[36]

"Assim, homens e mulheres, permaneçam fiéis e inabaláveis ao Império; não acreditem nos falsos profetas que vêm até vocês a mando de potências estrangeiras para arrancar de seus corações a fé na Alemanha unificada; assim, vocês mostram aos traidores da pátria e aos emigrantes o seu desprezo e estão convencidos de que o curto período de tolerância que ainda têm pela frente será superado com força e coragem e que não está longe a hora em que vocês regressarão à grande e unificada pátria alemã! [Vivas.] O governo conhece a vossa situação. O governo não fica de braços cruzados diante dessa situação. Ele conhece o domínio estrangeiro sob o qual vocês sofrem. Ele conhece o capitalismo estrangeiro que não lhes permite desfrutar do fruto do vosso trabalho". — Joseph Goebbels[37]

"Os outros falam de democracia, mas quem é que ocupa os cargos nos seus governos democráticos? Advogados, notários, ex-professores, juristas, lordes, grandes proprietários de terras, grandes capitalistas: esses são os representantes do povo nos outros países! E quem é que ocupa os cargos no nosso governo? Filhos de operários, filhos de pequenos empregados, filhos de pequenos funcionários públicos, pessoas que se elevaram na vida com o seu próprio esforço e competência. Filhos de uma camarilha de generais, não filhos de uma classe intelectual! Filhos cujos berços não estavam nos castelos principescos, mas nas cabanas dos pobres: agora, de repente, eles seriam os ditadores e

[35] Joseph Goebbels. Der Angriff. Aufsätze aus der Kampfzeit. Franz Eher Verlag, 1942, pp.245.
[36] Joseph Goebbels, 15 de julho de 1929. Citado em: *Der Angriff: Aufsätze aus der Kampfzeit, Franz Eher Nach, 1941, pp.188.*
[37] Goebbels Reden 1932-1945 Herausgegeben von Helmut Heiber, Band I, pp.151

opressores de um povo! [Vivas estrondosas, aplausos fortes, coros: “Sieg Heil! Sieg Heil!”]” — Joseph Goebbels[38]

“Esses plutocratas obstinados, que entre 1919 e 1933 tiveram tempo e poder suficientes para construir uma Europa nova e melhor, aproveitaram esse tempo para mergulhar a mesma Europa na mais profunda miséria económica e política. Nós próprios fomos vítimas dessa campanha de destruição política e econômica das potências ocidentais. Para eles, grandes nações culturais do calibre e da população da Alemanha não têm qualquer importância, desde que tenham a possibilidade de realizar os seus interesses capitalistas egoístas.

Há mais de duzentos anos que a classe plutocrática anglo-francesa só tem conseguido afirmar a sua supremacia sobre a Europa devido à divisão interna da Alemanha. É precisamente por isso que odeia o Führer e o nacional-socialismo, porque o Führer, através do movimento nacional-socialista, conseguiu a união política interna na Alemanha, que era e continua a ser o pré-requisito para a defesa dos nossos interesses vitais alemães perante o mundo! Por isso, o objetivo dessa camada plutocrática é, por meio de uma propaganda sofisticada e hipócrita, desacreditar novamente o povo alemão em relação à sua liderança, dividi-lo novamente, se possível, e assim mergulhá-lo na impotência política. Mas, graças a Deus, o povo alemão tirou suas conclusões das terríveis lições dos anos de 1918 e 1919. Nesta guerra, a plutocracia anglo-francesa não está a lidar com uma classe dominante alemã alheia ao povo, que conduz a guerra com base em pontos de vista dinásticos ou capitalistas. Desta vez, trata-se de uma guerra popular! É importante que em Londres e Paris saibam disso. Um jovem povo de 86 milhões de pessoas se levanta contra a tirania plutocrática que Londres e Paris impuseram à Europa e reivindica os seus direitos inalienáveis e indispensáveis à vida”. — Joseph Goebbels[39]

“Quando hoje prestamos contas sobre o desenvolvimento da *Obra de Ajuda de Inverno*, chegamos à conclusão orgulhosa e quase inacreditável de que, ao longo de sete anos, mais de três mil milhões, ou seja, três mil milhões de marcos, foram voluntariamente doados por todo o povo alemão para aliviar a miséria social na Obra de Ajuda de Inverno! [Aplausos.] Em contrapartida, pergunto agora: o que pode o mundo plutocrático da Inglaterra e da França, que quer

[38] Goebbels Reden 1932-1945 Herausgegeben von Helmut Heiber, Band I, pp.323
[39] Goebbels Reden 1939-1945 Herausgegeben von Helmut Heiber, Band II, pp.17

julgar-nos, opor a algo que se aproxime sequer disso? É o mesmo mundo plutocrático que tenta se apresentar como moderno e progressista em relação à Alemanha nacional-socialista, o mesmo sistema plutocrático que, erguido em impérios mundiais de riqueza incomensurável, não é capaz nem mesmo de abordar as questões sociais mais elementares em seus próprios países, muito menos resolvê-las. Assim, constatamos com satisfação que o povo alemão, quase totalmente isolado das riquezas e fontes de matérias-primas do mundo, sem colónias, sem reservas de ouro e sem divisas, foi capaz, ao longo de sete anos de trabalho de reconstrução nacional-socialista, de resolver grande parte das questões sociais que hoje afligem a Inglaterra e a França e que, sob a tirania desta plutocracia capitalista, provavelmente nunca poderão ser resolvidas". — Joseph Goebbels[40]

"Ao longo da sua história, o povo alemão raramente cumpriu as suas verdadeiras tarefas nacionais. Enquanto outros povos se estabeleciam confortavelmente no mundo, assegurando as bases militares e as garantias de matérias-primas necessárias à sua existência política e económica, nós, alemães, perseguíamos fantasmas irreais, na maioria das vezes à custa de rios de sangue popular. Pela primeira vez, a Alemanha entrou nesta guerra como um bloco de poder consolidado, para defender os seus interesses com frieza e superioridade, não para obter maiores lucros para uma classe dominante capitalista, mas para garantir a sua existência nacional". — Joseph Goebbels[41]

"[...] hoje, na Alemanha, o povo governa, mais precisamente os seus melhores filhos. Se existe algum Estado democrático na Europa, ou seja, um Estado em que o povo governa a si próprio, esse Estado é o nosso. Pois todos nós somos apenas filhos do nosso povo, todos nós viemos do povo. E conhecemos apenas a felicidade, a prosperidade e a paz do nosso povo como o objetivo supremo da nossa política e nunca servimos a outros objetivos. Não somos plutocratas, não somos especuladores de guerra e não somos detentores de ações majoritárias. Nunca conhecemos outro objetivo além da felicidade do nosso povo e, com isso, também da paz de todo o nosso continente. Não dependemos de ninguém, nem de nenhuma plutocracia, nem de nenhuma classe alta capitalista ou judaica. Apenas nos tornamos dependentes voluntariamente, e isso foi dos interesses do nosso próprio povo. É evidente que isso não agrada a uma classe plutocrática

[40] Goebbels Reden 1939-1945 Herausgegeben von Helmut Heiber, Band II, pp.20
[41] Goebbels Reden 1939-1945 Herausgegeben von Helmut Heiber, Band II, pp.54

dominante, que hoje governa a Inglaterra e cujo objetivo supremo é subjugar todos os povos e saqueá-los capitalisticamente. Este Estado plutocrático não pode tolerar um Estado social, pois este Estado social poderia servir de exemplo e inspirar o seu próprio Estado". — Joseph Goebbels[42]

"Portanto, se hoje o Sr. Churchill faz um pacto com a União Soviética e se tenta, nesta, eu diria quase, repugnante união entre o capitalismo e o alto socialismo, combater e tentar acabar com o Reich nacional-socialista alemão, isso é extremamente agradável para nós, ter agora uma coalizão como essa contra nós. Pois assim temos diante de nós os mesmos adversários que antes tínhamos na política interna: sempre foram os esquerdistas e os capitalistas. Eles sempre estiveram juntos. Foi isso que nos levou a suspeitar que não havia nenhuma diferença entre eles. Antes não sabíamos disso [risos]. Parecia-nos estranho ver sempre os judeus na esquerda e os judeus entre os capitalistas e que eles sempre se uniam quando não era necessário, claro, mas quando as coisas ficavam difíceis, eles sempre andavam de braços dados, em harmonia. Isso parecia-nos estranho e, por isso, hoje nos parece natural ver essa coligação entre o alto marxismo, ou seja, o bolchevismo e a plutocracia, novamente unidos em plena amizade diante de nós". — Joseph Goebbels[43]

"Não somos daqueles espíritos medrosos que, como coelhos hipnotizados, ficam a olhar para a cobra até que ela os devore! Queremos reconhecer o perigo a tempo e enfrentá-lo com meios eficazes! Compreendemos não só a ideologia, mas também as práticas do bolchevismo, pois já as enfrentámos uma vez, com o maior sucesso possível, no campo da política interna. O Kremlin não nos pode enganar. Numa luta de catorze anos antes da tomada do poder e numa luta de dez anos após a tomada do poder, desmascarámos as suas intenções e as suas infames manobras de fraude mundial. O objetivo do bolchevismo é a revolução mundial dos judeus! Eles querem introduzir o caos no Império e na Europa para, na desesperança e no desespero resultantes dos povos, estabelecer a sua tirania capitalista internacional, disfarçada de bolchevismo! [Gritos de repulsa, mais interrupções.]". — Joseph Goebbels[44]

"Além disso, estou firmemente convencido de que os senhores e arcebispos lamentosos em Londres nem sequer têm a intenção de enfrentar praticamente o

[42] Goebbels Reden 1939-1945 Herausgegeben von Helmut Heiber, Band II, pp.71
[43] Goebbels Reden 1939-1945 Herausgegeben von Helmut Heiber, Band II, pp.102-103
[44] Goebbels Reden 1939-1945 Herausgegeben von Helmut Heiber, Band II, pp.177

perigo bolchevique que representaria para os Estados europeus um novo avanço dos exércitos soviéticos. O judaísmo já penetrou tão profundamente nos Estados anglo-saxónicos, tanto espiritual como politicamente, que eles já não conseguem ver nem admitir esse perigo. Assim como se disfarça de bolchevique na União Soviética, também se disfarça de plutocrata-capitalista nos Estados anglo-saxónicos. Os métodos de mimetismo são bem conhecidos da raça judaica. Desde sempre, ela procura adormecer os povos que a acolhem, paralisando assim as suas defesas contra as ameaças agudas e mortais que dela provêm. [Interrupção: «Nós vivemos isso!»]" — Joseph Goebbels[45]

"A Inglaterra é uma democracia capitalista. A Alemanha é um Estado popular socialista. E não é o caso de pensarmos que a Inglaterra é a terra mais rica do mundo [...] As grandes massas, entretanto, veem pouco dessa riqueza. Vemos na Inglaterra um exército de milhões de pessoas empobrecidas, socialmente escravizadas e oprimidas. O trabalho infantil ainda é uma questão natural lá. Eles só ouviram falar de programas de bem-estar social [...] Em nenhum outro lugar há uma desigualdade tão terrível e horrível como nas favelas inglesas. As pessoas de boa educação não dão importância a esse fato. Se alguém falar sobre isso em público, a imprensa, que serve à democracia plutocrática, rapidamente o classifica como o pior tipo de patife. Eles não hesitam em fazer grandes mudanças na Constituição se elas forem necessárias para preservar a democracia capitalista". — Joseph Goebbels[46]

"Não nos apresentamos perante as vossas democracias capitalistas como mendigos ou suplicantes [...] De repente, quer [os ingleses] preocupar-se com a "liberdade" dos checos. Assim, choram lágrimas de crocodilo por povos a quem nada acontece e que não têm nada a ver convosco. Mas mantém-se duro e impassível perante o sofrimento nacional de outros povos que são atormentados e oprimidos de forma sangrenta pela própria Inglaterra, como é o caso dos infelizes árabes na Palestina, atualmente. O que diria se nós, no Protetorado, procedêssemos como o senhor na Palestina? Não o faríamos, porque somos alemães e não ingleses". — Joseph Goebbels[47]

---

[45] Goebbels Reden 1939-1945 Herausgegeben von Helmut Heiber, Band II, pp.181
[46] Joseph Goebbels, Illustrierter Beobachter, Sondernummer, 1939.
[47] Antwort an England [Resposta à Inglaterra] 14. Juli 1939., Op. cit. [obra citada]: Die Zeit ohne Beispiel: Reden und Aufsätze aus den Jahren 1939/40/41, Zentralverlag der NSDAP, F. Eher Nachf., 1941, pp.200.

“Estou a pensar numa questão que desempenhou e continua a desempenhar um papel importante na Juventude Hitlerista: a questão da religião. Seria arrogante — e vamos ser francos — seria estúpido defender a opinião de que nada mais existe fora da nossa esfera de visão terrena. E seria triste para a criação se o homem, com toda a sua fraqueza e toda a sua “humanidade”, fosse realmente a coroa da criação. A opinião de que só existe aquilo que podemos ver e, de alguma forma, compreender e provar no momento é, afinal, a opinião do liberalismo — é uma visão materialista”. — Rudolf Hess[48]

“É com orgulho que podemos mostrar aos visitantes do nosso país as enormes conquistas que o nosso povo alcançou em três anos de regime nacional-socialista, seguindo os seus métodos! Nunca teria sido possível, num sistema liberal-democrático ou mesmo marxista-comunista, em tão pouco tempo, colocar o nosso povo novamente livre e independente entre os demais povos do mundo, apoiado na sua própria força, apoiado em armas e em homens capazes de manejar essas armas”. — Rudolf Hess[49]

“[...] a ideia de raça, com a sua ênfase no sangue e na origem hereditária de todos os valores, é a única base para o socialismo genuíno. O anseio socialista e o programa socialista, para milhões de trabalhadores a única esperança contra o sistema capitalista, consistem, em última análise, na exigência de poder desenvolver e utilizar as próprias capacidades e valores e de ser integrado na comunidade em conformidade. A avaliação das pessoas exclusivamente de acordo com as coincidências de seus bens, seu nascimento, sua educação adquirida é a injustiça ultrajante contra a qual o sentimento e a razão dos melhores, em particular, se rebelam repetidamente; eles exigem, com razão, reconhecimento para si mesmos de acordo com suas habilidades e realizações, e a ordem social que lhes nega isso parece-lhes ser seu inimigo pessoal”. — Dr. Walter Groß[50]

“As pessoas já não perguntam sobre a sua honestidade, mas sim quanto dinheiro tem. Não perguntam de onde vem, mas sim se um homem está a pagar as suas contas. O capitalismo aproveitou-se da invenção suprema do homem, a máquina, e usa-a para escravizar”. — Heinrich Himmler[51]

---

[48] Rudolf Hess: Reden. Zentralverlag der NSDAP., Franz Eher Nachf., München, 1937, pp.178
[49] Rudolf Hess: Reden. Zentralverlag der NSDAP., Franz Eher Nachf., München, 1937, pp.141
[50] Arbeitertum und Rasse. Von Dr. Walter Groß, Volk und Rasse, 12. Jahrg. 1937, Heft 5.
[51] David Irving. True Himmler, 12: Buys a new Black Cap, pp.161 (2020)

“Sob o signo deste nacional-socialismo, toda a nação está unida numa grande comunidade de pessoas criativas. Nessa comunidade, o indivíduo pode desenvolver-se plenamente e desenvolver livremente a sua capacidade criativa ao serviço da nação como um todo. Numa vida sem dificuldades opressivas e medo, numa vida de ordem e paz, os poderes criativos artísticos desdobram-se em realizações maduras de valor duradouro. Esta posição da questão social no domínio do socialismo levou a uma situação em que os impérios tiveram um efeito incalculável nos últimos anos. O vulcão europeu está à beira do colapso, a única saída. O capitalismo causou a questão social, mas nunca poderá proporcionar uma solução justa para as dificuldades sociais com base no seu princípio de busca do lucro e egoísmo grosseiro. Pode dar esmolas, mas nunca estabelecerá os direitos do trabalhador”. — Heinrich Himmler[52]

“Resumo da vida cultural americana:

O sentimento genuíno foi substituído pelo sentimentalismo, a elevada ética da cultura europeia por espectáculos de massas sem alma. Como o nosso Führer tem razão quando exige da Alemanha: "*Temos de educar um homem novo para que o nosso povo não pereça devido aos fenómenos degenerativos típicos desta nova era*”.

A economia americana assenta neste nível cultural de vida e em teorias políticas e ideológicas. O seu traço fundamental é a aquisitividade puritana. Mão de obra barata sem justiça social, exploração desenfreada da terra e dos seus tesouros. Para além da falta de capacidade, há também a falta de vontade da classe dirigente judaica puritana de pôr ordem nos problemas sociais. O trabalhador alemão sabe que está a lutar por um verdadeiro socialismo como cidadão livre e como camarada do povo; o trabalhador americano é obrigado a trabalhar para os planos de domínio mundial da plutocracia judaica”. — Heinrich Himmler[53]

“O nacional-socialismo baseia-se na desigualdade dos indivíduos, mas exige igualdade de oportunidades de progresso para todos. Oferece a todas as pessoas criativas as mesmas oportunidades e as mesmas perspectivas de sucesso, desde

[52] SS - Handblätter für die weltanschauliche Erziehung der Truppe - Themen 21-2.
[53] SS - Handblätter für die weltanschauliche Erziehung der Truppe - Themen 16-20.

que tenham as mesmas capacidades. Restaura a igualdade econômica para os deserdados de um desenvolvimento capitalista desastroso, removendo todos os obstáculos que o sistema liberalista, com todo o seu favorecimento da propriedade e do capital, ergueu como uma barreira intransponível à sua frente. Assim, estabelece uma ordem econômica e social na qual todos os membros do povo, sejam eles quem forem e venham de onde vierem, podem ascender aos mais altos níveis da economia e do Estado, desde que tenham a força, a vontade e a capacidade para o fazer. Este verdadeiro socialismo, que abre o mundo do sucesso econômico até mesmo à pessoa mais simples, ensina que o interesse próprio é melhor servido quando se coloca o bem da comunidade no topo dos seus desejos". — Otto Dietrich[54]

"Reconhecemos que, na realidade, apenas o trabalho produtivo cria bens de consumo e que, portanto, a economia não é um problema de capital e dinheiro, mas um problema de produção. Este sistema contraria o princípio económico capitalista de que "o capital deve produzir capital" com a verdade de que "o trabalho cria trabalho". É por isso que destronamos o dogma liberalista da primazia da rentabilidade capitalista e o substituímos pelo princípio da produtividade econômica. Assim, estabelecemos a ascensão econômica da nação. Os seus sucessos são a prova viva da qualidade deste sistema econômico, que corresponde à grandeza de uma nova era. Este novo sistema não conhece mais o desemprego! Este sistema econômico não conhece a inflação! E se alguém, preso aos conceitos do passado, perguntar: Como se chama este novo sistema económico, que nome tem? então só se pode responder: Este sistema económico ainda não tem nome porque nunca existiu tal sistema na história". — Otto Dietrich[55]

"O sistema econômico capitalista foi substituído pelo sistema nacional-socialista, que se baseia numa mentalidade completamente diferente e obedece a outros princípios internos que não aqueles que regem a economia capitalista. E é neste ponto que todas as aparentes contradições de pensamento são resolvidas e as diferenças de opinião sobre o valor e o significado dos acontecimentos econômicos práticos dos nossos dias são explicadas. Qualquer pessoa que tente interpretar a nova era com os conceitos econômicos doutrinários de uma era passada, qualquer pessoa que aplique os padrões do

[54]Otto Dietrich. Die geistigen Grundlagen des neuen Europa, Zentralverlag der NSDAP., 1941, pp.25
[55] Otto Dietrich. Die geistigen Grundlagen des neuen Europa, Zentralverlag der NSDAP., 1941, pp.27

pensamento económico capitalista ultrapassado à nova construção econômica da Alemanha Nacional-Socialista, está a cometer um erro de cálculo e permanecerá incompreensível sobre a nova era até que ela passe por ela [...] Será diferente hoje querer julgar as necessidades do presente nacional-socialista usando conceitos econômicos capitalistas ultrapassados?". — Otto Dietrich[56]

"A Alemanha nacional-socialista já começou a desenvolver maravilhosamente essas novas criações do seu espírito inventivo nos campos da tecnologia, química e física. Não no sentido capitalista, mas no sentido econômico mais elevado. Aqueles que até agora estavam sob o ridículo equívoco de que a tecnologia moderna e o progresso econômico que ela trouxe são inseparáveis do capitalismo serão provados errados pelos fatos". — Otto Dietrich[57]

"O desenvolvimento do mercado de trabalho nos catorze anos da República de Novembro não foi apenas um problema de organização ou finanças, mas também, em grande medida, um problema de visão de mundo. Os círculos dirigentes da República de Weimar, que eram tendenciosos para o pensamento marxista ou puramente capitalista, colocavam o capital no centro do seu pensamento, enquanto o Estado nacional-socialista tomava o trabalho e a produção como ponto de partida. Ali se dizia: O capital cria o trabalho! Aqui se diz: O trabalho cria o capital!". — Alfred-Ingemar Berndt[58].

"Passo a passo, destruímos o mundo burguês e bolchevique, cumprindo o nosso programa. O meio foi a ideia de uma economia popular, afastando-nos da idolatria do dinheiro. Alguns podem perguntar: «Porquê esta guerra?» A resposta: «Porque os capitalistas dos Estados plutocráticos querem continuar a ganhar dinheiro à nossa custa, como faziam nos sistemas anteriores. Naquela época, tínhamos que trabalhar para eles para pagar aos capitalistas os juros sobre o que eles nos «emprestavam», juros que geralmente giravam em torno de 12% [...] O nacional-socialismo pôs fim a essa escravidão dos juros.

O mundo capitalista, no entanto, não suportava o fato de já não ganhar dinheiro à nossa custa. Foi por isso que nos declarou guerra. Não se trata de uma batalha de visões de mundo do lado das democracias, mas apenas de uma guerra por

[56] Otto Dietrich. Das Wirtschaftsdenken im Dritten Reich, Franz Eher Nachf, 1936, pp.27
[57] Otto Dietrich. Das Wirtschaftsdenken im Dritten Reich, Franz Eher Nachf, 1936, pp.25
[58] Alfred-Ingemar Berndt. Gebt mir vier Jahre Zeit! Dokumente zum ersten Vierjahresplan des Führers, 1941.

dividendos e juros. Já hoje, milhões de europeus não trabalham mais para o capital internacional, mas apenas para o seu próprio povo". — August Eigruber[59]

"As flutuações selvagens dos preços do mercado livre correspondiam tanto ao pensamento liberalista quanto ao fato de que a terra se tornará cada vez mais uma mercadoria. O princípio da estabilidade e da ordem, que deveria substituir a anarquia da economia de mercado capitalista, naturalmente tinha de ser aplicado em primeiro lugar à terra, como primeira e verdadeira produtora de valor económico [...] A terra não é uma mercadoria, nem um objeto de especulação [...] Em vez disso, tanto a terra como o agricultor, na sua estreita comunidade de vida, formam a base real da economia nacional e da vida nacional. Não são, portanto, «fatores de produção», como a abordagem capitalista gostaria que fossem; o terceiro e verdadeiro fator de produção na economia capitalista, ou seja, o capital, não tem nada a ver com a terra nem com o camponês". — Richard Darré[60]

"[...] Incluída nessas ideias básicas está a enorme mudança que também devemos realizar na economia por meio da revolução nacional-socialista. A economia futura será dominada pelo princípio da estabilidade e segurança, em oposição ao princípio da mobilidade, liberdade, falta de relações e incerteza da economia liberalista. Essa economia liberalista era uma economia de comerciantes, porque, onde tudo flutuava e era incerto de um dia para o outro e de um lugar para outro, era necessário um tipo de comerciante ágil e independente, capaz de compensar essas incertezas eternas. A nova ideia básica nacional-socialista de estabilidade, solidez, segurança e enraizamento, por outro lado, só poderia vir naturalmente da terra e dos agricultores que estavam firmemente enraizados nela". — Richard Darré[61]

"O equilíbrio dos mercados não deve, portanto, ser alcançado através dos preços, como no sistema liberalista, mas através da supervisão e do controle dos próprios bens. Isso exclui qualquer possibilidade de as importações estrangeiras perturbarem ou restringirem de alguma forma a produção interna; em vez disso,

[59] Ein Gau wächst ins Reich. Das Werden Oberdonaus im Spiegel der Reden des Gauleiters August Eigruber (Wels: Verlag Leitner & Co, 1942), 121-129.
[60] Richard Walter Darré. Aufbruch des bauerntums: Reichsbauerntagsreden 1933 bis 1938 [1942], pp.19-20.
[61] Richard Walter Darré. Aufbruch des bauerntums: Reichsbauerntagsreden 1933 bis 1938 [1942], pp.21.

só é permitida a entrada do volume necessário para satisfazer a demanda existente, mas a preços fixos e economicamente justos". — Richard Darré[62]

"Não é, portanto, coincidência que, quase exatamente na mesma época em que o Exército Popular de Adolf Hitler nos foi apresentado, o campesinato tenha sido completamente libertado das garras do capitalismo, compensando assim o desenvolvimento equivocado do campesinato no século XIX". — Richard Darré[63]

"Ao contrário do receio frequentemente expressado de que, após o fim da escravidão dos juros, ninguém mais emprestaria o seu dinheiro, constatamos que a satisfação das necessidades monetárias nunca será tão fácil e barata de realizar como sob a pressão da oferta a que estará sujeita a posse de dinheiro quando o bastião do capitalismo moderno — a loucura dos juros do Estado — for abolida". — Gottfried Feder[64]

"A forma de economia capitalista totalmente livre leva a contrastes cada vez mais acentuados entre ricos e pobres, gera métodos de exploração que resultam na despersonalização e desumanização de toda a economia e desencadeia lutas econômicas contínuas, que o próprio Estado deve assistir impotente e inerte. A forma de economia marxista, restrita e planificada, de socialização dos meios de produção leva à eliminação do fator econômico mais poderoso, a personalidade criativa. Uma economia assim empobrece e diminui a sua riqueza produtiva". — Gottfried Feder[65]

"É precisamente o exército dos trabalhadores que deveria estar na linha da frente da luta contra o capitalismo «gerador de juros» e não seguir os seus líderes atacando apenas o capital industrial. Isto não significa, de forma alguma, que este último deva ser protegido, na medida em que, sob a forma de ações anônimas, "ações ao portador", se tornou apenas um título especulativo". — Gottfried Feder[66]

---

[62] Richard Walter Darré. Aufbruch des bauerntums: Reichsbauerntagsreden 1933 bis 1938 [1942], pp.21.
[63] Richard Walter Darré. Aufbruch des bauerntums: Reichsbauerntagsreden 1933 bis 1938 [1942], pp.54.
[64] Der kommende Steuerstreik. Seine Gefahr, seine Unvermeidlichkeit, seine Wirkung, pp.99
[65] Der kommende Steuerstreik. Seine Gefahr, seine Unvermeidlichkeit, seine Wirkung, pp.103
[66] Der kommende Steuerstreik. Seine Gefahr, seine Unvermeidlichkeit, seine Wirkung, pp.103

“Outra forma de resistência contra o domínio brutal do capital é a luta socialista contra o capitalismo. Hoje sabemos que o socialismo marxista não era um adversário do “capitalismo mundial”, mas apenas um seu facilitador. Isso não diminui de forma alguma a profunda justificativa do ressentimento de milhões de corações operários contra a exploração e a usurpação da sua força de trabalho pelo capital. Só que não é tanto o capital industrial da grande indústria, que é o que os trabalhadores veem de cara, mas a opressão indireta da classe trabalhadora pelas exigências de juros do grande capital de empréstimos”. — Gottfried Feder[67]

“Apenas a economia nacional-socialista organicamente estruturada, que liberta a personalidade criativa da exploração capitalista e da igualdade marxista, pode tornar-se, sob a cuidadosa tutela do Estado, uma fonte de verdadeiro bem-estar para toda a população”. — Gottfried Feder[68]

“Com as "produções" dos bancos e das bolsas de valores, nunca uma criança foi alimentada, nunca um morador de rua foi vestido, em geral nunca foi fornecida a menor coisa básica necessária para a vida humana. Esta afirmação não é de modo algum um bordão demagógico, nem sequer inclui a dispensabilidade das instituições das transacções monetárias, apenas mostra com toda a clareza a enorme diferença que existe entre uma satisfação económica verdadeiramente nacional das necessidades de demanda básica da comunidade, como é o desejo dos nacional-socialistas, e uma economia baseada no lucro totalmente voltada para o capitalismo privado”. — Gottfried Feder[69]

“A nacionalização de tudo relacionado ao dinheiro e ao crédito tornou-se simplesmente o eixo central do programa nacional-socialista, e todas as soluções contrárias ou meias-soluções, que gostariam de deixar o tesouro para o capitalismo financeiro ou para diferentes grupos profissionais, são rejeitadas por princípio”. — Gottfried Feder[70]

---

[67] Der kommende Steuerstreik. Seine Gefahr, seine Unvermeidlichkeit, seine Wirkung, pp.104
[68] Gottfried Feder. Kampf gegen die Hochfinanz. Franz Eher Verlag de Munique N.2, 1933. Grundsätzliches über nationalsozialistische Wirtschaftspolitik, pp.301”
[69] Gottfried Feder. Nationalsozialistische Bibliothek / Heft 35. Der Deutsche Staat auf nationaler und sozialer Grundlage, neue Wege in Staat, Finanz und Wirtschaft, Verlag Frz. Eher Nachf., G. m. b.H., München 2, NO, 1933
[70] Gottfried Feder. Nationalsozialistische Bibliothek / Heft 35. Der Deutsche Staat auf nationaler und sozialer Grundlage, neue Wege in Staat, Finanz und Wirtschaft, Verlag Frz. Eher Nachf., G. m. b.H., München 2, NO, 1933

“O capitalismo conseguiu subjugar completamente o trabalho, explorá-lo e torná-lo sujeito a juros. Com isso, ele virou de cabeça para baixo a relação natural e saudável entre trabalho e capital (dinheiro). A situação atual no Estado, nos municípios e na economia mostra as consequências terríveis desse desenvolvimento doentio, sim, mortal. O nacional-socialismo denomina esta situação de escravidão dos juros”. — Gottfried Feder[71]

“O fato de que haverá resistência por parte do lado capitalista não pode impedir a ação libertadora”. — Gottfried Feder[72]

“A inflação capitalista dos juros, porém, é como um fogo devorador que não se extingue até ter consumido todos os tesouros do mundo e tornado toda a humanidade escrava dos juros das finanças internacionais, ou até que a escravidão dos juros seja quebrada”. — Gottfried Feder [73]

“Liberalismo e decadência são quase sinônimos. O que pareceu ser a maior bênção para os nossos pais e pioneiros da liberdade alemã nos anos [18]48 acabou por se revelar uma maldição a nível político, económico e também pessoal. Os mais velhos entre nós ficaram inicialmente perplexos com a forte condenação do liberalismo pelo nacional-socialismo, porque a era liberal estava associada a memórias de liberdades conquistadas e também à ascensão gigantesca da era tecnológica. Também o enorme crescimento económico do antigo Império Alemão, a fantástica ascensão da América e dos demais países industrializados pareciam ter surgido com base na economia liberal-capitalista.

Aqui, parece-me que prevalece um dos maiores equívocos, pois não foi de todo o sistema e a prática típica da gestão económica capitalista liberalista que possibilitou ou mesmo condicionou essa ascensão, mas sim os enormes avanços da tecnologia, a infinidade de novas invenções, especialmente no campo dos transportes, o desenvolvimento dos caminhos de ferro, da telefonia, da produção e distribuição de energia, que fundamentaram o crescimento económico. Todo o

[71] Gottfried Feder. Nationalsozialistische Bibliothek / Heft 35. Der Deutsche Staat auf nationaler und sozialer Grundlage, neue Wege in Staat, Finanz und Wirtschaft, Verlag Frz. Eher Nachf., G. m. b.H., München 2, NO, 1933
[72] Gottfried Feder. Nationalsozialistische Bibliothek / Heft 35. Der Deutsche Staat auf nationaler und sozialer Grundlage, neue Wege in Staat, Finanz und Wirtschaft, Verlag Frz. Eher Nachf., G. m. b.H., München 2, NO, 1933
[73] Gottfried Feder. Nationalsozialistische Bibliothek / Heft 35. Der Deutsche Staat auf nationaler und sozialer Grundlage, neue Wege in Staat, Finanz und Wirtschaft, Verlag Frz. Eher Nachf., G. m. b.H., München 2, NO, 1933

desenvolvimento foi ainda sustentado por um enorme crescimento numérico dos Estados mencionados e pelo fato de, graças aos avanços da tecnologia, essas massas populacionais terem encontrado trabalho e pão. A característica do espírito liberalista, o "*laisser faire laisser aller*", de que cada um podia fazer o que quisesse, não foi de forma alguma a razão e a causa da ascensão, mas, pelo contrário, a semente da decadência. Naquela época, na verdade, cada um podia fazer mais ou menos o que quisesse, entrar em qualquer empresa, iniciar qualquer negócio, explorar praticamente qualquer invenção e ter sucesso. Não porque o princípio da liberdade garantisse esse sucesso, mas porque a era da tecnologia e dos transportes, a era das invenções e do enorme crescimento populacional permitia a ascensão de qualquer pessoa minimamente diligente e ambiciosa. A concorrência selvagem e a produção totalmente desregulamentada, resultantes da constituição liberalista de toda a nossa economia, já traziam os primeiros sinais de perigo para a economia.

A concorrência sem limites, a produção em massa, a pressão sobre os salários e a ganância desenfreada levavam a tensões cada vez maiores, tanto no campo econômico como no campo sociopolítico. O que se transformou em lutas salariais, greves e na disseminação de ideias socialistas dentro das nações individuais levou a lutas ferozes pelo poder entre grupos capitalistas no mercado mundial, ao dumping econômico e, finalmente, à guerra mundial.

Não se pode dizer que a tecnologia tenha levado à guerra com a invenção do comboio, do telefone, do telégrafo, do automóvel, da máquina dínamo, etc.: foi o espírito que tentou explorar essas coisas da tecnologia para fins capitalistas, esse espírito capitalista-liberalista da época, que levou a todas as necessidades e confusões do alto capitalismo.". — Gottfried Feder[74]

"- 'Tempo é dinheiro'. Este princípio, frequentemente atribuído à ganância e à "habilidade comercial" americanas, tantas vezes admirado e outras tantas vezes criticado e ridicularizado, ganha verdade interior e conteúdo moral quando tentamos traduzi-lo do pensamento puramente materialista do capitalismo liberal para a visão idealista, mas totalmente realista, do mundo do nacional-socialismo. No entanto, isso só será totalmente bem-sucedido quando o conceito vago de "dinheiro" for substituído por um menos obscuro e instável. O

[74] Die neue Stadt. Versuch der Begründung einer neuen Stadtplanungskunst aus der sozialen Struktur der Bevölkerung, Springer-Verlag Berlin Heidelberg GmbH 1939

capital de uma nação, a verdadeira riqueza do povo, não consiste em dinheiro ou valor monetário (sujeito a flutuações arbitrárias do ouro e cotações da bolsa), mas, em primeiro lugar, da sua força de trabalho, da sua vontade de trabalhar e do desempenho laboral resultante de ambos (mesmo a fertilidade do solo nacional, a riqueza em recursos naturais e a localização geográfica favorável desempenham apenas um papel secundário). Com base nesta constatação, se alterarmos o nosso ditado acima, obtemos a frase: "O tempo é riqueza nacional" e, com isso, uma verdade que ninguém pode contestar seriamente. Logicamente, isso significa que o desperdício de tempo equivale a um desperdício da riqueza nacional". — Gottfried Feder[75]

"A especulação imobiliária: Criação de áreas residenciais separadas para operários, funcionários e funcionários públicos e bairros residenciais exclusivos, todos sem relação orgânica com os locais de trabalho dos residentes.

O aumento do preço dos terrenos obrigou a um método de financiamento no sentido capitalista privado. Era necessário extrair o máximo possível de rendimentos dos juros dos terrenos. Por isso, cada metro quadrado de terreno edificável tinha de ser aproveitado ao máximo, sem ter em conta as necessidades de vida e a saúde dos inquilinos. Começou uma terrível sobreconstrução dos terrenos com casas laterais, traseiras e eufemisticamente chamadas "casas de jardim". O que menos se levou em consideração na construção dos famosos casebres de aluguel foi a distância entre a residência e o local de trabalho, pois eles não deveriam oferecer condições de moradia dignas para os compatriotas trabalhadores, mas apenas fontes lucrativas de renda para capitalistas e especuladores". — Gottfried Feder[76]

"O governo do povo agora significa o governo das massas, liderado por agitadores e, acima de tudo, pelo dinheiro de novos-ricos não nórdicos. O governo torna-se um governo das massas. Já não se baseia na propriedade fundiária e na descendência, mas na posse de riqueza. A nobreza proprietária de terras empobrece em comparação com a classe abastada dos arrivistas. A pobreza leva a nobreza a relações duvidosas com a classe abastada; assim, muitos membros da nobreza degeneram. O capitalismo é um sinal de mudanças nas condições raciais e acelera o desaparecimento da classe alta nórdica.

[75] Arbeitstätte-Wohnstätte, Springer-Verlag Berlin Heidelberg GmbH 1939
[76] Arbeitstätte-Wohnstätte, Springer-Verlag Berlin Heidelberg GmbH 1939

Teognis, o poeta elegíaco grego e escritor de apotegmas, que viveu na época dessa mudança, deu, do seu ponto de vista da nobreza, uma descrição clara desse deslocamento de poder: «A riqueza arruinou a raça»". — Hans Günther[77]

"O homem é o que chamamos de capitalista em pequena escala. Isso não quer dizer que ele possua algum capital digno de nota; talvez não seja mais do que o seu cortador e a sua cabana. Não é a posse que faz um capitalista, mas a atitude. A parte do mundo que o capitalista vê como a única «real» para ele não é determinada por valores, mas por preços. Ele não pode perguntar nada além de quanto pode ganhar e como o mercado deve ser influenciado para que esse preço seja o mais alto possível. Encontramos essa atitude em todo o mundo, entre pessoas das mais diversas raças. Mas cada raça a vive de uma maneira diferente.

O capitalista de sangue e estilo nórdico transforma o mundo em que vive num mundo de objetos de exploração e áreas de vendas. Ele é a imagem distorcida do conquistador e do recuperador: a exploração e a conquista já não têm valor em si mesmas, mas são consideradas inúteis se não tiverem um propósito. O objetivo, porém, não é a criação de novos espaços de vida — espaços nos quais as pessoas vivem para a exploração e a conquista, mas a conquista de novos lucros de mercado. Para o capitalista aperfeiçoado, as pessoas não são criaturas de Deus ou membros do povo, mas compradores e trabalhadores; os povos e as culturas não são pensamentos de Deus com um ser único e intocável, mas proprietários de necessidades cuja satisfação cria mercados e aumenta os preços: se as necessidades não existem, os povos são «primitivos» e devem ser «civilizados» com máquinas destrutivas de todos os tipos de armas até que tenham «amadurecido» e se tornem áreas de vendas lucrativas [...] Um homem nórdico deve ser completamente des-divinizado e deve ter «limpo» completamente o seu mundo de todos os valores não materiais até chegar ao ponto em que pode ser um capitalista. Isso não significa que ele não frequente o culto divino ou que não seja um cristão praticante; ele é, com prazer, um membro orgulhoso da fé. Acontece que uma relação com Deus e com o divino não é mais possível para um homem nórdico assim que ele é dominado por uma mentalidade puramente capitalista [...]" — Ludwig Ferdinand Clauß[78]

[77] Hans F.K Günther, The Racial Elements of European History, pp.141
[78] Rasse Monatsschrift der Nordischen Bewegung. 2.Jahrgang, 1935-Heft 11.

“Durante décadas, estudos pseudocientíficos tentaram fazer o povo alemão entender que o capitalismo não passa de um efeito colateral natural da economia moderna. E acreditavam estar a prestar um desserviço ao marxismo ao tentar provar que o capitalismo era, portanto, necessário e indispensável. Essa pseudociência não conseguiu fazer o povo alemão acreditar que poderia algum dia se tornar amigo do capitalismo. E a própria revolução nacional-socialista é apenas a prova de que o povo alemão quer ser socialista, mas não capitalista”. — Bernhard Köhler[79]

“Não temos uma abundância de matérias-primas na Alemanha, a nossa agricultura não produz muito, nas caves do Reichsbank há apenas uma pequena reserva de ouro em comparação com as reservas americanas - mas no nosso país menos de um terço da população está subalimentada e mal vestida, no nosso país nenhuma greve perturba a paz laboral e a estrutura económica.

O equilíbrio da nossa economia nacional está a melhorar de ano para ano, na mesma medida em que a economia capitalista deficitária está a ser substituída por uma economia socialista cujo objetivo principal é servir o povo alemão e não os parasitas internacionais judeus”. — Comissão de Política Econômica do NSDAP[80]

“Capitalismo é um termo político e significa o uso de meios económicos como forma de poder político, ou seja, o domínio do capital sobre o trabalho. Esse ponto de vista tornou-se propriedade comum do povo, sobretudo por meio do trabalho de propaganda da equipa de política econômica do partido.

É ainda mais surpreendente quando se ouve pessoas dizerem: «Devido à sua mecanização, a economia atual requer investimentos de capital tão elevados que só podem ser garantidos por um sistema capitalista. Mas este só pode ser um capitalismo nacional cujas atividades, baseadas na auto-responsabilidade, estão subordinadas às relações internacionais e a toda a política do Estado autoritário.

Essas linhas de pensamento indicam que o capitalismo é inferido a partir da existência do capital, uma conclusão próxima de uma visão materialista da

[79] Wissenschaftlich getarnte Reaktion, in: Mitteilungen der Kommission für Wirtschaftspolitik der NSDAP, 1936.
[80] Mitteilungen der Kommission für Wirtschaftspolitik der NSDAP, 1936, pp.368.

história. Mais uma vez, Bernhard Köhler afirmou claramente: «Não é o fato de o capital existir, mas o fato de o capital prevalecer, que significa capitalismo».

A luta por uma economia socialista na qual o direito ao trabalho seja efetivo aplica-se a todos os tipos de capitalismo. Não conhecemos compromissos. Não se trata de eliminar os excessos do capitalismo ou de o «domesticar» com métodos nacional-socialistas, mas de eliminá-lo completamente mesmo que o domínio seja exercido por um «capitalismo nacional»". — Comissão de Política Econômica do NSDAP[81]

"Quebrámos aqui o capitalismo o capitalismo judeu dos saciados, dos indolentes, que queriam a guerra e contra os quais as nações da Europa estão agora a lutar pela honra, pela independência e por uma parte justa dos bens do mundo. Colocámos a honra acima do dinheiro, o trabalho acima do capitalismo, o direito do homem acima do direito do ouro". — Robert Ley[82]

"O ato do Führer, a fundação do NSDAP e a luta incansável e fanática de Adolf Hitler e seu partido foram realmente um ato de cinco minutos para o meio-dia. No último momento, ele transformou a revolução do caos e da destruição, do colapso e da queda, em uma revolução de uma nova primavera alemã e de uma nova vida alemã. A revolução nacional-socialista rompeu os grilhões do judaísmo, das plutocracias, do ídolo do ouro e do capitalismo sem destruir nenhum dos valores culturais do povo alemão. Ele tirou trabalhadores e empresários, agricultores e cidadãos da cidade e do campo do beco sem saída das contradições e antagonismos, da destruição mútua e da aniquilação, e levou toda a nação, amiga ou inimiga, às alturas brilhantes da história alemã" — Robert Ley[83]

"Aqui não há meias medidas nem medidas mornas, o destino o confronta com a questão inexorável: se você, homem alemão, quiser viver, o poder do capitalismo e do dinheiro deve ser quebrado". — Robert Ley[84]

---

[81] Mitteilungen der Kommission für Wirtschaftspolitik der NSDAP (1936).
[82] Nazi Labor Leader Warns Europe to United or be Crushed by American Barbarians" New York Times November 22, 1941., Op. Cit, Nevin Gussack. The Nazi War Against Capitalism, pp.127 (digital edition).
[83] Schmiede des Schwertes. Der deutsche Arbeiter im Großdeutschen Freiheitskampf, Zentralverlag der NSDAP, 1942.
[84] Schmiede des Schwertes. Der deutsche Arbeiter im Großdeutschen Freiheitskampf, Zentralverlag der NSDAP, 1942.

“Agora eu pergunto a vocês, povo alemão criativo: O nacional-socialismo cumpriu sua palavra, esmagamos o capitalismo ou não? Quem poderia afirmar que os bancos e as bolsas de valores ainda têm algum poder na Alemanha? Onde estão aqueles senhores do dinheiro que antes pareciam insuperáveis, que governavam e determinavam toda a economia alemã com seus interesses? Qual banco ousaria querer fechar uma empresa por pura ganância por lucro? Sim, até mesmo qual empresário poderia ousar bloquear sua força de trabalho na Alemanha nacional-socialista, se quisesse? O poder do dinheiro foi quebrado, o dinheiro se tornou um meio de transporte necessário para levarmos as mercadorias do produtor ao consumidor por meio desse meio de transporte chamado dinheiro. Para nós, somente o trabalho e seus portadores contam”. — Robert Ley[85]

“Nós, alemães, conhecemos a incessância da luta. Durante 20 anos, nos tornamos duros como nacional-socialistas por meio da implacabilidade de nossa luta nacional-socialista contra a plutocracia e contra o capitalismo mundial. Tornamo-nos mais intransigentes de luta em luta”. — Robert Ley[86]

“Aqui, os povos de todas as nações se posicionam contra os vermes da humanidade. Aqui, o trabalho se opõe ao ouro, a dignidade humana se opõe à plutocracia e ao domínio do ouro. Aqui, o socialismo se opõe ao capitalismo em sua forma mais nua e crua. Uma nova sociedade se revelará no mundo, construída sobre uma base racial. Que não se pense que fundamos essa doutrina da comunidade do povo por capricho! Esse é o início de uma nova ordem social que ninguém no mundo pode ignorar ou deixar de lado”. — Robert Ley[87]

“Qual é o nosso objetivo? O objetivo nos é mostrado pelo próprio Führer. Éramos um povo pequeno em um espaço muito pequeno. Usávamos antolhos. Um não via o outro. Até mesmo a criança no berço era exposta à luta de classes. Era difícil para um filho de funcionário público fazer amizade com uma criança da classe trabalhadora. Isso acabou hoje. Somos uma grande nação. Somos um povo sem classes, sem propriedades. Somos uma única comunidade.

---

[85] Schmiede des Schwertes. Der deutsche Arbeiter im Großdeutschen Freiheitskampf, Zentralverlag der NSDAP, 1942.
[86] Schmiede des Schwertes. Der deutsche Arbeiter im Großdeutschen Freiheitskampf, Zentralverlag der NSDAP, 1942.
[87] Schmiede des Schwertes. Der deutsche Arbeiter im Großdeutschen Freiheitskampf, Zentralverlag der NSDAP, 1942.

A Inglaterra está se rebelando contra essa comunidade. Lá estão os capitalistas e plutocratas cujo deus é o lucro. Eles invejam a liberdade do povo alemão. Eles invejam a vocês, jovens alemães, o seu futuro. Eles tentaram nos bloquear e quiseram nos desgastar. Eles nunca terão sucesso. Destruiremos a Inglaterra e faremos com que eles percebam que cada trabalhador alemão tem mais valor racial do que um lorde inglês. Não podemos tolerar que nenhuma nação do mundo queira elevar nosso celeiro. Quando a Inglaterra for derrotada, quando formos livres na Terra, quando vocês, jovens alemães, puderem ir aonde quiserem, quando o mundo estiver aberto para vocês, então teremos a liberdade com a qual sonham". — Robert Ley[88]

"Provamos todos os dias que nossa visão de mundo promove o desenvolvimento de nosso povo mais do que a concepção capitalista que substituímos. Nossas conquistas nos oito anos em que estivemos no poder são infinitamente maiores do que jamais foram experimentadas na história. O sucesso prova tudo. As teorias são blá. Certamente, você pode me dizer: "Eu costumava viver mais confortavelmente". Isso pode ser verdade em casos individuais, mas quantos milhões de pessoas já viveram pior! Alguém pode me dizer: "Eu costumava fazer o que queria. Podia escrever o que quisesse, podia falar o que quisesse, podia fundar uma festa como quisesse, podia fundar um clube como quisesse. Ninguém caía em meus braços. Por que não temos isso hoje? Era um brinquedo legal, eles deveriam ter nos deixado ficar com ele!" Só posso responder: "Meu amigo, você precisa se lembrar de que não está sozinho aqui, há 80 milhões de pessoas vivendo nesta sala. Quem lhe dá o direito de fazer o que quiser nesta sala? Você precisa ser atencioso. Há outras pessoas ao seu lado que querem viver!". — Robert Ley[89]

"Desse fato derivamos a honra do trabalho. Em nossas últimas décadas de marxismo, liberalismo e capitalismo, o trabalho é apenas uma mercadoria, uma mercadoria ruim e barata que pode ser comprada. Para nós, nacional-socialistas e fascistas, rejeitamos essa visão comum do trabalho. Deduzimos do fato de que o trabalho e a cultura estão juntos que a maior honra do homem é o próprio trabalho.

---

[88] Schmiede des Schwertes. Der deutsche Arbeiter im Großdeutschen Freiheitskampf, Zentralverlag der NSDAP, 1942.
[89] Schmiede des Schwertes. Der deutsche Arbeiter im Großdeutschen Freiheitskampf, Zentralverlag der NSDAP, 1942.

Na história da humanidade, que conhecemos há 2.000, 3.000 anos, há agora três grandes épocas culturais. Uma delas é a antiguidade, que admiramos e admiraremos. A segunda é a grande e eterna Roma, que assumiu os reinados por mil anos e os levou pela humanidade como uma tocha brilhante. Da Roma eterna, o Sacro Império Alemão retomou essa cultura e a levou pela Idade Média até nossos dias.

Cerca de um século atrás, ladrões e assaltantes vieram e quiseram assassinar a cultura. O fato de terem sido parcialmente bem-sucedidos pode ser visto nos produtos e nas realizações desses judeus e desse banditismo capitalista anglo-saxão: música negra e danças de jazz e instituições e ideias semelhantes que matam a cultura. Uma loja mágica inteira de arte degenerada! A Itália e a Alemanha de hoje estão se rebelando contra isso. A Alemanha e a Itália querem salvar a cultura dos capitalistas anglo-saxões". — Robert Ley[90]

Do que foi dito acima, conclui-se que o trabalho e a cultura pertencem um ao outro, que trabalho é cultura e cultura significa trabalho. O trabalhador deve, portanto, ser o portador do reino em um estado real que defenda um direito verdadeiro. Nossos dois Estados não são sustentados por capitalistas, e os dois sistemas não são defendidos por alguns poucos em virtude da bolsa de valores e das bolsas de dinheiro, mas a Itália fascista e a Alemanha de hoje se apoiam nos mesmos ombros de milhões de pessoas criativas. Essa é a nossa felicidade e a nossa alegria". — Robert Ley[91]

"Na Alemanha, havia 7,5 milhões de desempregados que ficaram sem rendimentos e, portanto, sem pão durante anos. O capitalismo governou o nosso país de forma terrível. As pessoas foram despedidas, as fábricas foram fechadas, independentemente das suas esposas e filhos e das dificuldades amargas. Os bancos, as bolsas de valores e os judeus deixaram milhões de alemães à beira da fome. O trabalhador alemão era desonrado, só se falava do «trabalhador sujo». Ele era a última classe entre todas as classes da nação; o capitalismo considerava-o nada mais do que uma mercadoria à venda.

[90] Schmiede des Schwertes. Der deutsche Arbeiter im Großdeutschen Freiheitskampf, Zentralverlag der NSDAP, 1942.

[91] Schmiede des Schwertes. Der deutsche Arbeiter im Großdeutschen Freiheitskampf, Zentralverlag der NSDAP, 1942.

E agora pergunto-vos aqui, tendo em vista os trabalhadores estrangeiros nesta sala, se o capitalismo ainda pode governar na Alemanha hoje como outrora? Nunca! Gostaria de ver o capitalista que fecha a sua fábrica hoje e despede milhares de trabalhadores. Isso já não acontece aqui. O empresário, o capitalista, não passa de um administrador da nação e tem de fazer o que a comunidade do povo deseja". — Robert Ley[92]

"[...] a transição para o capitalismo moderno foi auspiciosamente anunciada no final da Idade Média: roubo descarado de terras, por um lado, como vimos anteriormente, e juros usurários, por outro. Um desenvolvimento verdadeiramente maravilhoso, e ainda mais encantador foi o fruto que acabou por surgir da união dos dois: o filho bastardo — o mammonismo!" — Rudolf Jung[93]

"No Estado capitalista, no Estado que se oferece sem proteção às potências capitalistas internacionais, «como manteiga ao facão», o trabalho tornou-se servidão ao dinheiro. Isso também era, em grande parte, o caso no antigo Estado. Apenas os «valores não descontáveis» formavam uma barreira para proteger o trabalho honesto. No entanto, constatámos que, tal como antes da guerra, muitos milhões de alemães trabalhadores viviam em falta de liberdade e quase sem direitos, num heroísmo moderno. Afinal, o dinheiro e os seus proprietários, aos quais estavam subjugados, eram alemães. Teria sido uma tarefa grande, mas não excessivamente difícil, para o Estado da época, criar mudanças rapidamente e por seus próprios meios. Quando, com a revolução de 1918, essa barreira de «valores não descontáveis» desapareceu, quando a Alemanha ficou indefesa e devastada, foram as ondas do capitalismo internacional que inundaram tudo, e o dinheiro tornou-se o senhor do trabalho, subjugando também o Estado, que abriu amplamente os braços ao capitalismo internacional. Desde então, o mundo inteiro e as potências internacionais têm se esforçado incansavelmente para consolidar e perpetuar essa situação". — Ernst Graf zu Reventlow[94]

"É evidente que o Estado nacional-socialista colocará os grandes bancos e a bolsa sob o seu controle, pois ambos são órgãos do capitalismo mundial. O

[92] Die grosse Stunde. Das deutsche Volk im totalen Kriegseinsatz. Reden und Aufsätze aus den Jahren 1941-1943, München, Zentralverlag der NSDAP Franz Eher Nachf, pp.370
[93] Rudolf Jung. National Socialism: Its Foundations, Development, and Goals, 1922, pp.21
[94] Ernst Graf zu Reventlow. Der Weg zum neuen Deutschland. Der Wiederaufstieg des deutschen Volkes. Zentralstelle für den deutschen Freiheitskampf Essen, Moorenstraße 28. 1933, pp.156

pensamento nacional-socialista não é, em si mesmo, hostil ao capital, e a formação de capital nacional autóctone, «capital empresarial popular», deve ser um dos seus principais objetivos. O que ele rejeita e combate como inimigo do povo não é o capital em si, que deve servir ao povo, mas o capitalismo internacional, que escravizou o povo, os seus bens e o seu trabalho". — Ernst Graf zu Reventlow[95]

"É aqui que entra em cena a luta programática (N.T: Referência ao ponto n°13 dos 25 pontos do NSDAP) contra o capitalismo. Se existe uma instituição que, na sua essência, deve ser considerada inimiga do povo, são as «empresas socializadas», que não são menos inimigas do Estado, ou seja, de qualquer Estado que tente tornar-se um Estado popular. Seis anos depois de Hitler ter elaborado este programa, uma comissão do Reichstag debateu e votou a posição a tomar em relação a um poderoso cartel, o chamado Pacto do Ferro. Tratava-se de uma aliança entre a indústria pesada francesa, alemã, luxemburguesa e belga. Os representantes industriais dos partidos nacionais da direita e do centro naquela comissão estavam cientes disso e admitiram que esse cartel era mais forte do que o Estado, que o Estado era impotente contra a sua fixação de preços, política salarial, etc. No entanto, votaram a favor desse pacto por considerações de interesse capitalista. Quando questionados sobre o motivo, responderam que era assim que as coisas evoluíam! Na Alemanha, já se tornou um costume político esconder a má consciência política atrás do slogan «evolução»". — Ernst Graf zu Reventlow[96]

"Não é preciso enfatizar que os judeus em todos os países reconhecem e veneram o capital como senhor do mundo, pois eles próprios representam e lideram o capitalismo. Em uma seção anterior, mencionou-se que a social-democracia nunca combateu o capital internacional, mas sempre se sentiu e se mostrou sua serva. A social-democracia não teme nada mais do que a visão nacional e a vontade nacional. O espírito financeiro internacional é considerado por eles como o único antídoto eficaz contra a vontade nacional, com razão, e por isso promovido com todas as forças. A social-democracia não se declara abertamente como serva do capital mundial, mas sim como inimiga mortal de tudo o que é nacional. Os nacionalistas alemães, que se baseiam no capitalismo,

[95] Ernst Graf zu Reventlow. Der Weg zum neuen Deutschland. Der Wiederaufstieg des deutschen Volkes. Zentralstelle für den deutschen Freiheitskampf Essen, Moorenstraße 28. 1933, pp.161

[96] Ernst Graf zu Reventlow. Der Weg zum neuen Deutschland. Der Wiederaufstieg des deutschen Volkes. Zentralstelle für den deutschen Freiheitskampf Essen, Moorenstraße 28. 1933, pp.163

professam com mais ou menos razão a ideia nacional, mas omitem que, no fundo e na prática, só defendem a ideia nacional no âmbito do domínio capitalista mundial.

Tendo em mente os vinte e cinco artigos do programa nacional-socialista, fica claro que não pode haver oposição mais acirrada do que a do nacional-socialismo àquela tendência pseudonacional, cujo representante mais proeminente foi o ministro Stresemann, que ocupou o cargo por muitos anos. Somente um inimigo aberto e efetivo do capitalismo, do domínio do dinheiro, pode agir de forma verdadeiramente nacional. Pois o capitalismo, seja qual for a sua forma, é o inimigo natural do pensamento nacional, que ele, no máximo, usa indevidamente para os seus próprios fins. Por sua própria natureza, ele quer e precisa subjugar o povo e o trabalho aos seus negócios financeiros." — Ernst Graf zu Reventlow[97]

"Os nacional-socialistas colocaram em causa a futura forma de governo alemã e consideravam as correntes políticas de direita como seus adversários e obstáculos no caminho para a Alemanha do futuro que almejavam. O Partido da Liberdade do Povo Alemão (Deutschvölkische Freiheitspartei — DVFP) era capitalista, enquanto o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei — NSDAP) considerava o capitalismo incondicionalmente como inimigo do povo. Para o Partido da Liberdade do Povo Alemão, os trabalhadores manuais eram uma camada da população alemã que, embora devesse ser bem tratada, estava destinada a servir, enquanto o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães se identificava com a classe trabalhadora alemã" — Ernst Graf zu Reventlow[98]

"A intenção e o objetivo da social-democracia são, de forma atenuada, os mesmos. O ditador do partido social-democrata é o dinheiro, o capitalismo mundial. No Estado de Weimar, influenciado de forma decisiva pela social-democracia há doze anos, o capitalismo mundial reinou sem restrições. Num Estado alemão liderado pela social-democracia, não pode ser diferente... Mas onde o dinheiro reina de alguma forma, o verdadeiro socialismo, a comunidade popular e o sentimento popular são impossíveis. Isso é

[97] Ernst Graf zu Reventlow. Der Weg zum neuen Deutschland. Der Wiederaufstieg des deutschen Volkes. Zentralstelle für den deutschen Freiheitskampf Essen, Moorenstraße 28. 1933, pp.228-229

[98] Ernst Graf zu Reventlow. Der Weg zum neuen Deutschland. Der Wiederaufstieg des deutschen Volkes. Zentralstelle für den deutschen Freiheitskampf Essen, Moorenstraße 28. 1933, pp.260

comprovado, além da experiência, pela mais simples reflexão. Em um caso como no outro, trata-se da exploração e da escravidão do povo, pois nem o domínio do dinheiro, nem o de uma aliança tirânica podem ou querem criar uma comunidade popular. Somente o nacional-socialismo é capaz de criá-la. Somente ele, como inimigo mortal do capitalismo e adversário incondicional de qualquer tirania, pode almejar com profunda sinceridade a comunidade do povo e, finalmente, concretizá-la". — Ernst Graf zu Reventlow[99]

"Como a flor venenosa do capitalismo só pode florescer em solo contaminado pelos judeus, é de se esperar que possamos encontrar as suas sementes já no Talmud. Entre as suas muitas características, este também é um manual de moral econômica judaica. A sua base, porém, é a certeza irrefutável de que nada no mundo é mais valioso do que a riqueza, e mais precisamente uma riqueza que não foi alcançada através da exploração e domínio da natureza, mas sim através da exploração e domínio dos seres humanos. A exploração das forças da natureza, por outro lado, é uma característica tipicamente nórdica, e foi somente a partir da união das habilidades científicas e técnicas dos germânicos com o talento comercial dos judeus «astutos» do sul que surgiu a «cultura capitalista» dos tempos modernos". — Walter Fasolt[100]

"Com isso, já mencionámos duas características fundamentais da economia judaico-capitalista moderna: a ideia da livre concorrência e o abandono da ideia do preço justo. A ética comercial alemã baseava-se principalmente no último princípio. O preço era fixado pela guilda de acordo com o valor da mercadoria, não podia ser superior ou inferior a esse valor, e a qualidade da mercadoria era garantida pela guilda. É aqui que, no final da Idade Média, ocorre a primeira incursão dos judeus nos costumes comerciais do comerciante honrado. Ele assume o direito de vender mais barato do que os outros e, ao mesmo tempo, fazer «concorrência» a outros comerciantes, ou seja, roubar-lhes os clientes". — Walter Fasolt[101]

"Não nos cabe aqui discutir a legitimidade ou ilegitimidade da cobrança de juros. As fronteiras entre juros justos e juros abusivos são extremamente tênues. No entanto, é certo o princípio de que uma taxa de juros só é justa na medida

[99] Ernst Graf zu Reventlow. Der Weg zum neuen Deutschland. Der Wiederaufstieg des deutschen Volkes. Zentralstelle für den deutschen Freiheitskampf Essen, Moorenstraße 28. 1933, pp.282
[100] Walter Fasolt. Die Grundlagen des Talmud. Der nichtjüdische Standpunkt, 1933, pp.183
[101] Walter Fasolt. Die Grundlagen des Talmud. Der nichtjüdische Standpunkt, 1933, pp.185-186

em que esteja em proporção adequada com o que o credor sofre em termos de danos, riscos ou perdas reais pelo empréstimo do dinheiro. É igualmente certo que qualquer exploração da situação de necessidade do mutuário deve ser considerada usura e, finalmente, é certo que foi esta forma de usura que fez florescer o flagelo judaico-capitalista". — Walter Fasolt[102]

"Quando essa visão se difundiu, quando se tornou também património comum dos povos brancos, só então se tornou possível reunir fortunas enormes e incontroláveis numa única mão, ultrapassar os limites das relações de dívida locais e previsíveis e criar aquela rede de influências económicas que se costuma designar por capitalismo internacional. Nesta forma sinistra de empréstimo privado de dinheiro residia a possibilidade de ganhar dinheiro em grande escala, sem trabalho próprio, através de ações puramente económicas, e de fazer trabalhar para si, sem recurso à violência, não apenas indivíduos estrangeiros, mas povos totalmente estrangeiros. Mas o verdadeiro beneficiário do capitalismo era o judeu mundial, que, com um sorriso de escárnio, balançava letras de câmbio e ações, e seu grito de guerra ressoava por toda a Terra:

«Leolom tikkach — Sempre pegue!»" — Walter Fasolt[103]

"Só em 1829 é que a Inglaterra, onde a revolução dos trabalhadores ameaçava devido à miséria e à pobreza das massas populares, criou uma polícia de segurança e ordem. Os primeiros agentes usavam cartolas. Naquela época, uma polícia parecia ainda mais barata, um meio de prevenção em vez de uma legislação social urgentemente necessária para proteger as classes pobres da morte por fome e as classes trabalhadoras da exploração capitalista até à exaustão". — Ernst Krieck[104]

"Com impostos indiretos e colheitas de cereais, a classe dominante recuperou-se rapidamente após as guerras da época revolucionária, às custas das massas populares, que foram empurradas para uma miséria ainda maior. Muitos tiveram de emigrar para não morrerem à fome, muitos dos que encontraram trabalho mal conseguiam ganhar o sustento diário. As crianças eram exploradas até à exaustão no trabalho infantil industrial, num país que dominava

[102] Walter Fasolt. Die Grundlagen des Talmud. Der nichtjüdische Standpunkt, 1933, pp.187-188
[103] Walter Fasolt. Die Grundlagen des Talmud. Der nichtjüdische Standpunkt, 1933, pp.190
[104] Ernst Krieck. England: Ideologie und Wirklichkeit. Zentralverlag der NSDAP, 1940, pp.29

impiedosamente o comércio mundial com o domínio dos mares. Mas então, precisamente para o liberalismo emergente, tornou-se um dogma fundamental que o cuidado do Estado com o bem-estar espiritual e físico do povo fosse um sinal de falta de liberdade e o ápice da tirania. Essa era a liberdade liberal na Inglaterra, que abriu caminho para a exploração dos capitalistas". — Ernst Krieck[105]

"O banqueiro Grote, inspirado como sempre pela sua esposa, nascida Lewin, esteve fortemente envolvido na gestão e organização da universidade. A inauguração ocorreu em 30 de abril de 1827, com uma cerimónia na Freimaurertaverne, na Great Queen Street, que também era a sede da seita benthamista. Entre os nomes dos fundadores e do primeiro conselho encontram-se, além do duque de Norfolk, o amigo de Palmerston, Lord John Russel, Isaac Lyon Goldsmid, Georg Grote e James Mill (o pai). A maioria deles provavelmente era maçom. Como bons gênios, pairavam sobre eles o corretor da bolsa David Ricardo, falecido em 1823, e o papa octogenário da seita dos «radicais», Jeremias Bentham, que permanecia nos bastidores, com a sua bênção eternamente recorrente da «maior felicidade para o maior número possível», que os judeus Rothschild e Ricardo realizaram à sua maneira. A partir deste bastião intelectual, o liberalismo inglês transformou o espírito inglês e impulsionou as reformas com o objetivo de permitir que uma camada mais ampla da burguesia industrial e comercial participasse da exploração do mundo pelo Império e da exploração dos trabalhadores pelos capitalistas e judeus, o que constitui o conceito real da famosa liberdade inglesa, juntamente com a antiga oligarquia. Assim surgiu a «nova Inglaterra», que em 1939 se colocou contra o Grande Reich Alemão para decidir o destino do mundo". — Ernst Krieck[106]

"O liberalismo não conseguiu poupar ninguém das dificuldades e tragédias da vida. A era do capitalismo sacrificou, pelo contrário, um número enorme de vidas humanas ao seu Moloch. Os dois dogmas fundamentais do liberalismo, proclamados pelo Iluminismo, a saber:

1. o ser humano é bom por natureza,

[105] Ernst Krieck. England: Ideologie und Wirklichkeit. Zentralverlag der NSDAP, 1940, pp.33

[106] Ernst Krieck. England: Ideologie und Wirklichkeit. Zentralverlag der NSDAP, 1940, pp.38-39

2. o ser humano atinge o máximo de desenvolvimento sem restrições em um espaço livre e, com isso, a humanidade avança em direção à perfeição, fracassaram completamente. Não trouxeram a perfeição ao indivíduo, nem o progresso à humanidade, mas apenas a dissolução e a decomposição da totalidade da vida do povo e, com isso, a sua decadência. É somente na disciplina e na integração ao todo que o indivíduo encontra o caminho para a sua realização pessoal e para o máximo de seu ser e desempenho humanos". — Ernst Krieck[107]

"A era do liberalismo e do capitalismo provocou em toda a parte a queda das ordens populares que se tinham desenvolvido e tornado históricas, destruindo os seus símbolos. O que restou, afinal, não foi o indivíduo livre do tipo ideal burguês, mas sim a massa em classes, mantida com dificuldade unida pelo quadro mecanicista do Estado dos últimos séculos. Com o seu fim, o fim de todo o povo estava iminente. Na revolução marxista, o individualismo burguês, com a sua ideologia de liberdade, ameaçava transformar-se num coletivo socialista-mecânico coercitivo.

Com a revolução nacional-socialista e o caminho aberto para o socialismo alemão, escapámos a esse perigo e conquistámos o terceiro nível do Terceiro Reich". — Ernst Krieck[108]

"Na Alemanha, graças à intervenção decisiva do Führer, tanto a maçonaria como o bolchevismo foram eliminados e a influência do judaísmo na vida alemã foi neutralizada.

Mas lá fora, no mundo, além da fronteira, o judeu ainda vive e domina com a ajuda das suas três armas perigosas:

a Internacional dourada (goldenen Internationale) do capital mundial;

a Internacional secreta da maçonaria mundial;

[107] Ernst Krieck. Nationalsozialistische Erziehung begründet aus der Philosophie der Erziehung. A. W. Zidfeldt Verlag, 1935, pp.17-18
[108] Ernst Krieck. Nationalsozialistische Erziehung begründet aus der Philosophie der Erziehung. A. W. Zidfeldt Verlag, 1935, pp.19

a Internacional vermelha do bolchevismo mundial" — Herbert Vogel[109]

"O nacional-socialismo colocou em sua bandeira, nos pontos 10 e 11 do seu programa, a abolição da escravidão dos juros, ou seja, a eliminação de todas as influências internacionais. Isso não significa, porém, o combate ou a rejeição do capital em si, pois, para o nacional-socialismo, o capital significa os valores provenientes de um trabalho comunitário, com os quais se pode realizar um novo trabalho comunitário. A luta não é contra o capital, mas contra o capitalismo como uma instituição econômica judaica que abusa do capital, fazendo-o servir apenas a uma pequena camada de líderes econômicos internacionais, em vez de o transformar numa reserva de valor para o povo". — Jornal alemão de 1937[110]

"Nas democracias ocidentais, gosta-se muito de sorrir sobre a «pobre» moeda-do-trabalho (Arbeitswährung) do nacional-socialismo, sem aparentemente perceber que essa moeda-do-trabalho é, graças a Deus, à prova de especulação, porque o trabalho de um povo não pode ser negociado «à alta» ou «à baixa» na bolsa de valores. Ou será que nos círculos financeiros judaicos se sorri deliberadamente sobre a moeda-do-trabalho do Terceiro Reich, a fim de impedir que outros povos também introduzam essa moeda-do-trabalho e evitar desde o início qualquer especulação monetária? [...] Resta apenas esperar que esta falência bancária judaica de milhões ajude os poupadores estrangeiros a finalmente descobrirem os segredos do capitalismo racial". — Jornal alemão de 1939[111]

"O capitalismo e a antiga mentalidade cultural são aliados que se defendem contra um novo futuro emergente. A antiga mentalidade cultural está ligada às antigas condições, ou seja, ao capitalismo, e o capitalismo está ligado a uma forma de pensar ultrapassada, ou seja, à antiga mentalidade cultural. Uma mentalidade cultural não tem, por si só, um instrumento de poder: a antiga obteve-o na forma da vontade de autoafirmação do capitalismo [...] No final deste período, porém, não está o domínio do capital financeiro internacional,

[109] Herbert Vogel. Der Reichsbürger. Grundlagen nationalpolitischer Erziehung für berufsbildende Schulen, 1938, pp.55
[110] Mittelrheinische Landes-Zeitung, 1937-03-06.
https://zeitpunkt.nrw/ulbbn/download/webcache/0/2122768

[111] Jeversches Wochenblatt. Jever, Sonnabend, 19. August 1939 [Deutsche Digitale Bibliothek].
https://digital.lb-oldenburg.de/download/webcache/1504/1069472

mas também a revolução nacional-socialista e a técnica.”. — Fritz Nonnenbruch[112]

“O desenvolvimento do capitalismo avançado fortaleceu o poder do capital bancário e bolsista internacional, e o judaísmo subjugou assim os povos, especialmente os economicamente mais avançados, que eram precisamente os racialmente mais elevados, com grilhões de ouro ainda mais seguros”. — Karl Zimmermann[113]

“O caminho para uma existência «cultural» não será aberto ao trabalhador alemão apenas através da abertura dos centros de educação e cultura alemães. Uma das tarefas mais urgentes do Estado nacional-socialista será, antes de mais, fazer com que o trabalhador volte a tomar consciência de que já não é um objeto, uma grandeza mensurável dentro de uma ordem capitalista internacional, um número sobre o qual se pode e se deve dispor à vontade, de forma arbitrária. Ele deve saber e experimentar que, tal como em qualquer outro compatriota, toda a existência do povo está sempre presente nele, até ao passado mais remoto, e que, através dele, essa existência deve ser responsabilizada até ao futuro mais distante. Ele não deve apenas saber e experimentar que, sem o povo, ele não é nada, mas também que o povo só ganha existência e vida através dele. Então, a sua realidade ganha um peso decisivo. Então, surge nele a certeza da verdadeira grandeza e importância da sua vida, levando-o a um forte orgulho que se refletirá como uma força poderosa no seu trabalho. Uma classe trabalhadora assim será imune a toda a desintegração internacional, a todo o envenenamento judaico, tornando-se assim uma força insubstituível para a preservação e o aperfeiçoamento do povo”. — Friedrich Alfred Beck[114]

“O liberal via no exército apenas uma instituição que consumia parte dos lucros obtidos pelo trabalho organizado capitalisticamente, sem pagar por isso um valor tangível em troca. Os soldados, acreditava-se, eram apenas resquícios de uma época em que ainda não era possível uma comunidade internacional de pessoas, supranacional, em que ainda reinavam a barbárie total e o direito da violência implacável. Com a crescente internacionalização, que se supunha estar associada a uma humanização de toda a vida, acreditava-se que todas as tensões

[112] Fritz Nonnenbruch. Politik, Technik und Geist. Das Dritte Reich und der Kapitalismus. Hoheneichen-Verlag, 1939, pp.56
[113] Karl Zimmermann. Die geistigen Grundlagen des Nationalsozialismus, 1933, pp.14
[114] Friedrich Alfred Beck. Der Aufgang des germanischen Weltalters, 1944, pp.112

entre os seres humanos, atribuíveis à divisão da vida humana em povos e Estados, acabariam por desaparecer, tornando assim desnecessária a existência de soldados. Mas o curso da história mundial não fez o favor aos ideólogos liberais de se orientar de acordo com o seu ideal". — Friedrich Alfred Beck[115]
"No ponto 11 do programa do Partido Nacional-Socialista, é exigida a «abolição do rendimento sem trabalho e sem esforço». Com isso, não só se declara guerra ao sistema económico capitalista judaico, como também se exige a organização económica da nossa realidade, na qual o trabalho recebe a importância que deve ter para a nossa humanidade. Na «ordem capitalista», era totalmente indiferente a forma como um membro do povo ganhava o seu sustento. O rendimento, como um determinado valor económico, dá ao homem poder sobre a existência. De acordo com a concepção nacional-socialista, só aquele que realizou um trabalho correspondente deve poder dispor de rendimentos". — Friedrich Alfred Beck[116]

"A totalidade da vida popular torna-se visível nos seus membros, que são os «trabalhadores». Mas se o Estado não tem outra função senão servir a totalidade do povo, então também ele deve poder determinar sozinho de que forma os membros do povo podem dispor dos bens «materiais» da economia nacional. Para um Estado assim, não pode ser determinante nenhum princípio capitalista, mas apenas uma atitude socialista. Uma postura socialista: isto significa que o Estado não determina o salário do trabalho exclusivamente com base no benefício económico que o trabalho gera, mas sim com base na importância que o trabalhador tem para o todo dentro da estrutura social do todo popular. Com isto, fica muito claro que, para o Estado nacional-socialista, o único objetivo é praticar uma «política salarial» que dê ao trabalhador, como membro do povo, a possibilidade de cumprir as tarefas que lhe são atribuídas pelo povo. Cada trabalhador não é apenas um trabalhador, não é apenas parte de uma estrutura económica. É também membro da comunidade do povo. Reconhecê-lo como tal, com plenos direitos e, portanto, em pé de igualdade com todos os outros compatriotas, é uma medida socialista que o capitalismo não conseguiu realizar, porque não reconhecia a comunidade do povo como o poder último e decisivo. Esse reconhecimento, porém, retira a base psicológica da ideia capitalista e marxista de luta de classes". — Friedrich Alfred Beck[117]

[115] Friedrich Alfred Beck. Der Aufgang des germanischen Weltalters, 1944, pp.115
[116] Friedrich Alfred Beck. Der Aufgang des germanischen Weltalters, 1944, pp.133
[117] Friedrich Alfred Beck. Der Aufgang des germanischen Weltalters, 1944, pp. 134

“Assim como a diferente avaliação do trabalho, o diferente valor «ideal» que se atribuía ao trabalho na era liberal e a luta de classes daí resultante destruíram e dissolveram o povo como um todo, a distinção entre trabalhadores «manuais» e «intelectuais» têm um efeito desestabilizador na comunidade e, portanto, antisssocialista. Assim como o capitalista falava com desdém do trabalhador como alguém que passava fome, o intelectual mais estúpido, mesmo que não fosse capaz de pensar logicamente até o fim, falava com arrogância das pessoas que trabalhavam «fisicamente» como «trabalhadores manuais»”. — Friedrich Alfred Beck[118]

“A doutrina calvinista da predestinação, originalmente expressão de uma determinada forma de cristianismo, foi utilizada pelos plutocratas britânicos para justificar e defender a ordem mundial capitalista antisssocialista. A escravidão tirânica e draconiana, única na história mundial, dos povos russos e de todos os povos em que o bolchevismo exercia o poder, por meio desse bolchevismo judeu, ocorreu em nome e em nome da revolução mundial, que deveria transformar o mundo inteiro num «paraíso socialista dos trabalhadores e camponeses». Os plutocratas, que fingem ser teístas, atribuíram a ordem capitalista mundial ao bom Deus, para se eximirem da sua responsabilidade pela miséria indescritível que criaram para os povos. Os bolcheviques, que se autodenominavam orgulhosamente ateus, consolavam os povos que saquearam com a revolução mundial benéfica. Todos eles, os liberais de todos os matizes, tentavam apenas distrair os povos das verdadeiras causas da ordem antisssocialista que criaram”. — Friedrich Alfred Beck[119]

“Pois podemos imaginar que privilégios que para nós já não têm legitimidade viva representam, para outros povos, um poder necessário para manter a coesão da sua estrutura real. Apesar de todas as diferenças reconhecidas e necessárias do socialismo nacional dos povos que ocupam um lugar importante na estrutura mundial germânica, deve haver total concordância entre os povos na vontade e na força com que se impõe uma realidade nacional radicalmente antiliberal e antijudaica com a ordem socialista. Só uma realidade assim pode levar a um verdadeiro socialismo, ao poder político do povo como Estado e ao poder econômico do povo nos seus membros. E somente uma realidade como essa tem um poder comunitário que vai além de seu próprio âmbito. Uma vez que os

[118] Friedrich Alfred Beck. Der Aufgang des germanischen Weltalters, 1944, pp.138
[119] Friedrich Alfred Beck. Der Aufgang des germanischen Weltalters, 1944, pp.260

povos dispostos a construir e amantes da ordem se tornaram socialistas, eles eliminaram, com seus próprios meios, as condições para qualquer invasão do espírito corrosivo da ideologia liberal. Então, eles não esperam mais receber a própria vida como um presente de um poder estrangeiro. Então, eles defenderão a sua ordem socialista, através da qual puderam garantir a sua vida, contra todas as tentações e seduções. Então, através de tal forma de vida e atitude, eles terão conquistado o direito de ocupar uma posição de destaque na nova era germânica, na nova ordem mundial. *Quando todos os povos da Terra que são capazes de opor o seu socialismo nacional ao mundo internacional do capitalismo judaico o concretizarem, então, através destas ordens socialistas, terá surgido uma comunidade supranacional, cujo poder invencível fará fracassar todas as tentativas de destruir a nova estrutura mundial".* — Friedrich Alfred Beck[120]

"Ele [o nacional-socialismo] é verdadeiramente nacional porque é verdadeiramente socialista, e é verdadeiramente socialista porque só vê numa união socialista e orgânica dos compatriotas a garantia da continuidade do povo alemão, só assim acredita poder banir a influência destrutiva do capitalismo liberal-burguês e do marxismo classista e só procura seguir um caminho para um futuro melhor através da ponte de um socialismo ideal que envolve todo o povo com amor. O pai do socialismo marxista é o materialismo; o do socialismo nacional (Nationaler Sozialismus) é o idealismo alemão. Isso distingue os dois e não permite que sejam confundidos como irmãos". — Pidder Lüng[121]

"O nacional-socialismo promete destruir todas as formas de capitalismo que se apresentam como produtos estagnados, internamente podres e autodestrutivos. O luxo sem sentido, a gula escandalosa e a busca do prazer que destrói os fundamentos dos costumes populares são geralmente impulsionados pela riqueza que não provém do próprio trabalho e que, como capital de empréstimos, nunca aumenta a força produtiva do povo, nunca beneficia a totalidade, mas apenas a explora para si mesma até se esgotar.
Essa riqueza só morre com o esgotamento da própria força produtiva, como um parasita na sua vítima morta. O nacional-socialismo rejeita esse capitalismo, porque esse capitalismo usurário nunca se revelou uma força verdadeiramente

[120] Friedrich Alfred Beck. Der Aufgang des germanischen Weltalters, 1944, pp.262
[121] Pidder Lüng. Nationalsozialismus. Pan Verlagsgesellschaft M.B.H Berlin W9. 1933, pp.34

nacional e construtiva, nem jamais poderá nascer como uma força socialista vinculativa". — Pidder Lüng[122]

"A revolução é a estrela de Judas — diz o semita Graek. Não é o trabalhador que quer ou precisa da agitação, da luta nas ruas e do assassinato de seus compatriotas. Não há contradição: o movimento de massa dos trabalhadores é o impulso mais natural, o desejo divino de paz. Dêem ao trabalhador o que lhe é devido e ele voltará a ser nosso! Mas é exatamente isso que o estrangeiro no povo teme e deve temer: um povo unido, consciente de sua raça e socialmente desenvolvido se tornaria o coveiro da exploração capitalista judaica". — Julius Streicher[123]

"Particularmente repugnante foi a campanha eleitoral dos partidos democráticos burgueses (Partido Democrático Alemão! Partido Popular Alemão!). Os líderes desses partidos, assim como os do Partido Social-Democrata, têm ligações com o capitalismo internacional e a maçonaria, e não era de se admirar que fosse difícil controlar a massa eleitoral democrata-burguesa, na qual a conscientização nacionalista havia provocado uma efervescência viva. Como se tratava principalmente da classe média trabalhadora e intelectual, era preciso parecer mais papista do que o papa. Com uma enxurrada opressiva de slogans nacionais batidos, tentou-se apresentar a democracia burguesa, totalmente judaizada, como indispensável. Para manter os democratas nacionalistas, que estavam ficando inquietos, fiéis à bandeira, ou para enganar os cidadãos conscientes que estavam fora do partido democrata sobre a veia não nacionalista deste, chegou-se ao ponto de usar a suástica como símbolo de atração, o que era de muito mau gosto. A suástica, o símbolo da mais nobre mentalidade alemã e da ascendência alemã, como símbolo de atração da democracia burguesa judaica!" — Julius Streicher[124]

"A greve moderna nada mais é do que a arma do capitalismo mundial, ainda não compreendida pelo povo, para proletarizar e escravizar os povos. Devido às paralisações e greves em grande escala, a economia de um povo sofre uma

[122] Pidder Lüng. Nationalsozialismus. Pan Verlagsgesellschaft M.B.H Berlin W9. 1933, pp.50
[123] Julius Streicher. Deutscher Sozialist, Folge 6, 9. Juli 1920. In: Ruf zur Tat. Aufsätze aus den Kampfjahren 1920 – 1922. Verlag der Stürmer Nürnberg. 1937, pp.23
[124] Julius Streicher. Deutscher Sozialist, Folge 5, 5. Februar 1921. In: Ruf zur Tat. Aufsätze aus den Kampfjahren 1920 – 1922. Verlag der Stürmer Nürnberg. 1937, pp.49

perda enorme de valores. Enquanto o capital saudável e gerador de valor, fixado nas empresas individuais, é desgastado e destruído, o capital de empréstimos pelos grandes bancos internacionais encontra uma nova e bem-vinda oportunidade de se oferecer com juros.

Assim, sem se dar conta, o funcionário público em conflito e o trabalhador em conflito enchem os bolsos daqueles que acreditam estar combatendo, os bolsos do capitalismo mundial. Os jornais estão novamente repletos de listas dos danos econômicos causados pela disputa recém-encerrada dos ferroviários: uma zombaria cruel para todos aqueles que acreditavam ter ajudado a si mesmos. O que foi conseguido em termos de aumento de salários e remunerações se perde novamente no turbilhão da espiral tributária sem fim.

Seria de se desesperar se, de toda essa injustiça e toda essa antinaturalidade, não surgisse o salvador que, por necessidade natural, tem de surgir". — Julius Streicher[125]

"Não combatemos o capital em si, mas apenas o abuso do dinheiro, tal como se manifesta no mammonismo. Vamos acabar com o capitalismo de empréstimo, que leva à escravidão de povos inteiros através da cobrança de juros sem esforço. O socialismo dos marxistas ignora conscientemente a solução desta questão e direciona a raiva das massas perseguidas para o dinheiro dos empresários criadores de valor, a fim de empurrá-lo com mais segurança para os tentáculos do capitalismo de empréstimo global. A nacionalização do sistema monetário finalmente dará ao povo criativo o que lhe é devido. Sem terra livre, nenhum povo que ama sua pátria e seu país pode existir. O marxismo precisa de uma massa de trabalhadores desenraizados. Sua insatisfação é alimentada pelo capitalismo mundial com um plano satânico contra tudo o que é legal, e assim o judeu pode se manter no poder. Deixa-se todo o povo passar fome para servir ao mesmo propósito. Um povo que está desgastado e enfraquecido pela fome está completamente à mercê dos judeus. É por isso que nós, socialistas alemães, exigimos a garantia de nossos alimentos! Os alimentos geram mão de obra! A mão de obra gera alimentos! Aqueles que privam o povo dos alimentos

[125] Deutscher Volkswille, Folge 7, 17. Februar 1922. In: Ruf zur Tat. Aufsätze aus den Kampfjahren 1920 – 1922. Verlag der Stürmer Nürnberg. 1937, pp127

necessários ou praticam a usura com eles são culpados de morte". — Julius Streicher[126]

"Como, neste Estado de direito, as infrações do "homem comum" são punidas severamente, mas os crimes dos "grandes" são punidos com muita leveza, o povo perdeu a confiança na justiça. Quero provar, com exemplos recentes, que estamos gravemente doentes nesse aspecto. Um estadista do norte da Alemanha declarou recentemente que não tinha como combater a usura. No antigo Estado, uma taxa de juros superior a 6% era considerada usura. Hoje, essa usura é permitida por lei. Vocês, senhores da esquerda, que sempre fingem combater o capitalismo e a exploração, conseguiram isso! Vocês vão se dar mal por causa disso!" — Julius Streicher[127]

"Em todo o mundo, encontramos hoje o esforço de se livrar do jugo das flutuações econômicas e alcançar uma economia resistente a crises. Significativamente, esse esforço se manifesta principalmente em discussões econômicas teóricas profundas ou em medidas de política financeira que, na melhor das hipóteses, são compreensíveis para um pequeno círculo de especialistas. O nacional-socialismo, por outro lado, parte da convicção de que, com tais meios, se continua a avançar incessantemente nos velhos caminhos e na velha maneira de pensar. Ele acredita que somente uma ruptura com essa velha maneira de pensar pode quebrar o círculo mágico. Ele não acredita que seja possível encontrar, longe da vida prática, uma teoria que contenha a salvação. Ele está convencido de que as complexas relações econômicas devem, na medida do possível, ser reduzidas aos fatos básicos simples dos quais elas se originaram. Por isso, ele se opõe decididamente à velha mentalidade capitalista e busca aliviar o destino da população trabalhadora não por meio de aumentos salariais ou de subsídios sem planejamento, mas pela criação de empregos, e melhorar a situação da economia não por meio de aumentos de preços sem planejamento, mas pelo aumento da produção" — Josef Wagner[128]

---

[126] Ohne Lösung der Rassenfrage kein wahrer Sozialismus. 13. November 1920 im Kurhaussaal in Bernburg. in: Kampf dem Meltfeind. Reden aus der kampfzeit gesammelt und bearbeitet von Dr. Heinz Preiß. Verlag Der Stürmer Nürnberg. 1938, pp.15

[127] Wer soll künftig Richter sein? 20. April 1926 im Bayerischen Landtag in München. Kampf dem Meltfeind. Reden aus der kampfzeit gesammelt und bearbeitet von Dr. Heinz Preiß. Verlag Der Stürmer Nürnberg. 1938, pp.60

[128] Josef Wagner. Gesunde Preispolitik, Westfalen-Verlag, G.M.B.H., Dortmund. 1938, pp.11

“Não é minha intenção, ao fixar rigidamente determinados conceitos que, em determinadas circunstâncias, podem ser de grande utilidade, contribuir para que uma empresa com pouco capital amplie sua base financeira sem real necessidade, apenas para poder calcular os juros adequados a partir de um montante mais elevado. Tal tendência seria duplamente absurda em uma época [nacional-socialista] que se volta contra o capitalismo do passado justamente com a exigência de que o dinheiro continue sendo um meio de pagamento circulante e gerador de valor, e não se torne capital contábil e devorador de juros” — Josef Wagner[129]

[129] Josef Wagner. Gesunde Preispolitik, Westfalen-Verlag, G.M.B.H., Dortmund. 1938, pp.114

Nieder mit Juda!

Deutscher, Du standest an der Front. Du wurdest arm in der Nachkriegszeit, Dein Weib und Deine Kinder hungern. Der Jude mästete sich in der sicheren Etappe, schob sich reich in den Inflations- und Elendsjahren, praßt und schlemmt heute in den Weindielen und Bars.
Du bist der ehrliche und arme Knecht, der Jude ist der betrügerische und reiche Herr.

Weil das Dritte Reich Adolf Hitlers die soziale Gerechtigkeit bringen will, darum ist das großkapitalistische Judentum der schlimmste Gegner dieses Reiches und seines Führers.

Als Adolf Hitler Kanzler des Deutschen Reiches wurde, da setzte auf Betreiben der in Deutschland lebenden Juden der Kampf der gesammten Judenschaft gegen unsere deutschen Volksgenossen und Brüder im Auslande ein.

In Paris, in London, in New-York wurden von Juden deutsche Geschäfte demoliert, deutsche Männer und Frauen auf der offenen Straße überfallen und zusammengeschlagen, deutsche Kinder von jüdischen Sadisten gequält und geschunden.

Deutscher, es sind Deine Brüder und Schwestern, die im Ausland dafür niedergeknüppelt werden, weil Du Dir die Herrschaft des Judentums nicht mehr gefallen lassen willst, weil Du ein nationales deutsches Reich wieder errichtest, weil Du Dich zum Nationalsozialismus bekennst.

Deutscher, die schönste Tugend Deines Volkes war, ist und bleibt die Treue.

Willst Du sie nicht Deinen Brüdern und Schwestern im Auslande halten? Du kannst diesen vom Judentum Verfolgten helfen,
wenn Du dem Juden in Deutschland tust, was die Juden dem Deutschen im Ausland zufügen.

Ächte den Juden gesellschaftlich!
Boykottiere den Juden wirtschaftlich!
Mach dem Juden das Leben unerträglich!

Deutscher erwache!

Der Jude ist Dein Feind, Dein Feind, Dein Feind!
Deutscher, Du stehst in einer nationalen Revolution. Du hast in Innbrunst den 21. März erlebt. Du hast Deinen Ehrenschild wieder erobert und ihn rein gehalten. Willst Du ihn Dir jetzt mit hebräischem Dreck bewerfen lassen?
Deutscher! Willst Du für Deine Ehre, kaum gewonnen, errungen in grandiosen Ringen, nicht eintreten bis zum letzten Mann?
Ja, Du willst es, Du lechzt danach, der NSDAP und ihrem unvergleichlichen Führer, Deinem Führer, Deinem Reichskanzler, ehrlichen glühenden Dank abzustatten für den Kampf der 14 Jahre um Dich, für den Sieg des 21. März!

Deutscher Volksgenosse, Tritt gefaßt!
Mitmarschiert in den Kampf der Treue für Deine von Judenhyänen verfolgten Volksgenossen im Ausland, mitmarschiert in den Kampf für die Ehre Deiner blanken nationalen Revolution!

Auf zum Kampf, zwar unter der Parole: „Auge um Auge, Zahn um Zahn",
aber auch zum Kampf der straffsten Disziplin! Wir sind Krieger, keine Novemberplünderer!
Hart der Kampf, aber blank den Schild!

Streng legal im Rahmen der Gesetze,
ohne Blutvergießen, ohne „Greuelschande", ohne tätliche Ausschreitungen.

Aber darum nicht minder schonungslos und zähe.
Nicht die Gewalt der schmetternden Faust, nur die Gewalt des Boykotts auf der ganzen Linie, nur die allgemeine volksstolze Aechtung soll die Judenheit in die Knie zwingen!

Ein Hundsfott, der noch beim Juden kauft, der noch einen Juden in seinem Kreis duldet!

Druck Buchdruckerei Balve, Münster Verantwortlich Aschhoff, Münster.

"Porque o Terceiro Reich de Adolf Hitler quer justiça social, o grande capitalismo judeu é o pior inimigo deste Reich e do seu Führer". — Pôster Nacional-Socialista de 1933[130]

[130] https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/muenster.htm

Bernhard Köhler

a) Reação disfarçada de ciência

Extraído de "*Mitteilungen der Kommission für Wirtschaftspolitik der NSDAP. Heft 1, 1. Jahrgang, März 1936*".

A Revolução Nacional-Socialista não foi apenas uma revolta da força política contra a ditadura da fraqueza parlamentar, mas também uma revolta do trabalho contra o domínio do capital. A política nacional-socialista é a política do Führer (Führerpolitik) e é socialista.

O sistema de privação de direitos e exploração através do domínio do capital foi o que o trabalhador alemão chamou de capitalismo. A herança do direito, a liberdade da privação de direitos e da exploração, a restauração de sua honra e igualdade, foi o que ele chamou de socialismo. Era-lhe completamente indiferente qual descrição uma erudição rejeitada pelo povo dava ao capitalismo e ao socialismo. Ele via a privação de direitos e a exploração diariamente diante dos seus olhos e não precisava de investigações científicas para vivenciá-las e vê-las.

Mas como o socialismo desapareceria, a ciência não podia prever. Pois a ciência baseia-se na pesquisa, e a pesquisa só pode investigar o que já existe. O socialismo, porém, é a vontade viva de um povo que anseia por direito e liberdade. E se essa vontade viva não for irada e nem sem objetivo o suficiente para moldar um socialismo autêntico e pleno, então a mais bela teoria e descrição científica de nada serve.

Por décadas, uma erudição pseudo-científica se esforçou para tornar compreensível ao povo alemão que o capitalismo nada mais era do que uma consequência natural do modo de economia moderno. E ela acreditou estar minando o marxismo ao tentar provar que o capitalismo era, portanto, também necessário e indispensável. Esta pseudo-ciência não conseguiu transmitir ao povo alemão a crença de que ele poderia se reconciliar com o capitalismo. E a própria *Revolução Nacional-Socialista* é apenas a prova de que o povo alemão quer ser socialista, mas não capitalista.

Se a ciência insiste em chamar de capitalista uma economia que usa capital, forma capital, emprega capital e aprova as funções e efeitos naturais do capital, então a ciência falhou em investigar as propriedades do capital. Estas propriedades não são o uso, a formação e a possibilidade de emprego do capital, mas sim a privação de direitos e a exploração como resultado do domínio do capital. É isso que o povo alemão chama e o movimento nacional-socialista chama de capitalismo.

Assim, também falamos ao povo na sua língua e fomos compreendidos pelo povo. E continuaremos a falar a língua do povo, porque nós próprios somos o povo.

As tentativas pseudo-científicas de nos descrever o capitalismo como uma instituição indispensável e útil não teriam sido empreendidas se a intenção por trás delas não fosse desviar a formação da opinião e da vontade do povo alemão do socialismo inabalável e infalível. Descreve-se o capitalismo como a mera adequação da finalidade do uso do capital e acredita-se salvar o capitalismo com a justificação do capital.

O capital não precisa ser justificado, pois nenhuma pessoa séria pensa em acusar o capital. O capital não é nem bom nem mau. Mas a superstição em um poder especial do capital é estúpida, o aproveitamento desta superstição para a subjugação do trabalho sob o capital é mau e o domínio do capital assim estabelecido sobre o trabalho é intolerável. Não existe capitalismo que ora seria justificado e decente e ora injustificado e indecente, mas onde o capitalismo surge e se torna eficaz, ele é injustificado, indecente e deve ser aniquilado.

B) Desmantelamento das caixas econômicas de poupança

Extraído de: "*Mitteilungen der Kommission für Wirtschaftspolitik der NSDAP. Heft 1, 1. Jahrgang, März 1936, pp.10"*

A redução das caixas de poupança com finalidade específica caracteriza, juntamente com outros fenômenos, a mudança na posição do crédito na economia alemã. Entre as justificativas repetidamente apresentadas para a criação das caixas de poupança com finalidade específica está a alegação de que seria necessário criar possibilidades de crédito para combater as tentativas de monopolização capitalista dos bancos. O cidadão teria direito ao crédito, e satisfazer esse direito seria uma tarefa nacional-socialista. A confusão de conceitos tornou-se ainda maior quando as caixas económicas especiais afirmaram que eram instrumentos indispensáveis para a criação de emprego, devido ao financiamento de necessidades de aquisição privadas.

Todo o ser humano tem direito a crédito. Em pouco menos de três anos, conseguiu-se fazer com que os comerciantes alemães compreendessem novamente que o seu próprio poder financeiro é melhor e mais barato do que o alheio. Além disso, ficou claro que o único meio de possibilitar o crédito justificado era a ativação do trabalho na economia alemã, ou seja, a formação de novo capital. E, gradualmente, toda a população despertou para a seguinte constatação: a revitalização da nossa economia não depende do crédito, mas sim do trabalho!

Uma das formas de manter a superstição do capitalismo era dizer que o crédito era a alma da economia. Ninguém pode culpar as pessoas comuns que, por isso, achavam que a tarefa mais importante para reanimar a economia era criar novas possibilidades de crédito. Graças a Deus, todos esses planos e fundações foram esquecidos.

Não se deve esquecer que o empenho enérgico de compatriotas competentes abriu aqui e ali caminhos úteis para criar possibilidades de crédito impecáveis, que superaram as dificuldades do período inicial. Mas a criação de possibilidades de crédito nunca deve ser considerada um princípio ou uma medida decisiva.

A nossa atenção especial está atualmente voltada para o financiamento do consumo por meio de crédito, que é totalmente inadequado do ponto de vista econômico, desde compras a crédito com subsequentes créditos do vendedor aos seus fornecedores ou ao banco, até grandes empreendimentos de financiamento do consumo, incluindo negócios a prestações. Uma propaganda enfática, incansável e sempre detalhada deve acabar com o crédito a prazo e o consumo a crédito. É uma conclusão matematicamente comprovada como enganosa ao afirmar que o financiamento do consumo estimula a produção. Na realidade, retira uma parte considerável dos montantes disponíveis para encomendas da produção e encaminha-os apenas para as fileiras dos financiadores. Além disso, qualquer estímulo à produção através do financiamento do consumo é uma autoilusão, uma vez que o consumo financiado a crédito tem de ser novamente restringido para fins de amortização do crédito.

Quanto mais rigorosamente os capitais disponíveis na economia nacional forem mantidos afastados de todas as atividades economicamente erradas, mais úteis poderão ser onde podem prestar um serviço útil: no financiamento do progresso técnico e industrial.

Mas o melhor meio de conduzir o capital à atividade que lhe compete por dever é não o utilizar para outros fins. A eliminação do crédito, do financiamento e do crédito a prazo, em particular a disputa do consumidor contra o capital emprestado, através de uma melhoria decisiva dos hábitos de pagamento, é o meio mais eficaz de forçar cada vez mais o capital a servir a economia nacional.

C) Política social e "socialismo"

Extraído de: "*Mitteilungen der Kommission für Wirtschaftspolitik der NSDAP. Heft 4, 1. Jahrgang, Juni 1936, pp.8*"

[Nota da edição do NSDAP]:

As exigências sociopolíticas e socialistas são frequentemente confundidas. No entanto, temos de salientar repetidamente a diferença entre política social e política socialista. A apresentação que se segue aborda este tema e foi retirada de uma palestra de Bernhard Köhler, cujo texto foi divulgado apenas numa versão resumida.

Não é sapato, é direito! (Nicht Schuh, sondern Recht!)

Quem assume que o trabalhador alemão necessita de uma proteção própria para não ser explorado, quem assume que o Socialismo está realizado quando se estabelece um sistema legal que protege o trabalhador alemão da injustiça, está a assumir que o povo alemão está dividido para sempre em duas classes, das quais uma não se pode proteger a si mesma e, consequentemente, necessita de proteção, enquanto a outra não necessita de proteção porque goza de privilégios. É dever de cada membro do Partido tornar claro para si mesmo, repetidamente, que tal proteção do indivíduo não é tarefa do Socialismo, precisamente porque o Socialismo não pode admitir que existam camaradas que, por natureza, são demasiado fracos e que necessitam de uma proteção própria.

Isso é o mesmo que se um povo necessitasse de uma proteção especial porque ele próprio não consegue proteger-se.

O trabalhador não é inferior por natureza, mas sim, de certa forma, acorrentado. A libertação de uma corrente, essa é a aspiração dos nossos trabalhadores. Não se pode dizer que, quando tantos por cento de liberdade são realizados, outros tantos por cento de restrição virão. Não! Liberdade que não é cem por cento, não é liberdade!

O trabalhador, quando quer ser livre, entende que não quer estar limitado na luta pela existência. Ele próprio não tem medo da luta pela existência; muitas vezes, ele está mais habituado a ela do que outros camaradas!

A questão não é proteger aquele que não pode defender-se, mas sim garantir que todos se possam defender.

Não se pode preservar o capaz através de cuidados excessivos. O capaz torna-se até incapaz quando lhe é concedido demasiado cuidado.

Sapatos apenas para quem precisa! (Schuh nur Schuhbedürftigen!)

Os compatriotas vulneráveis são aqueles que não conseguem lutar pela própria sobrevivência. Os vulneráveis são crianças, doentes, feridos e idosos.

Além disso, o povo alemão sente também o dever, precisamente por ser um povo viril, de proteger as mulheres, proporcionando-lhes sempre uma proteção cavalheiresca. Saber que as mulheres estão protegidas é a melhor garantia para a segurança e a saúde das gerações futuras.

Aqui, os líderes políticos terão de continuar a promover a «política social», se é que se quer manter esta palavra.

Política Social não significa: A assistência para o trabalhador!
(Sozialpolitik heißt nicht: die Fürsorge für den Arbeiter!)

Quem entende por Política Social a assistência para o trabalhador, revela ainda que pensa em classes.

Tal Política Social é a confissão de que ainda não temos o Socialismo.

Não se pode despachar nenhuma parte do povo com assistência, mas sim dar-lhe o mesmo Direito. E mesmo que a implementação de medidas "político-sociais" mais abrangentes seja bem-sucedida, não nos aproximamos nem um passo do Socialismo.

Socialismo é a realização do *Direito ao Trabalho*. Todo trabalhador alemão que procura trabalho, deve encontrar trabalho. Só então o trabalhador alemão se torna valoroso para a luta pela vida.

Nenhuma política social, por mais adornada que seja, será capaz de dar ao trabalhador a sensação de receber um salário justo, se não estiver nas suas mãos conseguir o salário que pode obter com o seu próprio esforço. Quem lhe pode garantir que ele obterá um salário justo? Por acaso algum ditado de Cato com tantas explicações e cálculos sonoros, que pretendem avaliar cada atividade individual, completamente sem Raízes e Integral?

Não é assim que funciona. Pois então o pobre diabo, que não aprendeu a matemática superior, não consegue sequer calcular o que tem para receber. A segurança que se deve dar a todos os cidadãos é que ele não é forçado a aceitar qualquer horário de trabalho inadequado, a segurança de que ele pode aplicar a sua força de trabalho de forma menos desfavorável, de que ele ganha o salário que é o mais baixo na economia popular, porque só os salários mais baixos podem sempre ser mantidos. Se isto for assegurado, também o salário por desempenho de níveis mais altos é possível.

Política Social e Economia Socialista (Sozialpolitik und sozialistische Wirtschaft)

Uma economia socialista, que se baseia na liberdade económica de cada camarada popular (Volksgenossen), portanto, acima de tudo, também do trabalhador assalariado, é também uma economia que não deixa nenhuma força de trabalho do povo sem emprego.

Enquanto a economia socialista ainda não estiver totalmente implementada, uma política social compensatória terá que intervir para erradicar as injustiças. Ninguém deve, contudo, imaginar que estas medidas de política social seriam atos socialistas.

D) Luta de classes e estilo de vida

O Palco de Guerra da Economia Francesa

Extraído de: "*Mitteilungen der Kommission für Wirtschaftspolitik der NSDAP. Heft 5, 1. Jahrgang, juli 1936*".

A economia francesa tornou-se agora um campo de batalha aberto. Entre as partes em disputa, o operariado de um lado e o empresariado do outro, há apenas acampamentos militares. O aumento salarial, as férias pagas e a semana de 40 horas são avaliados como uma ofensiva bem-sucedida da classe trabalhadora, e o empresariado está febrilmente empenhado em tomar medidas contra o golpe recebido.

O custo adicional nas contas salariais deve ser entre 40 e 50% para toda a indústria francesa. O governo não rejeita totalmente a compensação do custo adicional através de aumentos de preços, mas quer permitir apenas aumentos de preços "justificados". O Sr. Blum aparentemente pensa que a desvalorização monetária interna, que foi forçada pela greve politicamente favorecida, se equilibrará ao permitir que os ciclos de aumento salarial para aumento de preço, para novo aumento salarial e novamente aumento de preço, se tornem cada vez mais apertados, de modo que – teoricamente – todo o nível se estabilize em cerca de 150% da antiga paridade salário-preço.

Um governo forte teria, é claro, várias possibilidades para amortecer os efeitos negativos de uma manipulação mal iniciada. No entanto, também seria um pré-requisito que as conexões eternamente válidas de uma economia nacional fossem corretamente compreendidas. Inicialmente, isso não parece ser o caso. O governo Blum manipula a economia francesa, partindo de grandezas que, por si só, não são grandezas fixas da economia nacional. O efeito sobre a agricultura francesa em breve mostrará as falhas do que teoricamente parecia ser um experimento de grade de força tão óbvio.

O Salário deve estar em relação fixa com o preço do pão!

O salário é uma grandeza fixa apenas se estiver em relação fixa com o pão. Não se pode exigir de um marxista a compreensão deste conhecimento, que, no entanto, uma vez que se o apreende, parece tão simples que não se consegue mais acreditar que se pensou de outra forma. A necessidade de construir toda a política econômica na Alemanha sobre uma política de preço de alimentos direta e propositalmente orientada torna-se novamente fortemente evidente com esta consideração.

O Sr. Blum declarou que não deve ter o papel de um [Alexander] Kerenski, que ele saberá como manter o bolchevismo sob controle; isso é discutível. No entanto, ele também pode ter querido dizer que, se necessário, ele próprio levará a cabo a bolchevização.

O Nível Salarial do Trabalhador Francês

O agravamento que a economia francesa sofre para dentro e para fora através do esforço de greve é tão grande que a classe trabalhadora francesa não deve se alegrar com a sua vitória. Se tivéssemos feito tudo o que está nas nossas mãos, dada a situação de nossos trabalhadores franceses, para melhorar as suas condições de vida e trabalho, eles há muito poderiam ter alcançado o que os nossos trabalhadores alemães só agora buscam alcançar no caminho da luta de classes.

Com o aumento salarial, o trabalhador francês alcança um custo de vida externo, que ele, por exemplo, é superado pelos seus colegas alemães em cerca de 40%.

Na implementação das férias pagas, podemos até reconhecer uma imediata imitação do modelo nacional-socialista por parte deles. A semana de 40 horas, por outro lado, é apenas um agravamento adicional da economia francesa, o que significa que se trabalha menos e, apesar de se consumir mais, o povo não ficou mais rico.

A Condição de Vida do Trabalhador Alemão

O efeito propagandístico das conquistas nacional-socialistas sobre a opinião pública e sobre os trabalhadores de outros países não pode ser subestimado. Também os trabalhadores ingleses, franceses, americanos, italianos, espanhóis, polacos, etc., não são de forma alguma uma massa uniformemente marxista, mas sim, na sua maior parte, personalidades com qualidades que os tornam não totalmente alheios a nós.

E embora a censura mais rigorosa do serviço de notícias e informações judaico ainda filtre isto, a verdade sobre a ascensão social e económica do operariado alemão no estrangeiro logo se tornará conhecida.

O Congresso de Lazer da DAF dará um poderoso impulso, no que diz respeito às prerrogativas no estrangeiro, à política social nacional-socialista.
A política económica e social — particularmente as conquistas prontas da DAF, em especial nas empresas da Organização Força pela Alegria (KdF) – são notáveis, porque são muito amplas e, com o melhor sucesso, conseguem organizar empresas que trazem um benefício individual a muitos para a sua satisfação. O Dr. Ley descobriu aqui possibilidades de enriquecimento económico que teriam atraído as grandes empresas se elas se tivessem dedicado a isso. A KdF abriu assim uma nova área para a economia que é indispensável para a sua saúde.

A hostilidade contra os alemães

Os efeitos sociais e políticos dessas iniciativas interessam naturalmente aos nossos adversários, e não é de admirar que toda a internacional judaica, liderada pelo comunismo soviético, esteja a tentar minar os seus esforços. Eles contam com o facto de que certas memórias e resquícios da divisão marxista-capitalista do povo alemão ainda assombram, e tentam aproveitar isso com a sua contrapropaganda.

As críticas contidas na nova Constituição soviética e na sua interpretação pela emissora de Moscovo contra o nacional-socialismo são claras. Da mesma forma, as reivindicações dos grevistas na França, na Bélgica, na Espanha ou as reivindicações dos comunistas para as eleições presidenciais americanas também devem ser entendidas como propaganda.

Os adversários também sabem muito bem que o povo alemão só pode ser derrotado se estiver dividido e não perdem a esperança de que os antigos impulsos e ideias da luta de classes possam voltar à vida.

É assim que devem ser entendidas as estranhas ondas de otimismo e descontentamento que de vez em quando percorrem a Alemanha: as reclamações sobre os preços, as queixas sobre a Frente Alemã do Trabalho, a psicose de acumulação de tecidos, linhas de costura, sabão, etc., a agitação sobre os lucros das empresas e os salários elevados, o apelo ao limite de mil marcos e coisas semelhantes. Essas ondas não surgem por si mesmas. Não é difícil adivinhar quem atirou a pedra na água para criar as ondas.

A Questão dos Lucros Empresariais

Para aqueles que entendem a política econômica nacional-socialista e sabem não apenas como ela é feita, mas também para onde caminha, não é preciso sequer dizer que, mesmo os maiores lucros empresariais hoje, teriam sido um evento completamente sem efeito e sem significado no tempo do capitalismo. O lucro de uma empresa, incluindo a participação final nos lucros, é, numa economia socialista, nada mais do que uma espécie de crédito que é concedido pela economia nacional ao recebedor, na expectativa de que ele comece a fazer o uso correto e benéfico para a comunidade.

Apenas marxistas obtusos precisam imaginar a direção política dessas receitas na forma de confiscos estatais, tributações pesadas e outras intervenções. O desejo por tais intervenções visíveis de fora cheira frequentemente a ódio de classe e luta de classes. Muitos ainda não conseguiram superar o desejo de que o empresário pudesse ser vigorosa e sensivelmente esmagado!

Meu Deus, como se o empresário numa economia nacional-socialista pudesse levar uma vida fácil! As exigências que colocamos a um empresário são tão altas, e a disposição de apoiá-lo quando ele não consegue cumprir essas exigências é tão baixa, que as desculpas sob ele se tornam cada vez mais acentuadas e a conversa sobre um explorador às custas do povo ou de uma parte do povo não é mais válida.

Para uma verdadeira consideração socialista da economia nacional, nem mesmo as restrições e intervenções que devem ser realizadas atualmente são tão importantes. Muito mais importante e mais incisiva é a inversão da relação política entre Capital e Trabalho, que força o empresário a colocar-se resolutamente ao lado do Trabalho.

Existe, dizem eles, o que não é verdadeiro e que, se nos ativermos à ideia, permanecerá como era, que foi o caso, não é grande infelicidade. E se se sentirem suficientemente infelizes, a sua incompreensão, a sua irritação e o seu escasso conhecimento dos fatos são abertamente exibidos, o que não os torna particularmente trágicos. A pessoa desvia-se, na maioria das vezes, do erro e entrega-se, no resto, à ridicularização do trabalhador que ganha o seu salário.

Altos Salários para Trabalhadores Qualificados

Mais significativo é, no entanto, o fato de que tanto o desempenho qualificado como o trabalho como tal já gozam de uma alta estima através de tal diversificação. Quando o trabalho de procura não é silenciado e o desempenho qualificado é pago com salários que pressupõem estudos acadêmicos anteriores e um longo período de serviço, então isso pode ser muito lucrativo de uma perspectiva da economia da revolução socialista. Pelo contrário, tal desvio, avaliações tão lucrativas do trabalho como infrações à conjuntura, é considerado. Não pensamos nisso para chamar aos altos salários, que são pagos, por exemplo, a trabalhadores de caldeiras, de “injustos”. Na nossa opinião, esta decisão de compensação é sentida como muito justa e está em plena conformidade com as intenções e o requisito que estão ligados à batalha pelo trabalho.

O Salário Mínimo de Desempenho na Autobahn (Autoestrada)

Do mesmo modo, é justo apenas nas profissões em que, devido a um excesso de oferta, se procuram salários muito baixos, que o trabalhador, fugindo do trabalho e das oportunidades de emprego, seja melhor pago. É até uma ação diretamente planeada do efeito de construção da Autobahn (Autoestrada), quando trabalhadores de pedreiras, fábricas de tijolos, etc., migram para lá, porque o salário padrão pago na Autobahn é melhor do que o que tinham anteriormente.

Isto corresponde exatamente aos requisitos que, através de um direito ao trabalho puramente prático, dão ao trabalhador que recebe o salário pago na Autobahn um salário normal de desempenho que tem impacto em todos os outros salários. Se as empresas quiserem manter os seus trabalhadores, têm de pagar os salários correspondentes. Ao fazê-lo, são, naturalmente, forçadas a compensar o aumento da carga através de uma melhor organização operacional e de produção. E disto resulta uma relação mais clara e melhor entre empregador e trabalhador, na qual ambos se encontram na empresa com o mesmo equilíbrio de direitos e deveres.

Aumento do Poder de Compra através da Segunda Batalha pelo Trabalho

É a partir daqui, no entanto, que surge também a coerção econômica nacional e socialista à racionalização, que visa uma organização operacional que evite qualquer desperdício desnecessário e que, entre outras coisas, não exija trabalhadores desnecessários e, portanto, mal pagos na empresa.

Somente por este caminho é que o aumento do poder de compra dos rendimentos baixos é possível. Já expliquei muitas vezes por que é que os níveis de rendimento mais baixos não podem, logo à partida e em grande medida, sentir o aumento do desempenho nacional na forma de um aumento dos seus padrões de vida. Se quisermos ver as coisas corretamente, as medidas que, naturalmente, só puderam ser tomadas a título de ensaio e para um período de tempo ainda mais ilimitado no caso da Rádio do Povo (Volksempfänger), devem ser entendidas como um princípio de toda a economia industrial. O que foi alcançado com o Volksempfänger com a ajuda de um desejo especial do governo, e o que também acontecerá com o Carro do Povo (Volkskraftwagen) por ordem muito específica do Líder (Führer), desenvolver-se-á cada vez mais como um princípio de planeamento e empresarial da economia livre.

A economia livre, de fato, não pode fazer nada senão ajustar-se a isto, se não quiser ser esmagada. E a consequência deve ser que não só objetos como o Volksempfänger e o Volkskraftwagen, que não eram particularmente adequados para iniciar tal desenvolvimento por parte da liderança política, mas também toda a gama de bens de consumo diário será submetida a este desenvolvimento. Isto significa que as classes salariais mais baixas não precisam de ser alteradas

monetariamente, mas que uma progressiva redução de preços aumentará o poder de compra destes salários e rendimentos.

A política econômica do Nacional-Socialismo é tão simples e tão clara neste aspecto que o sucesso pode ser previsto com certeza; com a mesma certeza com que pudemos afirmar, antes da tomada do poder, que a nossa política transformaria o desemprego em falta de trabalhadores.

Não é de todo necessário tentar acelerar este desenvolvimento através da impaciência e de exortações ao governo. Não é mais rápido do que está a acontecer na realidade, e qualquer tentativa de interferência, por exemplo, sob a forma de experiências de poder de compra, apenas o atrasaria.

Liberdade é Mais do que um Padrão de Vida Luxuoso!

Precisamente as questões do rendimento e do padrão de vida são repetidamente confundidas por noções pouco claras e orientações falsas. Isto é compreensível, pois durante cem anos ensinou-se ao povo a pensar materialistamente e, além disso, o rendimento é a expressão visível da valorização que o próprio desempenho recebe aos olhos da comunidade do povo.

Consequentemente, faz parte do conceito de Socialismo que os seus efeitos econômicos também correspondam à elevação social daqueles que antes estavam privados de direitos.

Temos de sublinhar repetidamente e mostrar sempre que duas coisas estão intimamente ligadas:

Mais importante do que o padrão de vida mais luxuoso é a liberdade do povo, o direito irrestrito e o ensino irrestrito de cada membro da nação, e a garantia da comunidade nacional para o espaço onde cada indivíduo pode desenvolver o seu desempenho.

Inelutáveis, no entanto, são simultaneamente as repercussões econômicas de uma ordem social em que prevalecem o direito, a liberdade e o bem comum.

Assim, por muito que o padrão de vida exterior não seja a personificação do Socialismo ou o objetivo da reivindicação socialista, é certo e inelutável que será criado pela política econômica socialista como uma consequência econômica do Socialismo.

E) Racionalização da economia popular

Extraído de: "*Mitteilungen der Kommission für Wirtschaftspolitik der NSDAP. Heft 5, 1. Jahrgang, juli 1936 pp.10*".

Quem realmente conhece a literatura nacional-socialista sabe que as exigências que resumimos sob o conceito de "racionalização da economia nacional alemã" (Rationalisierung der deutschen Volkswirtschaft) sempre tiveram um papel importante para nós.

Racionalização significa: refletir, planejar e organizar a atividade econômica do povo alemão, a produção e a utilização de bens, de modo a obter o maior benefício possível para o povo, e não se limita, de forma alguma, a melhorias técnicas, instalação de máquinas e economia de mão de obra humana. O programa de racionalização da economia alemã abrange a eliminação de todas as fontes de perda, onde quer que elas ocorram.

A fonte de perda mais importante e perigosa, porém, continua sendo o desemprego. Um cidadão que pode trabalhar, quer trabalhar e procura trabalho em vão é uma perda econômica insuportável e, além disso, uma prova de que a injustiça e a loucura do capitalismo ainda não foram totalmente erradicadas. Por isso, o direito ao trabalho para cada cidadão é, ao mesmo tempo, a exigência fundamental para a racionalização da economia alemã.

Mas, com base nesse princípio, visto sob a perspectiva correta, ergue-se uma estrutura quase inabrangível de necessidades para uma melhor rentabilidade. Produção, distribuição e utilização de bens, instalação, manutenção e renovação de meios de produção, habitação, transportes e crédito, gestão empresarial e administração pública – todos eles apresentam fontes de perdas embaraçosas que têm de ser eliminadas.

Desde o combate às pragas das nossas culturas, passando pela eliminação das perdas na colheita e no transporte da colheita, até ao armazenamento, envio, distribuição e, finalmente, consumo dos alimentos, há uma série de possibilidades de racionalização importantes, que já apresentámos durante o período de guerra com exemplos numéricos convincentes e que hoje o

Reichsnährstand (Departamento de Alimentação do Reich) persegue com ações generosas e muito adequadas.

A obtenção de novas terras férteis a partir de terras baldias, a proteção de áreas ameaçadas contra inundações, a drenagem de terras húmidas e a irrigação de terras secas, o aumento do rendimento através de uma fertilização cuidadosa e sensata, a seleção e o cultivo de variedades excelentes e a melhoria das existentes: Estas são, em parte, tarefas do Reichsnährstand (Departamento de Alimentação do Reich), em parte do Arbeitsdienst (Serviço de Trabalho) ou da administração pública.

Atualmente, toda a gestão hídrica do Império Alemão ainda se encontra nos primórdios de um planejamento e organização razoáveis. Estreitamente ligada a isso está a luta contra os danos causados por incêndios, que, por sua vez, remete para a grande área da prevenção de perdas em instalações e edifícios.

A prevenção ou a recolha e valorização de resíduos também está a progredir a passos largos, tanto nos lares como em toda a indústria.

É aqui que se insere a racionalização técnica das empresas, que em algumas áreas ainda está em fase embrionária e que deve ser decididamente impulsionada, se não quisermos, num futuro relativamente próximo, ver o nosso nível de vida e a nossa capacidade de defesa limitados por falta de mão de obra.

A organização das empresas e uma melhor visão geral das operações também fazem parte disso. Ao mesmo tempo, isso permitirá obter melhores resultados e substituir produtos de baixa qualidade por produtos duradouros. A baixa qualidade é uma das fontes de perda mais abomináveis da economia nacional. Ela rouba o dinheiro do bolso do comprador e impede a prosperidade do povo.

A liquidação de dívidas antigas e a prevenção do endividamento são outras tarefas importantes e extremamente úteis da racionalização da economia nacional. São poucos aqueles que não participam nisso e não podem obter benefícios diretos para si próprios.

A melhoria da construção e a recuperação das condições de habitação conduzem então à grande área da racionalização económica, que se baseia na preservação da saúde pública.

Isto inclui também a melhoria dos locais de trabalho e das condições sanitárias nas empresas, a prevenção de acidentes e a correta organização e estruturação do tempo livre.

Todas estas medidas têm um efeito muito útil e desejável na simplificação dos vários ramos da administração. Tanto a administração das empresas como a administração do sistema de crédito, bem como a administração dos seguros e a administração pública, beneficiarão grandemente com isso e poderão ser organizadas de forma mais económica. As poupanças assim obtidas podem ser imediatamente utilizadas para aumentar o rendimento e a qualidade de vida da população através de novos empregos.

Acrescentemos ainda a melhoria, aceleração, redução de custos e regulamentação dos transportes, que não só trazem vantagens econômicas diretas, mas também, indiretamente, preservam valores humanos e económicos através da prevenção de acidentes, evitam destruições desnecessárias e disponibilizam mão de obra para novas construções em vez de reparações e substituições prematuras. temos uma imagem aproximada do que se entende por «racionalização da economia nacional».

Na revista «Heft & der Zeitschrift für Organisation», compilada por Peter A. Schlenzka, alguns destes ramos são descritos com mais pormenor.

A exigência de racionalização da economia nacional, como tudo o que é necessário e razoável para a vida, não é em si uma invenção nova, algo que nunca tenha sido pensado antes. Mas é importante compreender que todas essas muitas ações individuais diferentes, cada uma das quais deve encontrar o seu promotor competente e entusiasmado, devem ser entendidas como a busca de um grande objetivo que coincide totalmente com a tarefa da política econômica nacional-socialista.

F) Racionalização do comércio externo

Extraído de: *"Mitteilungen der Kommission für Wirtschaftspolitik der NSDAP, Heft 9, Jahrgang 1, November 1936, pp.5".*

[Nota da edição do NSDAP]:

A concretização da liberdade econômica do nosso povo irá inevitavelmente alterar o nosso comércio externo. No entanto, a liberdade econômica, como exigência programática da segunda batalha do trabalho, não deve de forma alguma significar o abandono ou mesmo a restrição das nossas relações econômicas externas.

Concorrência razoável!

A concretização da liberdade econômica do nosso povo irá, necessariamente, alterar o nosso comércio externo. No entanto, a liberdade econômica, como exigência programática da segunda batalha pelo trabalho, não deve, de forma alguma, significar o abandono ou mesmo a restrição das nossas relações económicas externas.

Não é bom para os negócios se o meu trabalho estiver em concorrência com o trabalho de outros que estão dispostos a cobrar menos do que eu. Alguns acham que, nesse caso, teríamos de nos restringir. Nós achamos que o povo alemão só deve restringir-se na medida em que isso for necessário para o seu próprio bem, mas não para aumentar os negócios que outros querem fazer.

Portanto, não achamos que o povo alemão deva baixar o seu nível de vida para se manter competitivo no mercado mundial. Não corresponde à concepção que o povo alemão tem da sua dignidade e do valor do seu trabalho entrar na concorrência do baixo custo, ou seja, do baixo nível de vida, em vez de entrar na concorrência do desempenho.

"Temos tanto para fazer por nós próprios, podemos aplicar o nosso trabalho de forma tão proveitosa para nós próprios, que não precisamos de o oferecer no mercado mundial a preços de saldo".

"Para que o comércio mundial faça sentido, cada povo deve oferecer aos outros povos o melhor que tem para oferecer, e não todos produzirem o mesmo e, numa enorme sobreprodução, apenas aceitarem o que beneficia os outros, porque, caso contrário, destroem a sua própria economia". (Sklavenarbeit oder Welthandel?, Leipziger Frühjahrsmesse 1936)

Tudo tem um fim.

Por isso, nem experiências monetárias nem experiências salariais para aumentar a nossa competitividade no mercado mundial são uma opção, mas sim um aumento sólido do nosso desempenho. Este aumento de desempenho pode refletir-se tanto no valor superior dos nossos produtos como em preços competitivos. No entanto, a análise dos benefícios econômicos obtidos no comércio externo também pode levar à conclusão de que os negócios continuam a ser maus.

O melhor volume de negócios não nos serve de nada se nele estiverem embutidas perdas. Todo o investimento tem um fim e, mesmo que possa ser suportado sem destruir o negócio, contraria uma saudável reflexão comercial para investir quando isso pode ser evitado.

Recomendaram-nos como única saída para criar trabalho para os fiandeiros e tecelões alemães que oferecêssemos o nosso trabalho tão barato no mercado mundial que ele substituísse outros trabalhos e nos permitisse comprar matérias-primas suficientes. Afirmou-se, portanto, que teríamos de desperdiçar o nosso trabalho para poder dar pão a todos os nossos compatriotas. Não se afirmou nada mais do que o povo alemão teria de trabalhar como escravo para não morrer à fome.

O trabalho escravo destrói o comércio mundial

"*O trabalho escravo é barato. O trabalho escravo tem de ser mais barato do que o trabalho dos homens livres em todo o mundo. O trabalho escravo tem de perturbar os mercados em todo o mundo, destruir os cálculos, paralisar as indústrias, expropriar os empresários e privar os trabalhadores dos seus direitos*."

Este é o sentido da escravidão bolchevique imposta ao lamentável povo russo e que, em segundo lugar, deveria recair sobre o povo alemão. No final deste

processo, teria ocorrido a bolchevização da Alemanha, o que teria dado aos destruidores internacionais dos povos um novo instrumento para lutar contra os povos ainda saudáveis.

Se o plano tivesse sido bem-sucedido, também na Alemanha um movimento stakhanovista teria criado condições de produção com as quais nenhum povo da Terra poderia competir, a menos que renunciasse a toda a cultura e a todo o nível de vida mais elevado. A concorrência no comércio mundial acabaria por se tornar nada mais do que uma corrida pela moeda mais baixa, pelas menores exigências culturais, pela disposição para a exploração mais implacável dos povos". (Sklavenarbeit oder Welthandel?, Leipziger Frühjahrsmesse 1936)

A escravidão jurídica leva à exploração

Além da indignidade de tal procedimento, ele também é economicamente errado. Mantê-lo custa mais a cada pessoa que quer ganhar o seu sustento na pátria. A pressão de um aumento, mesmo que lento, da população levaria a um agravamento das condições em que o povo alemão tem de trabalhar. Seria forçado a renunciar ao seu crescimento, porque, nas circunstâncias da escravidão, não consegue ganhar o suficiente para alimentar os seus filhos.

O natural é que um povo viva melhor quanto mais força de trabalho tiver. Um povo livre é mais rico quanto mais numeroso for. Um povo escravizado fica mais pobre quanto mais bocas tiver de alimentar.

Se a política econômica nacional-socialista não ousasse seguir caminhos totalmente novos, a escravidão nunca teria fim. Se o Führer não soubesse calcular melhor do que os grandes teóricos da desvalorização e os profetas da redução salarial, então não teríamos uma política econômica nacional-socialista, mas sim capitalista.

Chega de negócios deficitários para o nosso povo!

Enquanto o fio estiver nas mãos de estrangeiros, será tão grave como se o cesto do pão estivesse nas mãos de estrangeiros. Pois também esse pode ser colocado tão alto que mal conseguimos alcançá-lo. Enquanto só pudermos trabalhar

quando o mundo económico nos permitir, teremos de pagar, de alguma forma, por essa dependência, por mais bem escondida que seja.

Agora não é o momento certo, mas daqui a quatro anos será oportuno indicar os pontos em que perdemos dinheiro.

Não é necessário divulgar ao mundo inteiro onde e como pretendemos fazer melhores negócios. Por enquanto, basta declarar que consideramos as perdas financeiras do povo alemão absurdas e indignas e que as eliminaremos com a mesma determinação com que eliminamos a dependência do trabalho em relação ao capital mundial.

G) Dependência da política econômica alemã em relação à economia mundial?

Extraído de: "*Mitteilungen der Kommission für Wirtschaftspolitik der NSDAP, Heft 10, Jahrgang 1, November 1936"*.

Na hora certa, os obstáculos e os espinhos contra o avanço da consciência nacional-socialista se revelam repetidamente. Isso é uma sorte, pois, caso contrário, poderia parecer que, com a nossa perseguição incessante de ideias reacionárias mais ou menos camufladas, estávamos a atacar adversários imaginários, talvez para não ter de abandonar o doce hábito dos ataques retóricos ou literários da época de luta (Kampfjahr). Infelizmente, porém, muitos jornais nos mostram como é necessário esclarecer até mesmo os pressupostos mais primitivos da política econômica nacional-socialista.

De que depende nosso trabalho em relação à exportação?

Em uma revista, de outro modo muito boa e escrita sobretudo com a melhor das intenções, lê-se em um artigo sobre o "alcance da política conjuntural ativa do Estado" que

> "o restante do mundo, com os meios de tarifas alfandegárias exageradas, contingentes de importação e proibições de importação, concluiu um intercâmbio de bens muito maior e que, por isso, o suprimento de matérias-primas da Alemanha está fortemente limitado."

A esta observação, correta em si mesma, segue a seguinte frase:

> "O alcance da política conjuntural ativa do Estado deve levar em conta todas essas circunstâncias da economia mundial. Se não o fizesse, com um grau de emprego da economia ainda mais elevado do que o atual, logo se notaria uma falta de matérias-primas, tornando inevitáveis os aumentos gerais dos preços na economia... Portanto, se o trabalhador deve manter o atual padrão de vida, o limite da política conjuntural ativa do Estado — e, assim, de seu respectivo endividamento — é determinado pelo grau em que, por meio de uma política ativa de exportação, podem ser obtidas as divisas necessárias para a importação das matérias-primas."

Essas considerações formam a resposta a uma questão levantada em uma coluna anterior:

> "Se, por meio de sua política conjuntural ativa, o Estado pode reintegrar ao processo de trabalho pessoas antes desempregadas, pergunta-se por que essa política ativa, voltada para a eliminação do desemprego, não pode ser ampliada a ponto de desaparecer o último desempregado do mercado de trabalho."

O autor quer dizer, portanto, que o abastecimento limitado de matérias-primas, em consequência da exportação restrita, é a causa de ainda hoje não terem desaparecido todos os desempregados. Em outras palavras, a possibilidade de o trabalhador alemão viver do seu trabalho depende de que o estrangeiro faça as encomendas necessárias conosco. E se isso não acontecer, o povo alemão terá de cruzar os braços ou oferecer o seu trabalho nas condições que o estrangeiro nos ditar, para que o estrangeiro se decida a fazer encomendas.

Por acaso, o autor é um membro do partido cuja boa-fé, boa vontade e convicção genuína são inquestionáveis. Por isso, é ainda mais importante deixar claro que as suas afirmações são factualmente erradas e politicamente devastadoras.

Quanto ao aspecto factual: onde está escrito que temos de empregar os trabalhadores ainda por contratar em indústrias que utilizam matérias-primas estrangeiras? Além disso, onde está escrito que o aumento do consumo de bens que esses trabalhadores compram com os seus salários agora novamente merecidos tem de consistir necessariamente em bens que até agora eram produzidos com matérias-primas estrangeiras?

Gestão mais sensata dos nutrientes!

Não há dúvida de que é uma tarefa difícil, mas que pode ser realizada com determinação, satisfazer a crescente procura de bens de consumo dos nossos concidadãos, que agora voltaram a ter poder de compra, sem aumentar as importações. Isso pode exigir muita reflexão e discussões acaloradas entre os diferentes ministérios. Mas é para isso que os ministérios existem, para resolver tais tarefas e encontrar uma solução uniforme, mesmo quando há motivos contraditórios. Não há dúvida de que, além da produção de bens para os quais

precisamos de matérias-primas estrangeiras, poderíamos também realizar uma série de projetos para os quais não precisamos delas. Consequentemente, não é correto atribuir a culpa pela falta de matérias-primas ao desemprego que ainda persiste. Isso é confundir um facto fundamental com uma situação momentânea, determinada pelas tarefas particularmente urgentes do Reich e pela estrutura atual da economia alemã. É claro que seria um alívio extraordinário para nós se pudéssemos adquirir as matérias-primas habituais em quantidades ilimitadas e, consequentemente, produzir tubos de aço, ligas de níquel, pneus de automóvel, roupa interior de algodão e tecidos para vestuário, etc., também em quantidades ilimitadas. Pois assim poderíamos estabelecer e executar um programa de produção como se tivéssemos as matérias-primas necessárias à nossa disposição no nosso próprio país. Não teríamos então de suportar dolorosas medidas de gestão, redução do horário de trabalho e vários outros fenómenos incómodos e, naturalmente, poderíamos também empregar muitos homens e mulheres nas produções que, nas circunstâncias atuais, poderiam ser reintegrados nas suas profissões habituais.

A questão não é o desemprego, mas sim a falta de trabalhadores qualificados!

Isso não significa, porém, que esses mesmos compatriotas não possam fazer outra coisa e que não tenhamos trabalho para eles. Talvez ainda não se tenha espalhado suficientemente a notícia de que, precisamente em alguns setores em que é necessário fazer uma distribuição muito rigorosa das matérias-primas, a necessidade de mão de obra é especialmente grande e que muitos tiveram de ser formados ou requalificados para preencher vagas nesses setores. Em muitos casos, a oferta de oportunidades de requalificação profissional permitiria a muitos desempregados encontrar rapidamente um emprego!

Uma razão objetiva para o facto de ainda parecer existir um número considerável de desempregados é que, em muitos casos, é muito difícil levar os desempregados locais a um local onde haja trabalho, além disso, um grande número de desempregados ainda não compreendeu quão poucas perspetivas a sua profissão anterior lhes pode oferecer e também que os salários pagos estatisticamente incluem um grande número de pessoas com capacidade de trabalho limitada. Poderíamos realizar uma série de projetos e fá-lo-íamos se tivéssemos à nossa disposição o tipo de trabalhadores adequado onde

precisamos deles. Basicamente, o financiamento de um novo trabalho é possível desde que eu consiga reunir um homem com os meios de trabalho necessários!

Na prática, isso significa que podemos continuar a financiar novos trabalhos desde que tenhamos pão suficiente no país para todos os nossos compatriotas. A única restrição a uma política econômica autodeterminada para eliminar até mesmo o último desempregado seria a fome real. Mas enquanto não formos levados à fome, poderemos continuar a criar trabalho, mesmo que isso ocasionalmente perturbe o bem-estar daqueles que não gostam de abrir mão de um certo estilo de vida mais elevado!

A nossa política econômica é então uma «política conjuntural ativa»?

Muito mais grave do que o erro factual é, porém, o erro político cometido pelo autor. E foi precisamente por ter caído neste erro político que ele não conseguiu chegar ao fim da questão factual. Nesta ocasião, torna-se simultaneamente evidente o mal que causou o fato de a política económica nacional-socialista ter sido caracterizada como «política conjuntural ativa». Será então política nacional-socialista aquela cujos limites são definidos pela medida em que o estrangeiro aceita os nossos produtos ou pela medida em que estamos dispostos a cumprir as condições do estrangeiro?

Nunca afirmamos estar isolados numa ilha ou ser capazes de derrubar paredes com a nossa força, embora, ocasionalmente, paredes inteiras de estupidez tenham cedido e desmoronado quando contra elas nos lançámos. Sabemos muito bem que não temos autoridade para além das fronteiras do nosso império e que, consequentemente, no comércio internacional de mercadorias, dependemos sempre da boa vontade dos nossos parceiros comerciais estrangeiros. Se eles não estiverem dispostos, o negócio não se concretiza. Mas é precisamente por isso que a liderança política do povo deve escolher os seus objetivos de forma a garantir que o seu projeto seja realizado em todas as circunstâncias. Se se afastar deste princípio, estará a transferir o comando político para o estrangeiro. Estará a tornar os seus compatriotas e a sua subsistência dependentes da boa vontade do estrangeiro. E por mais que gostássemos de empregar a nossa força de trabalho através do aumento das exportações, não é verdade que isso só seja possível através das exportações e que, por isso, estejamos dependentes da boa vontade do estrangeiro.

A sobrevivência do nosso povo depende da nossa própria força.

Pois, como exposto acima de forma objetiva, poderíamos eliminar completamente o desemprego com os nossos próprios meios, se essa eliminação do desemprego fosse ainda viável com os métodos que podíamos aplicar quando dispúnhamos de recursos ilimitados. Politicamente, porém, não podemos, em hipótese alguma, permitir que ressurgir a crença que animou o passado, de que poderíamos basear a nossa política, em parte, na boa vontade do exterior e, em parte, no nosso bom comportamento em relação a ele.

Não podemos fazer isso. É preciso romper com o nacional-socialismo e com a estratégia, se as considerarmos dependentes das suas decisões reais, pois o princípio estratégico básico de toda a política nacional-socialista é visto a partir das «realidades da economia mundial». É claro que, em casos específicos, temos de orientar as nossas medidas pelo fato de uma parte considerável da nossa economia estar dependente do comércio internacional de mercadorias. Temos de lidar repetidamente com as dificuldades que daí advêm, temos de procurar superá-las e, se isso não for possível, temos de nos conformar, mas nunca podemos cruzar os braços e dizer: como o estrangeiro não quer, chegámos até aqui e não podemos ir mais longe.

Pois, se isso fosse verdade, todos aqueles que acreditam que o nacional-socialismo, com a sua proclamação do direito ao trabalho para todos os compatriotas, teria cometido uma experiência perigosa, romântica e, em última análise, inviável, estariam certos. Teriam razão aqueles que afirmam que a sobrevivência de um povo não depende da sua própria força e vontade, mas da tolerância, da misericórdia e da aprovação da economia mundial. E teriam razão aqueles que, com um sorriso diabólico, aguardam ansiosamente o momento (e, por isso, o propagam sempre como inevitável, para que chegue mais facilmente) em que o povo alemão, por não saber outra saída, se submeta novamente às amarras do capitalismo internacional.

Esse é o pano de fundo de todas as argumentações que apontam para a dependência da economia mundial e utilizam as dificuldades técnicas que a nossa luta pela liberdade enfrenta para as apresentar como realidades fundamentais. A questão é simplesmente saber se o povo alemão está certo ao proclamar a liberdade socialista do seu trabalho, ou se o capitalismo

internacional está certo ao afirmar que o trabalho alemão está eternamente condenado à escravidão.

Aqui não pode haver encobrimento nem quebra da linha reta. Para realizar a recuperação económica em consonância com a economia mundial, não precisávamos de uma revolução nacional-socialista. Mas fizemos uma revolução nacional-socialista porque tínhamos de lutar pela liberdade do povo alemão.

H) Sobrevalorização e subvalorização do mercado de capitais

Extraído de: "*Mitteilungen der kommission für Wirtschaftspolitik der NSDAP, Heft 2, Jahrgang 2, Januar 1937*".

O sucesso da primeira batalha do trabalho mostrou que a exigência nacional-socialista de que a reconstrução da economia não depende principalmente do capital, mas do trabalho, não é uma utopia. Também na luta pela independência alemã em termos de matérias-primas, o trabalho de todo o povo será decisivo.

Ao longo da história, mas especialmente no período entre o colapso e a ascensão do nacional-socialismo, o mercado de capitais foi consideravelmente superestimado. Manipulá-lo corretamente e, se necessário, mobilizá-lo para fins de política econômica parecia ser a maior de todas as artes da política econômica.

A causa dessa supervalorização reside na concepção capitalista de que o capital determina o trabalho, que sem capital não é possível trabalhar e que só se pode trabalhar na medida em que se dispõe de capital. Se se acredita nessa superstição, é natural que a produtividade, o clima e, em geral, todas as condições do mercado de capitais sejam considerados decisivos para a vida económica do indivíduo, de uma nação e do mundo inteiro.

Não são apenas os detentores e beneficiários do poder capitalista que têm interesse em manter essa superstição, mas também, naturalmente, todos os seus seguidores comerciais, jornalísticos e científicos. É por isso que, ainda hoje, ocasionalmente encontramos questões de financiamento da política económica

nacional-socialista tratadas sob a perspectiva de que o cuidado e o tratamento adequados do mercado de capitais — e, acima de tudo, a sua disposição, o seu bom humor, a sua confiança — são de importância decisiva para a nossa gestão económica.

O fato de o público acreditar nisso é, naturalmente, do interesse daqueles cuja tarefa é manipular o mercado de capitais e, se necessário, utilizá-lo para fins estatais; pois quanto mais difícil a sua tarefa parecer, maior será o seu desempenho, maior será também a sua reputação e fama. Pode até haver pessoas que ainda não perceberam que uma nova era surgiu e eliminou a importância decisiva do mercado de capitais, que de qualquer forma se baseava apenas numa mentira e na privação dos direitos dos trabalhadores.

Com a ascensão do nacional-socialismo ao poder, a relação entre capital e trabalho foi completamente invertida, ou seja, corrigida:

Não é o capital que determina o destino do trabalho, mas sim o trabalho que determina o destino do capital.

Se os nossos contemporâneos compreendessem melhor a essência do capital, da política, do socialismo e da política económica do que realmente compreendem – apesar de falarem incessantemente sobre isso –, o feito histórico mundial da batalha nacional-socialista pelo trabalho como batalha decisiva do socialismo já teria se tornado claro há muito tempo para o grande público. Pois o seu início não foi nada mais do que a denúncia da escravidão ao capital em si. Não apenas em relação ao capital internacional e a alguns diretores de bancos judeus, mas de forma geral e fundamental: ao capital em geral. O que resultou na vantagem, para quem pensa de forma racional, de que não precisávamos destruir esse capital financeiro recém-destronado em nenhuma de suas formas de manifestação, já que estávamos prestes a subjugá-lo e submetê-lo à nossa vontade — e, se necessário, forçá-lo.

Para que servem os títulos?

O fato de o governo nacional-socialista ter recorrido ao capital privado investível para fixar os adiantamentos que concedeu à economia nacional entre rendimentos e desempenho não tem nada a ver com o apelo anteriormente

habitual ao mercado de capitais para financiar as tarefas do Estado. Supondo que, por qualquer motivo, tivéssemos considerado esse procedimento questionável ou inadequado, não teríamos ficado em apuros quanto à forma de cobrir os adiantamentos recebidos.

Na realidade, os empréstimos do Reich não significam nada mais do que prorrogações prolongadas de letras de câmbio, sendo que a taxa de juro, embora não muito baixa, mas também não excessivamente alta, é um mal perfeitamente suportável e apenas externo (1 bilhão de empréstimos do Reich custa 45 milhões de impostos por ano. Isto pode ser lido no "Manifesto para abolição da escravidão dos juros"). Mais importante do que esta forma externa de fixação por meio de empréstimos é o fato de que a participação do capital privado investível neles não é de forma alguma uma prova de misericórdia ou uma manifestação política especial. Qualquer tentativa de interpretar os empréstimos dessa forma seria um retrocesso ao modo de pensar capitalista.

É evidente que um homem que não tem confiança não subscreve. Mas é igualmente evidente que a gestão económica nacional-socialista não se relaciona com o detentor de capital de forma a ter de pedir a sua confiança e a depender dela. Pois, se assim fosse, o detentor de capital teria, ao subscrever ou não o seu capital, o poder de promover ou impedir a gestão económica nacional-socialista. E isso não só não pode acontecer, como também não acontece.

O capital tem de esperar até que o trabalho o procure.

Como mencionado acima, é claro que há interesses diversos em apresentar a situação como se ainda fosse como era antigamente:

De um lado, a cobra gigante do capital e, do outro, o coelho do Estado, que espera paralisado, com os olhos fixos, para ver o que a cobra gigante fará com ele.

Se alguém aqui é o coelho, então é o capital — não propriamente no sentido de ser devorado, mas pelo menos no sentido de ter de esperar para ver o que lhe vai acontecer.

O capital já passou por essa situação de ter de esperar para ver o que aconteceria com ele de forma muito intensa quando o Reich nacional-socialista começou a combater o desemprego sem perguntar para ele, o capital.

A política de trabalho direta e determinada (em vez da política de capital) estava associada a uma série de medidas que restringiam a liberdade de movimento do capital:

> "A proibição de emissões e a manutenção de um limite de liquidez relativamente alto nas caixas económicas, a prevenção da fuga de capitais, a legislação cambial, as despesas não alienáveis para a criação de postos de trabalho, para investimentos destinados a melhorar as condições de trabalho, a criação de novas obras desejadas pelo Estado, a obrigatoriedade de registo de títulos em moeda estrangeira, o controlo e a reorganização da bolsa, etc."

Mas a medida mais importante, que colocou definitivamente o capital no papel de coelho, foi precisamente a eliminação do próprio desemprego. Pois, ao trabalharmos, começámos a ter rendimentos novamente e, ao termos rendimentos, começámos a pagar as nossas dívidas. Quando pagámos as nossas dívidas, começámos a poupar, primeiro um pouco, depois cada vez mais. E quando essas reservas atingiram um certo nível, elas exigiram um investimento. Ou seja, havia capital líquido disponível que podia ser utilizado na economia nacional. O trabalho tinha criado capital!

Previmos essa evolução como consequência inevitável da nossa política de trabalho determinada e também descrevemos frequentemente as suas fases individuais durante o período de luta. O facto de ela ser frequentemente ignorada e omitida por «especialistas» importantes não altera o facto de que ela existe.

A prova da veracidade das nossas previsões começou a surgir já em 1933, quando, antes mesmo do fim do primeiro ano de responsabilidade nacional-socialista, os meios líquidos começaram a surgir a partir das transferências. É claro que essa andorinha ainda não significava verão, e foi correto, nesse sentido, que esperássemos calmamente pelo crescimento do capital disponível para investimento e não nos deixássemos influenciar em nossa política pelas reclamações veementes dos círculos que precisavam de capital – especialmente a classe média.

Com o passar do tempo, a pressão sobre o capital à procura de investimentos aumentou cada vez mais: várias das vias habituais estavam bloqueadas, e não restava outra opção senão escolher os investimentos que ainda estavam disponíveis, por exemplo, títulos hipotecários. A consequência desta situação foi a possibilidade de reduzir a taxa de juro das obrigações hipotecárias e de optar por uma taxa de juro de 4¼% na fixação dos adiantamentos do Estado.

Empréstimo do Reich sobre-subscrito (Reichs-Anleihe Überzeichnet)

No último empréstimo do Reich Alemão, ficou claro que a produtividade do mercado de capitais e a pressão de investimento do capital eram maiores do que se estimava. O empréstimo estava limitado a 500 milhões de marcos alemães e resultou numa sobre-subscrição que permitiu aumentá-lo para 600 milhões de marcos alemães. Ou seja, pela mesma razão pela qual a importância do mercado de capitais foi superestimada, a sua produtividade foi subestimada. O facto de este fenómeno não ter sido casual é comprovado, entre outros, pela troca das obrigações da Krupp, que foram as primeiras a serem fixadas em 4½%, enquanto outros valores não se atreveram a oferecer menos de 5%.

No entanto, estes fatos também mostram que as preocupações sobre se temos capital suficiente para realizar os trabalhos do plano quadrienal só podem surgir de uma falta de conhecimento técnico. É evidente que a mobilização de capital investível para tarefas económicas requer um bom conhecimento das condições económicas e uma gestão económica adequada. Mas é igualmente evidente que essa «cuidados com o mercado de capitais» já não consiste numa política orientada para os interesses do capital, mas sim numa política do trabalho, e que, inevitavelmente, uma política baseada no trabalho e orientada para o trabalho também deve gerar o capital necessário.

A nossa política económica já não depende da quantidade e da manutenção do capital disponível, mas apenas da quantidade e da utilização da mão de obra disponível. E, na medida em que o capital deva ser utilizado para servir este fim, estará sempre disponível.

I) Estão a trazer a pobreza para dentro da vossa própria casa!

Extraído de: "*Mitteilungen der Kommission für Wirtschaftspolitik der NSDAP, Heft 10, Jahrgang 2, Mai 1937"*

Para avaliar corretamente a raiva fervorosa dos bolcheviques e dos seus seguidores em todos os países contra o nacional-socialismo, é preciso ter em mente que um dos meios mais importantes do plano judaico de domínio mundial é a paralisação econômica e o empobrecimento dos povos. Nesse ponto, o marxismo e o capitalismo estão em total acordo: a ascensão e a construção da Alemanha por seus próprios meios é uma violação punível dos planos internacionais de proletarização e domínio de todos os povos. Daí também o jogo popular de acusar a Alemanha de querer se separar da comunidade das nações e, com isso, cometer um crime contra o espírito sagrado da paz e da reconciliação entre os povos. Em outras palavras, isto significa simplesmente que a Alemanha não está disposta a cair no abismo juntamente com os povos ainda seduzidos e dominados pelos judeus, o que é, evidentemente, um grave crime contra o destino comum que o judaísmo mundial tinha reservado para os povos.

O homem é senhor do seu trabalho.

Isso explica também o prazer, muitas vezes elevado a um júbilo verdadeiramente infantil, dos nossos críticos internacionais por cada constatação que se refere à falta de riqueza em recursos naturais ou à capacidade natural de produção do nosso país. Como, aos olhos do capitalismo e do marxismo, o homem não é mais do que um escravo dos meios de produção, em particular dos recursos naturais à sua disposição, eles nunca compreenderão que o povo nacional-socialista alemão se considera senhor da sua pátria, e não servo de uma riqueza fortuita, seja ela maior ou menor. E eles ainda esperam, ou pelo menos se convencem disso, que as difíceis tarefas que temos de resolver nos quebrarão o pescoço. O seu ideal continua a ser o paraíso, onde a natureza alimenta o homem sem trabalho, e não a veneração piedosa do pensamento divino, que colocou o homem eternamente na luta pelo domínio do seu ambiente, ou seja, também na luta pela superação das deficiências do seu ambiente.

Negócios políticos fraudulentos

E assim continuam a acreditar que podem fazer negócios políticos com a fraude que dominou tantos alemães muito tempo depois da tomada do poder: que a organização socialista e a economia socialista consistem no sacrifício da racionalidade económica em favor das chamadas tarefas sociais. Às vezes, parece até que, ainda hoje, alguns bons alemães e nacional-socialistas acreditam que o nacional-socialismo busca um compromisso, uma consideração mútua entre a política económica e a política social, de tal forma que, ocasionalmente, as considerações económicas devem ser colocadas em segundo plano em favor das exigências sociais ou, inversamente, as exigências sociais devem ser restringidas por considerações económicas. Um olhar para a França mostra o quanto essa concepção ainda carrega as cascas marxistas e capitalistas atrás das orelhas.

O programa «social» francês não foi celebrado apenas na França e na Rússia Soviética como uma vitória especial das exigências socialistas sobre o atraso capitalista.

> Certas tendências da opinião pública na Alemanha mostravam que também entre nós alguns anjos ingênuos se perguntavam se os aumentos salariais e a redução do tempo de trabalho não seriam ações sociais das quais se deveria aprender alguma coisa.

E havia pessoas que, visivelmente, eram da opinião de que, por enquanto, não se podia fazer tais exigências, tendo em conta as tarefas urgentes da política nacional-socialista, mas que era preciso apenas adiá-las para que pudessem ser concretizadas num momento mais favorável. Essas pessoas, que acreditavam poder substituir a falta de conhecimento socialista e a compreensão insuficiente da economia por uma opinião indiscutivelmente boa, causaram muitos danos. Pois o marxismo percebe imediatamente quando encontra pensamentos semelhantes e aproveita com prazer a oportunidade para provar mais uma vez que a Alemanha ainda não é «socialista». Que um povo não pode enriquecer com menos trabalho e mais salário foi enfatizado pelo Führer várias vezes recentemente com tanta determinação e lógica contundente que até mesmo aqueles que até agora não queriam acreditar nessa verdade simples ficaram sem palavras. A França, porém, nos mostra, por assim dizer, sob uma lupa, a loucura das «experiências sociais» marxistas.

O marxismo mais uma vez calculou mal.

Os trabalhadores franceses «conquistaram» a semana de 40 horas e um aparente aumento salarial. Os preços de vida acompanharam rapidamente o aumento salarial e já o ultrapassaram. A semana de 40 horas, com a redução progressiva do rendimento horário nas próprias fábricas, leva a uma diminuição do rendimento total e a um aumento do preço dos produtos, o que se reflete, entre outras coisas, na redução da competitividade da indústria francesa no mercado mundial. O resultado é que os valores franceses nem sequer conseguem aproveitar as oportunidades favoráveis que residem na maior receptividade e no aumento do nível de preços do mercado mundial. A França não consegue, portanto, compensar o sacrifício que fez com a desvalorização da sua moeda, ou seja, com o desperdício consciente da sua produção em relação ao mercado mundial. Por outras palavras: o abastecimento da França com bens do comércio externo está a diminuir significativamente, os negócios estão a piorar e o país está a sofrer perdas sensíveis.

Os tolos marxistas consideram isso irrelevante, porque acham que isso só afeta os empresários, enquanto a pressão política do proletariado já garante que os trabalhadores não percam nada.

O marxismo nunca soube fazer contas corretamente, embora toda a sua propaganda mentirosa se baseasse na suposição de que os movimentos políticos se baseiam, em última análise, em cálculos econômicos.

Você pode encarar isso de qualquer maneira: o que a indústria francesa não consegue ganhar no exterior é justamente o que falta ao povo francês em seu sustento, na produtividade do seu trabalho. Ao reduzir as condições de trabalho, a classe trabalhadora francesa fomenta a pobreza do seu povo e, consequentemente, a sua própria!

É de admirar que o governo francês já se encontre numa situação tão delicada. As disputas parlamentares, as chances de votos favoráveis ou desfavoráveis, todas as maquinações dos corredores e das esteiras de negociações não nos interessam. Muito mais interessante é a "pausa" na implementação do programa da Frente Popular anunciada pelo Sr. Blum. Pois essa pausa nada mais significa do que a admissão de que a retórica marxista de redução da jornada de trabalho e aumento dos salários é incompatível com uma política econômica sensata em

benefício do povo e do Estado. A economia nacional, a situação financeira e a moeda exigem que ele freie seu "experimento social" por um tempo!

O Socialismo sem “pausa”

No entanto, há pessoas que não percebem nada disso e consideram natural que, de tempos em tempos, o socialismo tenha de ser refreado para que a economia o tolere melhor. São precisamente aquelas para quem o capitalismo é um sistema econômico «natural» e o socialismo apenas uma concessão relutante. É claro que essas pessoas ficam sem fôlego no socialismo. Na Alemanha, não precisamos de uma pausa no desenvolvimento socialista, porque o nosso é realmente um socialismo e não um marxismo mais ou menos puro.

O socialismo foi tão bem-sucedido na economia alemã que o capitalismo está cada vez mais desanimado, pois já não pode mais apontar para o fracasso econômico do socialismo e pregar a sua própria indispensabilidade.

Provavelmente já não haverá muitos marxistas que se dedicam à questão marxista de um aumento salarial iminente, em vez de verem que a política económica nacional-socialista há muito que trilhou caminhos completamente diferentes, mas absolutamente confiáveis, para aumentar o consumo externo das pequenas rendas e que está a chegar inexoravelmente ao fim. Algumas pessoas, no entanto, gostariam muito de uma «pausa» nisso: aquelas que ainda veem na redução radical e implacável dos preços dos bens de consumo geral uma ameaça ao seu próprio poder económico ou social. Só podemos sorrir com pena para esses desejos de pausa. Eles nem sequer merecem ser levados a sério. O que é que essas pessoas pretendem fazer? Elas ainda se vão surpreender com o efeito economicamente inevitável da aplicação da consciência moral e do bom senso!

Mas quando ouvimos falar repetidamente de uma «pausa» em França, lembramo-nos de alguns anos atrás, em que também aqui a palavra «pausa» desempenhou um papel importante no debate público. E lembramo-nos, ao mesmo tempo, que a propaganda judaica mundial adora orientar-se repetidamente por certos jogos de palavras e fazer com que o duplo sentido de seus slogans tenha um efeito sarcástico sobre os povos desavisados.

A «pausa para respirar» que nos era repetidamente apresentada nos tempos de Stresemann e Brünings significava uma pequena diminuição na exploração e

expropriação. Significava que a vítima podia recuperar o fôlego, mais ou menos como os torturadores da Cheka, após torturas cruéis, deixavam a sua vítima viva para poder torturá-la novamente. Significava o meio conveniente para a manipulação política interna, para fazer crer ao povo que não era assim tão mau, que «eles» teriam a consideração necessária, e que as massas atormentadas e perseguidas ainda não precisavam perder a confiança naqueles que as haviam levado à miséria, pois tudo ficaria bem, seja através do sol do dólar, seja através do raio de esperança, seja através da onda de recuperação econômica e outras magias.

Desejamos aos trabalhadores franceses que reconheçam rapidamente o maldito duplo sentido da «pausa» e desejamos sinceramente que eles saibam eliminá-lo antes que o povo francês seja arrastado tão profundamente pela exploração e pela miséria como aconteceu ao povo alemão!

J) Ovos de coelhos medrosos

Extraído de "*Die wirtschaftspolitische Parole. Mitteilungen der kommission für Wirtschaftspolitik der NSDAP. Jahrgang 4, heft 7, 5. April 1939"*

Os coelhos da Páscoa põem ovos. Os coelhos medrosos põem ovos podres.

Hoje em dia, é raro um suposto especialista em economia afirmar que a economia é um mecanismo extremamente delicado, um motor ou algo semelhante. Mesmo aqueles que antes se expressavam com presunção gostariam hoje de esquecer que essa era a sua opinião.

> No entanto, a ideia do funcionamento correto e necessário da economia nacional continua a ser, em quase todos os lugares, a mesma de antigamente, quando, sob a influência da propaganda judaica, essa economia nacional deveria ser uma máquina (ou uma engrenagem na economia mundial).

Aqui se revela o enorme poder da propaganda mentirosa e a necessidade de combater os seus efeitos residuais, mesmo quando a propaganda em si já abandonou há muito a forma anteriormente utilizada.

Concepção judaica e burguesa da economia nacional

A ideia que o bom cidadão burguês ainda hoje tem da economia e da economia nacional resume-se ao facto de que a economia deve funcionar normalmente como um relógio bem regulado. Qualquer irregularidade, qualquer necessidade de tomar novas decisões, de fazer novas disposições, é na verdade uma perturbação do curso normal das coisas. Dessa ideia de um funcionamento sem perturbações, semelhante ao de uma máquina, de uma economia normal, resultam duas coisas:

Em primeiro lugar, o ressurgimento pós-revolucionário da visão conservadora da política económica, que se traduziu na opinião de que a política económica consiste na arte de compensar, na medida do possível, as perturbações do funcionamento normal da economia.

E, em segundo lugar, no tremor e na agitação ansiosos que se apoderam de todos aqueles para quem a «economia normal» parece ser o epítome da felicidade burguesa, imperturbável e sem incidentes. (Para que fim esse mesmo burguês então clama por «controle econômico»; pois por qual razão o Estado deveria reivindicar o controle da economia, se não para garantir a paz e a ordem do burguês?) Meu caro contemporâneo, os tempos em que a «economia» era um pasto bem protegido de bovinos pacíficos já passaram e nunca mais voltarão. O povo alemão percebeu que o valor do leite, da manteiga, da carne, do couro, do sebo, dos ossos, dos chifres, etc., que tal pastagem proporciona, não compensa de longe o esforço que custaria mantê-la e cuidar dela!

O povo alemão tem mais a ganhar se os seus compatriotas forem decididos, ousados e perseverantes do que se forem mimados e, com medo, gritarem pelo polícia ou pelo Estado paternalista sempre que a sua coragem é posta à prova.

Ordem bem entendida.

Não se deve interpretar mal a ordem e, acima de tudo, não se deve entendê-la do ponto de vista do cidadão conservador.

A ordem de que o Führer fala ocasionalmente é algo muito diferente daquela ordem que foi aplaudida com entusiasmo em todas as reuniões econômicas.

É certo que a ordem a que o Führer se refere não pode ser descrita em pormenor por várias razões, enquanto não for realmente estabelecida. Mas isso não é motivo para fingir que o que o pequeno burguês imagina ser essa ordem é o objetivo da política económica nacional-socialista!

Os membros do partido têm o dever especialmente honroso e urgente de combater esses medos burgueses.

É evidente que a política económica nacional-socialista tem sempre novos desafios a enfrentar e novas dificuldades a superar. Se não fosse assim, não seria uma política, não avançaria lutando por novos objetivos, mas contentar-se-ia em preservar e administrar o que conquistou.

Graças a Deus que o Führer sempre sabe como atribuir tarefas!

O «raio caído do céu» e o cidadão econômico.

Para o verdadeiro cidadão económico, é naturalmente um horror que, a cada momento, como um «raio caído do céu», ocorra um acontecimento político ao qual ele é obrigado a se adaptar. Mas isso é mais útil para o povo alemão do que, por exemplo, prescindir dos raios e trovões! E como os senhores burgueses, medrosos e companhia nunca se acostumarão a isso, eles simplesmente não têm voz ativa.

É também natural que a política econômica nacional-socialista seja obrigada a exigir sempre novos serviços, e até mesmo novas ordens e instituições para o seu funcionamento, de modo que o sistema de organização da gestão econômica tão ansiosamente desejado por alguns não pode ser encontrado da forma como eles o imaginam. E, portanto, é também uma esperança ridícula e irrealizável imaginar que tal sistema possa funcionar em total paz e ordem. Existem certas possibilidades econômicas e de política econômica que facilitam o funcionamento de uma certa ordem e também há uma série de ajudas estatais, organizacionais e administrativas para isso. Mas sempre haverá algo que nos causará problemas.

Atualmente, são os efeitos colaterais da escassez de mão de obra, as tensões no abastecimento de materiais, a escassez de capital e outros fenômenos relacionados. Isso surpreendeu-nos, e aqueles que afirmam que isso foi uma surpresa nunca entenderam nada de política económica e economia nacional. Também não é verdade que, com uma melhor atenção aos fenômenos previsíveis, eles poderiam ter sido evitados.

Em parte, eles ainda são culpa do período pré-nacionalsocialista, em parte, faz parte da gestão correta avaliar o ponto em que uma reação autoritária deve ocorrer. E isso nem sempre é quando o contemporâneo Fulano de Tal considera necessário, porque ele próprio é afetado por isso!

Economia nacional forte e resistente!

A nossa economia nacional-socialista não é uma estufa nem um gabinete onde não pode entrar uma brisa fresca para que ninguém fique constipado. Já há anos

que chamamos a atenção para a necessidade de as empresas serem resistentes às crises e, ao mesmo tempo, constatamos que as crises capitalistas já não podem ocorrer.

Um empresário nacional-socialista deve ser capaz de tirar as conclusões necessárias a partir dessas observações. Se não for capaz disso, não serve para ser empresário.

Não é da competência da política económica nacional-socialista zelar pela existência ou mesmo pelo bem-estar de cada empresa individual. Precisamos de uma economia eficiente, ou seja, também uma economia experiente. Não uma economia que se agita com a mais leve brisa e que entra em pânico quando surge uma escassez de capital e de mão de obra. Não nos servimos apenas quando temos empresas fabulosamente bem formadas, bem organizadas e bem racionalizadas, mas apenas quando essas empresas são dirigidas por empresários capazes de tomar precauções e de tomar decisões independentes, certeiras e generosas a qualquer momento.

Precisamos de empresários assim. Mas não de medrosos e covardes.

K) Pequena biografia de Bernhard Köhler

Extraído de: "*Orientalische Cigaretten Compagnie Rosma. Männer Im Dritten Reich, 1935, pp.127*"

Bernhard Köhler Presidente da Comissão Econômica do NSDAP.

Bernhard Köhler vive e trabalha discretamente. É um dos primeiros especialistas em economia do NSDAP. Foi o primeiro a ocupar-se na prática da criação de empregos, a mostrar caminhos para combater o desemprego e a proclamar o direito dos trabalhadores ao trabalho. Contribuiu assim de forma significativa para o sucesso do movimento nacional-socialista e ajudou em grande medida a esclarecer os trabalhadores sobre o NSDAP e o seu programa.

No entanto, Bernhard Köhler não era um político econômico, mas sim um cientista. Nasceu em 30 de dezembro de 1882 em Gera, estudou ciências naturais e filosofia e foi um estudioso particular até à guerra. O estudioso privado Bernhard Köhler alistou-se voluntariamente logo no início da guerra, foi para o campo de batalha e, em 1916, assumiu o comando da sua companhia de metralhadoras, que liderou quase até ao fim da guerra. Por fim, foi comandante de metralhadoras no estado-maior do regimento. Foi ferido três vezes, e a Cruz de Ferro de II e I classe é um sinal externo de seu empenho abnegado na frente ocidental, onde esteve desde o primeiro até o último dia da guerra. O fim da guerra mostrou-lhe que as causas do colapso não se deviam apenas a erros políticos e econômicos do antigo sistema, em particular nas relações entre salários e trabalho. Assim, dedicou-se aos estudos de economia e também atuou na prática em várias áreas econômicas.

Em 1919, ele já tinha estabelecido um contato mais próximo com Gottfried Feder, que trabalhava na mesma área da economia e agora tentava avaliar as suas ideias politicamente. Bernhard Köhler conheceu Dietrich Eckart e começou a aparecer em eventos públicos e a propagar os seus princípios económicos. Ele se uniu a Anton Drexler, então líder do Partido Trabalhista Alemão, que mais

tarde se tornou o NSDAP, e participou de uma série de reuniões como orador ao lado de Adolf Hitler, por exemplo, em 1920, na Hofbräuhaus e em Rosenheim. Bernhard Köhler tornou-se então diretor do «völkischer Beobachter», até que este passou a ser propriedade do NSDAP e Dietrich Eckart assumiu a direção editorial. Bernhard Köhler participou regularmente das reuniões em que foram definidas as principais diretrizes do Partido Trabalhista Alemão e, mais tarde, do Partido Nacional-Socialista Alemão dos Trabalhadores. Além disso, organizou as primeiras reuniões do NSDAP fora de Munique. Continuou a ser orador do partido mesmo após a proibição em novembro de 1923 e, após a refundação em 1925, foi novamente um dos primeiros oradores a viajar pelo país para promover o programa e as ideias de Adolf Hitler. Entre 1927 e 1930, Bernhard Köhler voltou a trabalhar na economia, até que, em 1931, foi novamente nomeado orador do partido. O seu principal tema era a propaganda contra a inércia dos governos do sistema em relação ao desemprego. Ele martelava repetidamente aos trabalhadores que não era injusto que eles vivessem economicamente satisfeitos, mas que a sua situação de necessidade era agravada e explorada para fins políticos próprios. No primeiro congresso de formação do NSDAP, em novembro de 1931, Bernhard Köhler deu à luta contra o desemprego, como exigência especial do NSDAP, a sua formulação definitiva e a sua linha de ação. O direito ao trabalho como obrigação material e moral do soldado foi especialmente destacado por Bernhard Köhler e apresentado como slogan ao movimento.

No verão de 1932, Bernhard Köhler foi nomeado para o Departamento de Política Econômica da Administração do Reich, onde assumiu o cargo de responsável pela criação de empregos. Pouco tempo depois, em dezembro de 1932, tornou-se membro do Departamento de Política Econômica, representante econômico e vice-diretor da Comissão de Política Econômica criada pelo Führer, cujo diretor era Walter Funk, o atual secretário de Estado. Em 1933, Bernhard Köhler tornou-se diretor dessa comissão.

Udo Pfriemer

A) Destaques sobre a pequena guerra econômica

Extraído de: *"Mitteilungen der kommission für Wirtschaftspolitik der NSDAP. heft 6, Jahrgang 2, März 1937"*

Bernhard Köhler:

> "... No entanto, a determinação com que defendemos a nossa economia contra as intervenções de grupos especuladores internacionais é uma parte essencial da política que deve garantir um emprego duradouro e pleno e um nível de vida cada vez melhor para o povo."

Uma grande batalha é composta por inúmeras pequenas batalhas. A batalha do trabalho do povo alemão é também uma luta que teve de ser travada durante anos e em milhares de locais e que ainda hoje não terminou em todos os lugares. Esta pequena guerra faz parte da política económica, tal como faz parte de qualquer trabalho e de qualquer esforço.

Enquanto a liderança declara a sua vontade de comércio mundial e tenta arduamente colocar em marcha o comércio entre os Estados, há contemporâneos que nem sequer pensam em aproveitar as oportunidades de exportação existentes. Enquanto é necessário estabelecer um controle cuidadoso de todas as transações cambiais, membros de certas organizações tentam, por todos os meios possíveis, levar divisas para o estrangeiro. Enquanto se exige melhor qualidade, alguns empresários continuam a produzir e a comercializar produtos de péssima qualidade. Enquanto a situação económica na Alemanha mostra hoje uma tendência para uma redução geral dos preços, alguns indivíduos tentam encontrar razões e meios para exigir preços cada vez mais elevados. Enquanto se procura uma distribuição adequada das matérias-primas, alguns empresários tentam fazer negócios com os seus contingentes. Enquanto em toda a parte se verifica a mais dura repressão da frente nacional-socialista contra os judeus, este ou aquele empresário acredita poder descobrir capacidades especiais nos seus judeus e até mesmo preferi-los aos seus compatriotas alemães.

Nesses sabotadores do nosso trabalho, encontramos principalmente resquícios de pensamento marxista ou capitalista, reacionário ou burguês. Mas também expulsaremos esses adversários das suas posições com o nosso ataque constante, por mais seguros e camuflados que pareçam estar.

Na presente edição da nossa revista Wirtschaftspolitik der NSDAP (Política Econômica do NSDAP), apresentamos alguns destaques desta pequena guerra econômica.

Como nacional-socialistas, nunca correremos o risco de nos dispersarmos nesta pequena guerra, mas também a pequena guerra deve ser travada até ao fim, para que as grandes batalhas do nosso movimento de renovação sejam vencidas.

B) Inevitável recessão econômica.

Extraído de: "*Der Hoheitsträger. Folge I, 2. Jahrg. Januar 1938. Udo Pfriemer: Unvermeidlicher Abstieg der Konjunktur, pp.25"*

Astrologia política sob o manto da ciência.

Cada grande obra técnica é cercada por um enxame de supostos inventores. O mesmo acontece com os seguidores do líder no seu trabalho político. Eles também são assediados por inventores e descobridores de panaceias políticas com uma eloquência muitas vezes incansável. É verdade que esses políticos marxistas não podem produzir ouro a partir da areia do mar; também não têm no bolso um meio de desvalorização dos poupadores que nos poupe de ter de fazer a barba. O seu caso é geralmente mais complicado, nomeadamente no plano intelectual. Mas existem tipos. Assim, conhecemos, no domínio das ideias de política económica, contemporâneos que querem envolver-nos em sistemas eclesiásticos e estatais. Outros querem alegrar o mundo com planos econômicos de grande envergadura. Recomendam-nos os defensores do comércio livre. Outros ainda tentam provar ao ouvinte a utilidade pública das cooperativas ou sociedades anónimas, pois estas não seriam dirigidas apenas por um gestor «egoísta». Representantes de cartéis oferecem-se para organizar o mercado. E camaradas de partido, aparentemente renovados, mas ainda assim essencialmente bolcheviques económicos, administram cuidadosamente selecionadas doses das suas teorias de cobertura de necessidades ou distribuição.

Na medida em que se trata apenas de discussões científicas, não é nossa função intervir. Enquanto os estudiosos não chegarem a um consenso sobre se a doutrina mundial é correta ou errada, não precisamos nem devemos tomar posição a favor ou contra ela. (Ver ordem do líder do Reich Rosenberg de 9 de dezembro de 1937.)

Mas a situação é diferente no caso das teorias cuja divulgação tem efeitos políticos. No momento em que tal teoria perturba o nosso trabalho político, ela já nos preocupa. Não nos importa se essa teoria provém dos círculos dos irmãos maçons, de um gabinete de estudiosos coberto de teias de aranha ou da cozinha venenosa do Comintern.

Nos últimos meses, uma teoria bem conhecida voltou a ganhar força no cenário político mundial. Trata-se da teoria conjuntural. Sentimos os efeitos dessa teoria de forma bastante intensa durante os anos da chamada crise económica mundial. No entanto, acreditávamos que essa teoria tivesse sido enterrada pelos seus defensores no decorrer da revolução nacional-socialista, pelo menos na Alemanha. Mas não foi isso que aconteceu, pois quando, há algum tempo, no exterior, nas bolsas de Nova Iorque, Londres e Amesterdão, se começou a falar da «conjuntura mundial», surgiu de repente na Alemanha um grande número de teóricos da conjuntura. No início, ainda se falava da ascensão da conjuntura. Era o que diziam aqueles que perseguiam um determinado objetivo com o jogo das conjunturas. Mas como toda ascensão é seguida por uma descida, começou-se a sussurrar baixinho, e depois a falar cada vez mais alto, sobre a possibilidade de tal descida. A conjuntura na Alemanha não poderia durar para sempre, pois era apenas uma conjuntura estatal. Era apenas uma conjuntura de armamento e, quando o armamento acabasse, também acabaria a alta conjuntura. E, de qualquer forma, a conjuntura alemã era apenas uma parte da conjuntura mundial e, se esta voltasse a recuar, a Alemanha não poderia escapar aos efeitos desse facto! Um verdadeiro encontro de todos os pessimistas e corujas das previsões económicas. Falava-se assim e de forma semelhante, e os judeus de Nova Iorque, Londres e Amesterdão já esfregavam as mãos. Parecia ter chegado o tempo da especulação em grande escala, e eis que o bichinho da crise já se manifestava nas bolsas internacionais e nos mercados de mercadorias. Mas falaremos disso mais tarde. Ao mesmo tempo, aconteceu outra coisa. Foi publicado na Alemanha um livro: «Estratégia de política económica[131]» (Wirtschaftspolitische Strategie). O autor é um cientista alemão que prestou muitos serviços à compilação de dados estatísticos e à investigação de medidas económicas e técnicas. No entanto, o que é decisivo para nós não são os resultados científicos deste professor ou do seu novo livro; o que nos interessa são os efeitos psicológicos que a publicação das ideias contidas neste livro pode ter.

Os sete anos de abundância e os sete anos de escassez

Quando, após a guerra mundial, foi publicado o livro de Oswald Spengler «A decadência do Ocidente» (Untergang des Abendlandes), este livro, apesar do seu conteúdo científico e histórico exclusivo, provocou efeitos psicológicos que

[131] Nota de Udo Pfriemer: *Prof. Dr. Ernst Wagemann, Wirtschaftspolitische Strategie, Hamburg 1937*

não podiam ser indiferentes para a renovação nacional da Alemanha. Pois, apesar de todas as perspectivas espirituosas que Spengler apresentou, ele cometeu o erro de tirar conclusões negativas sobre o desenvolvimento do futuro a partir de comparações históricas com métodos científicos.

Da mesma forma, o professor Wagemann tira conclusões de comparações históricas económicas numa área específica. Ele chama a estas conclusões de estratégia económica. Portanto, não há qualquer menção à política e estratégia do líder em assuntos económicos no livro de Wagemann. A «estratégia de política económica» de Wagemann baseia-se nas leis da recuperação económica e esgota-se em previsões sobre os supostos desenvolvimentos da recuperação, a que ele chama «política de recuperação».

Mas o que é, afinal, essa «recuperação»? Sabemos pela história que já existiam recuperações na antiguidade, nomeadamente entre os judeus. Sabemos também que esses judeus sempre fizeram negócios lucrativos nessas recuperações. O exemplo paradigmático de um negócio lucrativo foi dado pelo seu antepassado José no Egito. Quem não conhece a história dos sete anos de abundância e dos sete anos de escassez? Para quem não se lembra bem dessa história, é muito instrutivo ler nos livros de Moisés como o judeu José explorou e saqueou o povo egípcio que o acolheu.

Os cientistas descobriram agora que, desde o século passado, tais ciclos econômicos, com uma duração de cerca de 7 a 10 anos, tendem a ocorrer com certa regularidade. Cada ciclo econômico compreende um ciclo bom e um ciclo ruim. Além disso, dizem os cientistas econômicos, existe um "automatismo do ciclo econômico".

É mais ou menos assim: o «período de expansão» começa, segundo eles, com o aumento dos preços das ações. Isso estimula a produção. O «mercado de trabalho» é aliviado. A produção continua a aumentar até que, de repente, os preços das ações caem. A causa é a falta de capital. A falta de capital dá início à «reversão». Começa a queda da produção. Os trabalhadores são despedidos. Chega-se à recessão. Segue-se o período de «estagnação». A depressão geral espalha-se. A produção está em baixa. Não há trabalho até que o mercado monetário e de capital comece a fluir novamente. Se houver capital suficiente, então pode começar uma nova recuperação.

Era assim que deveria ter sido connosco também.

Primeiro: **depressão (Depression)**. Baixa na produção. Desemprego. Poder de compra enfraquecido. Mas, gradualmente, liquidez no mercado monetário e de capitais.

Depois: **recuperação (Aufschwung)**. Aumento dos preços dos títulos. Reativação da produção. Flexibilização do «mercado de trabalho». Aumento dos salários e dos preços das mercadorias. Alta tensão.

Depois: **falta de capital e crise (Kapitalmangel und Krise).** Falta de liquidez devido à tensão. Consequentemente, queda dos preços dos títulos. Crise de crédito. Quebra da bolsa.

Depois: **declínio (Niedergang)**. Queda dos preços das mercadorias e dos salários. Falências. Despedimentos. Encerramento de empresas.

Depois, novamente: **depressão (Depression)**. Novo desemprego. Nova queda da produção. Fábricas paradas. Baixo poder de compra. Empobrecimento.

Segundo as conclusões do investigador Mitchell[132], desde 1855, ou seja, nos últimos 82 anos, tivemos vinte ciclos económicos capitalistas.

Pode ser bastante estimulante constatar isso historicamente, assim como o facto de que, antes de 1933, na Alemanha, era possível até mesmo conduzir uma política conjuntural com base em previsões conjunturais; no entanto, todas essas conjunturas não têm qualquer significado político para a economia interna alemã, pois a Alemanha já não pertence aos países «altamente capitalistas»; pelo contrário, a Alemanha declarou guerra ao capitalismo em todas as suas formas.

Todas as «conjunturas» eram tipicamente capitalistas. Não queremos sequer mencionar que cada «conjuntura» e cada «discurso sobre a conjuntura» significava um negócio judaico para os judeus; o próprio curso descrito de tais

[132] Wesley Clair Mitchell (1874–1948)

conjunturas é caracterizado pela dependência da economia e da produção do capital. O judeu Walther Rathenau já escrevia em 1907 sobre a falta de capital como causa da crise!

E quando a conjuntura é apresentada por contemporâneos excessivamente zelosos como um «fenômeno natural», ela era apenas uma expressão do modo de pensar judaico-capitalista, ou seja, também de uma natureza diferente.

Na Alemanha nacional-socialista, não conhecemos nenhum fenômeno natural da conjuntura e consideramos toda a conversa sobre a ascensão ou queda da conjuntura da nossa economia como uma invenção judaica.

Não nos ocorre negar que pode haver uma boa ou uma má colheita de batatas, que pode ocorrer uma crise nesta ou naquela indústria devido a invenções. Não negamos isso, porque é sempre possível.

Contudo, contestamos que a economia alemã seja hoje impulsionada pelo motor de quatro tempos de uma economia mundial, chamado «conjuntura mundial», e que seja dependente dele. O motor de quatro tempos de expansão, recessão, crise e depressão — ou, melhor ainda, em bom americano: «expansão», «recessão», «contração» e «revival» — pode ser um bom negócio para certos grupos de especuladores, mas para a Alemanha esse motor seria um péssimo negócio.

Em 1933, também não começámos a impulsionar o nosso motor económico, como se dizia na gíria da bolsa.

Portanto, na Alemanha, existem condições muito diferentes para o desenvolvimento da sua economia, e estas são de natureza política.
Em 1933, a Alemanha começou a trabalhar sob as ordens do Führer e não seguiu as receitas dos economistas com medidas de política económica, «terapêuticas» ou «profiláticas», ou seja, intervenções aceleradoras ou retardadoras num ciclo económico da nossa economia.

A política económica não é política conjuntural!

«A política é sempre e em toda a parte a organização das forças que determinam a vida do povo; a política económica não pode, portanto, ser outra coisa senão a organização das forças políticas que determinam a economia», afirmou Bernhard Köhler no congresso do partido Nacional-Socialista em 1935.

A política económica nacional-socialista emprega a força de trabalho do povo e a lidera. É aí que reside a sua estratégia de política econômica. É claro que isso não tem nada a ver com astrologia conjuntural. O político nacional-socialista define tarefas de política económica e dá slogans de política económica, mas não lhe ocorre fazer previsões conjunturais ou orientar o seu trabalho de acordo com tais previsões. Pelo contrário, ele saberá neutralizar rapidamente qualquer tentativa de perturbar o trabalho de reconstrução do Reich com previsões conjunturais.

O judeu Lasalle foi o primeiro a aplicar o conceito de conjuntura no domínio económico, segundo as conclusões de Simon Kuznets. Desde então, a astrologia conjuntural tem vindo a desenvolver-se cada vez mais no domínio econômico.

O NSDAP não tem necessidade de tais astrólogos da conjuntura, embora saiba apreciar qualquer investigação séria. Os astrólogos da conjuntura que, mesmo assim, se apresentam nas salas de espera dos serviços nacionais-socialistas, não devem, portanto, surpreender-se quando lhes é explicado clara e inequivocamente que nós próprios podemos fazer a previsão do tempo económico, se necessário.

Constatamos o seguinte:

1. Toda a conversa sobre a conjuntura económica é uma invenção judaica. Sabemos exatamente a que tipo de pessoas essa conversa sobre a conjuntura econômica convém muito. Existe também a especulação sobre a conjuntura económica. E parece-nos que essa especulação conjuntural significa para os judeus muito ricos, os judeus da alta finança, o mesmo que significa para os pequenos especuladores da bolsa a especulação diária sobre altas e baixas.

2. A política econômica nacional-socialista não toma as suas decisões com base em leis conjunturais imutáveis, mas sim com base nas tarefas políticas. Não praticamos uma política de feiticeiros, mas a nossa liderança política é responsável pela luta pela sobrevivência de um povo que se tornou muito sensato e atento.
3. A política económica é uma política de trabalho e não uma política conjuntural. Quando falamos de economia, não pensamos em conjunturas, mas no trabalho do nosso povo. E quando falamos de política económica, também não pensamos numa política conjuntural profilática ou terapêutica, mas na política de trabalho do Führer. Mas também existe uma política conjuntural que pode ser considerada como sabotagem à nossa política económica!

Crise bolsista e rumores sobre a conjuntura económica.

De acordo com os mais recentes estudos sobre conjuntura económica, em 1933 a Alemanha voltou a entrar numa fase de «boa» conjuntura. O governo nacional-socialista pôde, portanto, alegrar-se por ter chegado ao poder em 1933, pois «entrou justamente na boa conjuntura». Esta teria, portanto, ocorrido por si só, com ou sem os esforços nacional-socialistas. Tudo parece ter-lhes escapado da estratégia de política económica do Führer nas grandes medidas de criação de emprego realizadas até agora.

Não é uma lei temporal que determina o desenvolvimento da economia, mas sim a força vital e a vontade de um povo que determinam o desenvolvimento da sua economia. Deve, portanto, ser um esforço generalizado influenciar o desemprego alemão com uma nova crise económica mundial, pois a vontade de viver do nosso povo há muito que despertou e saberá, através do partido, defender-se contra todos os esforços que pretendem envolvê-lo em especulações internacionais.

Quando as bolsas internacionais entraram em colapso várias vezes nas últimas semanas e alguns astrólogos económicos começaram a prever o início de uma nova crise económica mundial, a alta dos preços judaicos não ficou surpreendida ao ver que a produção alemã não reagiu de forma alguma.

A grande queda da bolsa em Nova Iorque e em outras bolsas mundiais não teve nenhum efeito sobre a Alemanha, sem falar em algumas pequenas reações nas bolsas alemãs, sabendo que, por exemplo, 75 a 80% dos banqueiros da bolsa de Berlim ainda são judeus.

No entanto, assim que se constatou que o trabalho de reconstrução alemão não se deixava perturbar por estas manobras conjunturais judaicas, os otimistas já abandonaram a sua opinião de que «a verdadeira crise ainda não tinha chegado» e que só na próxima primavera se poderia determinar se a conjuntura tenderia a descer ou a subir.

Vamos, portanto, nos próximos meses, através de uma informação adequada, garantir que nenhum economista, empresário ou comerciante alemão, nem mesmo jornalista, caia nessa conversa sobre a conjuntura.

Quando a imprensa estrangeira fala de uma «conjuntura económica favorável da economia alemã» (perspetiva de crise, como é hoje), compreendemos imediatamente o que o autor quer dizer. Sabemos também por que razão o judeu Dr. Thaler escreve num órgão de imprensa de Varsóvia que «a ascensão da economia alemã começou no momento em que os obstáculos naturais ao seu desenvolvimento foram removidos, não só na Alemanha, mas em todo o mundo... A conjuntura alemã atual continua a ser, e mesmo em maior medida, uma conjuntura estatal», ou tomamos nota de que um jornal inglês conclui, com base nos últimos acontecimentos, que a conjuntura alemã continuaria (!) a melhorar.

De resto, não há qualquer motivo para temer que possamos ficar sem trabalho. Temos tarefas em abundância. Hoje não temos falta de tarefas de trabalho, mas sim, na maioria dos casos e também em muitos setores industriais, falta de mão de obra. Esta falta de mão de obra irá, porém, aumentar cada vez mais, pois não estamos dispostos a tolerar nem um único desempregado que esteja apto para o trabalho, que procure trabalho e não o encontre.

Esta política de trabalho do Führer garante que nenhum trabalhador alemão seja vítima de uma conjuntura ou crise capitalista.

É assim que a nossa política de trabalho se desenvolve na realidade.

Primeiro: desemprego. Exploração. Pobreza. Má gestão judaica. Domínio do capital sobre o trabalho. Dependência da produção nacional de influências internacionais e escravidão dos juros juros.

Depois: ordem do Führer para o **trabalho**. Libertação do capital de empréstimo mundial. Eliminação da exploração. Aumento da produção com pleno emprego.

Depois: Aumento adicional da produção através da **racionalização** (aperfeiçoamento dos métodos de trabalho, utilização de máquinas).

Libertação das dependências económicas mundiais (plano quadrienal).

Melhoria da formação profissional. Seleção do desempenho com base na capacidade e competência.

Redução dos custos de produção.

Eliminação da pobreza.

Uma política de trabalho nacional-socialista determinada cria, através do empenho coeso e adequado no trabalho, a possibilidade de uma acumulação gradual de património e bens.

Karl Erich Kohlen

Dois tipos de socialismo

Extraído de: "*Mitteilungen der Kommission für Wirtschaftspolitik der NSDAP, Heft 10, Jahrgang 2, Mai 1937*"

Bernhard Köhler disse uma vez:

> "O socialismo não é a doutrina dos presentes e do cuidado do povo para com o indivíduo. Socialista é o povo que mais exige dos seus compatriotas. Só assim pode dar-lhes mais".

Nenhum conceito é tão frequentemente discutido, tão frequentemente «definido» e «estabelecido» como o socialismo. Uma análise da literatura especializada e das obras de referência relevantes da época da tomada do poder revela uma confusão conceitual sem precedentes.

Mesmo os poucos ensaios e alguns discursos sobre o tema do socialismo que se tornaram conhecidos após a tomada do poder eram errados, porque se baseavam nos antigos conceitos do «socialismo» internacional. Esses conceitos escapavam completamente ao pensamento judaico, cujo domínio exclusivo tinha sido a construção teórica da economia e do socialismo nos últimos cem anos.

O que hoje chamamos de marxismo era conhecido na época como socialismo. O marxismo supostamente travava uma luta acirrada contra o capitalismo. Ele afirmava querer destruir o capitalismo e, assim, realizar o socialismo. O marxismo e o capitalismo têm em comum a concepção materialista inicial e fundamental:

O capitalismo dominava o trabalho.

O capitalismo nasceu quando os dialéticos judeus começaram a defender que os fundamentos da produção de bens não eram apenas o trabalho e a terra, mas também o capital; quando o capital monetário do indivíduo reivindicou ser uma força fatídica e supra-pessoal. Consequentemente, a formação de capital passou a ser vista como o sentido último da atividade comercial, e a acumulação de

capital como o «propósito da vida» mais íntimo e a plena realização da vida humana. Afinal, tanto a vida individual quanto a vida do povo pareciam depender inevitavelmente da garantia do capital, ou seja, da garantia de uma quantia de dinheiro que rendesse juros, como o dever supremo da vida. Perante esta atitude capitalista da mente e da vontade, o marxismo não fez mais do que reconhecê-la. Não se revoltou de forma alguma contra o domínio do capital sobre as pessoas e o seu trabalho. Pelo contrário, o marxismo sublinhou e promoveu esse domínio, limitando-se a exigir uma outra propriedade para a ditadura do capital: nada mais significava quando exigia «a expropriação dos expropriadores». Contentou-se em almejar uma troca de papéis, que colocaria os exploradores a serem expropriados no lugar dos até então explorados e vice-versa.

O marxismo como precursor do capitalismo

Se o capitalismo inicialmente conseguiu dividir a nação em classes capitalistas e, com isso, inevitavelmente, criar frentes opostas e posições de luta entre essas classes, o marxismo também se propôs a pegar a bola que o capitalismo lhe havia passado e continuar jogando. Ele viveu a consciência de classe na sua «formação ideológica», aumentando e aprofundando assim o espírito de classe, a luta de classes e o ódio de classes, aquela ferida que, segundo Bebel, deveria ser mantida sempre aberta. É claro que, além das fronteiras nacionais e étnicas, os expropriados, os homens do lado sombrio da vida, os «proletários», os despossuídos, diante desse evangelho, tinham de se sentir mais unidos entre si do que os despossuídos e privilegiados de uma nação que se enfrentavam na luta de classes.

Ao pregar a luta de classes, o marxismo revelou o seu objetivo: queria que os explorados se vingassem da classe dos privilegiados. É realmente muito judaico, nas palavras de Bernhard Köhler, querer criar justiça deixando o servo vingar-se do seu senhor e, assim, duplicando a injustiça. Aqui reside o erro fundamental, ou melhor, a terrível mentira do marxismo e dos seus diretores judeus: o marxismo reconheceu a dependência do capital como uma injustiça em princípio e apenas tentou colocar o poder de disposição em outras mãos. Ele declarou o domínio do capital sobre o trabalho, mal estabelecido pelo capitalismo, como uma lei natural de validade imutável e, assim, tornou-se um vassalo fundamental do capitalismo. Com isso, o marxismo, que prometia o

socialismo e fingia lutar por ele, traiu o movimento operário alemão, que em seus primórdios nada mais queria do que superar a exploração por meio da solidariedade: ele se dispôs a colaborar na perpetuação da injustiça capitalista, colocando a injustiça capitalista no trono para, em seguida, fazer dançar em torno desse trono a comunidade cultuadora dos idólatras comunistas-marxistas.

O direito ao trabalho elimina o capitalismo.

Com razão, o povo alemão não entende o capitalismo como um sistema econômico ou técnico. Entende-o, antes, como um sistema de injustiça e exploração. É claro que uma economia não é capitalista pelo simples fato de utilizar e formar capital, o que é natural. O capital só pode ser criado através do trabalho; só por isso, não se compreende por que razão a criatura deveria ser menos valiosa do que o criador.

Bernhard Köhler disse algo absolutamente definitivo ao caracterizar a essência da classe operária proletária, dizendo que, em particular, quem não possui nada e só pode viver do seu trabalho é forçado a oferecer a sua força de trabalho num mercado, competindo com milhares e centenas de milhares de companheiros de infortúnio por cada vaga disponível, com a certeza de que sempre haverá um excedente de mão de obra em relação ao número insuficiente de vagas.

Isso transformou o trabalhador em proletário, pois ele viu toda a sua existência, não dependente da diligência e da competência, da vitalidade e da vontade de viver, mas totalmente questionada, dependendo da sorte que tivesse em conseguir ou não um emprego.

Isso era capitalismo. O capitalismo, portanto, nada mais é do que o domínio do capital sobre o trabalho. Assim, o capitalismo é eliminado e, com isso, cria-se uma primeira abordagem prática ao socialismo, quando a dependência do trabalho e, consequentemente, a dependência do ser humano em relação ao capital é eliminada. Pois o capital só pode dominar o trabalho enquanto a força de trabalho depender do capital para se desenvolver. Pode desenvolver-se independentemente do capital assim que existir o direito ao trabalho. O direito ao trabalho é, portanto, a liquidação do capitalismo e a fundação do socialismo; pois, conceitualmente, a tarefa anticapitalista é a parte mais importante da socialista.

O direito ao trabalho cria o socialismo

A Alemanha só pôde ser explorada enquanto estava desarmada e desonrada. Da mesma forma, não pode haver mais exploração na Alemanha no momento em que cada homem honesto e livre for capaz de se defender contra a exploração. Mas enquanto apenas um compatriota ainda for forçado a oferecer a sua força de trabalho no mercado de trabalho a qualquer preço, apenas para não morrer de fome, ele estará a reduzir o nível salarial e o custo de vida de todos os seus camaradas. Se o capital pode dizer: «Eu aprovo o trabalho!», então o capital domina, então sofremos com o capitalismo. Mas se o trabalho erguer a cabeça livremente, com a orgulhosa consciência de que domina a economia, se ao trabalho for garantido, sem restrições e para sempre, o posto de honra do bem mais precioso do povo, então teremos criado o socialismo.

Se o capitalismo significa o domínio do capital morto sobre a vida de um povo, então o capitalismo é um domínio da injustiça e, portanto, da exploração: a exploração do trabalho pelo capital e do trabalhador pelo capitalista.

Mas se o socialismo significa a realização do direito fundamental até mesmo do último de todos os compatriotas, em primeiro lugar ao trabalho, independentemente de todas as condições externas à sua pessoa, independentemente, em particular, do capital e do mercado de trabalho, então o socialismo é o domínio da justiça e, com isso, a destruição da exploração até à raiz do mal, a possibilidade técnica de tal exploração.

Não mais mercado de trabalho, mas mercado de desempenho! (Nicht mehr Arbeitsmarkt, sondern Leistungsmarkt!)

Assim, o mercado de trabalho é substituído pelo mercado de desempenho. Pois assim que o direito ao trabalho é concretizado, ou seja, assim que o capital não pode mais decidir se o indivíduo pode ou não trabalhar, a frase «o trabalho não é uma mercadoria» deixa de ser um slogan e passa a ser o eixo central da economia socialista. Se nenhum cidadão precisa mais ficar mendigando à porta das fábricas e pedindo trabalho em vão, nem mesmo o último desempregado pensa mais em oferecer sua força de trabalho a qualquer preço no mercado de

trabalho — que, nesse mesmo momento, foi definitivamente destruído. portanto, a mão de obra inferior não pode mais ser preferida por ser mais barata; se o trabalho é retirado do mercado, em outras palavras, a mão de obra não precisa mais se oferecer — assim, o desempenho no trabalho determina o preço, ou seja, o salário. Com isso, o direito ao trabalho liberou o desempenho e substituiu o mercado de trabalho destruído pelo mercado de desempenho.

Alf Noll

A) Capitalismo e a abolição da escravidão dos juros

Extraído de: "*Mitteilungen der Kommission für Wirtschaftspolitik der NSDAP, Heft 9, Jahrgang 1, November 1936*".

Nota editorial do NSDAP:

> O que aconteceu na prática desde 1933 para quebrar a escravidão dos juros foi mostrado por Werner Scheunemann no seu ensaio.[133] O que, porém, deve ser acrescentado hoje para quebrar a escravidão dos juros é feito a seguir pelo camarada do partido Dr. Alf Noll.

O capitalismo é a dependência do trabalho em relação ao capital por excelência, seja essa dependência material ou ideológica. A escravidão dos juros, por outro lado, pressupõe tal dependência; ela não significa o pagamento de juros, mas a escravidão aos juros.

É por isso que a abolição da escravidão dos juros é uma exigência anticapitalista e, portanto, socialista.

A escravidão dos juros é descendente direta do capitalismo. Apesar de toda a estreita relação entre ambos — ambos são tipicamente judaicos —, existe uma diferença. Pois é perfeitamente concebível que a servidão ao juro tenha sido há muito superada num povo, mas o capitalismo ainda não.

"*Sempre explicamos*", afirmou Bernhard Köhler no curso de verão da Comissão de Política Económica do NSDAP em 1935: "*o que entendemos por escravidão dos juros não é o pagamento de juros, mas a expropriação do rendimento do trabalho através do juro; isto ocorre quando o capital emprestado se apodera do domínio sobre o trabalho, ou seja, sob a premissa do capitalismo. Assim,*

[133] Ver página [] deste documento.

pode-se dizer com razão que a quebra e abolição dos juros é o cerne do socialismo"[134].

A escravidão dos juros prevalece, portanto, quando os rendimentos do trabalho são expropriados pelos juros, quando o trabalho é explorado pelo capital. Se a exploração do trabalho pelo capital for eliminada, a escravidão dos juros também será quebrada.

Pagar juros não significa escravidão dos juros

Pagar juros e cobrar juros não é mau nem imoral. Se pouparmos, podemos adquirir algo com as nossas poupanças; se renunciarmos temporariamente a essa aquisição, criamos poder de compra, cuja utilização podemos colocar à disposição de outros. Se outros utilizarem esse poder de compra a título de empréstimo para obter vantagens que de outra forma não poderiam obter, o mutuante também pode exigir uma taxa ou uma parte da vantagem obtida.

Não há nenhuma razão razoável para que alguém utilize bens ou valores de outra pessoa sem contrapartida, exclusivamente para seu próprio benefício.

A eliminação da usura

Poupar, ou seja, formar excedentes, é um dos pré-requisitos da economia nacional e só faz sentido se houver possibilidades de utilização economicamente frutíferas para os bens poupados.

No entanto, a poupança de dinheiro e o empréstimo desse dinheiro como capital são exigidos pelo Estado nacional-socialista precisamente para gerar um excedente de capital. Quanto mais poupamos, maior é a oferta de capital, menor é a escassez de capital e, consequentemente, menor é a possibilidade de praticar a usura com base nessa escassez.

Excluir essa usura faz parte das tarefas de quebrar a escravidão dos juros.

---

[134] Trecho original do discurso de Köhler: "*Wir haben immer wieder erklärt… Was wir unter Zinsknechtschaft verstehen, ist nicht das Zahlen von Zinsen, sondern die Enteignung des Arbeitsertrages durch den Zins; diese tritt dann ein, wenn das Leihkapital sich der Herrschaft über die Arbeit bemächtigt hat, also unter der Voraussetzung des Kapitalismus. So kann mit Recht die Brechung der Zinsknechtschaft als Kernstück des Sozialismus bezeichnet werden*".

No entanto, desde que nenhuma situação de emergência seja explorada pela cobrança de juros, mas que essa cobrança seja acordada com base em negociações e decisões livres, não pode haver escravidão nem usura. Pois a usura só existe onde há escassez, e a escassez só existe onde há dependência.

A escravidão tributária (Tributknechtschaft) também é escravidão dos juros (Zinsknechtschaft)!

A escravidão dos juros ontinua sendo escravidão dos juros, independentemente de afetar um indivíduo, uma empresa ou um povo inteiro. O povo alemão também caiu na escravidão tributária do capital mundial devido ao capitalismo.

Nos primeiros quatro anos após a tomada do poder e o início dos trabalhos, o nacional-socialismo «libertou a Alemanha da pressão do capital mundial». (Bernhard Köhler, Die zweite Arbeitsschlacht, Zentralverlag der NSDAP, Munique, 1936). Esta libertação foi um passo essencial para a abolição da escravidão dos juros que o capital internacional e as altas finanças internacionais que domina este capital exerciam sobre o nosso povo.

Ao lutar pelo seu direito ao trabalho como um todo em relação aos outros povos, o nosso povo também se liberta das amarras do capitalismo internacional.

Com a eliminação da nossa escassez de matérias-primas, dá-se mais um passo decisivo para a liberdade económica do nosso povo. Assim, a segunda batalha do trabalho também contribuirá para quebrar definitivamente a escravidão dos juros para o nosso povo.

A abolição da escravidão dos juros é uma exigência moral.

A abolição da escravidão dos juros não é uma mera ação de desendividamento, mas uma exigência moral.

Não significa enfraquecer, mas fortalecer a moralidade da dívida.

Significa limitar o setor de crédito ao seu domínio natural das necessidades econômicas, pois as necessidades vitais imediatas não pertencem ao domínio do

capital e do crédito, assim como a força de trabalho necessária para a subsistência deve estar livre de qualquer escravidão dos juros.

O fim da escravidão dos juros — uma tarefa da política

O fim da escravidão dos juros é, em primeiro lugar, uma tarefa política. A política deve criar condições para o trabalho livre. As medidas técnicas necessárias para tal baseiam-se exclusivamente num mandato político ou num objetivo político.

Se a política estabeleceu o direito igualitário ao trabalho para todos e eliminou a exploração, então cada cidadão é responsável por si mesmo, caso caia na escravidão dos juros.

Ações de desendividamento, como as que se tornaram necessárias de várias formas após o colapso da economia capitalista, só podem ser pontuais para nós e não são parte integrante da política econômica nacional-socialista.

Na economia socialista, o sistema de crédito está ordenadamente limitado ao setor económico, a vida e o trabalho são independentes do capital e a formação de excedentes é orientada para a formação predominante de património próprio, em vez da formação predominante de relações de dívida. A forma como cada cidadão se comporta dentro destas condições que lhe são dadas é da sua responsabilidade pessoal. Este é o sentido da frase de Bernhard Köhler, mal interpretada por falta de reflexão: acabar com a escravidão dos juros significa, em primeiro lugar, não contrair dívidas!

A política económica nacional-socialista garante ao cidadão trabalho livre e vida livre na nossa economia. Mas não lhe garante impunidade por estupidezes e imprudências!

Quebrar a escravidão dos juros e aliviar o devedor individual comportam-se exatamente da mesma forma que o direito ao trabalho e a obtenção de um emprego adequado.

A quebra da escravidão dos juros não requer um sistema monetário especial.

Como a quebra da escravidão dos juros é uma tarefa política, ela também não pode ser vista num sistema monetário especialmente construído, como recentemente a chamada «doutrina da compensação de bens» (Güterausgleichslehre) pretende fazer, como uma mera atualização das ideias de Gesell[135].

> "Não somos obrigados a realizar reformas monetárias, criações monetárias ou alterações violentas das relações de dívida. No entanto, estamos e continuamos a estar comprometidos com a abolição da escravidão dos juros (Brechung der Zinsknechtschaft), mesmo que as propostas construtivas feitas até agora se revelem inúteis. É igualmente errado e míope descrever as medidas de redução dos juros como a concretização da abolição da escravidão sos juros.
>
> A quebra da escravidão dos juros é um objetivo político e moral e tem um impacto abrangente na economia, bem como na vida cultural e popular. Será a consequência inevitável do restabelecimento do direito de cada cidadão ao trabalho". (Bernhard Köhler, Des Führers Wirtschaftspolitik, Munique, 1934.)

[135] Sílvio Gesell (1862-1930).

B) O fim de uma alta dos "bens reais"

Extraído de: "*Mitteilungen der kommission für Wirtschaftspolitik der NSDAP. heft 6, Jahrgang 2, März 1937"*

Nota editorial do NSDAP:

Acontece que o capital procura investimentos. Isso é um fato natural e muito bem-vindo, para isso existem títulos do Tesouro, etc. Mas acontece que o capital atua de forma menos agradável. Sempre que isso acontece, os judeus e alguns tolos que os seguem procuram «atividades especiais».

No outono de 1936, mais uma vez, um pedaço da história do capital e da bolsa de valores se desenrolou seguindo um padrão tipicamente capitalista. Foi uma verdadeira corrida judaica. Fundos consideráveis, predominantemente judaicos, tentaram escapar secretamente e rapidamente da jurisdição da política econômica nacional-socialista através da suposta brecha dos valores estrangeiros.

A exportação de capital da Alemanha já antes da guerra mundial demonstrava pouco instinto para a política de comércio externo. Afinal, eram subscritas indiscriminadamente obrigações do Estado estrangeiras e financiadas ferrovias americanas, austro-húngaras e suíças. Os ativos estrangeiros, que não eram insignificantes, foram então sistematicamente expropriados. Isso foi garantido pelo sistema de Versalhes. Isso foi garantido pelas sessões a pedido da comissão de reparações. No entanto, ainda restava uma parte dos ativos estrangeiros, mesmo quando o controle cambial foi introduzido.

Aumentos misteriosos nas taxas de câmbio.

A ligação bastante complexa entre transações comerciais e financeiras no comércio exterior levou ao surgimento de uma taxa de câmbio mais elevada em relação às taxas estrangeiras dos mesmos valores, em consonância com a chamada moeda de exportação. Essas transações passaram a ser cada vez mais controladas e restringidas; por fim, só eram permitidas com uma autorização muito especial. Com isso, todos tiveram que aceitar que a relação entre a

cotação interna dos títulos estrangeiros e a moeda de exportação havia sido eliminada.

No entanto, as cotações continuaram a subir. Na verdade, o movimento das cotações acelerou-se e expandiu-se fortemente em termos de volume.

Uma observação mais atenta revelou que eram sobretudo os fundos que se tinham tornado líquidos com a transferência de negócios e empresas judaicas que se voltavam para esta área de investimento, e esses fundos eram bastante avultados.

Magia com valores estrangeiros.

A preferência por títulos estrangeiros ocorreu claramente por duas razões: por um lado, via-se nesses investimentos a possibilidade de, de alguma forma e em algum momento, realizar uma transferência de património (ou, mais claramente, fuga de capitais) sem grandes perdas; por outro lado, o investimento era considerado «seguro».

A participação nesse jogo foi se espalhando cada vez mais, e um aumento imparável das cotações era considerado inevitável, pois supostamente refletia a «desvalorização do marco». A especulação era, portanto, «certa».

As coisas tomaram um rumo extremamente desagradável: em setembro, os mercados alemães foram completamente negligenciados, os títulos alemães foram parcialmente vendidos e os «estrangeiros» tiveram alta. «Valores» desconhecidos foram «colocados no mercado» por intermediários empreendedores. Apesar da dificuldade já existente em aceitar novos títulos estrangeiros, foram precisamente as empresas judaicas que «enriqueceram» o mercado alemão com títulos de fantasia altamente questionáveis, obtendo lucros intermédios consideráveis; desenvolveu-se um grande negócio, por exemplo, nas chamadas «quotas ferroviárias» das ferrovias austríacas divididas, em títulos hipotecários tiroleses pré-guerra, naturalmente em «russos», como em toda uma série de títulos orientais, com os quais se estimulou a fantasia e a especulação.

Um é dois e dois é três

Os preços, em si muito baixos, muitas vezes apenas alguns por cento ou frações disso, duplicaram, triplicaram, multiplicaram-se muito rapidamente e proporcionaram um lucro considerável aos intermediários, tão astutos nos negócios quanto inescrupulosos no que diz respeito aos interesses alemães.

O fenómeno negativo da especulação dos funcionários mostrou aos especialistas o nível exato dos excessos. As direções das bolsas falharam. Nenhuma bolsa oficial emitiu, na época, uma declaração clara de que tal desenvolvimento era incompatível com os interesses alemães e com a política econômica nacional-socialista. Quando se começou a falar com cautela, já era tarde demais, e a única solução era uma cura radical.

O fim da magia

Então, o Ministério da Economia do Reich interveio. Várias portarias praticamente proibiram a troca de divisas com o exterior; a maior parte foi sujeita a uma obrigação de depósito e, finalmente, foi introduzida uma autorização obrigatória para transações, com a supressão das cotações da bolsa.

Essas medidas, que naturalmente deixaram a bolsa muito «descontente» (o que não impediu que o empréstimo do Reich emitido simultaneamente fosse superado em 100 milhões), foram suficientes para acabar completamente com todo o pesadelo. Dos fundos que nas últimas semanas e meses se dirigiram tão vivamente para as novas oportunidades de investimento alemãs, uma parte considerável provinha dos restos do mercado cambial. Perdas patrimoniais sensíveis e uma série de falências de bancos judeus caracterizam a malfadada expedição de capital para o mercado cambial — uma lição drástica de que a política económica nacional-socialista frustra implacavelmente qualquer tentativa do capital de seguir caminhos «arbitrários».

Os seguidores poderiam ter poupado-se de lamentações posteriores se tivessem se familiarizado mais profundamente não com as oportunidades de especulação, mas com a essência e os objetivos da política económica nacional-socialista: o capital deve obedecer à política e a obedece.

Otto Kern

Formação em política econômica para jovens

Extraído de: "*Mitteilungen der kommission für Wirtschaftspolitik der NSDAP. heft 2, Jahrgang 1, April 1936"*

Pg. Otto Kern é colaborador do líder regional Dr. Ottokar Lorenz, assessor de política económica do líder da Juventude do Reich e chefe de uma comissão especial para a formação em política económica de jovens e estudantes na Comissão de Política Económica do NSDAP. Pg. Lorenz lidera há anos a formação em política económica na Juventude Hitlerista e muitos camaradas que passaram pelos seus campos de formação já estão hoje a trabalhar na ala de política económica do partido.

Tarefa.

O nacional-socialismo exige uma economia forte e popular (Völkisch). Daí resulta a conclusão de que todas as ações da economia devem se enquadrar nesse contexto. A economia não existe para si mesma, nem o povo ou o Estado existem para a economia, mas tanto o Estado quanto a economia devem servir ao povo, pois, em última análise, dependem do povo para sua prosperidade ou ruína e são sustentados exclusivamente pelo povo. É tarefa da formação em política econômica dentro da Juventude Hitlerista (H.J) e dos estudantes declarar guerra às ideias marxistas e capitalistas e definir claramente a posição dos nacional-socialistas. Outra tarefa consiste em selecionar adequadamente os camaradas que mais tarde serão colocados em ação. As diferenças entre a concepção nacional-socialista e a concepção marxista-capitalista devem ser mostradas de forma clara e inequívoca. Assim, este trabalho de formação deve conseguir que os princípios mais simples do nacional-socialismo na área da política econômica fiquem firmemente enraizados nos camaradas.

Campos de formação.

Como é que esta grande tarefa é abordada? Ao longo do tempo, verificou-se que a forma do grupo de trabalho é particularmente adequada para este fim. Por esta razão, a liderança da Juventude do Reich convoca camaradas da H.J. e estudantes adequados para campos de formação em política económica e realiza a formação em política económica de acordo com um plano comprovado.

Nos campos de formação são abordados sucessivamente:

1. a independência nacional da nossa economia e;
2. a solução da questão social.

Nestes grupos de trabalho são discutidas as ideias mais importantes da política económica nacional-socialista. Assim, apresentamos o direito ao trabalho como base da construção socialista, discutindo as ideias de Bernhard Köhler.
Após os grupos de trabalho, vários temas particularmente importantes, como: organização do mercado, lei da herança, economia de defesa, problema das matérias-primas, colonização, deslocalização industrial, criação de emprego, etc., são abordados pelos melhores especialistas nacional-socialistas, responsáveis por cada uma dessas áreas. Também aqui é dada especial importância ao debate. Esta estrutura permite, em grande medida, fazer uma seleção. Portanto, não se trata apenas de informar, mas também de encontrar jovens adequados, com aptidão especial na área da política económica, para continuar a promovê-los e, se possível, colocá-los em prática. Assim, é natural que o Departamento de Política Econômica da Liderança da Juventude do Reich trabalhe em estreita colaboração com os outros órgãos competentes do partido.

Organização do trabalho de formação.

O trabalho de formação em política econômica deve ser o mais simples e claro possível, para atingir rapidamente o objetivo definido. Por isso, não precisamos de uma estrutura enorme, não agimos de acordo com um grande plano organizacional. O trabalho principal é, portanto, realizado na liderança da juventude do Reich. A partir daqui, toda a formação é também realizada.

No entanto, para estar em contato próximo com os camaradas nas 28 regiões da Juventude Hitlerista, é nomeado um assessor de política económica para cada região. Cabe-lhe a tarefa de, em estreita colaboração com o partido, principalmente com o consultor económico regional, realizar a formação em política económica da Juventude Hitlerista.

Os camaradas que participaram nas viagens de formação da *Reichsjugendführung* continuam, naturalmente, a ser observados e a receber material. Para isso, não só serve uma visão geral da literatura nacional-socialista

na área da política económica, mas, acima de tudo, os grupos de trabalho em locais maiores devem reunir novamente os camaradas.

Anteriormente, era difícil encontrar camaradas adequados. Hoje, já estamos em condições de encontrar uma seleção de camaradas nos acampamentos. Pois só são convocados aqueles que se mostraram capazes nas comunidades de trabalho locais, nas escolas de liderança ou por recomendação dos diferentes palestrantes nas regiões.

Acampamentos comuns de camaradas da H.J e estudantes universitários.

O que é particularmente notável nos acampamentos de formação é a participação conjunta de camaradas da H.J e estudantes. Ao longo do tempo, provou-se ser extremamente vantajoso não organizar acampamentos exclusivamente para estudantes, mas sim acampamentos comuns que incluíssem tanto camaradas da H.J como estudantes. Constata-se repetidamente que o estudante cai facilmente no erro de ver as coisas de forma demasiado abstrata e teórica. Por isso, os acampamentos comunitários, que obrigam os camaradas estudantes a expressarem-se de forma simples e clara, para que os camaradas da H.J também os compreendam, têm um efeito excelente. Por outro lado, o maior conhecimento dos estudantes influencia favoravelmente o campo de visão dos camaradas da H.J. As conversas animadas durante o tempo livre são sempre uma prova da correção desses acampamentos comunitários. É claro que eles são precedidos por um plano de formação cuidadosamente selecionado, que atende às necessidades de ambas as partes.

Avaliação e integração dos jovens.

A avaliação após a conclusão dos cursos também é feita de acordo com critérios específicos. No início de cada curso, cada camarada conta detalhadamente a sua história de vida. Isso permite ao instrutor compreender mais facilmente a psique de cada um e evitar julgamentos injustos. A forma de trabalho em grupo também facilita a avaliação. Um trabalho escrito deve fazer justiça aos colegas menos eloquentes.

No final de cada acampamento, são realizadas reuniões individuais, ou seja, cada participante tem novamente a oportunidade de conversar a sós com o instrutor e o diretor do acampamento, fazer perguntas e obter informações.

Além disso, cada participante do curso tem a possibilidade de dirigir-se posteriormente ao Departamento de Política Econômica com as suas perguntas.

Estes métodos permitem uma avaliação justa e adequada. Os colegas são registados em ficheiros, cujos cartões recebem uma cor especial, dependendo da aptidão dos colegas. Desta forma, registramos os currículos exatos e os trabalhos sobre questões de política econômica de todos os participantes na formação.

Assim, o departamento pode não só realizar um trabalho de formação preciso, mas também indicar a qualquer momento os camaradas que possuem aptidões especiais na área da política econômica.

Karl Albach

A segunda batalha trabalhista

Extraído de: "*Mitteilungen der Kommission für Wirtschaftspolitik der NSDAP. Heft 4, 1. Jahrgang, Juni 1936*"

Os economistas da velha guarda ainda não conseguem compreender que a segunda batalha do trabalho é uma racionalização nacional-socialista contrária à onda de racionalização altamente irracional dos anos 1925/26. A necessidade prática dessa racionalização é descrita aqui com um exemplo da mineração do Ruhr, que contém conclusões até agora desconhecidas do público.

Conscientes de que a primeira batalha trabalhista tinha como único objetivo combater o desemprego através do trabalho, o nacional-socialismo opôs-se desde o início, com justificada veemência, a todas as tentativas dos economistas de aumentar os preços.

Considerávamos que o aumento do trabalho e o consequente aumento da produção eliminariam por si só quaisquer perdas operacionais anteriores.

Estávamos interessados em manter os preços baixos, especialmente para os bens de consumo industrial do dia a dia, tendo em conta o poder de compra extremamente enfraquecido da população, se quiséssemos ajudar a primeira batalha do trabalho a ser bem-sucedida.

Equilíbrio entre os preços dos produtos industriais e agrícolas.

Apesar do efeito da crise, a situação era tal que os preços industriais, devido à ampla cartelização da indústria, mantiveram-se num nível relativamente alto, em contraste com os preços dos produtos agrícolas, de modo que a diferença de preços entre a indústria e a agricultura era muito grande. Com preços de produção parcialmente reduzidos pela metade para produtos agrícolas, como, por exemplo, gado, era inevitável o empobrecimento dos agricultores, mas para o povo alemão seria um crime imperdoável aumentar os preços dos produtos agrícolas até se equipararem aos dos produtos industriais, a fim de combater o

declínio da agricultura e, ao mesmo tempo, mudar definitivamente o destino do povo alemão.

Portanto, não se tratava de uma medida unilateral em favor da agricultura alemã, mas sim de uma política popular generosa e, ao mesmo tempo, de uma medida de criação de empregos em uma escala então inimaginável. A batalha pela produção agrícola, com o seu duplo programa de liberdade alimentar e abastecimento industrial de matérias-primas, tornou isso compreensível para todos. Originalmente, porém, a economia industrial argumentava que o que era bom para os agricultores também deveria ser bom para a indústria. Na medida em que isso ainda não tinha acontecido, baseava-se nas desvantagens da junção dos cartéis para fixar os preços e, infelizmente, aumentá-los.

O equilíbrio entre os preços agrícolas e industriais nunca teria sido alcançado no sentido da primeira batalha do trabalho. A escalada mútua dos preços teria levado a um aumento geral do custo de vida e, consequentemente, colocado em causa a criação de emprego.

Foi o próprio Führer que, num discurso público, alertou para o perigo de uma espiral sem fim, com as suas repercussões legítimas na moeda, e anunciou medidas drásticas contra a especulação de preços totalmente prejudicial.

A própria indústria tinha o maior interesse em que a agricultura avançasse de acordo com o objetivo da batalha produtiva, porque isso se traduzia, precisamente para ela, em trabalho e aumento do trabalho através da integração dos desempregados no processo produtivo.

Direito ao trabalho e racionalização.

Essencialmente, o objetivo da primeira batalha pelo trabalho, que era combater o desemprego através do próprio trabalho, foi alcançado.

Para a segunda batalha pelo trabalho, Bernhard Köhler, como líder da Comissão de Política Económica do NSDAP, estabeleceu como objetivo geral a criação de empresas resistentes a crises e, ao mesmo tempo, a racionalização da economia nacional.

Nos círculos da economia que ainda não estão suficientemente próximos do nacional-socialismo, este objetivo de Bernhard Köhler para a segunda batalha do trabalho não foi compreendido em alguns casos. Eles permanecem no pensamento capitalista e acreditam que a economia estará em perfeita ordem se as empresas voltarem a gerar excedentes. Talvez não ignorem o resto do desemprego, mas este não constitui para eles motivo de preocupação séria, como para nós, que sabemos que um desempregado atrai sempre outros e que o direito inalienável ao trabalho não é realizado enquanto ainda existir desemprego.

Um exemplo da indústria mineira da Ruhr

A utilidade prática do apelo de Bernhard Köhler à racionalização pode ser explicada com mais detalhes através de um exemplo da indústria mineira da região do Ruhr.

Estudos especializados determinaram até que profundidade a exploração das jazidas de carvão pode ser realizada sem colocar toda a região em risco devido ao afundamento da superfície terrestre, um efeito colateral da mineração. Poucos dentro e fora da região do Ruhr sabem que a área, especialmente no Baixo Reno, já precisa ser protegida da água por diques altos e estações de bombeamento.

Essas investigações levaram inicialmente a uma correção significativa das nossas reservas de carvão utilizáveis, que agora não durarão nem 2000 nem 1000 anos, mas apenas cerca de 380 anos.

Exploração excessiva do carvão gordo.

Em seguida, as reservas de carvão foram divididas por tipos, como carvão gordo, carvão gasoso e carvão magro. As quantidades de reservas assim encontradas para cada tipo de carvão foram então relacionadas com a produção atual. Verificou-se que, atualmente, cerca de 70% da produção total da região do Ruhr é proveniente de uma exploração excessiva da nossa substância mais valiosa, ou seja, o carvão gordo, cuja proporção na substância total explorável é de quase 30%.

O carvão gordo é tão importante para nós porque é a partir dele que se obtém, através de um processo de alta temperatura, o coque para a nossa indústria siderúrgica, ou seja, praticamente para a produção de aço e também para os diversos fins de fundição.

Nos últimos anos, porém, foram envidados grandes esforços para introduzir este coque de alta temperatura também na aquecimento doméstico e no aquecimento central, o que tem sido conseguido anualmente em pelo menos 5 milhões de toneladas.

O coque obtido a partir do carvão Jett também é exportado.

No entanto, como o coque não pode ser armazenado por tempo ilimitado, e as condições climáticas do inverno, como chuva e geada, afetam negativamente a sua qualidade, no passado chegou a acontecer que o coque fosse vendido para o exterior por um quarto do preço interno.

No entanto, o carvão para gás e para chamas de gás, extraído da borda sul da cordilheira mais próxima da superfície terrestre, o carvão Jettkohle, encontra-se em profundidade média, enquanto as camadas de carvão magro se encontram na maior profundidade. Em termos económicos, o carvão Jettkohle tem custos de extração mais elevados, pelo que a sua desperdício acarreta as maiores perdas.

Imperativo da razão: economia.

Portanto, é simplesmente um imperativo da razão poupar as nossas reservas de carvão Jett e não desperdiçar nem este carvão vermelho nem o coque, ainda mais quando a compensação das perdas não é feita na própria indústria mineira, mas tem de ser feita de forma geral sob a forma de preços internos mais elevados e de subsídios especiais do fundo geral de compensação das exportações.

A exploração abusiva do nosso carvão, que, aliás, não existe nem no Sarre, nem na Alta Silésia, nem em qualquer outro lugar da Alemanha, encarece ainda mais os custos de produção da mineração do Ruhr, pois muitas vezes é necessário contornar o carvão gasoso e o carvão de chama gasosa nos pontos de exploração

subterrânea, para mais tarde, durante a exploração do carvão gasoso e do carvão de chama gasosa, reiniciar a operação nesses pontos.

Possibilidades de racionalização na mineração de carvão.

Se se renunciasse à coqueificação a alta temperatura do carvão Jett para aquecimento doméstico, seria possível extrair 8 milhões de toneladas de carvão gasoso e carvão de chama gasosa. Desde que, em vez das operações de mineração puras, esta simples medida de racionalização de redução de custos fosse mais económica, pois os custos de extração de carvão gás e carvão de combustão a gás são mais baixos do que os do carvão Jett. Além disso, se o carvão para gás e carvão para combustão fosse submetido ao processo de refinamento da carbonização, poderíamos obter, além da gasolina, também óleo diesel, que até agora temos de importar quase exclusivamente do exterior. Assim, como mostra o exemplo dado, a preservação do carvão jet da Ruhr, exigida pela economia nacional, e a exploração simultânea mais intensa do carvão gasoso e do carvão de chama gasosa permitem, por si só, tornar a exploração mais racional do que até agora. A racionalização não se trata de ideias utópicas, como pensam alguns economistas, cujas mentes ainda estão confusas pelas medidas de racionalização erradas e seus efeitos devastadores durante o período do regime. Sabemos que a segunda batalha pelo trabalho exige o uso de meios muito mais refinados e uma seleção mais criteriosa dos mesmos, a fim de levá-la a um sucesso duradouro. Mas, como continuamos a nos esforçar constantemente para realizar o direito ao trabalho e libertar o povo da privação de direitos e da exploração pela arbitrariedade capitalista, isso não pode ser adiado.

Werner Scheunemann

A) Programa-NS e política econômica: abolição do rendimento sem trabalho e sem esforço

Extraído de: "*Mitteilungen der Kommission für Wirtschaftspolitik der NSDAP. Heft 4, 1. Jahrgang, Juni 1936*"

Enquanto os governos falidos, tanto na política como na economia, se deixavam levar passivamente pelas oscilações dos «ciclos econômicos» e quase se afogavam neles juntamente com o povo alemão, os homens do Terceiro Reich arregaçaram imediatamente as mangas e puseram mãos à obra.

No entanto, não podiam proceder de forma a pegar no programa do partido e decidir implementar, um por um, todos os pontos do programa. Se tivessem dedicado cerca de seis semanas a cada ponto, todo o programa do partido teria sido «automaticamente» implementado em pouco mais de três anos.

É claro que isso não era possível. Para isso, o nacional-socialismo havia estabelecido objetivos muito ambiciosos. Além disso, o povo alemão estava em uma situação de extrema necessidade.

Portanto, não era possível simplesmente começar a implementar, ponto por ponto, o programa do partido e as reivindicações feitas antes da tomada do poder; o primeiro passo era garantir a sobrevivência do nosso povo. No entanto, já vale a pena examinar até que ponto as exigências do programa do NSDAP foram cumpridas dentro desse trabalho prático. Começamos pelo primeiro parágrafo do ponto 11:

Abolição do rendimento sem trabalho e sem esforço

Vida de zangão.

Basicamente, pode-se dizer que, na Alemanha de Adolf Hitler, as pessoas que vivem como zangões não gozam de prestígio. O compatriota sério, que trabalha arduamente para garantir a sua subsistência, é mais valorizado do que o filho de pais ricos, cuja única tarefa consiste em gastar o dinheiro do pai, exibir-se em campos de ténis, piscinas e discotecas, sem colocar a sua força de trabalho à disposição da coletividade. (Adolf Hitler: «Prefiro ser o último compatriota trabalhador entre vós do que rei em outro lugar.»)

Os especuladores da bolsa.

Além desse desprezo fundamental pelos preguiçosos, já foram tomadas medidas estatais contra a renda sem trabalho e sem esforço.

Na última edição destas comunicações, Bernhard Köhler abordou mais detalhadamente a bolsa e as tendências especulativas na bolsa.

Ainda temos muito a criticar na bolsa de valores e na forma como ela é utilizada pelos seus visitantes. Rumores e especulações, pura movimentação de títulos por estrangeiros e coisas semelhantes ainda existem hoje em dia. Por outro lado, seria impensável, por exemplo, que judeus com grande capital reunissem pacotes de diferentes sociedades anónimas e, com base na sua participação acionária, obrigassem legalmente as empresas a se unirem, apenas para obterem lucros elevados com a revenda dos pacotes ou para obterem cargos administrativos lucrativos. Já não é possível violar os interesses da produção através de transações financeiras externas.

Os colecionadores de mandatos em conselhos de supervisão.

Se antes se consultasse as colunas de um manual dos conselhos de supervisão, descobrir-se-iam verdadeiros recordes na acumulação de mandatos em conselhos de supervisão. Muito mais de cem, até duzentos mandatos numa única pessoa eram comuns. É óbvio que um conselheiro fiscal assim não consegue manter um contacto próximo com as empresas que «fiscaliza». Mas ainda mais impossível era que esses conselheiros fiscais tivessem um

conhecimento mais aprofundado sobre a empresa da qual obtinham rendimentos fáceis e lucrativos.

O diretor-geral de uma grande fábrica que, entre outras coisas, também produz máquinas de escrever, conta que um membro do conselho fiscal lhe contou que tinha comprado várias máquinas de escrever; infelizmente, porém, ele não comprou a marca da empresa, mas a marca X. O famoso membro do conselho fiscal ficou surpreendido quando o diretor-geral lhe disse que essa marca X era precisamente a marca da sua empresa, que gozava de prestígio e reputação em todo o mundo como produto dessa empresa! Trata-se de uma conhecida empresa saxónica, cujo mais recente produto na área das máquinas de escrever está mesmo a abrir caminho como artigo de exportação de alta qualidade!

Até este ponto chegou a despersonalização da economia numa era capitalista. Hoje, o número de cargos no conselho fiscal que podem ser reunidos nas mãos de uma única pessoa já é limitado. Os mandatos no conselho fiscal não são mais fontes de renda fácil e sem esforço, mas sim obrigações para com a empresa, que, se negligenciadas, podem ter efeitos extremamente drásticos para os membros do conselho fiscal que se esqueceram de seus deveres.

Os especuladores de terrenos e recursos naturais.

No entanto, ainda mais importante do que a questão dos mandatos nos conselhos de administração é, para o povo alemão, a abolição da especulação com a terra alemã. Era assustadora a percentagem de terras alemãs que, aquando da tomada do poder, estava nas mãos da comunidade judaica internacional e a percentagem adicional que estava prestes a passar das mãos dos agricultores alemães para o controlo dos exploradores judeus. O Reichsleiter Hans Frank descreveu como um mérito histórico do nacional-socialismo o facto de ter retirado esta terra alemã, sagrada para todos nós, das teias da bolsa e do comércio liberalista e de ter criado, na propriedade hereditária, um lar para os agricultores alemães, único no mundo atualmente.

A terra é a base alimentar e o espaço vital do povo — e não apenas uma propriedade privada, cuja soma constitui as fronteiras estatais aleatórias. Na Alemanha atual, a terra e os terrenos não são objeto de especulação privada, mas estão vinculados à sua função popular. Os defensores do direito

nacional-socialista garantem que nenhum pedaço de terra alemã caia nas mãos dos judeus. Assim, o judaísmo é gradualmente privado do enriquecimento fácil com o solo alemão.

O passo lógico seguinte foi eliminar a especulação fácil com os alimentos do povo alemão. Se as bolsas de valores já apresentam um quadro desolador, comparado com o seu apogeu há sete a dez anos, as antigas «bolsas de cereais», hoje mercados grossistas, apresentam um quadro ainda mais desolador. Não existem mais transações a prazo com cereais e outros alimentos essenciais. A especulação judaica às custas do agricultor como produtor e do trabalhador como consumidor foi abolida. Em seu lugar, surgiram preços fixos, que são o complemento natural da garantia legal da propriedade rural. A renda fácil proveniente do comércio especulativo de alimentos pertence ao passado.

A reserva industrial e os seus beneficiários.

Mas qual é a importância, face a todas estas medidas individuais, da grande reviravolta que conseguimos provocar através do trabalho?

Já não existe um mercado de trabalho. O trabalhador alemão já não precisa de colocar a sua força de trabalho no mercado como uma mercadoria e negociar o preço dessa mercadoria ou deixá-lo ser ditado pelo empresário mais poderoso.

Bernhard Köhler caracterizou a profunda mudança interna: "*Antes da economia, está o trabalho como expressão viva e real da existência do povo. A economia existe apenas para possibilitar o trabalho continuamente, para garantir continuamente novos rendimentos laborais e a subsistência*". E continuou: "*Todos os esforços, tanto da legislação social como do empreendedorismo social, permanecem ineficazes enquanto não se discutir o grande direito vivo do povo através da contabilidade económica. Com o direito ao trabalho, termina a dependência do trabalho. O trabalho torna-se a medida básica de qualquer cálculo econômico e determina-o, em vez de ser determinado por ele. Quando o trabalhador já não precisa de temer ser exposto à fome e à destruição da sua família, caso perca o emprego ou não esteja disposto a aceitar condições inadequadas, surge uma negociação entre o empresário e o trabalhador, que ocorre em pé de igualdade*".

Hoje em dia, é inconcebível que os empresários obtenham lucros elevados através da redução sem escrúpulos dos salários, recorrendo a uma «reserva industrial» de massas proletárias desempregadas e colocando-as em concorrência com os trabalhadores empregados em relação a eventuais reivindicações salariais. Não pode haver proletariado no Terceiro Reich. Temos uma classe trabalhadora que cria e se orgulha de poder contribuir para a reconstrução do nosso Reich. O capitalismo será superado com o empenho no trabalho e a instituição do direito ao trabalho na Alemanha e, com isso, também o enriquecimento fácil às custas dos compatriotas mais pobres.

Na prática, isso significa, no entanto, para alguns empresários, mais dores de cabeça do que antes, assim como para alguns diretores de bancos e banqueiros, que podem ter de se esforçar mais para canalizar o dinheiro para canais realmente produtivos, em vez de para negócios puramente especulativos. Mas isso não faz mal, porque pensar é, como Bernhard Köhler disse uma vez, o combustível mais barato.

No entanto, os antigos beneficiários de rendimentos fáceis e sem esforço já não se sentem bem na Alemanha e estamos felizes por eles estarem a abandonar o país em massa para tentar impor-se a outros povos — enquanto isso for possível!

B) Programa-NS e política econômica: abolindo a escravidão dos juros

Extraído de: "*Mitteilungen der Kommission für Wirtschaftspolitik der NSDAP. Heft 5, 1. Jahrgang, juli 1936*".

Entre as exigências do nacional-socialismo que suscitaram os mais acirrados opositores está o ponto 11, frase 2, do programa do partido: *Abolição da escravidão dos juros*. Para o nacional-socialismo, isso foi a melhor prova de que ele havia cutucado um vespeiro e que sua cutucada causou dor intensa a um monte de interessados. Portanto, essa exigência não só tinha de ser correta, mas também implacavelmente necessária; tinha de ser defendida sem concessões e, finalmente, implementada. Depois de termos abordado na última edição o estado da abolição do rendimento sem trabalho e sem esforço, surge a seguinte questão: *a escravidão dos juros já foi quebrada?*

O domínio do capital internacional.

O que é, afinal, a escravidão dos juros? É uma relação de dívida (Schuldverhältnis) que gera obrigações de juros (Zinsverpflichtung); é o montante dessas obrigações de juros; a rigidez da sua cobrança?

Por escravidão dos juros entende-se a dívida com juros do Estado e do povo para com as potências monetárias supranacionais. "*A servidão sob o domínio do dinheiro é mais terrível e brutal do que qualquer forma de domínio sob príncipes absolutos, porque é exercida de forma impessoal, sem qualquer sentimento humano, possuída apenas por um insaciável impulso de expansão e crescimento, por uma sede de poder sem igual*". Por meio de todos os tipos de «direitos legais», títulos de dívida, hipotecas, ações etc., o capital internacional de empréstimos tornou-se o mundo inteiro sujeito a juros. Propriedades, locais de residência e de trabalho, terras e terrenos de povos produtivos foram colocados sob o poder das potências financeiras internacionais por meio da abstração. Povos inteiros tornaram-se sujeitos ao pagamento de juros a um punhado de magnatas bancários e bolsistas com o seu trabalho. No capitalismo, isso expressava-se no objetivo da «rentabilidade» das entidades sujeitas ao pagamento de juros, ou seja, na subordinação de tarefas puramente produtivas e sociais à cobrança de juros pelo capital de empréstimos. Tudo o resto tinha de ficar em segundo plano. O homem na empresa, o produto da empresa — tudo

servia a um único objetivo: o pagamento dos juros. Assim, os alicerces de uma economia verdadeiramente útil ao povo foram sendo destruídos de forma cada vez mais profunda.

Adolf Hitler explica em «Mein Kampf» que os judeus se inseriram no ciclo da produção nacional através das ações (e de múltiplas outras obrigações de dívida), transformando-a num objeto danoso, passível de compra e mais facilmente negociável, e roubando assim às empresas a base da propriedade pessoal. Além disso, a influência judaica na área económica cresceu rapidamente através da bolsa de valores, explica o Führer. Os judeus tornaram-se proprietários ou, pelo menos, controladores da força de trabalho nacional.

A bolsa de valores começou a triunfar e preparou-se para, de forma lenta mas segura, assumir o controle da vida da nação. O ataque conjunto do capital financeiro ganancioso conseguiu finalmente internacionalizar a economia alemã. Lembremo-nos de que, após a guerra, para lucrar com transações financeiras e obter poder de decisão mesmo aqui, até a Reichsbahn e a Deutsche Reichsbahn foram transformadas em sociedades anónimas! Tão longe foi a ambição de domínio do capital financeiro internacional, que não precisa de fronteiras estatais para exercer o seu poder. A Alemanha ficou completamente subjugada ao judaísmo mundial em termos financeiros e, consequentemente, também políticos. A escravidão dos juros triunfou.

A abolição da escravidão dos juros como exigência política.

A abolição da escravidão dos juros era uma exigência política. Para o nacional-socialismo, era natural que ele assumisse a luta contra essa gigantesca potência mundial. O trabalho do povo alemão deve servir para prover da melhor forma possível o nosso povo com os bens de que necessita, e não para enriquecer obscuros poderes financeiros. A abolição da escravidão dos juros decorre, portanto, da libertação do trabalho do jugo da exploração tributária. A criação do direito ao trabalho e ao livre desempenho, bem como, naturalmente, à livre disposição sobre o rendimento desse desempenho, também inclui a abolição da escravidão dos juros.

A abolição da escravidão dos juros é uma exigência altamente socialista. Também não é uma utopia. Só o era aos olhos daqueles cuja pretensão de poder financeiro deveria ser anulada por esta exigência, nascida da vontade genuína de autopreservação alemã.

O capital não deve dominar, mas servir!

O capital de empréstimos já não tem o domínio supremo que tinha sobre o Estado, que na Alemanha do pós-guerra implorava aos judeus banqueiros para obter fundos para pagar os salários dos funcionários públicos; que se deixou convencer por um especulador de rara estatura, Ivar Kreuger, a contrair um empréstimo, porque o seu próprio crédito já não era suficientemente grande; que, na Alemanha pré-guerra, não se envergonhava de colocar a aristocracia financeira ao lado da aristocracia nobre (o que ecoa os pecados das gerações anteriores de príncipes).

O nosso Estado assumiu a sua postura coerente desde o início: com o início do Terceiro Reich, ficou claro para as potências financeiras supranacionais que uma luta intrépida no campo econômico começaria para libertar o povo e o Estado das correntes de ouro.

O Führer chamou a isso o "*ponto mais importante do programa da nação alemã para a sua independência económica e liberdade*".

Se anteriormente nenhum governo se atreveu a tomar medidas drásticas contra os interesses lucrativos do mundo financeiro, o nacional-socialismo, após a sua ascensão ao poder, não hesitou um único dia em tornar o capital servo, em vez de senhor, do povo e da sua economia.

Também no Estado nacional-socialista existem bancos e outras instituições financeiras; mas eles já não são os senhores da economia ou mesmo do Estado, mas sim seus auxiliares. O dinheiro foi devolvido à sua função original e real, que é a de ser um meio auxiliar para a troca de bens. Antigamente, não se produzia em primeiro lugar o que era necessário, mas sim o que era «rentável». Uma coisa que não prometia juros e dividendos suficientes não era levada adiante. Hoje, especialmente na área da produção de matérias-primas, são

construídas fábricas de grande porte, embora, do ponto de vista da rentabilidade pura, alguns críticos levantem objeções.

No entanto, o interesse da nossa nação em termos de vida e abastecimento, em tempos bons e maus, é determinante, e não a valorização mais vantajosa do capital (leia-se pilhagem financeira do povo). Foram iniciadas obras públicas de enorme dimensão, financiadas, entre outros, com ajuda bancária, nas quais não se aplicam quaisquer critérios de rentabilidade (autoestradas, armamento). O setor bancário foi realmente colocado aqui numa função de serviço. No entanto, ele não se impôs de forma alguma. Internamente, ainda hoje, em parte, ele encara o seu novo papel com incompreensão, para não dizer perplexidade. Mas ele se submete e, com discernimento, ou seja, os diretores bancários inteligentes reconhecem cada vez mais que o novo rumo também traz vantagens puramente privadas para o próprio setor bancário. Como, de modo geral, se impõe cada vez mais na economia a consciência de que somente num Estado que reivindica a liderança política total a economia pode prosperar; pois agora ela pode se dedicar às suas tarefas específicas, que são verdadeiramente dignas de homens grandes e competentes.

Eliminação dos danos individuais

A exigência política de acabar com a escravidão dos juros foi, portanto, claramente cumprida. Isso por si só já é uma conquista histórica.

Menos revolucionária pode ser, em contrapartida, a abordagem à eliminação dos danos individuais causados pelo abuso secular do capital. Aqui é necessária uma observação cuidadosa dos processos econômicos, para não provocar uma destruição ainda maior.

Por isso, a medida puramente prática de reduzir o nível geral dos juros foi abordada com muita ponderação e grande cautela. O sucesso é de conhecimento geral. A taxa de desconto do Reichsbank em agosto de 1931 era de 15%, agora é de 4%; a taxa lombard do Reichsbank era de 20%, agora é de 5%. As taxas de juro devedoras das instituições de crédito eram de quase 13,5% em agosto de 1931 e agora são de 5%. A conversão orgânica das taxas de juro no mercado de títulos de rendimento fixo reduziu os rendimentos de 6,25-7,50% para 4,70-4,85%. Isso teve um impacto em todas as outras taxas de juro. Um efeito

colateral particularmente valioso e ilustrativo do capítulo «Quebra da escravidão dos juros» é que, com isso, o Estado também pode cobrir as suas grandes necessidades de empréstimos a juros de 4½% — e, considerando a emissão de empréstimos abaixo do valor nominal, a um custo total (rendimento) inferior a 4,70%.

No entanto, ainda há muito a fazer no que diz respeito à influência das múltiplas taxas de juro descontroladas. Basta mencionar as hipotecas privadas para referir uma área de taxas de juro lamentáveis, cuja eliminação só foi possível graças às recentes disposições.

A pequena batalha contra as taxas de juro excessivas deve continuar. Ela tem uma boa base de operações na forma dos progressos visíveis mencionados na redução das taxas de juro nas grandes áreas do movimento organizado de capitais. Os próximos ataques já estão a ser preparados. Cada cidadão pode ajudar com a sua atenção e vigilância. A usura deve ser erradicada em todos os locais onde ainda ocorre de forma isolada.

Preetende-se tratar da abolição da escravidão dos juros em outros ensaios. A. Equipe editorial [NSDAP].

***

Nota do tradutor: Recomendo ver o que fala o livro "*Das Programm der NSDAP wird erfüllt!*" (O Programa do NSDAP será completado!), publicado em 1941 pela *Zentralverlag der NSDAP*, do autor Alfred Himstedt.

C) Programa-NS e política agrária

Extraído de: "*Mitteilungen der kommission für Wirtschaftspolitik der NSDAP. Heft 1, Jahrgang 1. September 1936"*

O programa do NSDAP aborda as questões centrais da gestão fundiária no ponto 17: "*Exigimos uma reforma agrária adaptada às nossas necessidades nacionais, a criação de uma lei para a expropriação gratuita de terras para fins de utilidade pública. Abolição do imposto fundiário e impedimento de qualquer especulação fundiária*".

Especulação judaica eliminada.

Este ponto do programa, tal como a exigência de acabar com a escravidão dos juros, também foi frequentemente interpretado de forma hipócrita pelos nossos adversários. Por isso, já em 1928, o Führer viu-se obrigado a dar uma explicação assinada, que hoje tem um significado especial. O Führer explicou que a passagem «expropriação sem indenização» se referia apenas à criação de possibilidades legais para expropriar, se necessário, terras que tivessem sido adquiridas de forma ilegal ou que não fossem administradas de acordo com o bem-estar do povo. Isso era dirigido principalmente contra as sociedades judaicas de especulação imobiliária.

Não é preciso dizer muito para ilustrar o cumprimento dessa exigência. Onde os especuladores imobiliários judeus podem comprar terrenos hoje, se for possível supor que o Estado possa ter interesse nesse terreno em breve (porque ali será construída uma estrada, um edifício público ou algo semelhante)? Antigamente, era bastante comum na Alemanha que os projetos de construção pública fossem divulgados aos especuladores imobiliários judeus antes de serem concretizados, e que os funcionários públicos até mesmo fornecessem informações a esses especuladores para que eles comprassem os terrenos a tempo e os vendessem a preços elevados ao poder público. O prejudicado era o Estado, ou seja, a comunidade, enquanto o especulador judeu e, por vezes, o funcionário público desonesto, obtinham lucros indevidos.

No nosso Estado, tal coisa já não é concebível. Tais manobras especulativas não resultariam em lucros para os envolvidos, mas sim numa viagem de recuperação

para um campo de concentração. Não foram aplicados preços exorbitantes aos terrenos, nem para a construção das autoestradas do Reich, nem para as muitas outras obras públicas. Se os antigos proprietários desses terrenos necessários para fins públicos tivessem se recusado a atender às exigências de utilidade pública, o poder estatal teria sido acionado. Como o nacional-socialismo se baseia na propriedade privada, ninguém que cedeu terrenos para fins públicos foi expropriado. Esta parte do ponto 17 permaneceu como medida defensiva contra as sociedades especulativas judaicas.

O que exigimos...

No entanto, as outras partes do ponto 17, que foram posteriormente esclarecidas por declarações oficiais do partido, têm uma importância prática maior. Em 6 de março de 1930, o Führer divulgou uma declaração oficial do partido sobre a posição do NSDAP em relação ao comércio e à agricultura. Nela, foi salientado que a Alemanha não deve depender do exterior para o seu abastecimento alimentar, uma vez que o povo alemão pode alimentar-se essencialmente dos seus próprios recursos naturais.

> "O aumento do rendimento da agricultura nacional tornou-se, portanto, uma questão de vida ou morte para o povo alemão. Um povo rural economicamente saudável e com poder de compra é também de importância crucial para as vendas da nossa indústria, que no futuro estará cada vez mais dependente do mercado interno. Não só reconhecemos a importância primordial da agricultura para o nosso povo, como também vemos na população rural o principal sustentáculo da saúde genética do povo, a fonte da juventude do povo e a espinha dorsal da sua força militar. A preservação de uma classe agrícola eficiente e numerosa, proporcional ao crescimento da população total, constitui um dos pilares da política nacional-socialista".

Até aqui, a declaração oficial do partido, que exigia um direito fundiário alemão e a valorização da agricultura em termos económicos e culturais.

Após a tomada do poder, o próprio Führer acrescentou na sua declaração governamental de 23 de março de 1933: "*A salvação dos agricultores alemães deve ser levada a cabo em todas as circunstâncias. A destruição desta classe social do nosso povo teria consequências extremamente graves. A redução da rentabilidade das explorações agrícolas pode ser difícil para o consumidor, mas o destino que atingiria todo o povo se o agricultor fosse à ruína não seria comparável a essa dificuldade. O que a economia global, incluindo a nossa*

indústria de exportação, deve ao bom senso do agricultor alemão não pode ser compensado por nenhum sacrifício de natureza comercial".

... e o que foi alcançado

Para a implementação prática destes objetivos, tem sido realizado um enorme trabalho legislativo, organizacional e informativo. Hoje, podemos afirmar com profunda satisfação interior que o trabalho agrícola voltou a ser lucrativo para o agricultor e que este não é mais apenas diligente para satisfazer os seus credores com esforço e sacrifício, para não ser expulso da sua quinta.

A fixação dos preços dos produtos agrícolas foi retirada da especulação bolsista e a exploração dos agricultores pelo comércio grossista (muitas vezes judeu) foi impedida.

Hoje, pode-se dizer que nunca na história agrícola alemã foram desenvolvidas as mesmas energias que desde a nomeação de Richard Walther Darré, em 29 de junho de 1933, para Ministro do Reich da Alimentação e Agricultura. Desde então, foram promulgados os atos legislativos determinantes que serviram de base para a política agrícola posterior.

Antigamente: o agricultor era saqueado.

É preciso ter em conta que, quando o poder foi tomado, cerca de metade dos agricultores alemães enfrentava o destino da execução hipotecária da sua quinta. A nova dívida agrícola desde 1924 tinha atingido, até essa altura, cerca de 12 bilhões de marcos alemães! No mesmo período, a agricultura enfrentou um colapso total dos preços agrícolas. Se em 1928/29 o trabalho agrícola dos camponeses alemães ainda rendia 10 bilhões de marcos alemães, em 1932/33 esse valor caiu para apenas 6,4 bilhões Os custos da produção agrícola já não eram cobertos, a dívida dos agricultores aumentava inevitavelmente, o colapso da nossa economia alimentar e a dependência quase total do nosso abastecimento da boa vontade do estrangeiro estavam iminentes.

Agora: preços justos!

Isso não deve ser esquecido ao avaliar a introdução deliberada de melhorias nos preços dos produtos alimentares pelo nacional-socialismo. Assim como o

trabalhador precisava ser salvo, o agricultor também precisava ser salvo. Ambos dependem um do outro para o seu sucesso ou fracasso. Enquanto os trabalhadores industriais registaram um aumento significativo nos seus rendimentos desde 1933, as receitas agrícolas aumentaram para 7,5 bilhões em 1933/34 e para 8,2 bilhões em 1934/35. Isto representa uma melhoria de cerca de 28% em relação ao nível mais baixo atingido em 1932/33.

No entanto, o aumento dos preços só foi permitido na medida do estritamente necessário para a reestruturação das explorações agrícolas. Tentou-se criar «preços justos». Estes devem, por um lado, ser suficientemente elevados para garantir ao produtor a cobertura dos custos de produção ou ao distribuidor a cobertura dos custos de distribuição, acrescidos de um rendimento adequado e, por outro lado, ser suficientemente baixos para não sobrecarregar o custo de vida dos citadinos mais do que o estritamente necessário.

Os preços fixos garantem a base de cálculo agrícola, de modo que uma rotação de culturas adequada e ordenada possa ser mantida. Ao mesmo tempo, o sistema de preços fixos evita a especulação (com flutuações indesejáveis de preços).

O objetivo era ter em conta o poder de compra do consumidor e, por outro lado, tomar medidas para que o agricultor não voltasse a ver a sua base de subsistência ser-lhe retirada.

Para tal, além das medidas de controle de preços, foram tomadas outras medidas fundamentais. A intervenção reguladora pode ser atribuída a algumas considerações fundamentais:

1. Ordenamento do território;
2. Ordenamento do mercado.

Propriedade fundiária garantida.

Para disponibilizar a terra para as necessidades nacionais mencionadas no programa (para evitar que o rendimento da terra ameaçasse a base alimentar agrícola do povo alemão e que o mesmo acontecesse com a especulação fundiária), já em 1933 foram tomadas medidas de efeito rápido. As inúmeras execuções hipotecárias que ameaçavam a agricultura devido ao endividamento

excessivo foram impedidas por um decreto abrangente de proteção contra execuções. Uma legislação abrangente de proteção aos arrendatários apoiou essa medida.

Para garantir a terra alemã para todo o futuro, existe a legislação sobre heranças agrícolas, que basicamente separa a terra agrícola das interligações da economia capitalista. Uma propriedade hereditária não pode ser retirada do agricultor que a cultiva por nenhum capitalista, mesmo que o agricultor não pague ou pague insuficientemente as prestações da dívida. O agricultor herdeiro, que cultiva a sua propriedade de forma adequada e leva uma vida honesta, nunca pode ser expulso da sua terra. A legislação sobre propriedades hereditárias abrange cerca de metade da área agrícola da Alemanha. Pode-se estimar que existam cerca de 700 000 propriedades hereditárias alemãs.

Além dessa preservação da agricultura, foram tomadas medidas enérgicas para a criação de novas propriedades agrícolas (política de colonização). Abandonando os erros do passado, estão a ser recriadas as condições para a real utilização do solo alemão para garantir a nossa alimentação.

Porquê uma organização do mercado?

Para dispor de uma base para uma organização abrangente do mercado, foi criada, por lei do Reich de 13 de setembro de 1933, a Reichsnährstand (Organização Alimentar do Reich). A organização fundiária é complementada pela organização do mercado, que está a cargo do Reichsnährstand. O Reichsnährstand reúne todos os grupos econômicos envolvidos no ciclo total dos bens agrícolas, aos quais cabe, em sua totalidade, a tarefa de alimentar a população alemã (agricultura, silvicultura, horticultura, pesca, caça, comércio agrícola, transformação e processamento de produtos agrícolas). Na prática, a organização do mercado é aplicada a todo o setor alimentar alemão. A organização do mercado não se limita a estabelecer as regras de preços já mencionadas, mas visa também garantir o abastecimento suficiente de alimentos. Por isso, abrange também as possibilidades de produção, comercialização e abastecimento.

Uma lacuna no abastecimento de cerca de 20%!

A enorme importância desta investigação sistemática e controlo de quase todos os mercados agrícolas pode ser demonstrada pelo facto de que, mesmo em 1935, a Alemanha ainda apresentava um excedente de importação de produtos agrícolas no valor de cerca de 2,4 bilhões de marcos alemães! Nesse montante, a segurança da nossa alimentação ainda dependia do exterior! Por outras palavras, se somarmos os alimentos para animais, que indiretamente também se tornam alimentos para consumo humano, ainda existe um défice de abastecimento de cerca de 20%. Os restantes 80% das nossas necessidades alimentares são cobertos pelo solo alemão, sendo o défice mais acentuado no caso das gorduras; por isso, o abastecimento de gordura e rações que servem para a produção de gordura é atualmente o principal problema da nossa economia alimentar.

Esta constatação já mostra como é necessário o esforço para aumentar continuamente a produção da nossa agricultura. O trabalho do Reichsnährstand (Departamento de Alimentação do Reich) e a sua organização do mercado servem este objetivo. Dada a magnitude da tarefa, é natural que não se possa alcançar imediatamente o sucesso total em todas as áreas. Além disso, na Alemanha, temos apenas uma colheita por ano e não duas ou mais, como nos países do sul. Por isso, é preciso ter compreensão quando os esforços envidados na área da alimentação só obtêm sucesso gradualmente. No entanto, esse sucesso já é tão visível hoje que podemos afirmar que também aqui estamos no caminho certo. Não só colocámos a agricultura numa base saudável, como também devolvemos aos agricultores o seu poder de compra no mercado interno de produtos industriais.

O aumento quantitativo da produção continua a avançar a bom ritmo e, em tudo isto, foram tidos em conta os interesses dos consumidores. Além disso, não só os produtos alimentares, mas também certas matérias-primas passaram a fazer parte da produção agrícola em maior escala (lembremos o aumento da criação de ovinos, o aumento do cultivo de plantas têxteis — linho e cânhamo —, de oleaginosas, forrageiras, etc.). Tudo isso fez com que, apesar da necessidade de importação mencionada, hoje apenas um em cada cinco alemães precise ser alimentado com alimentos importados, enquanto há alguns anos era um em cada três alemães.

Força política comercial

O fato de toda a organização do mercado estar reunida no Reichsnährstand, como se fosse um grande parêntese, permite uma força extraordinária à gestão econômica nacional-socialista. Isso é importante, entre outras coisas, para as tarefas de política comercial. Enquanto antigamente a agricultura e a indústria disputavam acirradamente as questões dos acordos comerciais e muitas vezes até favoreciam o exterior, hoje os interesses de toda a Alemanha são levados em consideração na celebração de acordos comerciais. Como precisamos de uma certa exportação industrial para obter matérias-primas, temos de aceitar um pico de importação de produtos agrícolas de países agrícolas, de modo que, só por esta razão, não é possível, por enquanto, uma autossuficiência total dentro da economia alimentar alemã — mesmo que as lacunas aqui mencionadas fossem colmatadas. O aumento da produção agrícola não torna, portanto, as importações agrícolas desnecessárias por enquanto. No entanto, as necessidades agrícolas alemãs podem ser levadas em consideração. Para os produtos agrícolas mais importantes, foram criados órgãos centrais para a importação e exportação, a fim de que a ordem não seja perturbada pelo comércio agrícola externo.

Continuamos a avançar!

Estas são as realizações já visíveis hoje de uma reforma agrária adaptada às necessidades nacionais no domínio da economia alimentar. Ela também se estenderá a outros domínios igualmente importantes. Mas estas palavras-chave já mostram que está realmente a ser criada uma reforma agrária adaptada às nossas necessidades nacionais, que a servidão dos agricultores ao capital através da dívida fundiária e dos mercados desestruturados foi eliminada e que já não existe especulação fundiária à custa da base alimentar alemã.

Que a liderança nacional-socialista não se preocupa apenas com o aumento da nossa autossuficiência, a poupança de divisas, a melhoria das receitas agrícolas e, com isso, o aumento do poder de compra da agricultura para produtos industriais de todos os tipos (em suma, a criação de um pilar fundamental da nossa economia a partir de um antigo foco de crise), mas também que todas essas coisas devem garantir a preservação da agricultura como fonte permanente de crescimento e saúde da nação, é algo que os nacional-socialistas consideram óbvio.

Edgar Bissinger

Reflexões sobre a luta pelas matérias-primas no artesanato

Extraído de: "*Mitteilungen der kommission für Wirtschaftspolitik der NSDAP. heft 10, Jahrgang 1. Dezember 1936*"

Os métodos de trabalho manuais estão, em muitos casos, desatualizados. A utilização de máquinas no artesanato foi, em muitos casos, negligenciada. Hoje, o artesanato tem de redobrar os seus esforços se não quiser ficar totalmente para trás em alguns dos seus ramos de atividade. Não só terá de se modernizar, como também terá de se mostrar à altura das exigências do novo plano quadrienal. Este plano abrirá, no entanto, novas possibilidades de desenvolvimento aos mestres artesãos com uma mentalidade progressista.

É indubitavelmente verdade que a decisão relativa ao nosso abastecimento de matérias-primas, especialmente nas áreas das fibras, óleos minerais e borracha, não será tomada no setor artesanal, mas sim na grande indústria. No entanto, os problemas que o plano quadrienal coloca ao artesanato nas suas tarefas de aquisição, transformação e distribuição de matérias-primas não são, de modo algum, de natureza secundária.

Pelo contrário, a proximidade com o povo e com a vida dos milhões de empresas artesanais tem aqui uma função a cumprir como impulsionadora técnica e, sobretudo, psicológica da grande produção e do consumo de massa, que envolverá todos os artesãos com toda a sua força de trabalho.

Neste contexto, não se pretende discutir tanto o lado psicológico da preparação e execução da utilização de qualquer novo material alemão, embora seja precisamente aqui que o mestre artesão, com o seu exemplo profissional e prestígio, possa ter um impacto enorme, em amplitude e profundidade, na influência do consumo. A simples menção de uma área específica, como o processamento dos nossos tecidos feitos de fibras descontínuas na indústria do vestuário, demonstra suficientemente a importância e as possibilidades. Se cada mestre artesão deixasse de lado a conversa sobre «pura lã» ou «algodão puro» = tecido de qualidade e, em vez disso, referisse o exemplo dos uniformes do partido, que há muito tempo são misturas de fibras próprias de alta qualidade, e lembrasse a todos a resistência, o calor e a durabilidade desses tecidos, dar-se-ia um bom passo para combater a desconfiança tola em relação aos novos tecidos.

Reforma da formação profissional.

Da mesma forma, o bom exemplo terá um efeito milagroso para o consumidor em todos os outros ramos do artesanato. O canalizador ou serralheiro que, desde o início, fabrica determinadas peças para o cliente, tendo em conta as múltiplas possibilidades de utilização das novas matérias-primas alemãs, cumpre uma missão económica; sobretudo se tiver sempre presente que, como «especialista», o seu julgamento determina em grande medida a opinião de todo o seu ambiente e dos seus clientes.

No entanto, como muitas vezes são necessárias certas alterações no processamento e tratamento de peças feitas com novos materiais, é importante que ele amplie os seus conhecimentos pessoais de forma adequada. Em primeiro lugar, para conferir durabilidade ao seu próprio trabalho e, em segundo lugar, para evitar perdas diretas ou danos indiretos causados pelo desgaste prematuro devido ao manuseamento incorreto.

No entanto, as «instruções de utilização» ou «brochuras» dos grossistas ou fabricantes não podem, em caso algum, ser consideradas suficientes para esta formação. Aqui, os mestres e os centros de formação profissional têm uma tarefa especial, que é a de incluir estas questões nos seus programas de ensino como um problema prioritário. É evidente que os exames têm de ser adaptados neste sentido. No entanto, a principal tarefa cabe à imprensa especializada, cujo raio de ação abrangente e versátil atinge mais rapidamente até mesmo os mais remotos cantos do país e cuja importância em relação a essa tarefa dificilmente poderia ser mais destacada. Além disso, esses princípios se aplicam tanto ao comércio artesanal quanto ao comércio em geral.

A exportação do artesanato.

Neste contexto, vale a pena dar uma olhada na exportação do artesanato e na sua promoção. A economia alemã só é beneficiada com uma exportação que leva para o exterior mercadorias que foram produzidas inteiramente com matérias-primas e mão de obra próprias ou cuja atividade de refinamento supera em muito a parte dos custos da matéria-prima estrangeira necessária. As

exportações de artesanato estão bem posicionadas nesta avaliação da importância, uma vez que, desde o início, a percentagem de trabalho artesanal próprio é muito elevada.

No entanto, apela-se novamente a todas as empresas de artesanato que aqui são consideradas para que não se esquivem a este apelo e não negligenciem a economia externa, mais difícil, devido à evolução favorável das vendas internas.

Benefícios fiscais para investimentos empresariais.

Ao mesmo tempo, todas as questões relacionadas com a tecnificação das empresas artesanais devem ser novamente abordadas. O processamento das novas matérias-primas requer, em parte, novos métodos e máquinas, que devem ser avaliados desde o início sob o ponto de vista do aumento de desempenho. De forma planeada, os organismos de promoção comercial, em particular, terão de assumir estes investimentos. Uma boa ajuda neste contexto poderá ser constituída pelos benefícios fiscais de Reinhardt para tais investimentos empresariais, ainda pouco conhecidos e pouco considerados, especialmente pelos pequenos artesãos.

Uma verdadeira racionalização económica.

Não se pode ignorar que essa mudança representa uma verdadeira racionalização no sentido da política económica nacional-socialista. Todas as racionalizações anteriores na economia alemã e, portanto, também no artesanato, foram determinadas exclusivamente por pontos de vista puramente capitalistas e egoístas. Essas racionalizações ocorriam mais ou menos da seguinte forma: se a mão de obra era barata, economizava-se nos custos de investimento em máquinas e instalações; se a mão de obra era cara, criavam-se sistemas de linhas de montagem que economizavam mão de obra; se as matérias-primas estrangeiras eram fáceis de obter e tinham um câmbio favorável, elas eram preferidas às matérias-primas alemãs, cujo transporte era mais caro. Qualquer alteração nas bases de cálculo devido a influências externas podia, consequentemente, abalar setores econômicos inteiros até ao colapso.

No âmbito deste ensaio, é claro que apenas algumas linhas gerais do desenvolvimento almejado no artesanato podem ser sugeridas. O seu tratamento

mais detalhado em questões específicas deve ser deixado aos especialistas das áreas correspondentes e também às experiências dos próximos meses. No entanto, é importante que, precisamente no artesanato, as possibilidades promissoras do plano quadrienal sejam reconhecidas desde o início e aproveitadas, mesmo que isso implique sacrifícios. A disposição para tal deve ser tanto mais fácil quanto todos podem ter a certeza de que nenhum esforço e nenhum sacrifício será em vão, mas, pelo contrário, trará mil frutos para a comunidade do povo.

Peter Schlenzka

Gestão econômica do consumo de materiais

Extraído de: "*Mitteilungen der kommission für Wirtschaftspolitik der NSDAP, Heft 2, Jahrgang 2, Januar 1937*".

Demorou muito tempo até que se espalhasse pela Alemanha a ideia de que os princípios econômicos defendidos por políticos anteriores e por uma ciência contaminada pelo judaísmo não podiam estar totalmente corretos. Libertámo-nos da crença errada no poder divino do capitalismo e devolvemos ao trabalho o lugar que lhe é devido. Pode ser difícil para grande parte dos nossos compatriotas, especialmente aqueles que foram criados desde a infância com esse veneno de ideias distorcidas, libertar-se disso. Ainda hoje vemos repetidamente que as pessoas simplesmente não compreendem esta ou aquela medida ou declaração.

Não «lucros» — mas sim realizações

Todas as instituições nas empresas surgiram numa época em que todo o pensamento era judaizado, materialista e ganancioso. É surpreendente que hoje se queira operar a economia socialista com tais aparatos, que se mantêm fiel e obedientemente. Quando uma empresa obtém os seus rendimentos não do seu desempenho real, mas sim de forma secundária, através da propriedade imobiliária, especulação, operações de crédito e coisas semelhantes, muitas vezes é-lhe indiferente se a empresa é realmente gerida de forma razoável. Quando, no final do ano, na apresentação do balanço, aparece um lucro, antigamente ninguém se preocupava com a forma como este tinha sido obtido. Ninguém pensava em entender o conceito de contabilidade de forma a abranger não apenas o capital, mas também o desempenho.

A tarefa socialista da gestão da política económica consiste em garantir que o povo alemão tenha uma vida melhor. Assim, também deve ser exigida a gestão mais razoável até da menor unidade. Qualquer desperdício de trabalho, de material, de tempo é uma renúncia à formação de riqueza nacional. Mas esse desperdício influencia a formação dos preços. Impede a redução dos preços e,

com isso, o aumento do poder de compra dos salários. Em todo o caso, é um roubo à riqueza nacional e, portanto, um crime contra o povo.

Não há espaço para «existências especiais»!

A atitude mental necessária para a gestão e o trabalho numa empresa de uma economia nacional-socialista é um fundamento tão básico para qualquer atividade na empresa que mesmo as questões mais distantes, as questões técnicas e os padrões têm de ser diferentes.

A maioria dos professores de administração de empresas deveria ter isso em mente e não afirmar que a ciência empresarial leva uma vida especial, técnica e «estritamente científica».

As repetidas investidas do movimento e, neste contexto, também a situação das matérias-primas, quase no bom sentido, chamaram a atenção de muitos. A recolha de material não é apenas uma ação temporária, que cessará quando for concretizada a libertação da tentativa internacional de derrotar o nacional-socialismo através das matérias-primas. É uma questão de atitude intelectual, uma questão de economia socialista, pois trata-se do fato de que essas perdas de material sempre significaram e sempre significarão perdas para o povo.

Como precisavam dos seus lucros e pensavam em dinheiro, dinheiro e mais dinheiro, tinham de vender e lançavam todos os anos um novo modelo de automóvel, mesmo que apenas os pára-lamas tivessem uma forma diferente. Precisavam de «novidades», criavam «modas» e inundavam o povo com porcarias. Quem tinha algo do ano anterior que não fosse «rigorosamente moderno» e dernier cri era menosprezado, ridicularizado e, como o dinheiro se tinha tornado o critério de avaliação das pessoas, desprezado, porque não apresentava as formas externas da riqueza, o «mais recente». Assim, o pensamento do povo foi roubado e sistematicamente envenenado. O que importava não era o ser, mas o parecer. O lucro próprio era mais importante do que um desempenho económico real.

Ganhava-se mais dinheiro vendendo ao povo, todos os anos, sempre a mesma porcaria, sob outra forma, com equipamentos obsoletos e margens de lucro

elevadas, do que tornando a empresa mais eficiente e produzindo bens que contribuíssem para o progresso económico e para métodos de produção melhores e mais baratos.

O pensamento materialista criou uma estupidez intelectual.

E por que razão, antigamente, se expunham a nudez intelectual e se limitavam a explorar apenas os materiais que realmente existiam? Será que os que trabalhavam na economia naquela época eram tão pobres intelectualmente que não conseguiam criar novos materiais? Ou será que o capitalismo os impedia de o fazer?

Não só se deixava o material deteriorar nas fábricas, como também se era demasiado preguiçoso para evitar o seu desperdício. Era possível calcular esses «custos» e fazer com que fossem pagos pelo comprador. Se uma empresa realmente operasse de forma a produzir mais barato do que empresas semelhantes do seu setor, elas se uniam, chegavam a um acordo de preços em favor daquela que tinha os custos de produção mais altos, baseavam os seus preços de venda nisso e embolsavam a diferença com a qual poderiam ter reduzido o preço da mercadoria.

Com essa mentalidade, a racionalidade económica não conseguia prevalecer nas empresas e não valia a pena fazer esforços para evitar todas as perdas. O projetista não pensava em como obter o melhor aproveitamento do material. Por velho hábito, mandava tornear uma peça, em vez de a fabricar de forma aleatória e sem desperdício. Ele usava cobre onde o metal galvanizado prestava o mesmo serviço. O comprador adquiria material nas chamadas dimensões «comerciais», mesmo quando se tratava de grandes encomendas. Na distribuição de material, o trabalhador pegava um punhado quando precisava de alguns parafusos.

Para alguns processos de trabalho, faltam resultados de investigação. Trabalhava-se de acordo com regras empíricas ou tentava-se, em vez de tirar partido da investigação planeada e distribuir corretamente.

Hoje em dia, é necessário eliminar tantas fontes de perda, nas quais a falta de uso da inteligência causa a perda de materiais e a geração de custos

desnecessários. Se também nas pequenas e médias empresas se acompanhassem os progressos da ciência dos materiais e da resistência dos materiais, em breve teríamos construções melhores e mais baratas. Em muitas fábricas, seria bom rever todas as construções mais antigas. Existem muitas empresas especializadas que, sem concorrência numa área, até hoje não «precisaram» de substituir as suas antigas formas de construção por outras mais econômicas e que poupam materiais.

Quando a montagem envolve muitas peças individuais, raramente se tentou até agora ter em conta a poupança de material e custos. Um caso prático na indústria automóvel revelou que uma disposição mais bem pensada das peças sob o capô resultou em poupanças significativas em tubos e cabos.

Luta contra a inércia mental.

Uma análise sistemática dos defeitos e das suas causas permite alterar o processo de trabalho no local onde estes surgem e poupa material. Mesmo uma inspeção após cada etapa de trabalho é melhor do que uma verificação no final, que obriga a destruir o trabalho e o material que foram adicionados após a ocorrência do defeito.

A mania dos modelos, o esforço para lançar constantemente algo novo, criou enormes quantidades de produtos que não saíam das lojas. A falta de meios de controle operacional nem sequer permitia identificar quais eram as quantidades em que o preço de produção era mais favorável, quais as quantidades que apodreciam no armazém e não eram vendidas pela distribuição no momento certo.

Queria-se diferenciar-se à força de outras marcas, de modo que não se perdia um pneu, mas vinte pneus.

Agora, no início do ano, quando as listas de inventário são elaboradas, incluindo até mesmo os materiais mais insignificantes, é a melhor oportunidade para verificar sistematicamente a gestão de materiais da empresa. Se fizermos as seguintes perguntas: Como é processado? São gerados resíduos? Como são registrados? É substituível? Existe material mais adequado ou melhores processos de processamento? O material é distribuído em quantidades

precisamente medidas? etc., etc., perceberemos o que foi negligenciado até agora. Milhares de fontes de perda podem ser eliminadas, se quisermos eliminá-las!

Quem pensa materialisticamente, ainda hoje vê apenas o pedaço de material. Acredita que devemos recolhê-lo agora, apenas porque temos escassez de matérias-primas. Mas poucos reconhecem que, mesmo pensando apenas no material, trata-se de questões de aumento do poder de compra, do salário, do socialismo, sim, da cultura.

Aqui, não basta continuar a gerir com o aparato existente e talvez ser gentil e recolher «resíduos», mas trata-se de moldar o mecanismo de cada negócio a partir da atitude mental de todos os que estão na economia, de modo a que a economia do povo seja bem-sucedida. Aqui, a luta não é apenas contra a má vontade, mas também contra a resistência mental! Os meios e as formas não podem ser um problema, se a tarefa é criar uma mentalidade empresarial nacional-socialista!

Erwin Rogalski

O empobrecimento da Alemanha

Extraído de "*Mitteilungen der kommission für Wirtschaftspolitik der NSDAP. Heft 3, Jahrgang 2.*".

A base de matérias-primas e o Tratado de Versalhes.

A Alemanha tenta, por meio do novo plano quadrienal, controlar a escassez de matérias-primas, que não é tanto uma consequência do aumento da demanda da indústria, mas sim das perdas de matérias-primas sofridas pela Alemanha devido ao Tratado de Versalhes.

Com este tratado, a Alemanha perdeu 4% de potássio, 8% de minério de chumbo, 28% de carvão mineral, 75% de minério de ferro e zinco e reservas consideráveis de cobre, estanho e outras matérias-primas.

Apesar dessa redução na base de matérias-primas, a Alemanha exangue teve de realizar trabalhos forçados para as potências inimigas. Nos primeiros cinco anos, teve de fornecer 40 a 45 milhões de toneladas por ano e, nos cinco anos seguintes, 33 milhões de toneladas de carvão, embora os franceses na região do Sarre tivessem garantido o direito de exploração do carvão por muitos anos. Durante três anos, teve de entregar anualmente 35.000 toneladas de benzeno, 50.000 toneladas de alcatrão de hulha e 30.000 toneladas de amoníaco. Metade das reservas de corantes e produtos químicos farmacêuticos existentes na Alemanha no momento da conclusão da paz foram-nos retiradas e, além disso, foi-nos ordenada uma entrega adicional de 25% desses produtos por um período de cinco anos.

A expropriação dos agricultores alemães

A área agrícola útil e a produção de produtos agrícolas brutos também foram reduzidas de forma impiedosa. Apesar de a Alemanha ter sido levada ao colapso pelo bloqueio alimentar, os inimigos arrancaram-lhe 20% da colheita anual de

batatas, 18% de centeio, 17% de cevada, 13% de trigo e 10% de aveia, através da confiscação de terras.

Isso não foi suficiente para os adversários triunfantes: os agricultores alemães tiveram de entregar 700 garanhões reprodutores, 40.000 éguas, 4000 touros, 140 000 vacas leiteiras, 40.000 novilhas, 1200 bodes, 120.000 ovelhas, 10.000 cabras e 15.000 porcas.

Mas essas não foram as únicas concessões feitas pelos agricultores. Tinham ainda de entregar 400 grupos de arados a vapor, bem como 6500 semeadoras, 6500 espalhadoras de fertilizante, 13.000 arados, 19.000 grades, 2500 segadoras, 2500 viradores de feno, 2500 picadoras de palha e 3000 segadoras com atadeira.

Em todas as áreas foi feito um trabalho completo: desde o arado até à locomotiva de comboio rápido, desde o submarino até ao avião, foram inventariados bens de renome. Até mesmo o fornecimento de tijolos, argamassa e cimento foi fixado.

Assim, um político inglês pôde afirmar que a Alemanha havia sofrido um golpe decisivo e nunca mais se recuperaria economicamente ou politicamente.

À exploração externa somou-se a má gestão interna

A essa terrível exploração após a guerra perdida somou-se a má gestão de um sistema liberal-marxista.

O presidente da Comissão de Política Económica pronunciou-se sobre este assunto em vários discursos:

> "Se uma geração mais velha e obtusa não quer aceitar a verdade, então todos os jovens alemães devem ter bem claro que o período de privação de direitos e exploração da Alemanha nos custou uma redução de rendimento equivalente ao valor de dois anos completos de trabalho de todo o povo alemão. Calculado com base no valor monetário atual, isso significa uma redução de renda do povo alemão de 120 bilhões de marcos alemães e uma redução patrimonial de mais de 30 bilhões de marcos alemães."

"Nem tudo o que falta hoje ao povo nos foi tirado por tributos e exploração económica. Uma boa parte consiste em perdas que a economia nacional sofreu por não ter conseguido desenvolver o rendimento dos seus concidadãos. ... A perda causada pela má gestão do sistema capitalista não é menor do que a causada pela exploração".

Em «Economia e Socialismo» (Editora Central do NSDAP), lemos:

"Durante o período de desemprego, perdemos cerca de 90 bilhões de marcos-ouro por não termos feito nada. Refiro-me a marcos-ouro para deixar claro que não se trata de qualquer papel-moeda da época da inflação, mas sim do valor total calculado de acordo com o marco-rei atual. Esses 90 bilhões são a mesma quantia com que a nossa economia está endividada no mesmo período".

Derrotados — mas não destruídos

Só o povo alemão é capaz de superar tais golpes. Só para um povo como o alemão o Führer poderia cunhar a frase: «A palavra impossível já não existe para nós hoje.»

O Führer garantirá que a Alemanha, após conquistar a sua liberdade e o espaço que lhe é devido, volte a pertencer aos povos ricos do mundo.

Assim, a segunda batalha do trabalho trará a eliminação da pobreza do nosso povo, tal como a primeira batalha do trabalho trouxe a eliminação do flagelo do desemprego.

Justus Neumärker

Desperdício de propriedade alheia.

Extraído de: "*Mitteilungen der kommission für Wirtschaftspolitik der NSDAP. heft 9, Jahrgang 2. Mai 1937*"

As exigências básicas que o plano quadrienal impõe à economia alemã e ao pensamento e ação económica de cada cidadão não podem valer apenas por um período limitado de quatro anos, mas devem preencher toda a nossa vida, porque são os fundamentos de toda a existência e desenvolvimento económicos, sim, o próprio sentido da economia.

A independência econômica é a condição prévia para a ação econômica.

Com a produção de novas matérias-primas ou a melhor utilização das existentes, tornamo-nos independentes do estrangeiro, não só porque temos de nos defender contra um movimento de boicote atual ou porque queremos escapar a um bloqueio em caso de emergência. A independência económica é, antes de mais, o pré-requisito fundamental para uma ação económica independente. Qualquer pai de família sensato tenta utilizar os recursos de que dispõe de forma a permanecer o mais livre possível de exigências e influências externas no seu consumo, mas também na produção dos seus bens de troca.

Por isso, qualquer pai de família sensato tenta também evitar o desperdício dos seus recursos, ou seja, tenta poupar. O lema «Combate ao desperdício» não é, portanto, de forma alguma algo temporário, e foi um erro fundamental dos anos da guerra e do pós-guerra apresentar a luta contra o desperdício como uma questão de necessidade e miséria e admirar e invejar os americanos, que podiam ser tão incrivelmente esbanjadores com as suas matérias-primas.

Duas formas de poupar.

Existem duas formas de poupar. Uma consiste em não desperdiçar nada e utilizar ao máximo tudo o que está disponível. A outra consiste em armazenar provisões para consumir ou utilizar economicamente no momento oportuno.

Uma coisa leva à outra. A redução do desgaste facilita o armazenamento de novas provisões.

O marxismo via na preparação de reservas uma acumulação de capital criada às custas do consumo da classe trabalhadora e, portanto, só alcançável através de privações na vida. Amplos círculos da classe média burguesa poupavam para poderem, o mais rapidamente possível, retirar-se do processo de trabalho como rentistas, sob a influência das ideias judaicas e capitalistas de que a vida só começa depois do trabalho.

Poupar é preparar-se para o futuro.

Ambas as concepções deram muitas vezes má fama à poupança. Na realidade, porém, trata-se de algo completamente diferente. Poupar no sentido económico, ou seja, poupar não para um consumo posterior, mas para uma utilização económica posterior, significa constituir património. A língua alemã diz-nos, porém, que patrimônio é aquilo que uma pessoa é capaz de fazer, ou seja, aquilo que ela pode realizar.

Através da poupança, posso aperfeiçoar as minhas condições económicas e técnicas de tal forma que, mais tarde, não só não terei de prescindir de nada, como também poderei produzir muito melhor e, consequentemente, consumir mais. Pois o consumo depende, em todos os casos, da produção anterior. Nenhum povo pode consumir mais do que produziu anteriormente e nenhum indivíduo pode consumir mais do que adquiriu anteriormente através do seu desempenho. Portanto, se eu conseguir não consumir parte do que adquiri, mas usá-lo como poupança, como património para aumentar o meu rendimento, certamente poderei ter um consumo ainda maior mais tarde.

Não poupamos no tempo para ter na necessidade, mas poupamos no tempo certo para ter novamente no tempo certo.

Isso vale tanto para a economia individual quanto para a economia nacional como um todo, pois o indivíduo consome ou utiliza economicamente apenas recursos que provêm da economia geral. O desgaste total, o desperdício de bens comuns, afeta a economia individual. O indivíduo está totalmente disposto a economizar em sua casa ou em sua empresa privada, porque compreende

perfeitamente os benefícios económicos futuros. No entanto, raramente pensamos que cada um de nós entra em contacto quase diariamente com coisas e bens que não pertencem a ninguém pessoalmente, mas à comunidade em geral. É natural que esperemos que a administração municipal, cujos elétricos utilizamos, trate os seus veículos com cuidado e prudência, para que possam ser utilizados durante o maior tempo possível e para que os nossos impostos não sejam desnecessariamente sobrecarregados. Mas raramente pensamos que nós próprios estamos envolvidos no tratamento cuidadoso e que, com pequenos gestos, podemos apoiar ou dificultar essa economia. Quão poucas pessoas têm consciência de que a poluição da floresta ou de outros locais comuns não é apenas uma indisciplina estética, mas também econômica?

Utilização parcimoniosa das matérias-primas alemãs.

Quanto mais válida é a exigência de uma utilização parcimoniosa dos bens que pertencem à comunidade, ou seja, uma utilização parcimoniosa das matérias-primas alemãs e dos produtos delas derivados, cujo consumo ou não consumo tem impacto na situação geral da economia alemã. Não é apenas uma questão do meu bolso se, por exemplo, uso o combustível do meu carro de forma irresponsável. O meu consumo de carvão, petróleo, alimentos, etc., não depende apenas da minha capacidade de pagar, mas também das reservas que temos à nossa disposição.

A propriedade é um bem confiado.

Uma conclusão económica fundamental do nacional-socialismo é que devemos voltar a habituar-nos a considerar a nossa propriedade como um bem confiado e a reconhecer, não só teoricamente, mas também na prática, a concepção peculiar do povo alemão de que a propriedade da comunidade está acima da propriedade individual, tornando-a a base das nossas ações econômicas. O princípio «o bem comum prevalece sobre o interesse próprio» (Gemeinnutz geht vor Eigennutz) não significa, em termos econômicos, nada mais do que o reconhecimento do fato de que, em última análise, devemos até a nossa propriedade privada mais íntima à comunidade do povo e somos inevitavelmente responsáveis perante essa comunidade pela nossa propriedade e com a nossa propriedade.

O conceito de propriedade pessoal sem obrigações é um conceito tão tipicamente judaico-romano que hoje em dia quase não é necessário falar sobre ele. A concepção alemã corresponde à ideia de que toda propriedade é, de alguma forma, parte do património comum e que o uso da propriedade deve sempre corresponder a essa propriedade comum superior.

Portanto, quando falamos aqui do uso econômico dos bens que pertencem à comunidade, basicamente toda propriedade pessoal também está incluída nessa comunidade. O desperdício, por exemplo, de matérias-primas preciosas, mesmo quando «posso pagar», significa um enfraquecimento da situação econômica geral do povo e, portanto, tem repercussões na minha situação pessoal de rendimento e desempenho.

O que é desperdiçado de forma leviana ou descuidada em valores que pertencem à coletividade tem, afinal, de ser reproduzido no âmbito da economia nacional e pago direta ou indiretamente. O aumento dos impostos, dos preços ou qualquer outro fator de compensação económica tornará cada um pessoalmente responsável por isso, não apenas o desperdiçador, mas também aquele que agiu com cautela por responsabilidade. Assim, o desperdiçador torna-se uma pessoa anti-social; ele viola o princípio nacional-socialista supremo, que não queremos apenas reconhecer na teoria e nas assembleias políticas de massa, mas que queremos e devemos provar diariamente na prática económica, o princípio de que o povo alemão é o valor mais alto nesta Terra.

Se a Alemanha se afirmará, se a Alemanha poderá proporcionar aos nossos filhos uma vida saudável, forte e livre, isso depende decisivamente do nosso sucesso em estabelecer a sua independência econômica.

Poupar significa distribuir de forma razoável.

Portanto, se nos esforçamos para sobreviver com as nossas matérias-primas, isso não deve acontecer na forma de uma «economia de guerra» temporária, mas na forma de uma nova distribuição e utilização das nossas matérias-primas, que deve ser duradoura e conduzir a um novo modo de vida.

No caso do carvão, por exemplo, não se trata de economizar, mas de utilizá-lo de forma economicamente mais sensata, talvez de acordo com conceitos

técnicos completamente novos e diferentes. Poupar não significa de forma alguma economizar e abandonar hábitos, mas sim organizar e distribuir de forma sensata. Não há dúvida de que, ainda hoje, em muitos locais, as matérias-primas são utilizadas de forma economicamente insensata. Não só nas grandes empresas industriais, mas também nas pequenas empresas e nos lares, ainda há muitos preconceitos a superar e conhecimentos técnicos a implementar.

Todos devem ter consciência de que, na utilização das nossas matérias-primas, ou seja, no consumo de bens que pertencem à comunidade, enfrentamos inovações fundamentais e medidas de poupança. São elas, acima de tudo, que nos libertarão de qualquer mesquinhez e nos permitirão poupar verdadeiramente, ou seja, constituir património e, com isso, criar novas oportunidades.

Carl Fluhme

É isso que a política económica nacional-socialista pretende!

Extraído de: "Mitteilungen der kommission für Wirtschaftspolitik der NSDAP. heft 11, Jahrgang 2, juni 1937"

Desde a tomada do poder pela política económica pelo nacional-socialismo, tornou-se habitual que os círculos que – segundo as suas próprias palavras – praticam a economia prática, «adaptem» às suas ações à vontade da política económica nacional-socialista. Essa «adaptação», que desde o início implica a vontade de se reservar até à «adequação» total, é, porém, algo muito diferente da orientação desejada e necessária.

Os «políticos da adaptação».

A orientação, cujo objeto, corretamente entendido, é a economia, enquanto que, como «adaptação», em total desconhecimento das suas reais tarefas, também aqui se sente como sujeito e, assim, tenta fazer política económica por conta própria, consiste, na prática, com demasiada frequência, no fato de esses «políticos económicos» — sempre segundo os métodos do passado — procurarem determinar quaisquer limites do permitido que existem na sua imaginação. «Neste contexto», criam então as chamadas «garantias» burocráticas, parágrafos e jurídicas formais e, seguindo o lema «falar é poder», colam o rótulo mencionado no título como identificação de todo o conjunto. Na sua opinião, nada supera um álibi assim criado, com o qual se pensa poder fazer tudo – inclusive política econômica.

Quem determina a política económica?

Não se trata de uma entidade jurídica ou mesmo de uma associação de interesses económicos, mas sim de que a política económica é feita por quem detém o poder, ou seja, pela política. Assim, a política económica é, por definição, política, ou seja, é exclusivamente da competência dos líderes políticos.

Consequentemente, Bernhard Köbler continua: «Assim que as questões económicas se tornam de natureza política, assim que têm importância económica, são decididas pela liderança política, e não pelos interesses económicos de ambos os lados da antiga luta de classes.»

Essas decisões, às quais os empresários já se habituaram gradualmente, tendem a ser absolutamente claras e objetivas. Aparentemente, porém, elas são demasiado claras e simples para os «interessados». É difícil esconder a verdadeira face. Por isso, na economia, encontramos toda uma série de «associações de especialistas», cooperativas «mútuas» selvagens, por assim dizer, com honorários exorbitantes, que elevam as coisas a um «nível superior» com conselhos supostamente especializados e as complicam de tal forma que se cria uma confusão deliberadamente irremediável, da qual ninguém, exceto os envolvidos, consegue sair. Hoje em dia, pode-se afirmar com certeza absoluta o seguinte: onde tais associações de «especialistas» se reúnem, por exemplo, certos conselhos de supervisão, certos membros do conselho de administração, certos advogados, etc., depara-se com um facto particularmente curioso: as mesmas pessoas aparecem repetidamente em processos semelhantes de um certo tipo. A sua «aptidão» para acrobacias de política económica, que são naturalmente apresentadas como necessidades ou circunstâncias puramente «económicas e sociais», torna-se conhecida quando essas pessoas ainda não se reconheceram e se reuniram como «iguais». Não se pense que se trata aqui apenas de judeus. Pelo contrário, o ariano ocasional é o principal responsável pelo facto de o judeu e também o judeu «branco» ainda desempenharem um papel indesejável em todos os aspetos na economia.

Não foi à toa que Julius Streicher declarou, em 12 de maio de 1937, num comício da Liga Nacional-Socialista dos Defensores da Justiça, em Munique: "*Quão pobres seríamos no futuro, meus queridos compatriotas, se tivéssemos de confiar numa certa prole sem alma. Não é nas escolas que se formam os defensores da justiça do futuro. Quem não é tomado pelo sentimento de uma grande ideia não pode ser treinado através da educação. Também no Terceiro Reich é preciso ser chamado a pertencer àqueles que criaram este império. Estejam bem atentos quando o movimento for reativado, sejam especialmente cautelosos com os defensores da lei!"*

Não foi à toa que Bernhard Köhler escreveu uma vez:

> "Quando nos perguntam onde está, afinal, a nossa capacidade prática de ação e a nossa influência real, uma vez que não realizamos empreendimentos económicos nem executamos ações governamentais económicas, respondemos: sempre foi característica das naturezas apolíticas não conseguirem ver o que não correspondia às suas ideias habituais".

Entre estes dois pólos, o das naturezas «apolíticas» e o dos sem alma e sem ideias, encontra-se o depósito retrô das chamadas «associações de especialistas».

Sabotadores da política económica com «rótulo».

O seu cálculo é claro!

Graças às medidas políticas e económicas adotadas durante os catorze anos de construção nacional-socialista, várias autoridades, órgãos partidários, etc., interessam-se pelos processos económicos das empresas individuais. Isso cria uma barreira eficaz contra a perseguição de interesses egoístas prejudiciais à economia nacional. Em contrapartida, o interessado agora mobiliza a «associação de especialistas»:

Três exemplos:

1. Por exemplo, os proprietários de uma empresa no Terceiro Reich de repente não se sentem mais à vontade: acabou-se o cálculo aproximado, acabou-se o lucro excessivo às custas dos clientes e o dever de assistência social, especialmente enraizado na década de 40, é incómodo para alguns. Os proprietários decidem então abrir uma nova loja no estrangeiro. Na sua candidatura ao serviço cambial, referem uma nova empresa não relacionada com a empresa. Na Câmara de Comércio, apresentam pedidos de autorização cambial em nome da empresa alemã para viagens destinadas à preparação de uma filial no estrangeiro. A outras autoridades, eles falam da importância infinita de sua intenção — se nova empresa ou filial, eles omitem aqui timidamente — para a promoção das exportações e a lealdade e o trabalho, de que alguma coisa obscura na

empresa chegou ao seu conhecimento (liquidação prática da empresa alemã), eles começaram a cantar a velha canção do «interesse» da carga comercial. Ao mesmo tempo, exigem da contabilidade da empresa que esta debite os custos já incorridos na preparação (viagens, honorários das «associações de peritos», etc.) para esta fundação privada e pessoal da empresa alemã. É também desta que a empresa estrangeira deve adquirir a mercadoria – ouça-se e espante-se – ao preço de fornecedor (ou seja, preço de compra menos o reembolso do prémio de exportação). Isto significa, em termos claros: todos os custos, para não falar dos lucros, da nova empresa estrangeira são suportados pela empresa alemã, talvez também as dívidas de mercadorias, ou seja, um negócio com prejuízo consciente desde o início. Trata-se aqui de uma tentativa óbvia de danos patrimoniais mal disfarçados. Além disso, a empresa alemã é financeiramente esvaziada e os postos de trabalho de uma grande carga comercial parecem estar em risco. Contra isso, mantém-se a «justificação» acima mencionada com o rótulo «É isso que a política económica nacional-socialista quer!».

2. Ou: uma empresa deve ser vendida. Um dos proprietários, que deseja emigrar, considera que o processo está a demorar demasiado tempo. Antes de ele emigrar, a administração fiscal exige a garantia do imposto sobre a saída de capitais. A «associação de peritos» sabe que o homem que pretende fugir para o estrangeiro possui um patrimônio negativo. Seis meses depois, porém, quando a empresa é transformada e o armazém e o inventário devem realmente ser vendidos, o balanço patrimonial revela que, apesar do declínio nos negócios ao longo dos anos, o emigrante possui um património considerável. Manobras de avaliação que, dependendo do objetivo egoísta, prejudicam a comunidade em geral.
3. Mais um exemplo:

Na época, o governo nacional-socialista promulgou a chamada Lei de Transformação. O seu objetivo é transferir o maior número possível de sociedades anónimas (AG, G.m.b.H., etc.) do anonimato para a responsabilidade pessoal dos proprietários.

Mas para que é que a lei é utilizada? Os três únicos acionistas judeus de uma AG — dois no conselho de administração e um no conselho fiscal — têm uma dívida de cerca de dois milhões de RM para com a AG. O capital social é de

cinco milhões de RM (nominal). As ações não são cotadas na bolsa, o valor calculado é de cerca de 30%, ou seja, cerca de 1.500.000 RM (um cálculo fiscal mais elevado por motivos fiscais não deve ser confundido com o económico).

A seguinte manobra é realizada: aquando da constituição da AG, o acionista membro do conselho fiscal vendeu um edifício comercial à AG em troca de ações. Este edifício e outros ativos da AG foram vendidos vários anos depois para pagar dívidas deste acionista a terceiros. Em si, isso já contradiz o Código Comercial. A dívida contabilística da AG para com os acionistas aumentou assim para os dois milhões de marcos alemães acima mencionados. Agora, a assembleia geral — composta pelos três devedores — decidiu transformar a AG numa sociedade de pessoas, para não ter de apresentar estas situações incómodas ao público no relatório anual. Na prática, com cinco milhões de marcos alemães que já não existiam, foram liquidadas duas milhões de dívidas dos acionistas, depois de o acionista no conselho fiscal ter recebido, desta forma, pela segunda vez, o preço de compra do edifício comercial. Assim, a empresa foi financeiramente esvaziada no interesse egoísta dos acionistas, sob a proteção da lei de transformação. Pouco tempo depois, o advogado da empresa anunciou, num processo no tribunal do trabalho, a intenção de despedir inicialmente 100 funcionários, uma vez que a empresa já não podia suportar os custos com eles. Esses procedimentos foram aprovados por um presidente do conselho fiscal ariano e dois defensores arianos, um dos quais declarou, em resposta a objeções: «É isso que a política económica nacional-socialista quer».

A política económica nacional-socialista quer o contrário.

Os exemplos mostram como, na prática, as coisas são distorcidas e acabam por resultar numa sabotagem direta da política económica nacional-socialista.

Cada autoridade ou órgão oficial ouve algo diferente de um «especialista» diferente: «Promoção das exportações — interesse dos seguidores — empenho no trabalho — responsabilidade pessoal — política económica nacional-socialista». A avaliação correta e a resolução de tais processos, que ocorrem no interesse de indivíduos, em detrimento de toda a população e, devido à inevitável ruína de tais empresas, em detrimento da economia alemã, só é possível com conhecimento especializado e instinto para manipulações «econômicas», como eram comuns antes de 1933.

Não se trata aqui de defender o «criador de suspeitas nato», muito menos o delator. Mas é necessário continuar a observar a prática económica no cumprimento das suas tarefas políticas e aprender mais do que nunca. Ainda se ignora demasiado que a formação técnica «nove vezes amaldiçoada» é, sob esses pontos de vista, uma formação política direta.

A economia prática ainda é um vasto campo de hostilidade ao Estado, que não se manifesta em palavras, gestos e todas as infrações visíveis, mas em ações negativas e dissimuladas que — planejadas a longo prazo — muitas vezes se estendem por longos períodos. Com essas ações, essas «associações de especialistas», com a «política económica nacional-socialista» na boca, lutam pela liberdade que entendem. Mas não esquecemos as palavras de Bernhard Köhler:

"A liberdade de usura, a liberdade de roubo, a liberdade de exploração não são liberdade para nós, mas crimes".

Oskar Krüger

A "função de crédito" do comércio atacadista como obstáculo à redução dos preços

Extraído de: "*Mitteilungen der kommission für Wirtschaftspolitik der NSDAP. heft 13, Jahrgan 2. 5 juli 1937*"

Quando, nas explicações a seguir, um colaborador próximo ao Comissário do Reich para a Formação de Preços contesta a função de crédito do comércio grossista no sentido de uma prova contundente da sua razão de ser, isso não é feito com o objetivo de — como se costuma dizer — «jogar fora o bebé com a água do banho». No caminho da redução de preços, trilhado no âmbito do direito ao trabalho, sob grandes considerações de política económica, parece, pelo contrário, necessário purificar o fator económico do comércio grossista de resquícios capitalistas ou tentativas de ressurgimento capitalista sob a proteção da «capa da função de crédito». Isto precisamente no interesse bem compreendido do comércio grossista.

Em escritos e discursos dos círculos do comércio atacadista, tem voltado a surgir com certa insistência a referência à importância econômica que a função de crédito do comércio atacadista teria. Apresenta-se como uma das tarefas mais importantes dos grandes distribuidores financiar o transporte de mercadorias até ao consumidor e o armazenamento, também no comércio a retalho. Através da referência constante, cria-se um novo padrão de pensamento.

Padrões de pensamento propagandísticos.

O objetivo desses padrões de pensamento é tornar certas ideias óbvias para todos, a fim de submetê-las cada vez menos a uma crítica pública saudável. Quando esses padrões de pensamento são criados e passam a ser divulgados com uma persistência sistemática inconfundível, surge a suspeita de que por trás deles existam certas intenções, no nosso caso de política económica, que exigem uma análise cuidadosa.

O comércio atacadista, como elo intermediário entre o produtor e o retalhista, sempre esteve e continua a estar em risco de ser eliminado por estes dois. Do ponto de vista económico, não há nada a objetar à sua eliminação, desde que o comércio direto entre o produtor e o retalhista seja mais barato para o

consumidor e que seja garantida uma distribuição adequada da mercadoria, mesmo sem atacadistas.

As mudanças estruturais da economia não ocorreram até agora, nem estão a ocorrer hoje, pelo menos não por si só, de acordo com pontos de vista económicos. Isso é o que pensam apenas alguns teóricos que nasceram tarde demais, ou é o que certas partes interessadas querem nos convencer. O nacional-socialismo também assumiu, portanto, a tarefa de forçar um desenvolvimento economicamente razoável da economia alemã por meio de políticas enérgicas e medidas estatais.

Os perigos para o comércio atacadista.

O comércio atacadista está ameaçado pelas empresas produtoras com grande capital, que, com o seu próprio departamento de vendas ou organização de comercialização, fornecem diretamente o comércio retalhista ou mesmo o consumidor. Isto inclui, em particular, uma grande parte dos fornecedores de artigos de marca. Os artigos «bem introduzidos» no mercado, que geralmente exigem um investimento de capital considerável, suportam preços padrão que permitem facilmente cobrir os custos mais elevados de uma distribuição centralizada, mesmo em pequenas quantidades, para locais distantes e com custos de transporte elevados, mesmo que esses preços sejam mais elevados do que os da distribuição por atacadista. O fabricante evita assim a pressão de preços dos grandes compradores, que geralmente podem escolher a oferta mais barata entre as ofertas da concorrência e não estão tão diretamente expostos à pressão da procura do público, controlada pela publicidade. Além disso, o comércio atacadista é, em muitos casos, financeiramente mais independente e, por isso, não é tão fácil de fidelizar através da concessão de crédito. Além disso, o comércio atacadista é ameaçado pelas organizações de compras do comércio retalhista, pelas cooperativas e pelas cadeias de lojas do comércio retalhista, que procuram por si próprias uma relação direta com o fabricante, atuando como grandes compradores e distribuindo os lucros do comércio atacadista aos seus membros ou ficando com eles para si próprios.

A exigência da política econômica de redução de preços e os argumentos do comércio atacadista.

O comércio atacadista opõe-se a esta tendência. Não se baseia apenas na sua função como elo necessário na distribuição da economia nacional. Este argumento nem sempre é convincente, pois, por vezes, a sua eliminação leva efetivamente a uma redução do preço dos produtos para o consumidor. Portanto, se o comércio atacadista reivindica que a sua existência seja garantida e apoiada, o que é um problema recorrente, especialmente no que diz respeito à intervenção estatal na formação de preços, então ele precisa procurar outros argumentos. Se também quiser garantir uma margem nos casos em que é dispensável, então procura razões que sublinhem a sua necessidade económica, que, em si, não é duvidosa. Transfere então a discussão sobre a garantia da função necessária das empresas individuais para uma discussão sobre a garantia da existência e da sobrevivência de todo o grupo econômico. Em termos práticos: o comércio atacadista não quer ser considerado apenas como um distribuidor necessário, mas também como um grupo de poder econômico do qual inúmeros retalhistas dependem totalmente.

A «função de crédito» como arte de controlar os preços.

Porque há uma coisa que não se pode acusar o comércio grossista: ter confiado no Estado na luta pela sobrevivência. Tal como muitos fabricantes, ele utilizou a sua «função de crédito» para atrair para si, na medida do possível, os retalhistas economicamente mais fracos. Desta forma, garantiu as vendas e os preços. O cliente endividado não podia resistir às exigências de preços nem mudar de fornecedor, se não quisesse correr o risco de ser arruinado pela exigência de cobertura da sua conta de dívidas. De uma cidade do sul da Alemanha, há relatos de que os grossistas de alimentos locais estão em posição de acabar com 90% do comércio retalhista de alimentos da noite para o dia. Não é de se supor que a situação seja muito diferente em outros lugares. Essa é uma herança da época do liberalismo, que dizia ser liberdade econômica, mas significava tirania do poder do capital. Por uma questão de justiça, deve-se mencionar que não era apenas o retalhista que dependia do atacadista, mas também, muitas vezes, especialmente em tempos de crise económica, o grossista ficava preso contra a sua vontade a um pequeno comerciante quando este se tornava inesperadamente insolvente. Em alguns casos, o comércio atacadista também financiava

fornecedores economicamente fracos, raramente sem a intenção oculta de ditar também a lei dos preços do comércio.

O que se tornou a «função de crédito» na prática?

Na prática, a «função de crédito» do comércio grossista tornou-se um método de exploração da pior espécie. Sem dúvida, uma das suas tarefas é conceder prazos de pagamento, eventualmente créditos cambiais, para dar a um comprador com dificuldades financeiras a oportunidade de primeiro gerar o volume de negócios da mercadoria, ou seja, primeiro receber o dinheiro antes de pagar. Mas o que aconteceu com essa prática, que só se justifica economicamente num âmbito muito restrito?

Não é de admirar que o comércio retalhista se encontre quase que totalmente deprimido. A sua preocupação de que a pressão hoje necessária sobre os preços ao consumidor seja principalmente à sua custa será difícil de resolver, mesmo que lhe sejam garantidas certas margens. Raramente estas margens podem satisfazer um serviço ao cliente significativo. A perspetiva de sair das restrições financeiras está, em todo o caso, a desaparecer cada vez mais no comércio retalhista de alimentos. Em geral, o comércio atacadista já há muito que amortizou as dívidas. Para ele, estas eram, desde o início, apenas o preço que pagou por uma certa garantia de vendas. Enquanto não forem perdoadas ao cliente, continuam a ter um elevado valor para ele, mesmo que já não apareçam há muito no balanço. Por isso, terá sempre de lamentar não poder mostrar alguma flexibilidade.

Obstáculos à redução dos preços.

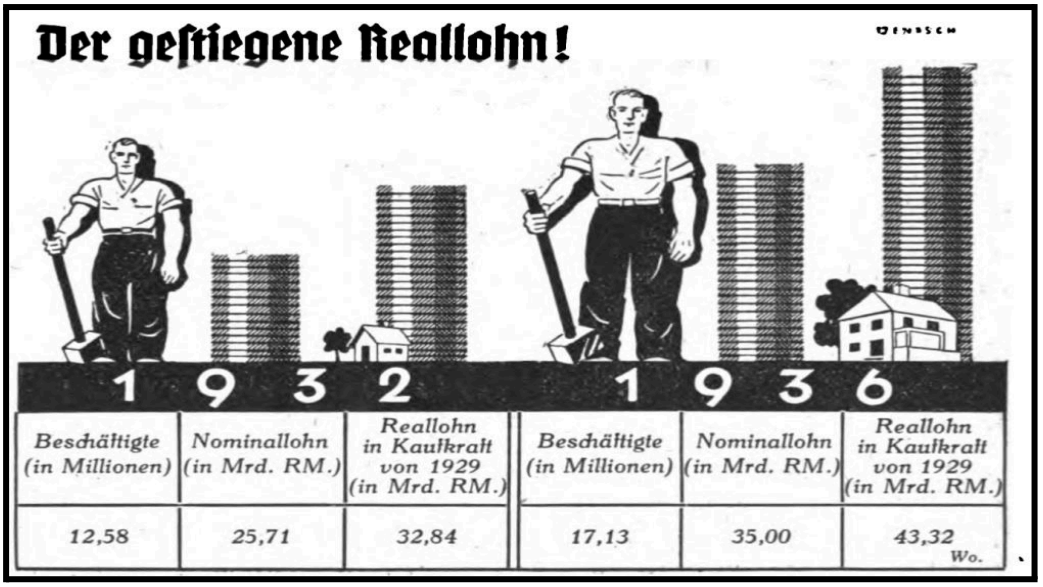
O endividamento dos níveis económicos subordinados, em particular do comércio a retalho, em relação aos níveis superiores é um problema de preços. O percurso da mercadoria desde o produtor até ao consumidor e o preço que este paga não são, hoje em dia, determinados pela conveniência económica, mas sim por uma série de relações de dependência económica. Quando os produtos de marca têm custos elevados de embalagem e envio, é o consumidor que paga. Quando o comércio está altamente endividado, é o consumidor que paga. Quando as grandes empresas são excessivamente organizadas, também aqui são os consumidores que pagam os custos. Mesmo quando os armazéns e as cadeias

de lojas parecem ser os vendedores mais baratos. O que estas cobram a mais aos seus fornecedores, a concorrência mais fraca tem de compensar com preços de compra mais elevados. Os que têm capital são livres. Conseguem mercadorias, mesmo que estas sejam escassas, conseguem preços favoráveis, conseguem descontos. Podem trabalhar com custos mais elevados sem prejuízo, pois acabam sempre por compensar. «O negócio está na compra».

A política de obscurecimento também é um resquício do capitalismo.

Com a escassez de certas mercadorias, com o congelamento de preços e a fixação de preços máximos, esta situação agravou-se consideravelmente. Especialmente onde não existe uma margem de preço fixa entre o preço do produtor e o preço do consumidor e onde, devido às diversas condições, a divisão da margem só poderia ser fixada localmente, a experiência mostra que a fixação de preços é sempre em detrimento do pequeno comércio a retalho, cuja margem comercial é por vezes insuportavelmente reduzida pelo comércio grossista.

Não vamos fechar os olhos a estas questões, nem depositar demasiadas esperanças numa melhoria da ética comercial das partes envolvidas. Mas temos de nos opor desde já a que se tente, através do lançamento habilidoso de padrões de pensamento duvidosos, obscurecer os factos claros, para poder continuar a pescar tranquilamente com métodos capitalistas.



O aumento do salário real!

1932			1936		
Empregados (em milhões)	Salário nominal (em bilhões de RM)	Salário real em Kaulkraft de 1929 (em bilhões de RM.)	Empregados (em milhões)	Salário nominal (em bilhões de RM)	Salário real em Kaulkraft de 1929 (em bilhões de RM.)
12,58	25,71	32,84	17,13	35,00	43,32

Robert Ley

O ódio do mundo pelo nosso socialismo!

Do original: "*Unser Sozialismus — der Haß der Welt. Verlag Der Deutschen Arbeitsfront, Berlin, 1940"*

O nacional-socialismo é uma síntese do nacionalismo e do socialismo, ou seja, o Führer declara que cada alemão está ligado à sua nação, que ele é um membro profundamente enraizado nessa nação e que, se romper os laços com o seu povo, perderá todo o apoio e ficará exposto incondicionalmente ao seu destino, como um caniço balançando ao vento. Quem nega a nação nega a si mesmo. Existe apenas um laço comum que une firmemente as pessoas acima de todas as diferenças, que é o laço do sangue comum e da raça comum sob o conceito de nação. Por outro lado, o Führer explica que só essa consciência capacita o indivíduo e, com isso, a totalidade a alcançar o máximo desempenho, proporcionando assim ao indivíduo e à nação como um todo a maior participação possível nos bens da vida e da nação. Essa comunidade de sangue e raça deve, naturalmente, ser uma comunidade ordenada. Um grupo heterogéneo, mesmo de pessoas da mesma espécie, está longe de ser uma comunidade. Nesta coleção de pessoas da mesma espécie — diz o Führer —, deve primeiro ser estabelecida uma ordem de acordo com as capacidades, a aptidão racial, a perfeição educacional das virtudes militares e a preparação profissional. Somente uma comunidade assim orientada é uma comunidade social, e somente ela é capaz de permitir o desenvolvimento e o progresso das pessoas no sentido social.

O nacional-socialismo é, portanto, a condição divina e natural para realizar o socialismo no sentido mais elevado e verdadeiro, e a síntese do nacionalismo e do socialismo, tal como encarnada pelo nacional-socialista, é então o objetivo da razão e da compreensão do povo alemão.

A história do povo alemão representa o processo de desenvolvimento do povo alemão ao longo dos séculos e milénios. Para poder avaliar e julgar a situação atual deste povo, não se pode e não se deve omitir nenhum período deste processo de desenvolvimento.

Mesmo os aparentes abismos e reveses da história alemã foram, em última análise, necessários para tornar possíveis épocas de prosperidade e felicidade. Por mais que condenemos a era liberal e a sua transformação espiritual, o marxismo, temos de admitir que, sem os abismos das últimas décadas e do século passado, o renascimento nacional-socialista e a ascensão nacional-socialista não teriam sido concebíveis nem possíveis.

O surgimento do quarto Estado

Já no início do século XIX, pouco depois das guerras de libertação, tornou-se evidente que a Alemanha e a sua nação eram um povo sem espaço. As quintas tornaram-se gradualmente demasiado pequenas para alimentar os seus filhos. Esta situação foi agravada pela lei sucessória napoleónica na parte ocidental do nosso país, onde a densidade populacional era mais elevada. Napoleão permitiu a divisão da herança em pequenas e minúsculas parcelas de terra. Assim, as quintas foram gradualmente divididas de tal forma que simplesmente não havia mais possibilidade de subsistência nelas. As pessoas do oeste, na Renânia, Hesse, Palatinado, Baden e Württemberg, até à Alemanha Central, levavam uma existência miserável em terras que se tornaram demasiado pequenas. Por isso, só se pode considerar um progresso e uma sorte para o povo alemão que, nesta época em que a terra se tornou demasiado pequena para as pessoas, tenha sido inventada a energia a vapor, dando início à industrialização da Alemanha. Pode parecer uma coincidência que estas coisas, em si mesmas totalmente independentes, se tenham complementado e que as fábricas e cidades industriais recém-fundadas tenham acolhido as pessoas do campo que já não tinham meios de subsistência na sua própria terra. Isto levou a uma revolução técnica e económica completa do povo alemão. As pessoas que, até então, estavam há séculos enraizadas nas suas próprias terras, nas aldeias e pequenas cidades, foram agora reunidas pelo destino e forçadas a formar uma nova ordem social num ambiente completamente novo e estranho para elas.

A Alemanha política da época era um caldeirão de pequenos estados e acirradas contradições confessionais. Enquanto até então a terra, na qual também se baseavam o artesanato e o comércio, tinha sido o elo nacional comum, faltava à nova ordem social, que se formava nas cidades industriais em rápido crescimento, qualquer ligação comum entre si. O conceito de nação esgotava-se nas dinastias. As contradições decorrentes de interesses económicos, disputas

confessionais e peculiaridades tribais eram mais fortes do que o sangue comum e a terra comum, uma vez que não havia ninguém que chamasse a atenção para esse vínculo nacional comum.

Mesmo o Império de Bismarck era politicamente uma construção artificial. O sentimento de sangue comum ganhou vida em algumas poucas pessoas, enquanto na grande massa ele apenas adormecia no subconsciente. Assim, foi possível que, apesar da unificação do Império de Bismarck, as contradições fossem substituídas por partidos, sindicatos e associações econômicas. As oposições não diminuíram, mas foram elevadas a princípio político. O Estado, que se afastava cada vez mais da ideia imperial de Bismarck e esquecia as virtudes militares das lutas comuns de 1870 e 1871, tornou-se gradualmente apenas um serviço de guarda noturno, que dificilmente impedia a fragmentação em grupos de interesses.

O socialismo da época, que dominava o povo alemão, fossem trabalhadores ou cidadãos, com o seu palavreado e frases feitas, era, no fim das contas, muito pobre, superficial e insignificante. Fosse amigo ou inimigo, fosse adepto ou opositor, ninguém conhecia a essência do socialismo, nem as suas raízes, nem os seus objetivos. Limitavam-se a exigências salariais mesquinhas ou à rejeição das mesmas.

Toda a vontade socialista dessa época é tão lamentável que simplesmente não se consegue compreender como as frases sobre o socialismo puderam dominar e mover o nosso povo durante décadas. Falavam de comunidade socialista e, no entanto, faziam tudo para impedir essa comunidade. Falavam de desenvolvimento socialista e permitiam que 7 milhões de trabalhadores e pessoas criativas caíssem cada vez mais num retrocesso implacável devido ao desemprego, ao afastamento do trabalho e à negligência da sua profissão. Falavam de liberdade socialista, e nunca houve uma época em que as pessoas estivessem tão livres de preocupações, necessidades e miséria. Ao mesmo tempo, pregavam a igualdade e repetiam as frases da Revolução Francesa sobre igualdade, liberdade e fraternidade. Rejeitaram a propriedade, embora, no fim de contas, toda a existência e esperança do povo alemão tenha as suas raízes na propriedade. Não lhes bastava que o duro destino da «falta de espaço» já tivesse lançado as pessoas da aldeia para a cidade, desenraizando-as. Pelo contrário, levaram este desenvolvimento ainda mais longe e pregaram como objetivo

desejável a última consequência deste terrível desenvolvimento, a proletarização de todo o povo. Não queriam uma ordem socialista, mas sim um caos anarquista. Eles amavam a primitividade e apresentavam o retrocesso como seu objetivo final.

Com tudo isso, não é de se admirar que suas reivindicações tenham ficado presas na mesquinhez, na baixeza e na maldade. A sujeira e o pântano do cotidiano, as insuficiências e fraquezas humanas, esse era o seu campo de atuação.

O sentido último do enigma era que todo o seu socialismo ficava preso em exigências salariais mesquinhas e lamentáveis.

Os plutocratas.

Eles, os chamados socialistas, que haviam pregado a luta contra o capitalismo em todos os tons e com todo o fanatismo, estavam agora eles próprios envolvidos na mentalidade do dinheiro e adoravam o ouro tal como os seus adversários, os capitalistas liberais. Aplicavam os mesmos métodos em que os capitalistas eram mestres. Aos líderes da classe trabalhadora alemã da época e à sua luta contra o saco de dinheiro e os seus defensores, podia-se realmente aplicar a expressão: eles queriam expulsar o diabo com Belzebu.

O judeu tinha compreendido magistralmente como alinhar os trabalhadores e os empresários alemães na dança em torno do bezerro de ouro.

A sua visão de mundo, o liberalismo, dominou o século XIX e, após a guerra mundial, intensificou-se em orgias insanas e absurdas. O ser humano e as suas capacidades, os trabalhadores e os seus desempenhos, já não valiam nada. Eram apenas uma mercadoria como o café e o chita, e eram tratados nas bolsas de valores como qualquer outra mercadoria. Havia apenas um medidor de valor para essa época: o dinheiro. Os banqueiros e corretores da bolsa autodenominavam-se a aristocracia do dinheiro. Eles criaram dinastias, tal como as casas principescas. E logo as filhas de Rothschild tornaram-se noivas muito cobiçadas por príncipes e príncipes empobrecidos, e os filhos da dinastia Rothschild podiam ousar pedir a mão de qualquer princesa europeia.

O dinheiro é poder, o dinheiro domina o mundo! A base do ouro era reconhecida por todos os povos como a base das suas moedas. Apesar de este metal não ter qualquer valor ou significado para a tecnologia, para a vida dos povos, e ser totalmente inútil para a produção de quaisquer bens de consumo, os judeus conseguiram, através das suas manobras na bolsa, atribuir-lhe um valor fixo e determinado por eles. O banco Rothschild fixava todas as manhãs o preço do ouro de forma arbitrária, determinando assim o valor do trabalho de todas as pessoas criativas do mundo. Cada trabalho era avaliado por uma central judaica e, através destas fórmulas mágicas misteriosas, os judeus tornaram-se senhores do mundo. Chegou ao ponto em que até mesmo as ações dos soldados eram dominadas por esta loucura e absurdo. Não era mais a bravura e a coragem do soldado que decidiam sobre a vida e a morte, sobre a vitória, a guerra e a derrota, mas apenas o dinheiro e o ouro dos Rothschild. Aqueles que gozavam da benevolência desses magnatas judeus do dinheiro tinham a vitória garantida desde o início. Napoleão foi forçado a ajoelhar-se por Rothschild, e mesmo homens como Bismarck e Moltke acreditavam que só com a ajuda de um poderoso tesouro de ouro poderiam travar as suas guerras e conquistar as suas vitórias. Até mesmo a guerra mundial foi decidida, no final das contas, pelo poder do dinheiro. Era como se os povos e os príncipes estivessem hipnotizados pelo domínio mundial do ouro e do dinheiro através dessa fraude judaica. Durante mais de um século, nenhum deles se atreveu a romper esses fios de uma malícia judaica, a tornar-se independente, a desmascarar essa charlatanice dos judeus, a esclarecer os povos sobre a realidade.

A aristocracia financeira dominava príncipes, povos, economia e cultura, guerra e paz, e o mais insano e improvável era que também os trabalhadores e as suas organizações, os sindicatos e os partidos, juntamente com os empresários e as suas associações, tinham ficado em pouco tempo totalmente dependentes dos judeus e do seu dinheiro. Eles queriam destruir o domínio do dinheiro, o capitalismo. Em todos os seus discursos, jornais e escritos, eles pregavam um ódio infernal contra o capitalismo, contra o saco de dinheiro. Eles sempre encontravam novos slogans para incitar as massas contra o capitalismo. Conheciam o instinto saudável do trabalhador, mas o judeu rapidamente os capturou, lançou o seu laço e prendeu-os nas suas amarras judaicas, transformando a luta cristã do trabalhador no seu oposto.

Ele desviou a ponta dessa luta justa do seu peito, para que fosse dirigida à outra parte da Alemanha produtiva, ou seja, aos empresários.

Em breve, trabalhadores e empresários, que por natureza deveriam ser aliados fatídicos, condenados pelo destino a trabalhar juntos todos os dias, de manhã à noite, passaram a ser adversários implacáveis. Enquanto ambos deveriam ter lutado juntos contra o capital financeiro, contra as plutocracias judaicas, contra os seus instrumentos, as bolsas, os bancos e os juros, os judeus conseguiram separá-los e torná-los inimigos e adversários implacáveis.

Ainda hoje sabemos como os milionários Heymann, Cohn, Levy e todos os outros estavam ao lado da classe trabalhadora alemã. Na França, ainda hoje, o filho do rico banqueiro, o judeu Léon Blum, está à frente da classe trabalhadora francesa, e na Inglaterra, o pequeno judeu Attlee, de cabelos pretos e nariz adunco, é o líder do Partido Trabalhista, um dos homens mais ricos do Império Inglês. Por isso, não era de se admirar que a luta justa dos trabalhadores alemães, que nada mais queriam do que recuperar o chão firme sob os pés, voltar a se enraizar no seu povo e na sua nação, voltar a ter uma pátria, depois de terem sido arrancados das suas aldeias e jogados na cidade pela tragédia de um destino terrível, fosse transformada no seu oposto. Os plutocratas pregavam que precisamente esse estado de desenraizamento, de falta de pátria, deveria ser o ideal dos socialistas, pois essa proletarização das massas era o pressuposto para estabelecer a solidariedade do proletariado mundial.

Somente quando o trabalhador estivesse completamente desligado da nação, quando tivesse esquecido e renegado o seu sangue, a sua raça, a sua história, o seu povo, a sua pátria, somente então estaria ele pronto para entrar no paraíso mundial do marxismo. O marxismo era para esses plutocratas, para esses magnatas do dinheiro, apenas uma variante da sua visão liberal do mundo. Os plutocratas dominavam o mundo, essa é a característica marcante de todo o século XIX e do início do século XX.

A Revolução Nacional-Socialista

As revoluções são mudanças radicais na vida dos povos e da humanidade. Quando o desenvolvimento de um povo chega a um beco sem saída, do qual parece não haver saída, então pessoas e povos saudáveis tentarão romper essa

situação. E aplicam-se as mesmas leis dinâmicas que, em geral, levam a explosões na natureza. A vida é uma fonte ininterrupta de energia, que armazena sempre novas forças e energias, e quando estas não podem ser consumidas no curso normal das coisas, são armazenadas até que superem as resistências externas e procurem então uma nova saída. As revoluções são sempre sinais de vida e energias vitais. São como a primavera na natureza. Elas quebram o que é velho, podre e insalubre e dão ao que é jovem e saudável novas forças e novas energias. As revoluções vencem, como as tempestades de março da primavera, o gelo e a neve, o frio e a neblina, e então impulsionam flores, botões, verduras jovens e nova vida. As revoluções são os pré-requisitos para grandes e poderosas épocas dos povos. Os povos que não conseguem mais suportar revoluções estão velhos e morrem. Assim, nós, nacional-socialistas, nunca tivemos medo da revolução alemã, mas apenas nos preocupamos e nos esforçamos para que a revolução alemã, necessária em si mesma, fosse conduzida por caminhos razoáveis e corretos.

Não havia mais como escapar da situação tensa do período pré e pós-guerra, do século XIX e do início do século XX. Não era possível resolver isso com discursos parlamentares, comissões e longas reuniões de comitês. As amarras dos judeus sobre a vida do povo alemão eram muito poderosas só podiam ser quebradas por um ato revolucionário. Havia apenas o grande perigo de que esse estado de guerra civil latente terminasse em anarquismo e caos.

O ato do Führer, a fundação do NSDAP e a luta incansável e fanática de Adolf Hitler e do seu partido foram realmente um ato cinco minutos antes das doze. No último momento, ele transformou a revolução do caos e da destruição, da ruína e da decadência numa revolução de uma nova primavera alemã e de uma nova vida alemã. A revolução nacional-socialista é o milagre alemão. Ela quebrou as correntes do judaísmo, das plutocracias, do poder do ouro, do capitalismo, sem destruir quaisquer valores culturais do povo alemão. O nacional-socialismo abriu um caminho para a liberdade ao povo alemão. Ele conduziu trabalhadores e empresários, agricultores e cidadãos das cidades e do campo para fora do beco sem saída das contradições e oposições, da destruição e aniquilação mútuas, e conduziu todo o povo, amigos e inimigos, a um patamar luminoso da história alemã.

Os conhecimentos nacional-socialistas da razão e da compreensão.

A obra do Führer é uma obra de educação. Com cautela e infinita paciência, Adolf Hitler conduziu o seu povo às verdades eternas e naturais da vida. O Führer não recorre a misticismo pomposo, propaganda dialética, nem magia sofisticada e ilusões para conduzir o seu povo para onde ele quer levá-lo. As formulações dos seus discursos são simples, claras e inequívocas. O Führer é um fanático pela verdade e mostra implacavelmente ao seu povo as coisas como elas são. Ele arrancou o povo alemão do mundo idealista e burguês. Ele abriu-lhe os olhos, mostrou-lhe a realidade da vida, diz-lhe impiedosamente que não acontecem milagres e que não cai maná do céu.

Tudo o que as pessoas desejam e esperam não lhes é dado de mão beijada, mas tudo o que precisam e anseiam para ter uma vida melhor e para continuar a evoluir têm de lutar, trabalhar e conquistar.

A magia dos partidos e dos seus chefões, que em todas as ocasiões, mas sobretudo antes de uma eleição parlamentar, invocavam a menina do estrangeiro e derramavam o corno mágico sobre os seus ouvintes ingênuos, chegou definitivamente ao fim. O Führer mostra a vida como ela é, mas continua a ser o grande otimista de todos os tempos. Precisamente porque conhece as dificuldades da vida, ele não é um pregador do pessimismo, pelo contrário, ele estabeleceu um ideal que diz:

> Cidadão alemão, a vida só tem sentido e propósito se for uma vida de trabalho. O trabalho pode ser árduo e difícil, mas quanto mais árduo e difícil for, mais direito você tem de exigir da vida. Quem realiza algo tem o dever de exigir algo da vida. Trabalho, dever e realização, por um lado, são os pré-requisitos para exigir beleza, cultura, alegria e descanso da vida. Belo não significa confortável, e beleza não significa apenas os dias ensolarados da vida, mas nós, nacional-socialistas, aceitamos a vida como ela é. Sabemos que a neve, o gelo, as tempestades, os trovões e o granizo são seguidos pelo sol, pela luz, pela beleza e pela alegria. A razão é a nossa lei suprema, ela vem do conhecimento das coisas e das verdades. A razão é o produto do instinto e da inteligência, e ambos são fatores da nossa raça.

Mas não devemos apenas aguçar o instinto, mas também a razão, para podermos avaliar se o nosso sentimento instintivo estava certo ou errado.

Por isso dizemos:

1. A condição prévia para qualquer progresso e para qualquer vida é a comunidade do povo. Ela é dada por Deus com base na nossa natureza e no nosso sangue. É indestrutível e eterna, e o nacional-socialista exige de cada homem e mulher alemães, jovens e idosos, que sejam guardiões fanáticos dessa comunidade.
2. A coabitação e a convivência de pessoas, mesmo que sejam da mesma espécie e raça, só resultam numa comunidade útil se essas pessoas estiverem ordenadas, alinhadas e organizadas. A comunidade nacional-socialista é construída com base na capacidade, no desempenho e na competência, no sacrifício, na dedicação e na devoção, na bravura, na coragem e na fé.
3. Esta grande comunidade, orientada pelos princípios nacionais-socialistas, está ciente de que o trabalho só traz frutos e sucesso quando é protegido e defendido contra os ataques de invejosos e adversários hostis. Por isso, a comunidade nacional-socialista usa, além do símbolo do trabalho, o símbolo da luta: a espada!
4. O nacional-socialista sabe que toda a habilidade manual e toda a inteligência da mente não significam nada ou, no final das contas, murcham e secam se não forem continuamente estimuladas, elevadas e impulsionadas por um fogo sagrado da fé, da fé nos ideais necessários do povo e da nossa nação.
5. É do reconhecimento destas verdades que o nacional-socialismo extrai a alegria da vida. Afirmamos a vida e queremos viver, e porque queremos viver, prestamos homenagem à luta. Porque sabemos que nada que é grande é dado de graça, nos dedicamos e lutamos pelo sucesso. Não acreditamos no acaso e na arbitrariedade; para nós, a felicidade é a recompensa do céu para os corajosos, os diligentes, os dedicados e os lutadores.
6. Somos idealistas. Distinguimo-nos assim daqueles fantasiosos que também estabelecem doutrinas e ideias, mas nunca têm a coragem de as concretizar. O idealista não conhece outro pensamento senão colocar a sua ideia em prática. No entanto, por sermos idealistas, também acreditamos no valor da matéria e sabemos que a premissa para toda a vida superior, para qualquer tipo de progresso cultural e beleza, são as coisas materiais da vida quotidiana. Por isso.

7. Não rejeitamos um materialismo saudável e razoável, mas exigimos e pedimos que o povo alemão tenha a vontade de colocar as coisas materiais da vida a seu serviço. Acreditamos que faz parte das belezas da vida que o ser humano viva de forma saudável, vista-se de forma adequada e sensata, more em casas bonitas e saudáveis, participe das coisas culturais da vida, como teatro, música e arte, e conheça o mundo e os seus povos através de comboios, navios e automóveis. Em suma, quem realiza algo, e isso é o que o povo alemão faz, também tem o direito de exigir do mundo e da vida a sua recompensa por isso.

A batalha final do nacional-socialismo contra as plutocracias

O nacional-socialismo é a doutrina das leis naturais da razão e da compreensão, a doutrina das realizações e da justiça, a doutrina da afirmação da vida e da alegria de viver, a doutrina da comunidade e dos valores naturais. Em suma, o nacional-socialismo coloca no centro do seu pensamento o ser humano, a sua capacidade, o seu talento, a sua felicidade e as suas criações, a cultura humana, beleza e dignidade da vida.

A plutocracia é o domínio do dinheiro e do ouro, a opressão e a escravidão dos seres humanos, a inversão de todos os valores naturais e a eliminação da razão e do bom senso, a escuridão mística da superstição e da loucura e aberração humanas, a mesquinhez da impulsividade e brutalidade humanas, em suma, a destruição de toda a ordem humana e da vida humana. Estes dois mundos são inimigos implacáveis, entre eles não há compromisso nem equilíbrio. Quem quer um, tem de odiar o outro. Quem se dedica a um, tem de destruir o outro. Aqui só há realmente uma alternativa. Ou um mundo vence e o outro tem de ser exterminado, ou o outro mundo vence e o primeiro é derrotado. O povo alemão deve saber que esta luta contra as forças do dinheiro, das trevas e da loucura é uma luta de vida ou morte. Quanto mais clara for para o povo alemão criativo está a implacabilidade, mais ele erradicará a covardia do seu próprio coração e banirá os covardes das suas fileiras.

Aqui não há meias medidas nem indecisões, o destino coloca-nos perante uma questão implacável: se queremos viver como alemães, temos de quebrar o poder do capitalismo e do dinheiro.

Já iniciámos esta luta em 1914. Na Guerra Mundial, este destino estava inconscientemente diante de nós. Não havia ninguém para nos conscientizar disso e, como resultado, fomos derrotados. Não conhecíamos nossos adversários, não conhecíamos sua luta e suas armas. O povo alemão não foi derrotado porque seus soldados foram derrotados. Naquela época, na Grande Guerra Mundial, tivemos que lutar contra um adversário invisível, cuja essência e peculiaridades, cuja maldade e crueldade não conhecíamos. E só os golpes duros, a miséria e o sofrimento do pós-guerra, a fome cruel, o tempo desesperador do desemprego nos fizeram acordar, e então surgiu para nós, alemães, um líder que nos abriu os olhos, que deixou de lado tudo o que era irrelevante, que nos mostrou o essencial da luta e, com isso, nos apresentou de forma cristalina o nosso destino: Adolf Hitler!

Nós, nacional-socialistas, lembramo-nos da luta interna com os poderes da plutocracia. No momento em que se reconheceu os judeus e se avaliou e eliminou os poderes do dinheiro e do ouro, a luta já estava ganha. O judeu não é inteligente, e o judeu em si, assim que é reconhecido, deixa de ser um perigo. Isso vale ainda mais para os seus lacaios e cúmplices. Com os partidos puramente judeus e os seus súbditos e organizações pagos, como eram o Partido Marxista e o Partido do Centro, foi fácil lidar com eles. Assim que se consegue mostrar ao povo o judeu com a sua feia careta, retira-se-lhe todo o poder. O judeu só é forte no disfarce, quando se pode esconder atrás de qualquer frase e de um torrente de palavras. Separado de tudo, o judeu é um adversário fácil de derrotar. Isso foi o que nos mostrou a luta interna. Não foram os partidos judeus e aqueles que dependiam dos judeus que tornaram tão difícil a nossa luta interna pelo poder na Alemanha, mas sim aquela massa covarde, pronta para qualquer compromisso, preguiçosa, burguesa e proletária, que se reuniu em inúmeros pequenos partidos, como o Partido Económico, o Partido Social Cristão, o Partido Camponês, etc., , que nos dificultaram tanto a luta interna. Eles colocavam-se repetidamente à frente dos judeus. Eles também afirmavam rejeitá-los, mas nunca estavam dispostos a lutar, pois a sua covardia e inércia lhes impunham aquela melancolia da paz e da ordem burguesa. Só depois de termos derrotado, numa luta tenaz e implacável, essa classe média que se movia entre as frentes, foi fácil destruir a frente adversária e conquistar o poder na Alemanha.

Agora pergunto-vos, trabalhadores alemães: o nacional-socialismo cumpriu a sua palavra, destruímos o capitalismo ou não? Quem ousaria afirmar que os bancos e as bolsas na Alemanha ainda têm poder, que somos aqueles magnatas financeiros antes aparentemente invencíveis, que dominavam e controlavam toda a economia alemã com os seus juros? Que banco ousaria, por pura ganância, fechar uma empresa? Na verdade, que empresário ousaria, na Alemanha nacional-socialista, despedir os seus funcionários quando lhe apetecesse? Tudo isso se tornou impossível na Alemanha nacional-socialista. O poder do dinheiro foi quebrado, o dinheiro se tornou para nós um instrumento de troca necessário para levar a mercadoria do produtor ao consumidor através desse meio de troca chamado dinheiro. Para nós, só valem o trabalho e seu portador.

Não quero sequer mencionar, neste contexto, todas as muitas conquistas sociais, como Kraft durch Freude (Força através da Alegria), Winterhilfswerk (Ajuda de Inverno), Berufswettkampf (Competição Profissional), Mutter und Kind (Mãe e Filho), Leistungskampf der deutschen Betriebe (Competição de Desempenho das Empresas Alemãs), Volksgesundheit (Saúde Pública), NSV (Serviço Nacional Social) e muitas, muitas outras. Só as oficinas de aprendizagem seriam capazes de mudar completamente e embelezar a imagem do alemão trabalhador em relação ao passado. Eu sei e prometo a vocês, trabalhadores e trabalhadoras, a todos os alemães produtivos: o sistema de pensões que me foi confiado pelo Führer será a maior obra social de todos os tempos. A luta valeu a pena, a plutocracia foi destruída na Alemanha, o *Göse Gold* foi destronado, os judeus foram completamente expulsos da nossa política, economia e cultura. A concentração espacial do judaísmo no nosso Grande Império Alemão num gueto imperial é apenas uma questão de tempo. Os bancos e as bolsas tornaram-se servos do povo. A comunidade empresarial entre trabalhadores e empresários deixou de ser uma frase feita para se tornar um fato incontestável.

Pergunto-vos, pessoas criativas, será que a Alemanha se tornou mais pobre e feia com todas essas conquistas, será que a sua reputação no mundo é menor do que antes, ou será que não é verdade o seguinte:

A Alemanha tornou-se mais bonita e melhor graças aos sucessos do nacional-socialismo. Na nova Alemanha, todos os alemães vivem, moram e trabalham melhor e de forma mais saudável do que antes. As conquistas do

nacional-socialismo são perceptíveis na vida quotidiana de cada indivíduo e, no que diz respeito à reputação e ao poder da Alemanha de hoje em comparação com a Alemanha de antes, a Alemanha atual é um país cheio de poder e grandeza. Possui o exército mais forte e maior do mundo. Politicamente e em termos étnicos, nunca houve tal unidade nas terras alemãs e, em termos de poder, não há nenhum Estado no mundo atual que possa se comparar ao Grande Reich Alemão. Estamos firmemente convencidos de que o poder militar, econômico e político do nosso Reich Alemão é mais forte do que o da Inglaterra e da França juntos.

Da mesma forma, podemos dizer que essa ascensão impressionante nos últimos sete anos não isolou a Alemanha do mundo, mas sim que a Alemanha tem hoje amigos e aliados poderosos. Na época da ascensão do nacional-socialismo ao poder, a Alemanha era jogada como uma bola e pisoteada por todas as potências mundiais, desprezada e menosprezada, e hoje a Alemanha tem amigos poderosos e importantes. O Führer pode afirmar que o nacional-socialismo assumiu uma política interna e externa completamente falida, impotente, dividida e empobrecida e, em sete anos, transformou-a num império de grandeza, poder e beleza, com base nos princípios nacional-socialistas.

Embora tenhamos quebrado o poder dos plutocratas no nosso país e, com isso, libertado o nosso povo e o levado ao desenvolvimento e ao progresso, sabemos que os poderes das plutocracias, o poder dos judeus e do seu ouro no resto do mundo ainda não foram quebrados. É certo que os Estados amigos, especialmente a Itália fascista, seguiram o mesmo caminho com igual sucesso, mas em Londres, Paris e Nova Iorque, o judeu sente-se em casa, onde ainda detém o poder absoluto sobre os povos. Na *City de Londres*, no Banco de França e nos poderosos trustes da América do Norte, o judeu construiu os seus fortes bastiões. Lá estão as suas fortalezas de ouro, armadas com balas de ouro, e ele deixa esse ouro rolar. Com isso, ele suborna os líderes responsáveis desses povos.

Chamberlain, Churchill, Baldwin, Eden e Duff Cooper, Stanley, Elliot, Reynaud, Daladier e todos os outros são pagos pelos judeus e são seus súbditos corruptíveis. São mantidos pelos judeus como prostitutas públicas. É para lá que rolam as bolas de ouro dos judeus, e em todos os gabinetes e cargos de responsabilidade ele tem os seus guardas judeus. Lembro-me apenas do judeu

Georges Mandel, que já tinha aquela influência nefasta sob Clemenceau. Esse judeu Georges Mandel ainda está lá hoje, ele domina, tal como naquela época, talvez ainda mais, todo o gabinete francês e os seus detentores do poder. Esta frente judaica conseguiu agora, através de mentiras, calúnias e difamações, através de fraudes e enganos, através de subornos e pagamentos, incitar os povos da Inglaterra e da França à guerra contra a Alemanha nacional-socialista. Graças a Deus, o jogo diabólico de cerco dos judeus não teve sucesso. Onde havia bases fracas, como na Polónia e na Noruega, elas já foram destruídas, e assim será com todos aqueles que se envolverem levianamente na luta entre os judeus e a Alemanha nacional-socialista. Os judeus não conseguiram a tão almejada expansão da luta para os demais países neutros. A Polónia não existe mais, e a Noruega teve que pagar caro por sua postura ambígua. Essa luta na política externa se desenrola, no fundo, exatamente como a luta na política interna contra os judeus.

Enquanto a França e a Inglaterra são os grandes partidos judeus, como conhecemos internamente no Zentrum e no SPD, muitos desses neutros, com exceção, é claro, dos nossos amigos na Itália e nos Balcãs, desempenham o papel daqueles pequenos partidos burgueses de que falei acima, que se colocam ao serviço dos judeus sem quererem. Se a Noruega não tivesse permitido que a Inglaterra abusasse da sua neutralidade a serviço dos judeus, colocando minas nas suas águas, não teria sido atingida pelo seu destino atual. No entanto, foi um ato puro de autopreservação e autoafirmação pôr fim a esse jogo vergonhoso da Inglaterra.

Agora, o terreno para a batalha final entre a França e a Inglaterra, por um lado, e a Alemanha nacional-socialista, por outro, está limpo. O cerco que começou com a Polónia não existe mais. A própria Polónia foi destruída. A expansão da guerra para o norte acabou de uma vez por todas. A França e a Inglaterra, se quiserem continuar a defender a bandeira dos judeus e o estandarte dos plutocratas, terão de enfrentar a luta sozinhas, pois diante dos restantes países neutros dos Balcãs existe uma poderosa força de defesa que impede a Inglaterra e a França de fazerem com os Estados dos Balcãs o mesmo que fizeram com a Noruega, ou seja, a Itália fascista.

O Sr. Duff Cooper declarou ainda em 1938 a um observador alemão: «Acredito que haverá uma guerra entre o seu país e a Inglaterra, mas espero que a

Inglaterra tenha apenas um pequeno número de baixas. Eu seria contra que soldados ingleses fossem sacrificados no campo de batalha, pois o derramamento de sangue da guerra mundial foi muito grande e ainda hoje não foi superado. Por isso, a Inglaterra não deve deixar os seus soldados lutarem, mas espero que encontremos mercenários suficientes para travar essa luta.»

Essa é a opinião do plutocrata Duff Cooper. De forma impiedosa e brutal, ele expressa o que todos os ingleses pensam. No entanto, o destino quis outra coisa. A Inglaterra agora tem de entrar em guerra, e o peso principal da guerra recairá sobre ela. O destino não lhe permite retirar-se em paz para as montanhas escocesas, para os refúgios de piratas do *Firth of Forth*, Scapa Flow e Ilhas Shetland, que há séculos são seguros. Pelo contrário, o fato de o Führer, na sua ousadia, ter conseguido ocupar a costa norueguesa significa que a paz acabou precisamente nesta parte do Império Britânico.

A Inglaterra terá de lutar. Se, na opinião de Duff Cooper, já sofreu um número excessivo de vítimas na Guerra Mundial, as vítimas da Guerra Mundial serão insignificantes em comparação com as vítimas que a Inglaterra terá de sofrer na guerra atual.

Nós, alemães, conhecemos a implacabilidade desta luta. Há 20 anos, como nacional-socialistas, tornamo-nos duros devido à implacabilidade da nossa luta nacional-socialista contra a plutocracia e contra o capitalismo mundial. Tornamo-nos cada vez mais intransigentes, de luta em luta.

Em primeiro lugar, sabemos o motivo desta luta, todos os homens e mulheres alemães estão plenamente conscientes dos antecedentes e das causas desta guerra. O partido não se cansará de martelar repetidamente ao povo alemão os motivos desta luta e, em segundo lugar, vemos o objetivo supremo da nossa luta, conhecemos a liberdade que esta luta nos trará finalmente.

Por termos saboreado até ao fim a vergonha e a derrota de Versalhes, nós, alemães, podemos apreciar e valorizar verdadeiramente a liberdade. Essa liberdade significa: destruição do capitalismo, erradicação da plutocracia e, com isso, criar as condições para que se possa construir uma Alemanha socialista.

O poder da França e da Inglaterra será quebrado, sabemos disso, e os judeus terão de abandonar as suas posições em Londres e Paris, e assim a Europa ficará livre deste eterno sugador de sangue da humanidade.

O Führer disse: "*É muito claro que neste momento só penso na vitória, todos os meus pensamentos giram em torno da guerra e dos meios e formas de levar esta guerra a um fim vitorioso e feliz para a Alemanha. Mas, após a vitória, só conheço uma tarefa, que é: fundar um império socialista, completar o socialismo na Alemanha e, com isso, devolver ao trabalhador alemão a sua pátria e a sua terra natal*".

Curt Rosten

O NSDAP é o partido dos grandes industriais e barões?

Extraído de "*Das ABC des Nationalsozialismus, IX Kapitel, 1933, pp.163*"

Quantas mentiras foram atribuídas aos nacional-socialistas no passado! *Servos do capital*, *partido dos grandes industriais e dos barões*, eram chamados pelos seus adversários.

Que o NSDAP não era e não é um partido no sentido estrito da palavra, mas sim um grande movimento popular intelectual, no qual o trabalhador manual está ao lado do grande industrial, o trabalhador rural ao lado do grande proprietário de terras, o escriturário ao lado do conselheiro privado e do professor, todos animados por um grande pensamento, por uma grande ideia, tudo pelo povo alemão em sua totalidade, fiel ao seu programa, o bem comum antes do bem individual (Gemeinnuß vor Eigennus), os combatentes de classe vermelhos não queriam e não querem reconhecer.

O NSDAP nunca foi nem quis ser um partido representante de uma classe que perseguia as outras classes com o seu ódio mesquinho e imaginava, como classe isolada num grande império cultural, dominar com a sua mentalidade e visão limitadas, sob a supervisão de alguns figurões e judeus estrangeiros, que não hesitavam em até mesmo os seus próprios seguidores ao desemprego e à miséria, para ficarem cada vez mais ricos.

Não, o nacional-socialismo é o grande movimento do povo alemão, que representa o povo alemão em sua totalidade. O NSDAP não quer que os magnatas e os estrangeiros engordem às custas do povo, mas sim que criem trabalho e pão para todos.

Adolf Hitler não quer ser o chefe de uma massa empobrecida de proletários, mas sim o líder de uma Alemanha feliz, na qual todos tenham o seu sustento e vivam felizes e satisfeitos para o bem da coletividade.

Veja os representantes do NSDAP em todos os parlamentos do Reich e dos Estados federais da época passada! São deputados de um partido milionário?

Não, aqui o povo estava e está representado na sua totalidade. Quase não havia uma classe, quase não havia uma profissão que não tivesse um representante entre os deputados do partido nacional-socialista. Neste partido, os trabalhadores manuais e os intelectuais não se enfrentam, mas trabalham juntos, cada um no seu lugar, para a ascensão da pátria comum.

As eleições para o Reichstag de 5 de março de 1933, que serão as últimas por muito tempo, esperemos que para sempre, tiveram o seguinte resultado:

Número de eleitores: 44.675.826
Participaram na votação: 39.655.017 = 88,8%
Número total de deputados: 647

Partido	Número de votos	em %	Deputados eleitos
NSDAP	17.277.185	43,9%	288
SPD[136]	7.181.633	18,3%	120
KPD[137]	4.848.079	12,3%	81
Zentrum[138]	4.424.905	11,2%	73
Kampffront Schwarz-Weiß-Rot[139]	3.136.752	8,0%	52
Bayerische Volkspartei[140]	1.073.552	2,7%	19
Deutsche Volkspartei[141]	432.312	1,1%	2
Christlich-soziale Volkspartei[142]	383.969	1,0%	4
Deutsche Staatspartei[143]	334.232	0,9%	5
Deutsche Bauernpartei[144]	114.048	0,3%	2
Württembergische Bauern- und Weingärtner (Landbund)[145]	83.839	0,2%	1
Deutsch-Hannoversche Partei[146]	47.743	0,1%	-

Os membros do grupo nacional-socialista nas comissões do Reichstag:

1. Comissão (Defesa dos direitos da representação popular): Dr. Frank II.
2. Comissão (Relações Exteriores): Dr. Frid.
3. Comissão (Regimento Interno): Dr. Fabricius.
4. Comissão (Petições): Tiebel.
5. Comissão (Orçamento do Império): Reinhardt.
6. Comissão (Questões Fiscais): Linder.

[136] Partido Social-Democrata da Alemanha
[137] Partido Comunista da Alemanha
[138] Partido do Centro
[139] Frente de Luta Preto-Branco-Vermelho
[140] Partido Popular da Baviera
[141] Partido Popular Alemão
[142] Partido Popular Cristão-Social
[143] Partido Estatal Alemão
[144] Partido Camponês Alemão
[145] Camponeses e Viticultores de Württemberg – Liga Agrária
[146] Partido Germano-Hanoveriano

7. Comissão (Política Comercial): Mutschmann.
8. Comissão (Economia): Dr. Albrecht.
9. Comissão (Assuntos Sociais): Dreher.
10. Comissão (Política Demográfica): Dr. Wegner.
11. Comissão (Habitação): Dr. Klein.
12. Comissão (Educação): chemm.
13. Comissão (Justiça): Dr. Frank II.
14. Comissão (Assuntos dos Funcionários Públicos): Sprenger.
15.. Comissão (Assuntos dos Transportes): Jenzen.
16. Comissão (Assuntos relacionados com os feridos de guerra): Dberlindober.
17. Comissão (Assuntos relacionados com a agricultura, colonização e arrendamento): Matthießen.

Os consultores técnicos do grupo parlamentar nacional-socialista no Reichstag:

- Arbeiter- und sozialpolitische Fragen (Questões Laborais e de Política Social): Woltersdörfer
- Arbeitsdienstfragen (Questões do Serviço de Trabalho): Hierl
- Arbeitsrecht (Direito do Trabalho): Karpenstein
- Aufwertung (Revalorização / Reavaliação Monetária): Runisch
- Auslandsdeutschtum (Comunidades Alemãs no Estrangeiro): Dr. Nieland
- Außenpolitik (Política Externa): Rosenberg
- Beamtenfragen (Questões dos Funcionários Públicos): Sprenger
- Besetzte Gebiete (Territórios Ocupados): Bürckel
- Eisenbahn (Ferrovia): Peppmüller
- Etat und Steuern (Orçamento e Impostos): Reinhardt
- Handel und Industrie (Comércio e Indústria): Mutschmann
- Handwerk und Gewerbe (Artesanato e Comércio / Pequenas e Médias Empresas): Raßmann
- Jugendfragen (Questões da Juventude): von Schirach
- Kommunalfragen (Questões Municipais / Comunais): Dr. Fabricius
- Kraftfahrwesen (Transporte Motorizado / Questões Automobilísticas): Oppermann
- Kriegsbeschädigtenfragen (Questões dos Feridos de Guerra): Oberlindober
- Kultusfragen (Questões Culturais / de Culto/Religião): Schemm

- Kunst und Bauwesen (Arte e Construção): Schulze-Naumburg
- Landwirtschaft (Agricultura): Darré
- Liquidations- und Entschädigungsfragen (Questões de Liquidação e Indenização): Dr. Hunke
- Luftfahrt und Luftschutz (Aviação e Defesa Aérea): Dr. Ziegler
- N. S. Notwehr (Gefangenenhilfe) (Defesa Nacional-Socialista – Ajuda a Prisioneiros): Heines
- Ostfragen (Questões do Leste): Koch
- Post (Correios): Teuzen
- Pressefragen (Questões da Imprensa): Oppermann
- Rechtsfragen (Questões Jurídicas): Dr. Frank II.
- Rundfunk (Rádio / Radiodifusão): Dr. Decker
- Saarfragen (Questões do Sarre): Schmeer
- Schiffahrt (Navegação / Transporte Marítimo): Thiele
- Siedlung (Colonização / Assentamento): Matthiessen
- Verfassungsfragen (Questões Constitucionais): Dr. Fabricius
- Volksgesundheit (Saúde Pública): Dr. Wegener
- Wehrfragen (Questões de Defesa / Militares): von Epp
- Weinbau (Viticultura): Pies
- Wirtschaftsfragen (Questões Econômicas): Feder
- Wohnungsfragen (Questões de Habitação): Dr. Klein
- Zechen (Minas / Poços de Mineração): Börger
- Zölle (Alfândega / Taxas): Groß

Tal como em anteriores Reichstag, não só quase todas as profissões estão representadas no grupo parlamentar do Partido Nacional-Socialista, como também os ramos específicos das profissões. A classe trabalhadora, por exemplo, tem como deputados no Reichstag não só trabalhadores industriais, mas também agrícolas. Entre os funcionários públicos encontram-se funcionários estatais, municipais e privados. O artesanato está representado por serralheiros, sapateiros, pintores, canalizadores, pedreiros, ferreiros, pasteleiros, jardineiros, limpa-chaminés, saboeiros, pedreiros, técnicos elétricos e um carpinteiro. Entre os representantes das profissões liberais, encontramos advogados, médicos, padres, professores, químicos, farmacêuticos, geômetras, escritores, editores, economistas e engenheiros.

Para cada 100 deputados, há cerca de dois grandes industriais ou grandes proprietários de terras.

No NSDAP sempre prevaleceu o princípio do mérito e, hoje, com o NSDAP no poder, até mesmo os mais ingênuos e ignorantes terão de admitir que ele permaneceu fiel ao seu princípio.

Todos os compatriotas — sejam eles operários ou professores — devem ser igualmente respeitados e honrados no Terceiro Reich, mas os líderes devem ser, para o bem da coletividade, aqueles que, por sua grande talentosidade e capacidade, foram predestinados pela natureza para serem personalidades de liderança.

Dietrich Klagges

A injustiça capitalista

Extraído de "*Dietrich Klagges. Reichtum und soziale Gerechtigkeit: Grundfragen einer nationalsozialistischen Volkswirtschaftslehre, 1933*"

A ordem econômica capitalista de nossos dias satisfaz as exigências que devem ser formuladas a partir do ponto de vista do bem comum (Gemeinwohl)? Eis a prova que ela tem de enfrentar.

A segurança da comunidade do povo de criação de valor, por meio da preservação de sua autonomia e de sua capacidade de defesa, encontra no capitalismo liberal um mau aliado. Quem considera que a organização nacional da vida econômica seja apenas uma etapa transitória do desenvolvimento, que mais tarde seria naturalmente substituída pela integração econômica mundial de todas as economias nacionais, só pode ser um amigo consciente e um promotor da crescente dependência econômica global; tal pessoa é obrigada a enxergar, em todos os esforços que têm por objetivo a autonomia e a segurança da economia nacional, obstáculos reacionários ao desenvolvimento.

E assim, de fato, as grandes potências econômicas — o capital financeiro, o grande comércio capitalista e até mesmo a grande indústria capitalista — sob a liderança do capital financeiro internacional, atuam intensamente para, por meio de associações internacionais em trusts e monopólios, pela redução das barreiras alfandegárias, pelo retorno ao uso extensivo da terra, pela unificação dos mercados, pela importação de trabalhadores estrangeiros, pela influência exercida sobre o poder estatal em todos os países e por muitas outras medidas, cavar a sepultura dos últimos resquícios de autonomia das economias nacionais. Trata-se dos mesmos círculos que, há algum tempo, vieram a público com seu manifesto econômico internacional, no qual apresentaram esses objetivos de maneira mais ou menos explícita.

Desse modo, a destruição da autonomia econômica nacional e a ameaça à segurança da vida nacional a ela associada constituem um dos aspectos da injustiça capitalista contra o bem comum.

Com tanto mais ênfase os representantes da ordem econômica liberal-capitalista destacam a segunda exigência que fomos obrigados a formular em nome da justiça social: o êxito econômico. Ele é o alfa e o ômega de toda a sabedoria capitalista; é o fetiche com o qual se acredita capaz de proteger seu sistema econômico contra todos os ataques. Tão desmedido é o capitalismo na defesa dessa exigência que, para ele, ela se torna a única legitimamente válida, que não deve ser limitada por nenhuma outra — menos ainda pelas necessidades específicas da vida nacional. O capitalismo não é apenas desmedido em sua busca pelo sucesso, como ainda lhe imprime uma direção completamente equivocada. Para ele, não é o bem comum que determina o êxito, mas o interesse próprio. Por isso, ele não o mede nem pela quantidade de valores de uso produzidos, nem pelo nível dos valores específicos, mas unicamente pela vantagem privada, pelo lucro ou rendimento de que o indivíduo pode se apropriar — e do qual, para poder subsistir na ordem capitalista, ele precisa se apropriar. Em nome do lucro, compra-se, produz-se e vende-se, em princípio, sempre onde for mais vantajoso; para ele, o exterior e o interior do país são absolutamente indiferentes.

Apesar de toda a retórica nacional de muitos de seus representantes, ele mina, assim, da forma mais sensível, a autonomia econômica nacional e, com isso, prejudica o bem comum de sua própria comunidade de criação de valor.
É uma circunstância favorável tanto para o capitalismo quanto para as nações cuja economia ele domina que um aumento do lucro seja possível, entre outras coisas, por meio da redução dos custos do trabalho (A) e pelo aumento do valor de uso (G), isto é, pela elevação do valor específico dos produtos. Quando o capitalismo segue esse caminho de aumento dos lucros, ele promove, de maneira não intencional, simultaneamente também o bem comum.
Deve-se reconhecer que o modo de produção capitalista realizou feitos extraordinários no aumento do valor específico, na elevação da produtividade do trabalho. Essa é uma vantagem desse sistema que, sob todas as circunstâncias, deve ser preservada também para a economia socialmente justa do futuro.

Contudo, também no aumento do êxito econômico geral o capitalismo infelizmente não respeitou os limites traçados pelo bem comum. A redução dos custos do trabalho, por exemplo, ele não buscou apenas por meio do aperfeiçoamento dos métodos e instrumentos de trabalho, mas tampouco hesitou

em trazer para o país, às centenas de milhares, trabalhadores estrangeiros mais baratos, a fim de pressionar os salários para baixo do nível indispensável ao trabalhador alemão produtivo. Por fim, ele esquivou-se com toda a força da obrigação de reintegrar ao processo produtivo aqueles compatriotas que se tornaram supérfluos em seus postos em razão do aumento geral da produtividade do trabalho e da importação de mão de obra estrangeira — seja por meio de uma redução mais intensa da jornada geral de trabalho, seja pela assunção de tarefas culturais de maior envergadura, seja pelo fortalecimento do poder de compra mediante melhor remuneração.

Em consequência disso, milhões de compatriotas valiosos foram excluídos do processo de criação de valor e, por meio do desemprego forçado, foram entregues, juntamente com suas famílias, ao terrível destino de um lento definhamento pela fome.

Por meio desse desperdício irresponsável e cruel da força humana, o êxito econômico geral também é gravemente comprometido. Uma vez reconhecido que a criação de valor só se completa com êxito quando as forças arrancadas da natureza são transformadas em força humana, então toda exclusão — ainda que de um único indivíduo apto ao trabalho — do processo de produção e, com isso, também do processo de consumo, deve ser condenada com o máximo rigor precisamente do ponto de vista do êxito econômico. Pois cada indivíduo que, em razão do desemprego, de salários de fome, de doença ou de outras causas, é afastado do consumo, significa uma redução do poder de compra ou de consumo e, com isso, de forma imediata, também uma restrição da produção, que já não consegue encontrar escoamento habitual para seus bens e, por essa razão, é forçada a definhar.

Consequências semelhantes de um atrofiamento da produção decorrem também de outras manifestações do modo de produção capitalista. Por meio da concorrência irrestrita e predatória, o capitalismo arruína a produção e mantém, em geral, as empresas à beira da falência, impedindo-as, assim, de desenvolver seus meios e métodos de trabalho da maneira que seria possível e necessária. O mesmo efeito produz a drenagem da economia pela usura dos juros do capital financeiro, a funesta servidão aos juros. A ausência de planejamento da produção provoca repetidamente crises, nas quais somas incalculáveis de valores produzidos são destruídas, e enormes quantidades de força de trabalho

permanecem ociosas ou são aniquiladas. Sob o domínio da embriaguez do lucro, a economia capitalista produz uma série de coisas inúteis, até mesmo nocivas, desperdiçando dessa forma não apenas a força de trabalho, mas prejudicando e enfraquecendo diretamente a força do povo.

Assim, ainda que a época capitalista tenha aumentado o êxito econômico também em favor do bem comum, isso não lhe foi possível na medida em que teria sido possível e necessária.

No futuro, isso lhe será ainda menos possível, pois ela se empenha com êxito em criar monopólios e, com isso, em eliminar a concorrência recíproca — seu único estímulo para a elevação do êxito econômico.

Contudo, de modo mais monstruoso ainda, o capitalismo peca contra o terceiro mandamento da justiça social: a ordem harmônica na comunidade de criação de valor. Como representante consciente do seu oposto, da anarquia econômica, ele levou o combate de todos contra todos a tal radicalidade que o sentimento de pertencimento e de dependência mútua foi completamente suprimido e destruído na consciência de seus membros. Não cooperação, mas inimizade; não colaboração, mas luta de classes passou a ser a palavra de ordem.

Essa destruição da comunidade orgânica de criação de valor e sua deformação em um turbilhão de átomos individualistas, que já não são ordenados nem mantidos unidos por um interesse comum superior, mas nos quais cada elemento isolado é movido apenas por seu interesse próprio irrestrito, constitui o verdadeiro crime do capitalismo contra a humanidade, constitui a injustiça capitalista em sentido específico.

O liberalismo provocou deliberadamente essa anarquia capitalista com intenção consciente.

Klein escreve, em sua História do Liberalismo Alemão, sobre a teoria liberal, na página 45:

> "O princípio orientador supremo do liberalismo é o princípio da individualidade, ou o individualismo, isto é, a doutrina segundo a qual o fim do Estado é a promoção do indivíduo, o desenvolvimento e a formação harmoniosa de todas as suas capacidades

> para o pleno gozo da vida, ao qual todos os indivíduos têm direito em igualdade de condições.
>
> Também na vida econômica dos cidadãos do Estado, a liberdade individual é a salvação, ou, para cada um, a condição para alcançar seu direito natural. O Estado deve deixar a natureza agir nos assuntos econômicos. Cabe-lhe, essencialmente, apenas assegurar a liberdade do comércio e uma tributação justa.
>
> Portanto: o liberalismo quer, em benefício de todos, a eliminação da tutela dos cidadãos pelo Estado e a liberdade econômica. Contudo, ainda não leva em consideração a superioridade econômica dos possuidores sobre os despossuídos, pois espera da introdução do liberalismo na prática estatal não a eliminação das diferenças entre ricos e pobres, mas, sim, que os indivíduos venham a alcançar um gozo da vida adequado à sua natureza particular.
>
> Sim, do individualismo os liberais do início do século XIX esperavam a paz social."

Os ideais do liberalismo jovem eram "bons". Ele queria "o bem de todos", "a paz social", "não a igualdade, mas a justiça"; em suma, queria a harmonia. Quão diferente foi o resultado! Não se alcançou a paz, mas foi provocado o conflito de classes; não se realizou o bem de todos, mas instaurou-se a escravidão de todos os que produzem; em lugar da liberdade, reina a tirania dos acumuladores.

Que contraste entre querer e agir! Entre promessa e realização! O liberalismo quis — a justiça social; trouxe — a injustiça capitalista!

Como pôde isso acontecer? O liberalismo entregou-se à ilusão de que não seriam necessárias instituições e medidas especiais para realizar a harmonia; esta se imporia por si mesma na comunidade estatal — e até mesmo na comunidade da humanidade. Apenas uma medida seria necessária para isso: a realização plena da liberdade, isto é, na economia, a implementação da concorrência irrestrita. Se cada um pudesse seguir livremente o seu interesse próprio, então o bem de todos e do conjunto seria alcançado da melhor maneira possível. Essa esperança funesta baseava-se na doutrina do filósofo judeu Baruch Spinoza, que fundamentou filosoficamente o liberalismo econômico e político. Spinoza acreditava que o ser humano, à semelhança de uma roda na máquina divina do mundo, não possuía livre-arbítrio. Se fosse libertado da influência de outros seres, de outras rodas, ele seguiria, a partir de si mesmo, a vontade do todo, a vontade de Deus, pois seria parte da substância divina do

mundo e, portanto, bom por natureza. Libertado de entraves externos, ele só poderia fazer o bem. O mal seria, em geral, “algo irreal, algo meramente aparente”.

Ao pôr em prática essa doutrina, cuja raiz deve ser buscada na narrativa veterotestamentária da criação (e eis que era muito bom), o liberalismo fez-se precursor da mais terrível injustiça que o mundo já viu: a capitalista. Hermann Klein é uma testemunha insuspeita. Ele próprio um liberal, é um elogista do liberalismo. Contudo, ainda assim precisa admitir que o liberalismo partiu de um erro ilusório, pois “não leva em consideração a superioridade econômica dos possuidores sobre os despossuídos”.

Klein pertence, assim como Fr. Naumann, aos liberais que, a partir da experiência, aprenderam que regulações sociais eram inevitáveis para a realização da harmonia.

A causa pela qual a anarquia econômica teve de produzir consequências tão devastadoras, Klein reconheceu, entretanto, apenas de forma muito imprecisa. Ele vê essa causa na propriedade.

O verdadeiro fundamento da opressão capitalista dos homens que trabalham deve, porém, ser buscado no fato de que, em consequência da concorrência irrestrita, em todas as questões econômicas decide apenas o poder, e em nenhuma o direito. Capitalismo não é uma ordem de posse, não é uma economia baseada na propriedade; capitalismo é o direito do mais forte econômico elevado a princípio.

Poder econômico e posse não coincidem de modo algum. É verdade que a propriedade pode estar associada ao poder econômico; contudo, não é raro que um possuidor seja economicamente impotente, por exemplo, quando seus produtos se tornam invendáveis ou quando ele é impedido, pelo poder estatal, de exercer o poder econômico que sua posse, em si mesma, lhe conferiria (como no caso de proprietários de imóveis).

Por outro lado, também um indivíduo sem posse pode, em determinadas circunstâncias, exercer poder econômico, por exemplo, o inventor afortunado ou o funcionário público (árbitro).

A injustiça capitalista, portanto, não tem sua causa na existência da ordem da propriedade, mas no domínio desenfreado do poder econômico, tal como ele está ligado à concorrência irrestrita e à anarquia capitalista dela resultante.

Mesmo os meios de trabalho em propriedade privada não são, por si só, capital, mas máquinas inofensivas, matérias-primas etc., indispensáveis à criação de valor. Eles somente se tornam capital pelo fato de que a livre concorrência capitalista não apenas confere aos seus proprietários o poder, mas os obriga de forma direta a abusar de sua propriedade em prejuízo de toda a comunidade de criação de valor e em detrimento de membros individuais dessa mesma comunidade.

Toda comunidade de criação de valor em que impera o direito do mais forte capitalista apresenta o mesmo quadro de um navio que afunda e no qual o comando falhou. O bem comum já não tem defensor algum. “Salve-se quem puder” torna-se a palavra de ordem geral. Pela ocupação dos lugares nos botes salva-vidas trava-se uma luta de vida ou morte, mas apenas pouquíssimos podem ser postos a flutuar. Por fim, cada um agarra aquilo que lhe parece adequado para a própria salvação e lança-se com isso à água. Ali, então, desencadeia-se de modo ainda mais terrível a luta de todos contra todos. Um tenta expulsar o outro da tábua salvadora, e este, com igual impiedade, o empurra de volta para a água.

Aqui já não parece existir qualquer interesse comum. Cada um é inimigo do outro. Esquece-se que, no fim das contas, todos só podem ser salvos pelo mesmo meio, a saber, pela intervenção de outro navio. Em razão da situação desesperadora, ninguém está em condições de pensar nisso; menos ainda alguém está em condições de fazer algo com esse objetivo.

Na anarquia econômica capitalista não é diferente. É verdade que também aqui o interesse vital comum da comunidade de criação de valor existe em si mesmo, mas ele não consegue produzir efeitos, porque os interesses dos indivíduos não coincidem com ele. Enquanto o bem comum depende dos custos do trabalho (A) e do valor de uso (G), a vantagem individual é determinada pelo poder econômico. Ela pode, portanto, ser satisfeita independentemente do bem comum, e até mesmo em oposição a ele — e é de fato satisfeita dessa maneira. A luta de todos contra todos e de todos contra o todo impera em toda a sua

brutalidade. Onde, porém, não existe harmonia de interesses, não há consonância de vontades; e onde não há consonância de vontades, não há êxito. A luta insana de interesses entre os indivíduos gira em torno de três coisas:

1. a posse dos meios de trabalho;
2. a participação na direção da economia e;
3. o direito ao trabalho e à vida.

Ao se examinar essas reivindicações em profundidade, vê-se que, no fundo, trata-se sempre de uma única e mesma coisa: de uma participação tão grande quanto possível no ganho econômico total.

A distribuição do rendimento econômico entre os membros da comunidade de criação de valor não se realiza, na anarquia capitalista, segundo quaisquer leis do direito social, mas unicamente de acordo com o poder econômico.
Como se processa essa distribuição e com que resultado ela ocorre? Em que consiste, portanto, a injustiça capitalista na distribuição e como ela se produz? Na economia capitalista, a distribuição ocorre de forma preponderante por meio da troca. Apenas uma pequena fração dos bens ainda é produzida para o autoconsumo, caso em que não existe problema de distribuição.

Trocam-se entre si as mais diversas coisas: mercadoria por mercadoria, mercadoria por dinheiro, força de trabalho por mercadoria e por dinheiro, etc. Na maioria dos casos, o dinheiro interpõe-se como meio de troca.
Que papel desempenha o dinheiro na troca e, de modo geral, na economia? Ele não é indispensável à troca. A troca simples consiste em mercadoria por mercadoria ou força de trabalho por mercadoria. Contudo, logo se manifestou a necessidade de um meio especial de troca. Como meio de troca sempre serviram mercadorias, tais como gado, grãos de cacau, conchas de cauri, tiras de algodão estampado, metais preciosos, entre outros.
Sua função na troca era dupla. Elas serviam:

1. como medida de valor e;
2. como portadoras de valor.

Para a troca de mercadoria por mercadoria, uma simples medida de valor teria sido plenamente suficiente. Entretanto, como o vendedor frequentemente não

desejava adquirir algo imediatamente de seu comprador, mas apenas mais tarde e de um terceiro, ele necessitava, para o intervalo de tempo, de um portador de valor prático e durável. Para isso, os metais preciosos eram mais adequados do que qualquer outra mercadoria. Nessa utilidade especial reside, em grande parte, também o elevado valor de uso dos metais preciosos — no caso do ouro, em particular, mantido artificialmente pelo fato de ser meio de pagamento legal em quase todos os países civilizados. Como os metais preciosos são extraordinariamente duráveis, prestam-se também de maneira especial como reserva de valor e instrumento de formação de tesouros.

O dinheiro metálico, especialmente o ouro, enquanto meio de troca, reúne, portanto, em si três propriedades. Ele é simultaneamente:

- medida de valor;
- portador de valor e;
- reserva de valor.

Hoje, os bancos centrais do mundo inteiro substituíram o dinheiro metálico pelo papel-moeda. O papel-moeda é apenas um signo de valor; não contém em si mesmo qualquer valor, sendo, portanto, utilizável por si só apenas como medida de valor, e não mais como portador ou reserva de valor. O portador de valor — o ouro — foi armazenado pelos próprios bancos centrais em seus cofres. Em consequência disso, tornou-se hoje impossível ao cidadão comum utilizar o meio de troca para a formação de reservas absolutamente seguras. Esse privilégio cabe apenas aos escolhidos detentores do poder dos grandes bancos centrais.

Quem acumula papel-moeda, seja em casa, seja em conta bancária, não acumula valores reais, mas apenas créditos, que, no caso de uma conta, se dirigem contra o banco ou a caixa econômica, e, no caso do papel-moeda propriamente dito, contra o banco central. Tais créditos são, naturalmente, sempre inseguros. Confiar neles só é possível, em geral, quando existe um elevado grau de organização estatal e econômica.

A deficiência do papel-moeda — não ser portador de valor nem reserva de valor — não o prejudica em sua utilidade como meio propriamente dito de troca. Com isso, fica demonstrado que, para a troca em uma economia ordenada, são

necessários apenas uma medida de valor e um correspondente signo de valor, na forma de um título de crédito sem prazo e sem juros. Se o Estado que emite tal moeda goza da confiança necessária quanto à sua estabilidade e à sua segurança jurídica, e se se resguarda de colocar em circulação mais dinheiro do que o volume de mercadorias existente exige, então ele não necessita de ouro nem de quaisquer outros valores como lastro para a sua circulação monetária.

Por outro lado, nem mesmo a melhor cobertura em ouro protege a moeda contra a desvalorização, caso o Estado emita mais dinheiro do que o necessário para a regulação da troca de mercadorias (aproximadamente um décimo do volume anual de transações). O papel-moeda não retira seu valor como meio de troca de qualquer lastro, mas de sua função, de sua tarefa, de seu uso como meio de troca indispensável, como padrão de valor. Assim, é o ouro — e não o dinheiro — que se tornou supérfluo para o tráfego moderno de trocas.

No papel-moeda, o padrão de valor ainda é tomado do ouro, embora este já não seja, de modo algum, meio de troca. Isso constitui, no estágio atual da economia de trocas, um anacronismo. Em vez de signos de valor baseados no ouro, hoje seria mais adequado empregar um padrão de troca fundamentado em unidades reais de valor, a saber, unidades de energia: quilowatts, metro-quilogramas, calorias ou unidades de trabalho.

À economia do futuro, regulada com base em uma teoria econômica matemático-científica, pertence necessariamente também um tal padrão de valor, determinado de modo matemático e científico-natural, como meio de troca.

Como esse padrão de valor não é nem portador nem reserva de valor, com sua ajuda não podem mais ser acumulados valores reais, mas apenas créditos, que podem ser facilmente submetidos à regulação pública. Sobretudo, torna-se então evidente para todos aquilo que hoje ainda está oculto pelo véu do padrão-ouro: que, na troca, sempre se trocam valores, isto é, quantidades de energia.
Como se processa, então, esse intercâmbio de valores ou de energia na economia capitalista?

A escola clássico-marxista formulou a lei da troca: todas as mercadorias são, em média, trocadas por seus valores, de modo que equivalentes (valores iguais) são

trocados entre si. Recordemos que essa escola via no valor de troca "o" valor propriamente dito. Ela acreditava que toda mercadoria possuía um determinado valor de troca objetivamente determinável. Como esse valor de troca objetivo ou verdadeiro, considerava a quantidade de trabalho humano que, medida em tempo de trabalho, é necessária, em média, para a produção dessa mercadoria específica.

A lei clássico-marxista da troca de mercadorias significa, portanto, que, em média, quantidades iguais de tempo de trabalho humano são trocadas entre si. Como essas quantidades representam custos, isso significa que, em geral, custos de trabalho iguais são trocados.

Os proprietários A e B desejam trocar entre si as mercadorias I e II (fig. 5). Um quilograma da mercadoria I contém 100 calorias de custos de trabalho; em 1 kg da mercadoria II encontra-se a mesma quantidade. Nesse caso, A e B deveriam trocar, em média, essas duas mercadorias quilograma por quilograma. O preço poderia situar-se temporariamente acima desse valor, mas então também teria de cair, em certos períodos, abaixo dele, de modo que os ganhos e perdas, em si mesmos pouco significativos, se compensassem.

Marx chegou a essa concepção da troca porque corretamente concluiu que só pode haver troca permanente quando ela ocorre em benefício de ambas as partes. Se, agora, 1 kg da mercadoria I fosse trocado de modo duradouro por 1,1 kg da mercadoria II, A receberia, por um valor de 100 calorias, um valor correspondente a 110. Teria, portanto, uma vantagem de 10 calorias. B, porém, receberia, por um valor de 100 calorias, apenas 91, sofrendo assim uma perda de 9 calorias e sendo, desse modo, lesado. A um ganho de valor de um lado corresponde sempre uma perda de valor do outro. Como, entretanto, ninguém se deixa lesar continuamente, a troca não pode ocorrer de forma

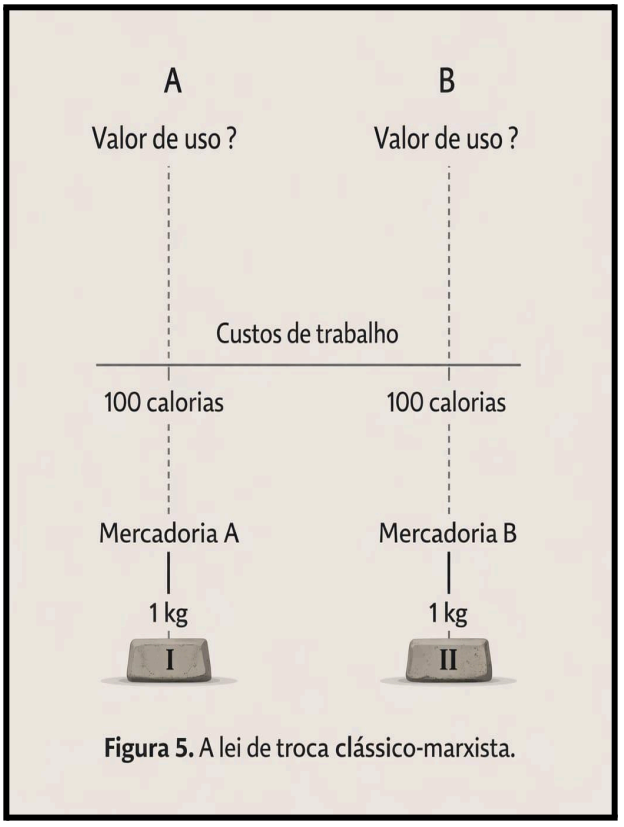


Figura 5. A lei de troca clássico-marxista.

duradoura desse modo. Segundo a teoria liberal-marxista, a troca permanente só é possível quando, em média, são trocados equivalentes.

Essa exigência teórica da doutrina do valor de troca contradiz, contudo, de maneira absoluta, a experiência prática. De fato, na vida econômica, em geral, ambos os parceiros ficam satisfeitos com a troca e se enriquecem com ela.

Esse é o melhor indício de que a doutrina do valor de troca não pode explicar a vida econômica e que, portanto, é fundamentalmente falsa.

Naturalmente, os marxistas também perceberam o fracasso de sua doutrina. Tentaram encobri-lo, mas com isso apenas o evidenciaram ainda mais. Assim, afirma Kautsky nas *Explicações ao Programa de Erfurt*, p. 7:

> "Se, portanto, o comerciante quer obter um excedente do preço de venda da mercadoria sobre o seu preço de compra, isto é, um ganho ou lucro, em regra só pode alcançá-lo comprando sua mercadoria em um lugar e em um momento em que ela é barata, e vendendo-a em um lugar ou em um momento em que ela é cara."

O que Kautsky consegue conciliar aqui, como lucro comercial, com a teoria marxista do valor de troca são apenas os ganhos especulativos, não os acréscimos regulares de lucro do comércio ordinário. Na realidade, o comércio compra regularmente, em qualquer lugar e a qualquer tempo, e cobra, em média, seu acréscimo de lucro. Esse acréscimo comercial contém a compensação pelos custos de trabalho do comerciante, a reposição de eventuais meios de trabalho consumidos e, além disso, um ganho de capital.

Segundo a teoria marxista do valor, um ganho regular de capital dessa natureza por meio da troca é impossível. De acordo com ela, nem fabricantes nem comerciantes poderiam, em média, enriquecer ao longo de períodos de bons e maus negócios.

Essa conclusão simples e evidente foi inicialmente tirada também por Marx e seus colaboradores. Assim, escreveu Friedrich Engels em 1848, em seus *Princípios do Comunismo*, p. 12:

> "Mas, assim como o fabricante, na média dos tempos bons e maus de negócios, não obtém nem mais nem menos por sua mercadoria do que seus custos de produção, do mesmo modo o trabalhador, na média, não receberá nem mais nem menos do que esse mínimo."

Nessas circunstâncias, não haveria, porém, qualquer possibilidade para o capitalista empreendedor explorar de alguma forma a força de trabalho. Por isso, Marx teve não poucas dificuldades para demonstrar, a partir da lei clássica do valor, a possibilidade da exploração.

Ele chegou, por fim, apenas a uma prova aparente, e mesmo esta só pôde ser obtida ao construir uma exceção, para a "mercadoria" força de trabalho, em relação a todas as demais mercadorias. Para o "valor" da força de trabalho, de repente, não é apenas o valor de troca, mas também o valor de uso que se torna determinante. Marx sustenta que o trabalhador receberia, no salário, o valor de troca de sua força de trabalho, enquanto o fabricante poderia fazer-se pagar, no preço de suas mercadorias, pelo valor de uso do trabalho contido nelas. Com essa introdução sub-reptícia do valor de uso na troca, toda a teoria clássica do valor — justamente aquela sobre a qual Marx pretendia se apoiar — é, de fato, lançada por terra.

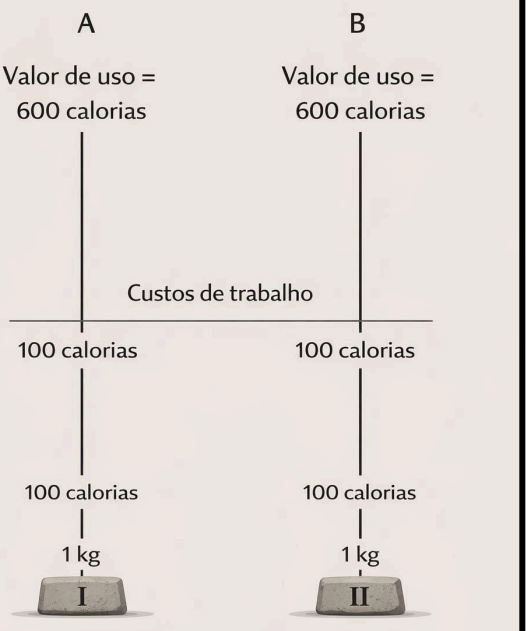


Figura 6. A troca segundo a teoria do valor de uso: 1º caso.

Suponhamos agora que a troca fosse feita de acordo com a lei clássica do valor, ou seja, que fossem trocados equivalentes, isto é, quantidades iguais de mão de obra humana. Que consequências podemos então reconhecer com base na teoria do valor-trabalho ou do valor-uso? Suponhamos que dois proprietários, A e B, quisessem trocar entre si os produtos I e II (fig. 6). 1 kg do produto I requer 100 calorias de custo de trabalho e tem 600 calorias de valor de uso. 1 kg do produto II também requer 100 calorias de custo de trabalho e representa 600 calorias de valor de uso. Quantidades iguais desses produtos são, portanto, equivalentes no sentido da lei clássica do valor, pois contêm quantidades iguais de trabalho humano, mas também no valor de uso. Após a troca, ambos

os proprietários têm novamente as mesmas quantidades de valor de uso (600 calorias), que também causaram os mesmos custos de trabalho (100 calorias).

Uma troca desse tipo tem algum sentido? Ambos os parceiros têm a mesma quantidade antes e depois da troca. No entanto, a mesma quantidade, mas não a mesma coisa. As 600 calorias de valor de uso I eram inúteis para A, porque ele próprio não tinha utilidade para elas e, portanto, não podia concluir sua obtenção. As 600 calorias de valor de uso II, por outro lado, são úteis para ele. O contrário aconteceu com B. Portanto, a troca foi vantajosa para ambos. Ambos se enriqueceram em 600 calorias de valor de uso com essa troca.

Com isso, constata-se o seguinte:
A troca é possível quando, de ambos os lados, estão presentes quantidades iguais de custos de trabalho e valores de uso equivalentes. Nesse caso, a troca é vantajosa para ambas as partes. E, mais especificamente, é igualmente vantajosa para ambas. O caso aqui pressuposto ocorrerá apenas raramente. Escolhamos, portanto, relações tais que os custos de trabalho sejam iguais, mas não os valores de uso. De acordo com as "leis eternas da troca de mercadorias", também esse caso ainda deveria ser considerado uma troca de equivalentes (fig. 7).

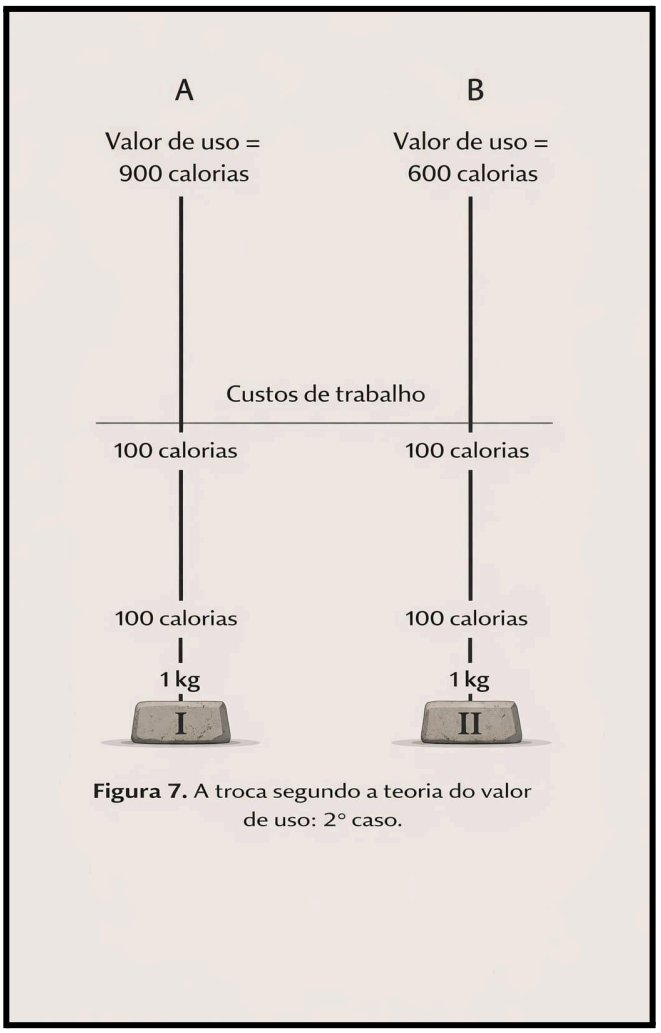


Figura 7. A troca segundo a teoria do valor de uso: 2° caso.

Desta vez, 1 kg da mercadoria I requer 100 calorias de custos de trabalho, assim como 1 kg da mercadoria II. O valor de uso de I soma 900 calorias, enquanto o de II apenas 600 calorias. Segundo a lei clássica do valor, 1 kg da mercadoria I deveria ser trocado por 1 kg da mercadoria II. Assim, teriam sido trocados equivalentes, isto é, quantidades iguais de trabalho humano.

Suponhamos que se trate de duas substâncias fornecedoras de energia, por exemplo, dois combustíveis. Nesse caso, após a troca, A dispõe apenas de 600 calorias, enquanto B dispõe de 900 calorias. Disso resulta que, apesar de custos de trabalho iguais, não foram trocados equivalentes, isto é, não foram trocados valores iguais, porque os valores de uso não eram iguais.

A lei clássica do valor revela-se, portanto, inaplicável a esse caso. Embora quantidades iguais de trabalho (equivalentes) tenham sido trocadas, não foram trocados valores iguais.

Pode esse intercâmbio, ainda assim, realizar-se?

Talvez se objete que A não aceitaria essa troca, pois depois dela disporia de 300 calorias a menos de valor de uso do que antes; B, ao contrário, concordaria com muito prazer, já que, com a mudança de posse, obteria 300 calorias a mais de valor de uso do que possuía inicialmente.

Entretanto, com isso se ignora que A, embora desde o início possuísse 900 calorias de valor de uso, não tinha qualquer possibilidade de utilizá-las; do contrário, não desejaria realizar a troca. Para ele, portanto, essas calorias eram destituídas de valor. Caso não encontrasse uma oportunidade de troca, seus 100 custos de trabalho estariam desperdiçados. Ele é, assim, obrigado a encontrar uma situação de intercâmbio na qual, ao menos, recupere seus 100 custos de trabalho.

No caso considerado, porém, ele não recebe 100, mas 600 calorias de um valor que lhe é utilizável, e fica satisfeito com isso. Seu contentamento com essa troca talvez seja apenas superado pela satisfação de seu parceiro, que, em troca de seus 100 custos de trabalho, obtém nada menos que 900 calorias de valor de uso.

Figura 8. A troca segundo a teoria do valor de uso: 3º caso.

Ambos, portanto, esfregam as mãos satisfeitos, embora tenham sido trocados valores desiguais. Mostra-se, assim, que:

1. Uma troca é possível mesmo quando, de ambos os lados, existam custos de trabalho iguais, mas valores de uso desiguais.
2. Também nesse caso, a troca pode ser vantajosa para ambas as partes.
3. A vantagem, porém, é diferente para cada uma delas.

Em terceiro lugar, suponha-se que os valores de uso sejam iguais, mas os custos de trabalho distintos. Uma troca desse tipo contradiria a lei do valor clássico-marxista (fig. 8).

Ambos possuem, antes da troca, 600 calorias de valor de uso, e o mesmo ocorre após a troca. Aqui, portanto, valores iguais foram efetivamente trocados. Contudo, se se relaciona o valor de uso com os custos de trabalho, o quadro se modifica. A recebe, por 100 calorias de custos de trabalho, 600 calorias de valores de uso; B, ao contrário, recebe, para 100 calorias de custos de trabalho, apenas 300 calorias de valores de uso. A obtém, assim, seis vezes, B apenas três vezes. Trata-se da mesma relação entre as duas grandezas de valor que já existia entre A e B antes da troca.

Por essa razão, ambos preservam sua vantagem nesse intercâmbio. Conclui-se, portanto:

- A troca é possível quando valores de uso iguais, mas custos de trabalho desiguais, são trocados.

- Também nesse caso, a troca pode ser vantajosa para ambas as partes.
- A vantagem já existente antes da troca em ambos os lados permanece preservada de modo proporcional.

A relação de troca entre ambas as mercadorias também pode ser estruturada de tal modo que custos de trabalho iguais entrem em troca, conforme exige a lei do valor clássico-marxista. Nesse caso, devem ser trocados 2 kg da mercadoria I, equivalentes a 1200 calorias de valor de uso, por 1 kg da mercadoria II, equivalente a 600 calorias de valor de uso. Há, então, em ambos os lados, custos de trabalho iguais de 200 calorias, porém valores de uso desiguais. Assim, mais uma vez, apesar de custos de trabalho equivalentes, valores desiguais foram trocados. Além disso, por meio de uma troca desse tipo, as vantagens são praticamente invertidas. A possuía inicialmente, em valor de uso, seis vezes os custos de trabalho; B, três vezes; após a troca, A passa a possuir três vezes, e B, seis vezes.

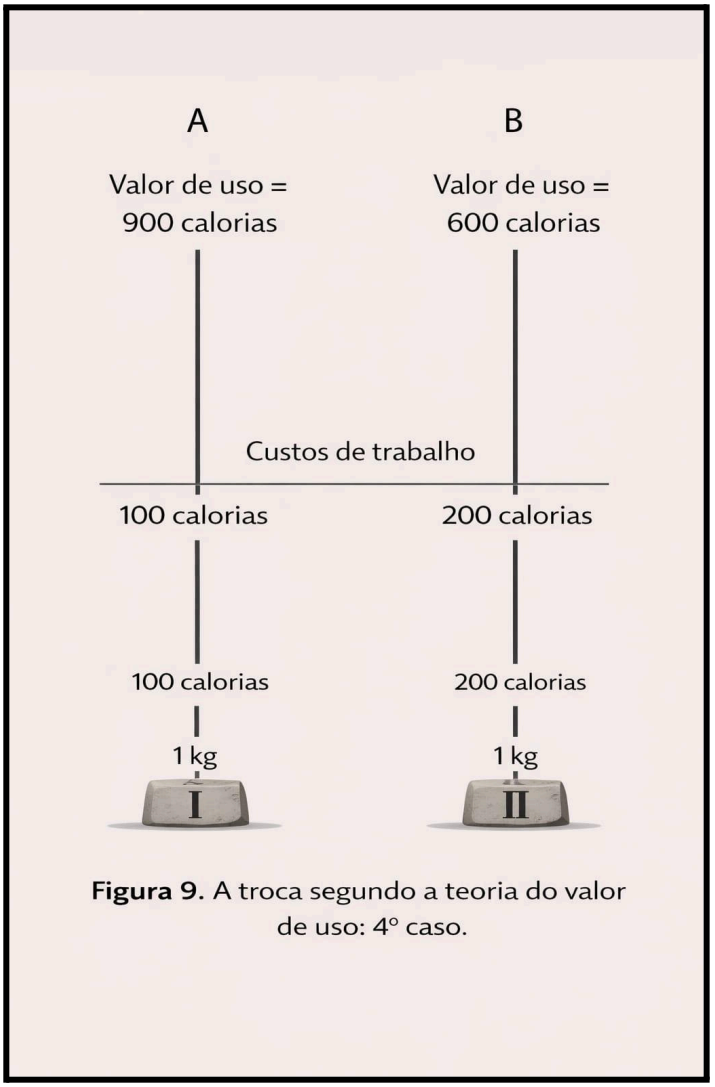


Figura 9. A troca segundo a teoria do valor de uso: 4º caso.

Resta agora ainda a possibilidade de investigar o caso em que as mercadorias sejam desiguais tanto nos custos de trabalho quanto nos valores de uso. Também essa troca é possível, embora não exista equivalência sob nenhum aspecto.

Se essas mercadorias (fig. 9) forem trocadas quilograma por quilograma, A obtém, para seus 100 calorias de custos de trabalho, 600 calorias de valor de uso, enquanto B obtém, para seus 200 calorias de custos de trabalho, 900 calorias de valor de uso; ambos poderiam, portanto, considerar-se satisfeitos. As

vantagens, contudo, não são preservadas da mesma maneira. Antes, A possuía nove vezes seus custos de trabalho em valor de uso, e B três vezes; após a troca, A passa a possuir seis vezes, e B quatro vezes e meia.

O resultado é, portanto, o seguinte:

1. Uma troca é possível mesmo quando os custos de trabalho e os valores de uso das duas mercadorias são diferentes.
2. Também nesse caso, ambas as partes podem encontrar vantagem na troca.
3. Contudo, essa vantagem é diferente para cada lado.

Essas mercadorias também podem ser trocadas numa proporção tal que, de acordo com a lei de troca clássico-marxista, custos de trabalho iguais se enfrentem. Nesse caso, devem ser trocados 2 kg da mercadoria I, com 200 calorias de custos de trabalho, por 1 kg da mercadoria II, igualmente com 200 calorias de custos de trabalho. Entretanto, confrontam-se então 1800 calorias e 600 calorias de valor de uso, isto é, valores completamente desiguais.

Tentemos agora manter a conservação da mesma vantagem. Devemos, então, estabelecer: 1 kg da mercadoria I = 1½ kg da mercadoria II.

A recebe então, por 100 calorias de custos de trabalho, 900 calorias de valores de uso, B recebe, por 200 calorias de custos de trabalho, 600 calorias de valores de uso. A mantém assim a sua vantagem 9 vezes superior, B a sua vantagem 3 vezes superior.

A partir destes exemplos, é fácil perceber que a lei do valor do marxismo clássico não corresponde de forma alguma aos factos económicos.

Se fosse correta, seria necessário que:

1. na troca de custos de trabalho iguais, fossem realmente trocados valores iguais;
2. para duas mercadorias determinadas, fosse possível apenas uma única relação de troca.

Na verdade, porém, vimos

1. que, na troca de custos de trabalho iguais, raramente são trocados valores iguais, ou seja, apenas quando, por acaso, nas quantidades trocadas de duas mercadorias, não só os custos de trabalho são iguais, mas também os valores de uso;
2. que entre duas mercadorias não é possível uma única relação de troca, mas muitas.

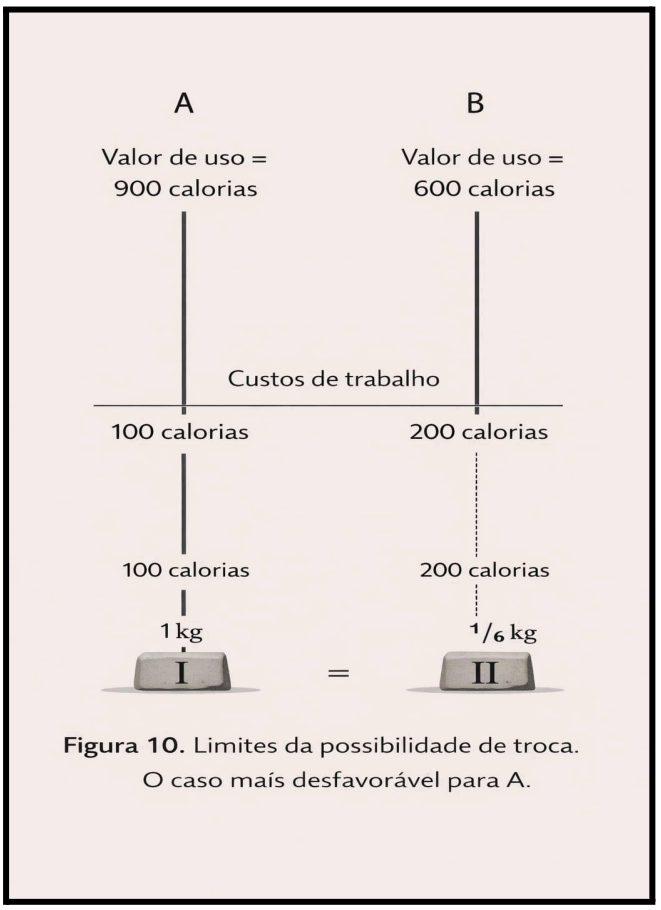


Figura 10. Limites da possibilidade de troca. O caso mais desfavorável para A.

Agora é preciso determinar quais são os limites das possibilidades de troca entre duas mercadorias. Qual é a relação mais desfavorável para A, na qual a troca ainda é possível? A deve, pelo menos, receber a longo prazo o reembolso dos seus custos de trabalho. Se tomarmos como base o último exemplo (fig. 9), estes custos são de 100 calorias por 1 kg da mercadoria I. Como a mercadoria II contém 600 calorias de valor de uso em 1 kg, essas 100 calorias de custos de trabalho de A são cobertas por 1/6 kg da mercadoria II. Portanto, o caso mais desfavorável para A, que é permanentemente possível, é: 1 kg da mercadoria I por 1/6 kg da mercadoria II (fig. 10).

Temporariamente, A pode até fazer uma troca ainda mais desfavorável: por exemplo, 1 kg da mercadoria I por 50 calorias da mercadoria II. Assim, ele salva pelo menos metade dos seus custos de trabalho, que de outra forma seriam totalmente perdidos.

Mas qual é o caso mais favorável para A, que é permanentemente possível? B deve receber, no mínimo, o reembolso dos seus custos de trabalho, que correspondem a 200 calorias por 1 kg de mercadoria II. Essas 200 calorias estão contidas em 2/9 kg de mercadoria I (fig. 11).

Por 2/9 kg de mercadoria I, A ainda pode comprar apenas 1 kg de mercadoria II.

“1/9”	“I”	“A”	“1/2”	“II”
“1”	“I”	“A”	“4¹/²”	““”

O caso mais desfavorável para A é: 1 kg da mercadoria I em troca de 1½ kg da mercadoria II.

O caso mais favorável para A é: 1 kg da mercadoria I em troca de 4½ kg da mercadoria II.

Como 4½ kg = 27/6 kg, A recebe, no caso mais favorável, 27 vezes mais do que no caso mais desfavorável.

B recebe, no caso mais desfavorável, por 1 kg da mercadoria II, 2½ kg da mercadoria I, e, no caso mais favorável, por 1 kg da mercadoria II, 6 kg da mercadoria I.

Como 6 kg = 54/9 kg, B recebe, no caso mais favorável, igualmente 27 vezes mais do que no caso mais desfavorável.

O número 27 representa, portanto, a margem de troca dentro da qual a troca dessas duas mercadorias pode ocorrer de forma permanente com vantagem mútua para ambas as partes.

A teoria clássico-marxista da lei do valor, segundo a qual sempre devem ser trocados valores iguais e segundo a qual só é possível um único valor de troca para duas mercadorias, revela-se, assim, completamente inválida.

A troca de duas mercadorias pode, ao contrário, realizar-se com benefício mútuo dentro de margens de troca muito amplas e nas mais diversas proporções

quantitativas. As grandezas A e B delimitam reciprocamente as possibilidades de troca.

A margem de troca é facilmente calculável quando os valores específicos das duas mercadorias são conhecidos. O seu produto fornece a margem de troca. No primeiro caso, a mercadoria I possui o valor específico 9, e a mercadoria II o valor específico 3.

9 × 3 resulta na margem de troca 27.

Como, além disso, os valores específicos de algumas mercadorias são consideravelmente maiores do que 9, fica demonstrado que a troca oferece amplas possibilidades de satisfação, sem que os participantes percam o benefício da troca.

Figura 11. Limites da possibilidade de troca. O caso mais favorável para A.

Como os valores específicos de algumas mercadorias são significativamente maiores do que 3 ou 9, fica demonstrado que a troca oferece possibilidades extraordinariamente amplas de enriquecimento, sem que se perca a reciprocidade da vantagem na troca. Se A recebe, por 1 kg da mercadoria I, 4½ kg da mercadoria II, então seus 100 calorias de custos de trabalho são remunerados com 2.700 calorias de valor de uso, ao passo que, por meio de seu próprio trabalho de produção, esses custos poderiam ser compensados, no máximo, com 900 calorias de valor de

uso. A vantagem possível no comércio é, portanto, neste caso, três vezes maior do que na produção.

Essas possibilidades praticamente ilimitadas que a troca oferece sob o domínio do poder econômico das relações capitalistas foram claramente reconhecidas pelo sistema desde cedo. Já em *O Capital* está consagrada a sabedoria de que aqueles que possuem 100 talentos no comércio carregam carvão todos os dias, enquanto quem possui apenas 30 talentos na agricultura é obrigado a comer carvão todos os dias.

Além disso, dessa vantagem decorre que uma mercadoria não pode ter um valor de troca determinado e objetivamente fixo. O tempo de trabalho e o valor de uso apenas determinam os limites da possibilidade de troca, nada além disso. O próprio valor de troca, por sua vez, é estabelecido novamente (de forma subjetiva) a cada troca individual.

A concepção de que o valor de troca seja uma grandeza determinada e objetivamente fixa foi formulada pela primeira vez pelo genial J. B. von Thünen. Em seu *Estado Isolado*, ele ensina que o valor de troca é determinado, em cada caso concreto, pela utilidade marginal existente (*Grenznutzen*). A Escola de Viena desenvolveu posteriormente esse ensinamento na chamada "teoria da utilidade marginal", sem, contudo, avançar de maneira substancial no conhecimento, pois não relacionou novamente a utilidade marginal aos custos de trabalho.

Weber, partindo dessa base, não traçou um novo caminho à maneira de Thünen e de seus sucessores, mas seguiu, na determinação do valor de troca, a forte atração da escola subjetivo-quantitativa. O valor de troca de uma coisa consiste na energia que, para sua determinação, é pressuposta como existente na ação humana, conforme exposto, por exemplo, na página 53 de sua *Mecânica*. Esse período de dependência intelectual o impediu de chegar a algumas conclusões importantes, pois sua teoria do valor de uso não foi por ele devidamente consolidada.

Voltemos agora à questão: por que é determinado o valor de troca — ou, melhor, a relação de troca — no capitalismo ou na troca livre, em cada caso concreto? A resposta é: por nada além do poder econômico. Ameaças de greve, compra e venda livres significam, em essência, trocar de acordo com a medida das relações de poder econômico.

No capitalismo, a troca é uma função do poder econômico. Oferta e demanda, utilidade marginal e outros conceitos não passam de jogos de palavras para encobrir esse fato brutal. No entanto, isso não deve nos levar a deslocar o poder econômico de sua esfera própria, na qual ele permanece de forma compulsória no capitalismo.

Participação, solidariedade, cooperação, a liberdade enquanto poder econômico, bem como trusts, sindicatos, cartéis e monopólios têm exatamente esse significado.

Na terceira seção foi examinada a teoria do valor do poder econômico no interior dos membros da comunidade de mais-valia sob a dominação do capitalismo. Ali foram identificados três níveis de estratificação do poder: os credores de dinheiro, os empresários e os trabalhadores sem propriedade. A supremacia encontra-se nas mãos dos credores de dinheiro; os empresários dispõem de um poder moderado, enquanto os trabalhadores despossuídos são impotentes diante dessas duas camadas.

Os trabalhadores recebem agora sua parcela do ganho de valor criado pela comunidade de valor sob a forma de salário. Esse salário, porém, é determinado segundo as leis da troca capitalista. Qual deve, então, ser o nível do salário que, na relação de troca mais desfavorável possível, remunera sua força de trabalho?

O economicamente mais impotente deve trocar sob as condições mais desfavoráveis que sejam permanentemente possíveis; isto é, em geral, ele deve vender sua força de trabalho a um nível médio. Os meios de trabalho do trabalhador daquela época consistem na quantidade de energia necessária para manter sua força de trabalho e para reproduzi-la novamente por meio da família. Os meios de trabalho de um trabalhador correspondem, portanto, aos custos de subsistência de uma família de cinco pessoas. Estes perfaziam, em média, segundo os cálculos apresentados no referido estudo, 17.393 calorias diárias. Essa quantidade de energia constitui, assim, o salário médio de um trabalhador livre. O salário deve situar-se acima desse valor quando a demanda por força de trabalho excede a oferta, pois enquanto isso ocorre a força de trabalho não é impotente. Nessas circunstâncias, os salários obtidos podem ultrapassar a medida necessária para a reprodução da força de trabalho.

Assim que a oferta de força de trabalho excede a demanda, o salário cai abaixo do nível normal, até que a força de trabalho seja reduzida à medida necessária (desemprego). Esse é o destino do trabalhador livre.

Os proprietários dos meios de trabalho, das mercadorias e do dinheiro aumentaram seu poder, em parte, por meio da elevação do capital destinado à subsistência, ao se unirem sob a liderança do capital financeiro e formarem organizações internacionais semelhantes a trusts. Dessa forma, conseguiram reter em seus bolsos uma parcela arbitrária do ganho da criação de valor.

Vivendo sob esse exemplo, a classe trabalhadora seguiu o mesmo caminho. Sob a liderança do marxismo, organizou-se tanto em âmbito nacional quanto internacional. Esperava, por meio de uma ação conjunta contra o capitalismo, obter mais do que o mero salário de subsistência. Em caso de necessidade, procurou elevar a demanda pela mercadoria força de trabalho retirando-a temporariamente do mercado por meio de greves.

Ambas as esperanças revelaram-se ilusórias. Nem por meio de convenções coletivas nem por meio de greves a classe trabalhadora despossuída conseguiu elevar sua participação no resultado econômico para além do salário de subsistência.

Desde a década de 1880, o salário real deixou de aumentar, e já naquela época era apenas metade do que fora no ano de 1350.

Isso é algo perfeitamente natural na economia capitalista e torna-se imediatamente compreensível também à luz da teoria do valor de uso.

Na investigação da possibilidade de troca, verificou-se que a margem de troca, em geral, é determinada conjuntamente pelos custos de trabalho e pelo valor de uso. No caso mais desfavorável, A obtém apenas a cobertura de seus custos de trabalho por meio do valor de uso de B; no caso mais favorável, seu valor de uso cobre exatamente os custos de trabalho de B.

A condição para uma tal margem de troca positiva é, porém, que, no objeto de troca em questão, o valor de uso esteja acima dos custos de trabalho, como ocorre, por exemplo, com o carvão, cujo valor específico é 68.

Coloca-se agora a questão de saber se, também no caso da força de trabalho humana, o valor de uso se encontra acima dos custos de trabalho. Os custos

diários de trabalho de uma força de trabalho normalmente não podem ser substancialmente inferiores a 17.393 calorias[147]. Mas qual é, então, o seu valor de uso? O valor de uso de um bem econômico é igual à quantidade de energia que ele fornece ou economiza. Quanta energia pode, portanto, o trabalhador, que fornece apenas força, entregar diariamente de modo economicamente útil? Por meio de experimentos, constatou-se que um trabalhador, em um trabalho profissional uniforme (tear mecânico), em uma jornada de oito horas, fornece em média 300 calorias.

Se, portanto, o ser humano for considerado apenas como um bem econômico fornecedor de força, como uma máquina de força, como uma mercadoria, então seu valor de uso, de 300 calorias, situa-se muito abaixo de seus custos de trabalho, de 17.393 calorias.

O valor específico do ser humano enquanto máquina de trabalho é, assim, o seguinte:

$$\text{Valor Específico} = \frac{Valor\ de\ custo}{Custos\ de\ Trabalho} = \frac{300\ cal.}{17.393\ cal.} = \frac{1}{50}$$

[147] **Nota de Dietrich Klagges**: Aqui impõe-se a questão de saber se toda a necessidade familiar de 17.393 calorias representa valores pagos, ou seja, se ela pode ser registrada integralmente, em toda a sua extensão, como custos. Partindo do exemplo do carvão, não se ficará inclinado a rejeitar essa questão. O carvão introduz no consumo uma quantidade de valores de uso não pagos. Deve-se, portanto, supor o mesmo também em relação às demais necessidades do ser humano.

Para decidir a questão, seria necessário, em rigor, submeter todos os bens de subsistência do ser humano a um exame detalhado.

No entanto, em linhas gerais, a questão já pode ser respondida desde agora. No cálculo das necessidades familiares, partiu-se da alimentação. Uma investigação de um meio alimentar importante, o trigo, quanto à relação entre valores de uso pagos e não pagos, realizada com base em material factual disponível, conduz ao seguinte resultado:

O valor de uso de um quilograma de trigo é indicado por Sacher como sendo de 1.610 calorias. Os custos de produção do agricultor calculam-se em cerca de 860 calorias. O preço do pão situa-se aproximadamente 96% acima daquele correspondente à quantidade equivalente de trigo. No entanto, quando o trigo chega, na forma de pão, às mãos do consumidor, os custos totais de produção atingiram e, com isso, absorveram completamente o valor de uso. Já não está mais contido nele qualquer valor de uso não pago. Uma vez que a maioria dos demais alimentos é, em relação ao seu valor nutritivo, mais cara, pode-se com razão supor que os alimentos, em geral, já não contenham uma quantidade relevante de valores de uso não pagos.

Se, porém, as cerca de 8.000 calorias da necessidade alimentar forem pagas, então também no caso da necessidade total correspondente não se trata de valores não pagos. O montante total de 17.393 calorias pode, portanto, ser considerado integralmente como custos.

Enquanto máquina de força, o ser humano representa, portanto, um bem econômico cujo valor específico é inferior a 1 e que, por isso, deve ser elevado por meio de meios suplementares adquiridos externamente. Segundo os dados esquemáticos apresentados, o rendimento da força de trabalho humana deve esforçar-se por descer abaixo de seus próprios custos de trabalho, pois o valor de uso em si não está submetido ao poder de compra.

Em uma posição econômica especial desfavorável, a força de trabalho humana só pode manter-se, na economia concorrencial, enquanto não encontra um concorrente superior, isto é, enquanto permanece indispensável.

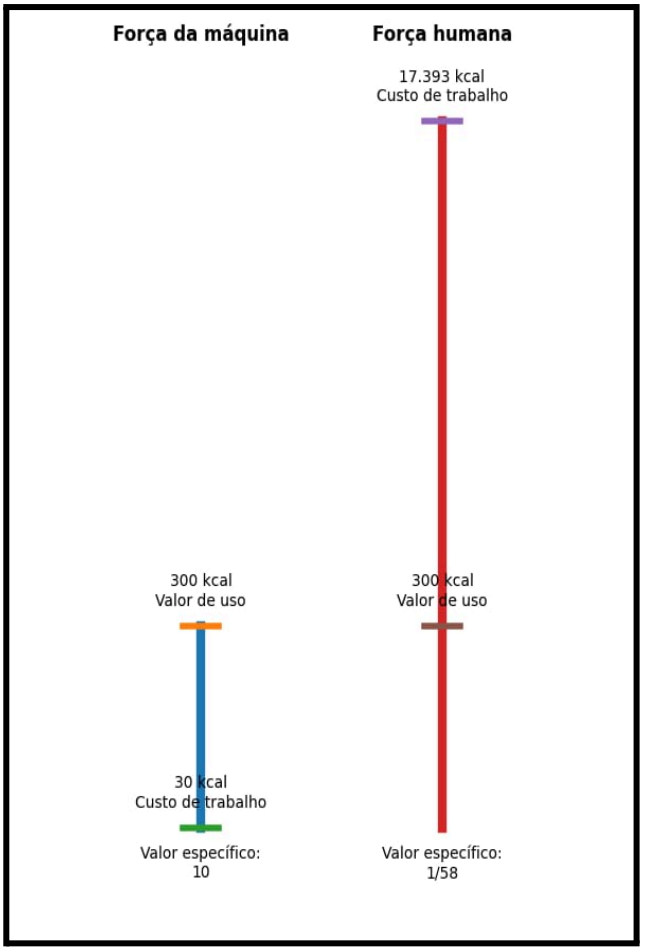


FIG.12

Concorrentes superiores à força de trabalho humana são as máquinas inteligentes de produção de energia, que progressivamente expulsam o ser humano, enquanto fornecedor de força, de seus postos de trabalho.

Na economia capitalista contemporânea, isso não poderia ocorrer de outra maneira. Uma máquina a vapor fornece, em regime de funcionamento contínuo, 300 calorias (= ¼ de hora-cavalo de potência) de valor de uso, a um custo de uma hora de trabalho correspondente a apenas 30 calorias (fig. 12).

Seu valor específico como fornecedora de força é, portanto, igual a:

$$\frac{Valor\ de\ uso}{Custos\ de\ trabalho} = \frac{300\ cal.}{30\ cal.} = 10$$

Uma máquina desse tipo é, portanto, dez vezes — ou seja, 10 × 58 — superior. Seria um milagre se ela não tornasse supérflua a força humana como fornecedora de energia.

No fato de que, no ser humano enquanto fornecedor de força — em contraste provavelmente com a maioria dos outros valores — o valor de uso se situa abaixo dos custos de trabalho, reside o fundamento da particular impotência econômica da força de trabalho humana na economia capitalista de concorrência.

O ser humano é, portanto, considerado exclusivamente como fator de poder econômico, uma fonte. Mas, ainda que se somem todas as fontes, obtém-se sempre novamente um zero.

Onde está esse ganho económico? Como detentores do poder econômico, os proprietários dos meios de produção, das mercadorias e do dinheiro são, em geral, capazes de obter, além do seu salário e do reembolso das suas despesas, um lucro correspondente ao capital que disponibilizam. O marxista considera esse ganho de capital, por si só, uma injustiça social. Ele acredita que a injustiça capitalista reside no próprio fato de que tais ganhos de capital existem. Essa opinião é sustentável?

As matérias-primas e os meios de produção contêm trabalho cristalizado. Ao utilizá-los, o seu proprietário utiliza indiretamente trabalho. Parte do trabalho cristalizado nos meios de produção é consumida nesse processo.

Sem o apoio do trabalho indireto e o seu consumo, o trabalho humano direto não pode transformar os valores naturais em valores úteis económicos. Por isso, esse trabalho indireto consumido participa tanto na obtenção dos valores úteis económicos quanto o trabalho direto consumido nesse processo. Portanto, ele não só tem direito a ser substituído, mas também a receber lucros.

Nas condições atuais, o credor, devido à servidão dos juros, tem a certeza absoluta de receber uma parte dos lucros, mesmo que o seu dinheiro não tenha gerado nenhum lucro. Consequentemente, o credor tem prioridade, não só sobre o trabalho criativo, mas também sobre os proprietários dos meios de produção, que só podem obter lucros se os seus meios de produção realmente os gerarem.

Esta prerrogativa tem alguma justificação? O credor tem realmente direito a uma parte dos lucros? Numa ordem econômica socialmente justa, o credor só pode exigir uma parte dos lucros na medida em que tenha prestado um serviço. O dinheiro é, por natureza, tal como os meios de produção, valor armazenado e, em parte, tal como estes, força de trabalho cristalizada. Mas será que algo é

consumido por este trabalho realizado indiretamente através da concessão do dinheiro? À primeira vista, parece que não é esse o caso. O dinheiro emprestado mantém o seu valor, o montante da dívida é constante. Este tipo de trabalho indireto parece, portanto, ser totalmente imperecível. É-o também em uma medida muito diferente dos meios de trabalho ou da própria força de trabalho humana, mas não é totalmente imperecível.

Todo o dinheiro emprestado está mais ou menos em risco e pode ocasionalmente ser perdido. Este risco de perda deve ser considerado como depreciação ou consumo, com base no seu valor médio.

Além disso, o capital monetário, como qualquer valor armazenado, sofre uma desvalorização proporcional constante devido ao progresso econômico. À medida que os valores de uso podem ser obtidos com cada vez menos esforço, o poder de compra dos valores antigos armazenados diminui.

Na medida em que está sujeito ao risco de perda e na medida em que é desvalorizado pelo aumento do sucesso económico, o trabalho indireto contido no capital financeiro também é consumido e, na mesma medida, o credor tem direito a participar no lucro económico total.

A injustiça capitalista na distribuição de valor não consiste, portanto, no facto de os proprietários dos meios de produção e do dinheiro receberem uma parte do lucro económico que excede a reposição dos seus bens, mas sim no facto de o trabalho criativo, como fornecedor da força de trabalho humana direta, ser totalmente excluído dessa parte devido à sua impotência económica.

Em consequência dessa exclusão injusta, o trabalho criativo também é impossibilitado de participar de forma significativa na posse dos meios de produção e do dinheiro. Assim, ele é automaticamente excluído da direção da comunidade de obtenção de valor, à qual dedica as suas forças, da qual depende o seu destino e cujo fim último ele próprio representa. A consequência final da sua exclusão da obtenção de valor é a situação indigna em que o trabalho criativo se encontra hoje dentro da comunidade de obtenção de valor.

A razão de todos esses males, porém, deve ser buscada no fato de que o capitalismo, ao declarar a concorrência sem limites, reduz a distribuição de toda a mais-valia econômica a uma mera função do poder econômico. A lei do mais

forte, que se baseia nisso, é a verdadeira marca de Caim do capitalismo e a causa da injustiça capitalista.

O capitalismo só pode ser superado, a injustiça capitalista só pode ser eliminada, se a distribuição de valor for tornada independente do poder económico, se esta importante tarefa social for elevada a um efeito da justiça.

Tomando o carvão como exemplo, resta agora mostrar a que resultados conduz a distribuição com base nas leis do capitalismo, ou seja, da troca baseada no poder.

De acordo com o cálculo detalhado apresentado no décimo segundo capítulo, das 2000 calorias de valor de uso que representam 1 kg de carvão, 59,8 obras, ou seja, cerca de 60 obras, correspondem aos custos de produção. Com um custo de 60 obras, 1 kg de carvão é entregue na lareira. O restante de 1940 calorias ainda está presente no carvão como valor de uso não pago quando ele é consumido. Essas 1940 calorias são um valor gratuito.

O restante não pago é inesperadamente grande, tão grande que, em comparação, todos os custos de produção e, mais ainda, os lucros neles contidos desaparecem. Por isso, todos se perguntam: para onde vai esse dinheiro, a quem beneficia, quem enriquece com ele, já que se trata da maior parte do valor de uso do carvão?

Os 1940 calorias de valor de uso não pago fluem inicialmente para o consumidor do carvão. Para ele, são mão de obra não paga e ajudam-no a produzir outros bens. Ao mesmo tempo, entram, de certa forma, no valor de uso desses bens, sejam eles ferragens. O consumidor do carvão é o fabricante desses artigos de ferro. Ele vende os artigos de ferro e, com eles, os valores de uso não pagos do carvão neles contidos.

O fabricante dos artigos de ferro pode, nessa troca, receber o pagamento dos valores de uso não pagos extraídos do carvão e, assim, apropriar-se deles como lucro? O preço de um artigo de ferragens tem um limite mínimo, os custos de mão de obra, ou seja, o trabalho pago. Isso não inclui os valores de uso não pagos provenientes do carvão. O limite máximo do preço é, em geral, o valor de uso dos artigos de ferragens. Neles também estão incluídos os valores de uso não pagos do carvão. Se o consumidor do carvão, como fabricante e vendedor dos produtos de ferro, dispõe de um certo poder econômico, ele é capaz de fixar

o seu preço tão alto que não só recupera os custos de mão de obra, mas também se apropria de uma parte do valor de uso que ele próprio não pagou. Ele pode, portanto, cobrar de seus compradores uma fração dessas 1940 calorias, digamos talvez 10 calorias. As restantes 1930 calorias de valor de uso por quilograma de carvão continuam por pagar nas ferragens e permitem o seu preço baixo. Continuam a circular na vida económica, partilham-se com os mais diversos outros produtos e têm um efeito redutor nos seus preços, bem como no custo de vida das pessoas.

No entanto, sempre que os valores de uso não pagos caem nas mãos de quem dispõe de poder económico suficiente, uma parte deles permanece nessas mãos até que, finalmente, a última das 1940 calorias seja repartida entre os economicamente poderosos.

Esse é o sentido da frase frequentemente usada em defesa: isso beneficia o consumidor. O trabalhador criativo, que não possui meios de trabalho, nem dinheiro, nem qualquer outra fonte de poder econômico, não beneficia de nada desses valores de uso não pagos. Ele cozinha a sua comida com as 1940 calorias não pagas do valor de uso do carvão. Isso barateia o seu custo de vida, e é por isso que o seu salário é geralmente determinado. Devido à sua impotência económica, o trabalhador sem emprego não pode, a longo prazo, receber o menor pagamento no seu salário pelos valores de uso que recebe de graça, mas tem de os repassar gratuitamente. Para ele, a redução de preços significa redução salarial.

Os valores de uso não pagos que circulam na vida econômica significam, na economia capitalista, tantas oportunidades de lucro para os detentores do poder econômico, enquanto os economicamente impotentes não têm qualquer vantagem com isso.

Preços baixos nunca podem ser, portanto, num sistema de livre concorrência, um meio de melhorar a situação do trabalho criativo, que em si mesmo é sempre economicamente impotente, pois preços baixos significam salários baixos.

Para os economicamente poderosos, por outro lado, os preços baixos são um meio indispensável para equilibrar as possibilidades de lucro nos diferentes ramos da produção e da mediação. Como em todos os ramos da economia circulam valores de uso não pagos, que foram obtidos nas mais diversas indústrias para depois serem repassados a outros sem pagamento, capitais iguais

podem, em média, obter lucros iguais em todos os lugares. Isso seria impossível, dada a grande diversidade do sucesso na obtenção de valor nos diferentes ramos da indústria.

Depois de termos acompanhado o destino das 1940 calorias não pagas na distribuição capitalista, passamos às 59,8 calorias de custos de produção necessárias para obter 1 kg de petróleo bruto.

Como se pode ver mais detalhadamente na secção 14, elas distribuem-se da seguinte forma entre os intervenientes:

<table>
<tr><td rowspan="4">Fabricação</td><td rowspan="2">Trabalho imediato</td><td>Os seus custos de recuperação</td><td>23 cal.</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Lucro sobre isso</td><td rowspan="2">—</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Mão de obra indireta (meios de trabalho) (capital)</td></tr>
<tr><td>Substituição por desgaste e consumo</td><td>9,5 cal.</td></tr>
<tr><td rowspan="4">Troca</td><td rowspan="4">Mão de obra imediata e meios de trabalho</td><td>Lucro sobre isso</td><td>4 cal.</td></tr>
<tr><td>Para reprodução, desgaste e consumo.</td><td>11,65 cal.</td></tr>
<tr><td>Lucro sobre isso</td><td>11,65 cal.</td></tr>
<tr><td>Juntos</td><td>58,8 cal.</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Consumo</td><td rowspan="2"></td><td rowspan="2"></td><td>1940,2 cal.</td></tr>
<tr><td>2000,0 cal.</td></tr>
</table>

Uma parte dos custos de produção de 59,8 calorias serve para substituir a força de trabalho consumida, tanto direta como indiretamente. A força de trabalho humana viva fornecida diretamente para a produção recebe 23 calorias para a sua reprodução. A força de trabalho indiretamente ativa, concentrada nos meios de produção, consome 9,5 calorias. Para substituir a força de trabalho direta e indireta consumida no comércio, são necessárias 11,65 calorias. Os meios de

produção no comércio, ou seja, o capital empresarial dos comerciantes, representam um lucro de 11,65 calorias, enquanto o trabalho indireto na produção, ou seja, o capital empresarial na mineração, representa um lucro de 4 calorias por quilograma.

A mão de obra simples, diretamente envolvida na produção e no comércio, fica de mãos vazias na distribuição do excedente, não recebendo qualquer participação nos lucros.

Não se pode justificar isso alegando que tal mão de obra não está disponível. 1 kg de carvão contém ainda 1940 calorias de valor de uso não consumido. Portanto, mesmo que não haja nenhum ou não haja suficiente lucro de capital, ainda existe uma grande reserva de valor de uso disponível para distribuição.

Na ordem econômica baseada no poder, a força de trabalho criativa direta não recebe qualquer participação nos lucros, mas não porque esta já não esteja disponível, mas apenas porque lhe falta o poder económico para a obter e porque os seus direitos sociais não a apoiam.

Quem recebe então as 15,65 calorias de lucro incluídas nos custos de produção? Através do preço, elas vão inicialmente para os empresários da mineração e do comércio. Mas lembremo-nos de que o poder económico dessas pessoas é insignificante em comparação com o poder dos credores ou dos capitalistas financeiros, por isso não devemos nos surpreender se os empresários, os proprietários e os fornecedores da força de trabalho indireta também não conseguem reter o lucro, mas são forçados pela servidão dos juros a repassá-lo em grande parte aos capitalistas financeiros. Os capitalistas financeiros são também os principais beneficiários finais desses lucros, que ainda são extraídos dos produtos fabricados com carvão barato no decorrer do ciclo económico. Enquanto os proprietários dos meios de produção participam pelo menos nestes lucros adicionais, a força de trabalho criativa direta continua totalmente excluída deles.

Bônus

Kerry Bolton: O Mito do eixo-empresarial nazista

Por Kerry R. Bolton · 4 de setembro, 2015 (atualizado em 3 de maio de 2024)
publicado em: The Myth of the Big Business-Nazi Axis • CODOH[148]

A linha oficial da esquerda é que o fascismo e o nazismo foram o último recurso do capitalismo. De fato, a crítica marxista ortodoxa não vai além disso. Nas últimas décadas, houve sérios estudos acadêmicos ortodoxos para compreender o fascismo como uma doutrina. Entre eles, podemos incluir Roger Griffin, Roger Eatwell e, particularmente, Zeev Sternhell. O último, em particular, mostra que o fascismo derivou pelo menos tanto da esquerda quanto da direita, surgindo na Itália, mas também, em particular, entre os marxistas francófonos, como um esforço para transcender as inadequações do marxismo como análise das forças históricas.

Entre os nacional-socialistas na Alemanha, a oposição ao capital internacional teve destaque desde o início. Os nacional-socialistas, mesmo antes de adotarem esse nome, dentro do pequeno grupo, o Partido dos Trabalhadores Alemães, viam o capital como intrinsecamente antinacional. O primeiro programa do partido, em 1919, afirmava que o partido lutava *"contra a usura [...] contra todos aqueles que obtêm lucros elevados sem qualquer trabalho mental ou físico"*, os "zangões" que "nos controlam e governam com o seu dinheiro". É notável que, mesmo nessa altura, o partido não defendesse a "socialização" da indústria, mas sim a partilha de lucros e a unidade entre todas as classes, exceto os "zangões".[5] Como apontou o porta-voz conservador Oswald Spengler, o marxismo não desejava transcender o capital, mas expropriá-lo. Portanto, o espírito da esquerda permaneceu capitalista ou centrado no dinheiro.[6] A subordinação do dinheiro à política estatal era algo compreendido na Alemanha, mesmo entre a elite empresarial e grande parte da classe servil, bem diferente do conceito de economia compreendido no mundo anglófono, onde a economia domina a política estatal.

[148] Caso o click não funcione:
https://codoh.com/library/document/the-myth-of-the-big-business-nazi-axis/

Hitler estava dando continuidade à tradição da escola econômica alemã, que o Partido Trabalhista Alemão de Anton Drexler e Karl Harrer já havia incorporado desde a fundação do partido em 1919. Hitler escreveu em 1924 em Mein Kampf que o Estado garantiria que "*o capital permanecesse subserviente ao Estado e não se atribuísse o direito de dominar os interesses nacionais*". Assim, ele poderia confinar suas atividades dentro dos dois limites a seguir: por um lado, garantir um sistema vital e independente de economia nacional e, por outro, salvaguardar os direitos sociais dos trabalhadores". Hitler agora percebia a distinção entre capital produtivo e capital especulativo, graças a Feder, que havia participado de uma série de palestras políticas organizadas pelo exército. Hitler então compreendeu que a natureza dual do capital teria que ser um fator primordial a ser abordado por qualquer partido em busca de reformas. [7] A palestra tinha sido intitulada "*A Abolição da escravidão dos Juros*".[8] Uma "*verdade de importância transcendental para o futuro do povo alemão*" era que "*a separação absoluta do capital da bolsa de valores da vida econômica da nação tornaria possível se opor ao processo de internacionalização dos negócios alemães sem, ao mesmo tempo, atacar o capital como tal [...]"*.[9] Embora Everette Lemons, aparentemente um libertário, cite esta passagem de Mein Kampf, ele afirma que Hitler detestava o capitalismo, seja nacional ou internacional. Conforme ilustrado pela passagem acima, Hitler fazia uma distinção entre capital criativo e especulativo, assim como fazia o Partido Trabalhista Alemão antes de ele se tornar membro.

A economia nacional foi um legado amplamente difundido da escola alemã de economia fundada por Friedrich List no século XIX, cujo objetivo era a autarquia nacional, em oposição à escola inglesa do livre-comércio internacional.[10] A economia nacional orientava o pensamento alemão da mesma forma que o livre-comércio orientava o pensamento britânico. Em uma formulação sintética, List afirmou:[11]

"Eu indicaria, como característica distintiva do meu sistema, a NACIONALIDADE. Sobre a natureza da nacionalidade, como o interesse intermediário entre os do individualismo e os da humanidade inteira, baseia-se toda a minha estrutura."

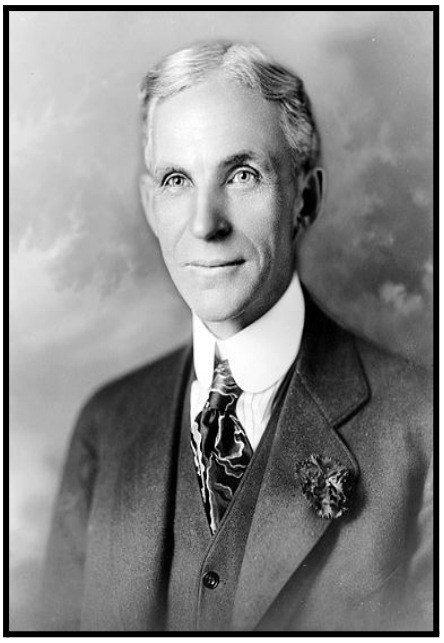
Esse era um objetivo que os empresários alemães prontamente acolheram.

Como o regime de Hitler não quis ou não pôde cumprir a totalidade do programa do NSDAP, e como Feder recebeu um papel modesto como subsecretário no ministério da economia, difundiu-se amplamente a suposição

de que o regime teria sido um instrumento do grande capital. A interpretação marxista do Terceiro Reich como um instrumento do capital monopolista foi adotada e adaptada por seu polo oposto, os libertários, em especial com o auxílio do livro do especialista em pesquisa de Stanford, Dr. Antony Sutton. Sutton deu continuidade a *Wall Street and the Bolshevik Revolution*,[12] no qual detalhava as relações entre interesses empresariais norte-americanos e de outros países com o regime bolchevique, com *Wall Street and the Rise of Hitler*.[13] Muitos libertários acolhem o segundo livro como demonstrando que Hitler era tão "socialista" quanto os bolcheviques e que ambos contavam com o apoio dos mesmos interesses do grande empresariado que promovem um Estado "coletivista". Lemons, por exemplo, argumenta que o anticapitalismo de Hitler foi uma implementação de muitas das ideias contidas no Manifesto Comunista de Marx, o que indica um desconhecimento da teoria econômica alemã.[14] Lemons refere-se à economia de Hitler como uma economia de "estilo comunista".[15]

Adolf Hitler em conversa com o Ministro da Economia do Reich e Presidente do Reichsbank, Dr. Hjalmar Schacht, em 1936. Bundesarchiv, Bild 183-R98364 / CC-BY-SA [CC BY-SA 3.0 de (http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/de/deed.en)], via Wikimedia Commons

Henry Ford – um patrocinador inicial do Partido Nazista?



Se houve algum americano rico que deveria ou poderia ter financiado Hitler, esse foi Henry Ford Sr. De fato, Ford aparece de forma proeminente nas alegações de que Hitler teria recebido apoio financeiro de elites abastadas. Contudo, Ford não fazia parte da elite financeira. Ele era um industrial que desafiava Wall Street. Se tivesse apoiado Hitler, isso teria sido um exemplo de conflito entre o "capital industrial" e o "capital financeiro", distinção que o próprio Ford reconhecera e à qual Hitler aludira em *Mein Kampf*. Não apenas seu jornal, o *Dearborn Independent*, sob a editoria de W. J. Cameron, publicou uma série de noventa e um artigos sobre a "questão judaica", como essa série foi reunida em um compêndio intitulado *The International Jew*, que foi traduzido para o alemão. Tamanha foi a pressão exercida por interesses judaicos de Wall Street sobre a Ford Motor Company que Ford se retratou e afirmou falsamente que não havia autorizado a série publicada no jornal de sua empresa.[16] Ainda assim, Ford jamais financiou os hitleristas, apesar de vários apelos diretos e pessoais por ajuda, baseados na "solidariedade internacional" contra a influência judaica.

Sutton realizou um trabalho admirável ao rastrear ligações diretas e definitivas entre Wall Street e os bolcheviques. Contudo, talvez em seu empenho em demonstrar o fator comum do "socialismo" entre os nacional-socialistas e os bolcheviques, bem como a maneira pela qual Wall Street apoiava movimentos opostos como parte de uma estratégia dialética hegeliana,[17] Sutton parece ter se agarrado a argumentos frágeis ao tentar demonstrar uma ligação entre plutocratas e nazistas. Sutton repete o mito do apoio de Ford ao partido hitlerista, que já circulava desde a década de 1920. Já em 1922, o *The New York Times* noticiava que Ford estaria financiando o nascente Partido Nacional-Socialista, e o *Berliner Tageblatt* instava o embaixador dos Estados Unidos a investigar a suposta interferência de Ford nos assuntos alemães.[18] O artigo, em sua totalidade, revela-se nada mais do que a mais vaga disseminação de rumores, uma tentativa de fazer algo a partir de absolutamente nada, mas ainda assim continua sendo considerado útil por aqueles que perpetuam o mito

do financiamento de Hitler por grandes fortunas.[19] O Dr. Sutton cita o vice-presidente do Parlamento da Baviera, Auer, que, ao depor no julgamento de Hitler após o Putsch de Munique, em fevereiro de 1923, afirmou que o Parlamento havia recebido informações, havia muito tempo, de que Hitler estava sendo financiado por Ford. Auer aludiu a um agente da Ford que buscava vender tratores e que teria mantido contato com Dietrich Eckart em 1922, e que, pouco depois, dinheiro de Ford teria começado a chegar a Munique.[20] Sem fornecer qualquer prova, Sutton afirma que "*esses fundos de Ford foram utilizados por Hitler para fomentar a rebelião bávara*".[21]

Scott Nehmer, que teve o sonho de uma carreira acadêmica abortado por se recusar a escrever sua tese de doutorado de acordo com as concepções prévias de seu orientador, realizou um exame convincente das alegações relativas à suposta ligação, durante a Segunda Guerra Mundial, entre o Terceiro Reich, a Ford e a General Motors.[22] Sua dissertação planejada acabou sendo publicada como livro. Contudo, isso é indicativo do precário estado da produção acadêmica no ensino superior, e não apenas nos Estados Unidos. O Sr. Nehmer escreve sobre sua situação recente:[24]

> "Eu pretendia escrever meu livro concentrando-me exclusivamente no patriotismo da Ford e da General Motors durante a Segunda Guerra Mundial, mas meus planos foram alterados, levando-me a enfatizar como a ideologia marxista, combinada com o sensacionalismo, difamou a Ford e a GM. O livro foi concebido como uma dissertação de doutorado em História para a Central Michigan University. Quase desde sua concepção, meu orientador, Eric Johnson,[23] tentou me forçar a difamar a Ford Motor Company. Ele me ordenou que acusasse a Ford de trair os Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, utilizando falsidades baseadas nas implicações falhas de jornalistas sensacionalistas."

O que esses relatos sobre o financiamento do Partido Nazista e até mesmo da máquina de guerra do Terceiro Reich efetivamente representam são descrições de diretorias interligadas e da natureza daquilo que hoje se chama globalização. Assim, se Ford, General Electric, ITT, General Motors e Standard Oil estão de algum modo ligadas à AEG, à I. G. Farben, à Krupp etc., então alega-se que Rockefeller, Ford e até mesmo financistas judeus como James Warburg estariam diretamente envolvidos em uma conspiração para auxiliar a Alemanha nazista. Para provar essas conexões, Sutton apresenta uma tabela conveniente que supostamente mostra "ligações financeiras entre industriais norte-americanos e Adolf Hitler". Por exemplo, Edsel Ford, Paul M. Warburg e outros dois nos

Estados Unidos são listados como diretores da American I.G., enquanto, na Alemanha, a I. G. Farben teria doado 400.000 marcos do Reich a Hitler por meio da Nationale Treuhand; *ipso facto*, Edsel Ford e Paul Warburg estariam envolvidos no financiamento de Hitler.[25] As conexões não parecem convincentes. Elas têm uma natureza completamente diferente daquelas que Sutton havia anteriormente documentado entre Wall Street e os bolcheviques.

A história por trás da lenda que liga Henry Ford aos nazistas está disponível publicamente desde 1938. Kurt Ludecke fora responsável por tentar angariar fundos para o incipiente Partido Nazista desde que se juntara a ele em 1922. Em 1934, rompeu com Hitler, foi encarcerado e depois deixou a Alemanha rumo aos Estados Unidos, onde escreveu suas memórias, *I Knew Hitler*.[26] Ele buscou possíveis financiamentos, especialmente nos EUA; encontrou-se com Hiram Wesley Evans, Grande Mago Imperial da Ku Klux Klan, organização que então contava com cinco milhões de membros, impressionando-o como um bom esquema de geração de dinheiro para seus recrutadores, que recebiam 20% de comissão sobre as taxas de filiação.[27] Encontrou-se com apoiadores czaristas do Grão-Duque Cirilo, pretendente ao trono russo, em Paris,[28] e, na Grã-Bretanha, com vários aristocratas desconfiados da influência judaica: o Duque de Northumberland e Lord Sydenham.[29] Dinheiro não veio de nenhum deles. De fato, Ludecke viajou continuamente sem recursos.

Ludecke encontrou-se com Ford em 1922. Tentou persuadir Ford de que era necessária uma solidariedade internacional para enfrentar a questão judaica e de que o movimento hitlerista tinha a melhor chance de sucesso. Ford não conseguia se identificar com as exigências políticas e, embora tenha ouvido, não demonstrou qualquer interesse em fornecer recursos. É evidente, a partir do relato de Ludecke, que todas as esperanças do partido estavam depositadas no apoio financeiro de Ford. A série de Ford sobre *The International Jew* era muito admirada nos círculos nazistas. Hitler também admirava profundamente Ford como inovador industrial, havendo um retrato do industrial pendurado no escritório de Hitler; algo que é visto como de grande significado por aqueles que buscam estabelecer uma conexão nazista.[30]

James Pool, ao tratar do financiamento de Hitler, dedica trinta páginas tentando demonstrar que Ford poderia ter doado dinheiro ao NSDAP unicamente com base no fato de ser antijudaico. Ele cita Ludecke com frequência, mas decide ignorar o que Ludecke afirmou sobre Ford. Pool declara que Frau Winifred

Wagner lhe teria dito, em uma entrevista, que ela havia providenciado o encontro de Ludecke com Ford — o que é correto —, mas é evidente que sua alegação de que Ford deu dinheiro a Hitler é mera suposição. Pool conjectura que o dinheiro teria sido dado por Ford a Hitler por intermédio de Boris Brasol, um jurista czarista antissemitas que, em 1918, trabalhou para a Inteligência Militar dos Estados Unidos e manteve contato tanto com o Partido Nazista quanto atuou como representante norte-americano do Grão-Duque Cirilo. Novamente, Pool está fazendo suposições, com base no fato de que Brasol foi empregado por Ford. As "provas" de Pool são as mesmas utilizadas por Sutton: relatos contemporâneos de jornais sobre rumores e alegações.[31]

Se Ludecke tivesse obtido recursos de Ford, isso não teria sido um exemplo de financiamento proveniente de Wall Street e das finanças internacionais, mas sim um exemplo de como nem todos os indivíduos ricos fazem parte do nexo bancário mundial. Ford definitivamente não fazia parte dele e traçava uma distinção entre capital criativo e capital destrutivo. Apesar de sua rendição ignominiosa e de sua atitude subserviente diante de interesses judaicos quando a pressão aumentou em razão da publicação de *The International Jew*, em 1938 Ford descreveu ao *The New York Times* a dicotomia existente entre essas duas formas de capital:[32]

> "Alguém certa vez disse que sessenta famílias dirigiram os destinos da nação. Poder-se-ia muito bem dizer que, se alguém lançasse o holofote sobre vinte e cinco pessoas que controlam as finanças da nação, os verdadeiros fomentadores de guerras do mundo seriam revelados com nitidez. Há uma Wall Street criativa e uma destrutiva […]. Se esses financistas tivessem o que querem, já estaríamos em guerra agora. Eles querem a guerra porque ganham dinheiro com tais conflitos — com a miséria humana que essas guerras trazem."

Sutton rejeitou isso, escrevendo: "Por outro lado, quando investigamos por trás dessas declarações públicas, descobrimos que Henry Ford e seu filho Edsel Ford estiveram na vanguarda dos empresários norte-americanos que tentam transitar por ambos os lados de cada cerca ideológica em busca de lucro. Usando os próprios critérios de Ford, os Ford estão entre os elementos 'destrutivos'."[33] Em contrapartida a Sutton, porém, Pool afirma que os executivos da Ford eram fortemente contrários à campanha antijudaica de seu chefe e o persuadiram a abandoná-la no final da década de 1920. Na linha de frente desse esforço estava seu filho Edsel, que possuía 41% das ações.[34]

As ações de Ford demonstram que ele se opunha às forças da guerra. Ele não se ajudou ao se opor à "Wall Street destrutiva". Em 1915, Ford fretou o *Oscar II*, também conhecido como o "Navio da Paz" de Ford, na esperança de persuadir os beligerantes da guerra mundial a participarem de uma conferência de paz. A missão recebeu principalmente escárnio. Os que estavam a bordo, incluindo Ford, foram acometidos por influenza. Ford continuou a financiar o "Navio da Paz" enquanto este viajava pela Europa por dois anos e, apesar das zombarias, era amplamente visto como um pacifista sincero, ainda que ingênuo. O Dr. Sutton não menciona o "Navio da Paz" de Ford nem sua campanha pela paz durante a Primeira Guerra Mundial. Assim, quando Ford foi um apoiador inicial do *America First Committee*,[35] fundado em 1940 para se opor aos esforços de Roosevelt de envolver os Estados Unidos em uma guerra contra a Alemanha, ele foi facilmente rotulado como pró-nazista, assim como o próprio *America First*.[36] Americanos muito proeminentes aderiram ao movimento, provenientes de diversas origens, incluindo o general Robert A. Wood, presidente da Sears Roebuck, e, entre os mais ativos, o herói da aviação Charles Lindbergh. O líder do Partido Socialista, Norman Thomas, era orador frequente em comícios. Muitos deputados e senadores resistiram à máquina de guerra de Roosevelt. Entre eles havia pacifistas, liberais, republicanos, democratas e conservadores. Sobre Henry Ford, George Eggleston — editor da *Reader's Digest*, do *Scribner's Commentator* e anteriormente da *Life*, além de figura central do *America First* — recordou que, longe de ser um "nazista", Ford expressava a esperança de que houvesse um "parlamento do homem", "um espírito mundial de fraternidade e o fim dos conflitos armados".[37]

J. P. Morgan & Co. – Thomas Lamont

Thomas W. Lamont, sócio sênior da J. P. Morgan, esteve na linha de frente da agitação de Wall Street em favor da guerra. Lamont, apoiador do *New Deal* de Roosevelt, era um entusiasta defensor do internacionalismo. Em discurso proferido na Academia de Ciências Políticas, no Hotel Astor, em Nova York, em 15 de novembro de 1939, afirmou que a guerra contra a Alemanha era consequência do fracasso do Tratado de Versalhes e da ascensão do nacionalismo econômico. Em contraste com republicanos da Velha Guarda, como o ex-presidente Herbert Hoover, Lamont não acreditava que fosse possível negociar com Hitler. Contudo, a derrota militar de Hitler não seria suficiente. Os Estados Unidos deveriam abandonar o isolacionismo e adotar o "internacionalismo".[38]

Lamont, de fato, tinha razão em um ponto: capital internacional versus nacionalismo econômico. Este último agora incluía o imperialismo, bem como todos os blocos comerciais e impérios autárquicos. O capital financeiro internacional não podia mais ser limitado por impérios e blocos comerciais. Entretanto, a ordem mundial que Woodrow Wilson tentara inaugurar após a Primeira Guerra Mundial, com seus "Quatorze Pontos" e a Liga das Nações, baseada no livre-comércio internacional, havia sido repudiada até mesmo por seu próprio país.[39] Os Estados do Eixo estavam construindo blocos econômicos autárquicos e haviam instituído o escambo entre Estados, inclusive com aqueles que haviam ocupado. Roosevelt declarou francamente a Churchill, durante as discussões sobre a "Carta do Atlântico", que o mundo do pós-guerra não toleraria quaisquer impérios, inclusive o britânico, e que seria baseado no livre-comércio. Afirmou de modo inequívoco que a guerra estava sendo travada em torno do princípio do livre-comércio.[40] Roosevelt declarou a Churchill, conforme relatado pelo filho do presidente, Elliott Roosevelt:[41]

> "Alguém sugerirá que a tentativa da Alemanha de dominar o comércio na Europa Central não foi um dos principais fatores contribuintes para a guerra?"

Aparentemente, a causa da guerra não foi Pearl Harbor, nem a invasão da Polônia. Roosevelt deixou claro que o livre-comércio internacional seria o fundamento do mundo do pós-guerra, e que os impérios estariam ultrapassados.

General Motors – James D. Mooney

Outro suposto entusiasta da Alemanha nazista teria sido James D. Mooney, vice-presidente da General Motors, responsável pelas operações europeias. A General Motors desempenha um papel significativo no alegado nexo entre os nazistas e o grande capital em razão de suas afiliadas europeias que operavam em países ocupados pela Alemanha durante a guerra. Tamanha teria sido a suposta simpatia de Mooney pelo nazismo que ele alegadamente se via como um futuro "Quisling" nos Estados Unidos, no caso de uma vitória alemã.[42] As mais extraordinárias absurdidades têm sido amplamente repetidas, como a de que Mooney teria praticado tecnicamente como realizar a saudação nazista e o "Sieg Heil" diante do espelho de seu hotel antes de se encontrar com Hitler em 1934. Como Edwin Black sabe disso não é esclarecido.[43]

É evidente que, valendo-se de suas conexões em escala mundial, Mooney empreendeu uma diplomacia privada com a intenção de evitar a guerra.

Contudo, já em 1938, um executivo da GM — provavelmente o próprio Mooney — abordou o Ministério da Guerra britânico para discutir as necessidades do Reino Unido no caso de uma guerra com a Alemanha. Pelo que se depreende da autobiografia inédita de Mooney, não surpreende que uma preocupação central fosse o método alemão de comércio. Um biógrafo afirma a esse respeito:

> Mooney aproveitou a oportunidade durante o jantar para apresentar sua própria "bomba": se os alemães pudessem negociar alguma forma de empréstimo em ouro, estariam dispostos a pôr fim às suas exportações subsidiadas e às práticas especiais de câmbio que tanto incomodavam os comerciantes estrangeiros, particularmente no Reino Unido e nos Estados Unidos? Embora Mooney acreditasse sinceramente que isso poderia assegurar a paz, na realidade tais práticas haviam tido um efeito prejudicial sobre a capacidade da General Motors de extrair lucros da Alemanha….[44]

Mooney formulou uma lista de recomendações para aliviar as tensões. De modo significativo, a maior parte da lista envolvia o retorno da Alemanha ao sistema mundial de comércio e de finanças:

1) Limitação de armamentos.
2) Pactos de não agressão.
3) Adoção de práticas comerciais das nações ocidentais:
   a) livre conversibilidade cambial;
   b) interrupção das exportações subsidiadas;
   c) adoção do princípio da nação mais favorecida.
4) Quitação das obrigações externas (pagamento de dívidas).[45]

Parece evidente que Mooney atuava como um emissário do capital internacional, se não também como um agente de inteligência dos Estados Unidos e/ou da Grã-Bretanha. Alguns esforços foram feitos por Walther Funk, do Reichsbank, para chegar a compromissos em matéria de comércio e finanças, mas a guerra interveio. Em 4 de fevereiro de 1939, Mooney declarou, diante de um banquete anual do *American Institute of Banking*, que não era possível chegar a um entendimento com Hitler.[46]

Comissário do Reich para o Tratamento de Propriedade Inimiga

As corporações afiliadas aos Aliados, como a Opel, ligada à General Motors, que operavam na Europa ocupada pela Alemanha durante a guerra, o faziam sob o controle do Comissário do Reich para o Tratamento de Propriedade Inimiga.

Decretos estatais alemães de 24 e 28 de junho de 1941 bloquearam os ativos de empresas norte-americanas, na sequência do bloqueio dos ativos alemães nos Estados Unidos em 14 de junho de 1941.

Em uma análise para os Arquivos Nacionais dos Estados Unidos, o Dr. Greg Bradsher afirma que os ativos de empresas e bancos norte-americanos foram apreendidos por uma emenda de 11 de dezembro de 1941 ao "Decreto Relativo ao Tratamento da Propriedade Inimiga de 15 de janeiro de 1940". Os ativos corporativos e bancários dos EUA passaram a ser controlados pelo *Reichskommissar für die Behandlung feindlichen Vermögens*, que integrava o Ministério da Justiça. Tal regime de tutela fazia parte do direito internacional. O *Reichskommissar* atuava como administrador fiduciário da propriedade de estrangeiros inimigos, de acordo com o esforço de guerra alemão até o fim das hostilidades, após o qual os bens seriam devolvidos aos proprietários com a devida prestação de contas. Um administrador era nomeado para cada empresa, o qual apresentava relatórios financeiros ao *Reichskommissar* a cada seis meses. Contudo, outras empresas foram confiscadas de forma direta pelo Ministério da Economia do Reich.[47]

> "Em 1º de março de 1945, o escritório do *Reichskommissar* havia colocado sob administração propriedades que excediam 3,5 bilhões de marcos do Reich. Nessa data, aproximadamente 945 milhões de marcos do Reich em propriedades norte-americanas eram administrados pelo escritório do *Reichskommissar*, e outros 267 milhões de marcos do Reich em propriedades norte-americanas não estavam sob sua administração."[48]

Portanto, as corporações estrangeiras estavam longe de ser livres para buscar seus lucros durante o período de guerra. A comunicação com a sede das empresas foi interrompida. Ainda assim, persiste o argumento de que corporações como a Ford e a General Motors teriam colaborado com o inimigo durante a guerra.[49] Com base no fato de que os mesmos diretores alemães da Opel na Alemanha antes da guerra foram aprovados pelo escritório do Reich durante a guerra, e de que Alfred P. Sloan e Mooney permaneceram, ao menos teoricamente, no conselho da Opel, considera-se isso suficiente para demonstrar

conluio.[50] Embora o Dr. Bradsher não tenha certeza quanto ao destino dos lucros, de acordo com a Lei de Dividendos de 1934, as corporações eram limitadas a pagar aos acionistas no máximo 6% em lucros e dividendos. O restante dos lucros tinha de ser reinvestido na empresa ou utilizado para a compra de títulos do governo.[51] Em suma, as corporações afiliadas ao capital estrangeiro eram administradas por e para a Alemanha, como seria de se esperar, e de acordo com o objetivo da autarquia nacional.

O Dr. Sutton tenta resolver muitas contradições e paradoxos afirmando que eles fazem parte de um processo dialético hegeliano aprendido na Alemanha do início do século XIX por descendentes das finanças puritanas que fundaram a loja Skull and Bones 322, sediada em Yale.[52] Assim, explicaria-se a razão pela qual setores do grande capital negociaram tanto com a Alemanha nacional-socialista quanto com a URSS: estariam promovendo um conflito controlado que resultaria em uma síntese globalista dialética.[53]

Fritz Thyssen

Sutton cita Fritz Thyssen ao explicar por que ele apoiou Hitler, mas não percebe que os motivos são diferentes daqueles de Wall Street. Thyssen — e outros industriais como Krupp, que financiaram Hitler — o fizeram abertamente e por razões patrióticas. Thyssen escreveu, conforme citado por Sutton:[54]

> "Voltei-me para o Partido Nacional-Socialista somente depois de me convencer de que a luta contra o Plano Young era inevitável, se se quisesse evitar o colapso completo da Alemanha."

O Plano Young, destinado ao pagamento das reparações da Primeira Guerra Mundial, era visto como um meio de controlar a Alemanha por meio do capital norte-americano.[55] Thyssen dificilmente é um exemplo de um nexo entre o nazismo e o capitalismo internacional; ao contrário, demonstra que o empresariado alemão era motivado por um sentimento patriótico em um grau que o empresariado norte-americano não era então — e é ainda menos hoje.

Thyssen era católico e motivado pela doutrina social da Igreja, que buscava uma alternativa tanto ao marxismo quanto ao capitalismo monopolista. Como muitos outros, em todo o mundo e em todas as classes sociais, Thyssen considerava que as doutrinas corporativistas do fascismo e do nacional-socialismo refletiam a doutrina da Igreja sobre justiça social. Thyssen era membro do conservador

Partido Popular Nacional. Embora tenha sido um dos poucos industriais que doaram ao NSDAP, e isso tardiamente, mesmo assim as quantias foram modestas. Os julgamentos de desnazificação de 1948 constataram que Thyssen doou cerca de 650.000 marcos do Reich a diversos partidos e grupos de direita — dos quais havia muitos, incluindo o NSDAP — entre 1923 e 1932. Ele era adepto das teorias corporativistas do filósofo austríaco Othmar Spann. Em 1933, Thyssen foi convidado pelo NSDAP a criar um Instituto de Corporativismo em Düsseldorf.[56] Contudo, isso foi considerado concorrente da Frente do Trabalho e foi encerrado em 1936. Em 1940, após ter emigrado da Alemanha, Thyssen e sua esposa foram capturados na França e encarcerados na Alemanha durante toda a guerra.

Prescott Bush

Uma figura associada a Thyssen é Prescott Bush. Pelo fato de ele ter sido, assim como seus filhos — os presidentes George H. W. e George W. Bush — iniciado na Loja 322, teorias vastamente fantasiosas foram tecidas em torno da sociedade secreta de Yale, também conhecida como *The Order of the Skull and Bones*, apresentada como um culto de morte pró-nazista, e os descendentes de famílias influentes como parte de uma conspiração nazista internacional para a dominação mundial.

Prescott Bush foi sócio de W. Averell Harriman na Brown Brothers Harriman & Co. e no Union Banking Corporation (UBC). O UBC atuava como uma câmara de compensação para os interesses de Thyssen. Por essa razão, os ativos do UBC foram apreendidos pelo governo dos Estados Unidos durante a guerra. O fato de Thyssen ter permanecido em campos de concentração nazistas durante toda a guerra é ignorado por aqueles que buscam estabelecer uma ligação entre Wall Street e Hitler por meio de Thyssen. Assim, o *The Guardian* afirmou ter revelações inéditas em 2004 que, no fim das contas, não revelam nada, concentrando-se em Thyssen como o empresário que "financiou a ascensão de Hitler ao poder". Contudo, mais uma vez, isso diz mais sobre o caráter do capital internacional do que sobre um suposto apoio do grande empresariado a Hitler. O artigo do *The Guardian* afirma:[58]

> "Erwin May, adido do Tesouro e oficial do departamento de investigação do APC,[57] foi designado para examinar os negócios do UBC. O primeiro fato a emergir foi que Roland Harriman, Prescott Bush e os demais diretores não eram, na realidade, proprietários de suas ações no UBC, mas apenas as detinham em

> nome do Bank voor Handel. Estranhamente, ninguém parecia saber quem era o proprietário do banco sediado em Roterdã, inclusive o presidente do UBC.
>
> May escreveu em seu relatório de 16 de agosto de 1941:
>
> 'O Union Banking Corporation, constituído em 4 de agosto de 1924, é inteiramente de propriedade do Bank voor Handel en Scheepvaart NV, de Roterdã, Países Baixos. Minha investigação não produziu qualquer evidência quanto à propriedade do banco holandês. O Sr. Cornelis [sic] Lievense, presidente do UBC, declara não ter conhecimento sobre a propriedade do Bank voor Handel, mas acredita ser possível que o Barão Heinrich Thyssen, irmão de Fritz Thyssen, possua uma participação substancial.'
>
> May isentou o banco da acusação de manter um "ninho de ouro" para os líderes nazistas, mas passou a descrever uma rede de empresas que se estendia a partir do UBC por toda a Europa, América e Canadá, e como o dinheiro do Bank voor Handel circulava para essas empresas por meio do UBC.
>
> Em setembro, May havia rastreado as origens dos membros não americanos do conselho e constatado que o holandês H. J. Kouwenhoven — que se reunira com Harriman em 1924 para criar o UBC — exercia diversas outras funções: além de diretor-gerente do Bank voor Handel, era também diretor do banco August Thyssen, em Berlim, e diretor da Union Steel Works de Fritz Thyssen, a holding que controlava o império de aço e carvão de Thyssen na Alemanha."

As conexões são, no melhor dos casos, tênues, mas do mesmo caráter das demais associações supostamente existentes entre corporações transnacionais e o Terceiro Reich.

Quem financiou o Partido Nazista?

Assim como a suposição de que Ford poderia ter financiado Hitler por compartilharem visões semelhantes acerca dos judeus, Pool faz a mesma suposição em relação a Montagu Norman, governador do Banco da Inglaterra e amigo de Schacht, pelo fato de Norman também ser antagonista em relação aos judeus (e aos franceses). Ele deplorava o caos econômico imposto à Alemanha pelo diktat de Versalhes e o impacto adverso que isso exercia sobre o comércio mundial. Nesse sentido, ele *poderia* ter financiado o Partido Nazista, mas não há qualquer evidência disso. O livro de Pool é útil, contudo, na medida em que demonstra — ainda que inadvertidamente — que o Partido Nazista não foi um instrumento do grande empresariado.

A I. G. Farben, por exemplo, frequentemente retratada como uma das manipuladoras plutocráticas do regime nazista e como o centro de uma máquina industrial de morte do Terceiro Reich, era dirigida por liberais. Pool afirma que, desde sua fundação em 1925, a I. G. Farben concedeu financiamento a todos os partidos, exceto aos nazistas e aos comunistas. Somente em 1932, quando o NSDAP se tornou o maior partido no parlamento, dois representantes da empresa se encontraram com Hitler para conhecer sua posição sobre a produção de combustível sintético.[59] Não surpreendentemente, Hitler foi favorável, dado que isso constituía um fator importante em uma economia autárquica. Contudo, a questão do financiamento do partido não foi levantada.

A conclusão a que Pool nos conduz, no que diz respeito ao financiamento do Partido Nazista, é que — citando o economista Paul Drucker:[60]

> "O apoio realmente decisivo veio de setores da pequena burguesia, dos agricultores e da classe trabalhadora. […] No que se refere ao Partido Nazista, há boas razões para acreditar que pelo menos três quartos de seus recursos, mesmo após 1930, provinham das contribuições semanais. […] E das taxas de entrada para os comícios de massa, dos quais os membros das classes altas estavam sempre conspicuamente ausentes."

Ludecke, apesar de sua posterior ruptura com Hitler, apontou de forma perspicaz a diferença de visões de mundo entre o nacional-socialismo e o capitalismo liberal. Ele escreveu que o "conceito recentemente legalizado de direitos de propriedade na Alemanha difere radicalmente das ideias do capitalismo ortodoxo, embora grupos marxistas, em particular, persistam na alegação errônea de que o sistema hitlerista é uma fase da reação destinada a impor a estabilização do capitalismo". Assinalou que "essa economia planejada significa controle estatal completo da produção, da agricultura e do comércio; das exportações, importações e mercados externos; dos preços, do câmbio, do crédito, das taxas de juros, dos lucros, dos investimentos de capital e da comercialização de todos os tipos […]."[61] Ludecke cita um artigo da revista *Foreign Affairs*, do Conselho de Relações Exteriores (julho de 1937), segundo o qual "a concepção alemã de capitalismo sempre foi essencialmente diferente da anglo-saxônica, porque se desenvolveu sob uma concepção inteiramente distinta de Estado e de governo […]." Curiosamente, o autor de *Foreign Affairs* observou que aquilo que Hitler implementou foi a consolidação de medidas que

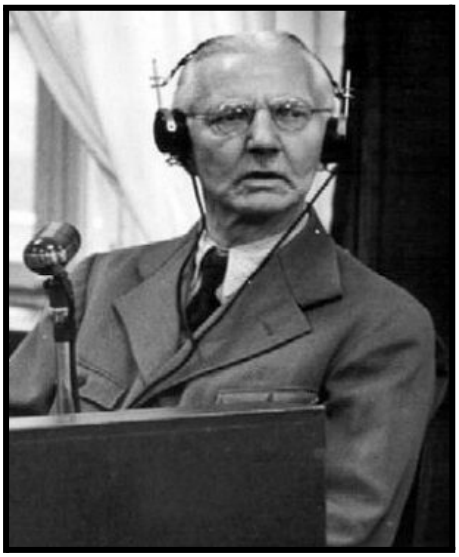
já haviam sido estabelecidas pela social-democracia.[62] Houve governos social-democratas que adotaram medidas semelhantes. Qualquer pessoa familiarizada com o primeiro governo trabalhista da Nova Zelândia, que assumiu o poder aproximadamente na mesma época que Hitler, poderia facilmente supor que o que o autor de *Foreign Affairs* descreve corresponde às políticas econômicas desse governo.

Hjalmar Schacht

Uma ligação direta entre o capital internacional e o regime hitlerista foi Hjalmar Schacht. Ele é instrutivo para compreender como o nexo bancário global buscou cooptar o Estado nazista — e como fracassou nisso. Enquanto os pesquisadores têm se concentrado no primeiro aspecto, negligenciaram as implicações do segundo. Sutton afirma que "Schacht era um membro da elite financeira internacional que exerce seu poder nos bastidores por meio do aparato político de uma nação. Ele é um elo fundamental entre a elite de Wall Street e o círculo íntimo de Hitler".[63] Schacht foi uma figura central na criação do Banco de Compensações Internacionais (*Bank for International Settlements*). A presença de delegados alemães nessa instituição durante a Segunda Guerra Mundial constitui um dos principais elementos do alegado nexo entre os nazistas e Wall Street. Pode-se dizer — e alguns o fazem — o mesmo a respeito do Comitê Internacional da Cruz Vermelha[64] e da Interpol[65] durante a guerra.

É tentador especular se Schacht teria sido inserido no regime nacional-socialista com o objetivo de desviar os aspectos mais contundentes da ideologia do NSDAP no que dizia respeito ao capitalismo internacional. Não é razoável afirmar que Hitler tenha traído a luta nacional-socialista contra o capital internacional apenas porque o programa econômico completo do NSDAP não foi plenamente implementado. Sempre haverá uma diferença de perspectiva entre aquilo que se acredita possível fora do governo e aquilo que efetivamente pode ser realizado quando se está no poder. Schacht foi obrigado a atuar dentro dos parâmetros do nacional-socialismo e, ainda assim, conseguiu alcançar alguns resultados notáveis. Assim como Montagu Norman e outros, ele também se preocupava com o fato de que o caos econômico na Alemanha, engendrado pelo diktat de Versalhes do pós-guerra, estava causando impactos adversos sobre o comércio mundial. Sutton não menciona que Schacht acabou em um campo de concentração justamente em razão de seu compromisso com o capital internacional. Ao menos Higham afirma, logo no início de seu livro, que

“Hjalmar Schacht passou grande parte da guerra em Genebra e Basileia, manipulando os acontecimentos nos bastidores. Contudo, Hitler corretamente suspeitou que ele conspirava para a derrubada do regime vigente em favor da *Fraternity*[66] e o prendeu no final da guerra”.[67]



Hjalmar Schacht, testemunhando em favor do réu Friedrich Flick, afirmou que o industrial contribuiu para o fundo de campanha do Partido Nazista em 1933 porque Hitler prometeu proteger a indústria privada e eliminar todas as greves.

Data: 21 de julho de 1947, Proveniência: Seção de Fotos de Relações Públicas, Chefe do Gabinete de Advogados para Crimes de Guerra, Nuremberg, Alemanha, APO 696-A, Exército dos EUA. Foto nº OMT-V-W-16. [Domínio público] via Wikimedia Commons

Hitler reconduziu Hjalmar Schacht à presidência do Reichsbank em 1933 e, em 1934, nomeou-o ministro da Economia. Schacht escreveu após a guerra:[68]

> “Agitadores nacional-socialistas liderados por Gottfried Feder haviam conduzido uma campanha virulenta contra o sistema bancário privado e contra todo o nosso sistema monetário. Nacionalização dos bancos, abolição da submissão aos pagamentos de juros e introdução do dinheiro estatal de giro ‘Feder’ — essas eram as expressões grandiloquentes de um grupo de pressão que visava à derrubada de nosso sistema monetário e bancário. Para manter esse absurdo sob controle, [eu] convoquei um conselho de banqueiros, que apresentou sugestões para uma supervisão e controle mais rigorosos sobre os bancos. Essas sugestões foram codificadas na lei de 1934 […] por meio do aumento dos poderes da autoridade de supervisão bancária. Ao longo de várias discussões, consegui dissuadir Hitler de colocar em prática as ideias mais tolas e perigosas sobre bancos e moeda acalentadas por seus colegas de partido.”

O que Schacht de fato introduziu foi a letra MEFO (*MEFO bill*). Entre 1934 e 1938, foram emitidas 12.000.000 de letras, à razão de 3.000.000 por ano. As letras MEFO foram utilizadas especificamente para facilitar a troca de mercadorias.[69] Contudo, uma vez alcançado o pleno emprego, Schacht desejava retornar às finanças ortodoxas. Hitler se opôs, e ficou acordado que Schacht continuaria como presidente do Reichsbank até 1939, sob a garantia de que a emissão de MEFO seria interrompida quando o total de 12.000.000 de

letras fosse atingido.[70] Após a guerra, Schacht assegurou aos leitores que a moeda fiduciária, como a MEFO,[71] assim como o escambo, não deveria se tornar a norma mundial, apesar de seus êxitos na Alemanha.

Da mesma forma, Schacht se opunha aos objetivos autárquicos do Nacional-Socialismo. Em suma, Schacht era ideologicamente hostil à *raison d'être* do Nacional-Socialismo. Hoje, ele seria um zeloso defensor da globalização, ao lado de David Rockefeller e George Soros. Ele escreveu após a guerra:[72]

> "A autarquia exagerada é o maior obstáculo a uma cultura mundial. É somente a cultura que pode aproximar os povos uns dos outros, e o comércio mundial é o mais poderoso portador da cultura. Por essa razão, não pude apoiar aqueles que defendiam o isolamento autárquico de um eremitério como solução para os problemas da Alemanha."

Ainda assim, Schacht foi responsável, durante seis anos, pela reconstrução da economia alemã e, entre as realizações que estavam em consonância com o Nacional-Socialismo, destacou-se a criação de acordos comerciais bilaterais baseados em créditos recíprocos. Schacht escreveu a respeito:[73]

> "Em setembro de 1934 introduzi um novo programa de comércio exterior que fazia uso de contas de compensação e créditos escriturais. […]
>
> Meu plano foi, em certa medida, um retorno à economia primitiva de escambo, apenas com técnica moderna. O valor equivalente das mercadorias importadas era creditado ao fornecedor estrangeiro em uma conta bancária alemã, e, inversamente, compradores estrangeiros de produtos alemães podiam efetuar pagamentos por meio dessas contas. Não ocorria qualquer movimentação de dinheiro em marcos ou moeda estrangeira. Tudo era feito por meio de créditos e débitos em contas bancárias. Assim, nenhum problema cambial surgia."

Schacht então sugere aquilo que resultaria em um choque de sistemas e, por fim, em uma guerra mundial:[75]

> "Os interessados na troca de mercadorias entraram em conflito com aqueles interessados exclusivamente no dinheiro. Logo houve uma verdadeira batalha entre os exportadores que vendiam mercadorias à Alemanha e os credores que desejavam seus juros. Ambos exigiam preferência, mas a decisão sempre recaía em favor do comércio exterior.
>
> Concluí acordos especiais com diversos Estados que eram nossas principais fontes de matérias-primas e gêneros alimentícios. Quem desejasse vender

> matérias-primas à Alemanha tinha de adquirir produtos industriais alemães. A Alemanha só podia pagar mercadorias do exterior por meio de bens produzidos internamente e, assim, só podia comerciar com países dispostos a participar desse programa bilateral. Havia muitos desses países. Toda a América do Sul e os Bálcãs acolheram favoravelmente a ideia, pois ela favorecia sua produção de matérias-primas. Na primavera de 1938, existiam nada menos que 25 acordos desse tipo com países estrangeiros, de modo que mais da metade do comércio exterior da Alemanha era realizada por meio desse sistema. Esse sistema de acordos comerciais, no qual dois países — a Alemanha e um país estrangeiro — estavam sempre envolvidos, entrou para a história econômica sob o nome de política comercial 'bilateral'."[74]

Esse sistema gerou grande ressentimento nos países que não faziam parte dele. Eram precisamente aqueles países que eram os principais concorrentes da Alemanha nos mercados mundiais e que, até então, haviam tentado obter o reembolso de seus empréstimos impondo encargos especiais sobre as importações provenientes da Alemanha. Os países participantes do comércio bilateral não estavam entre aqueles que haviam concedido empréstimos à Alemanha. Eram produtores primários ou predominantemente agrários e até então mal haviam sido tocados pela industrialização. Eles utilizaram o sistema de comércio bilateral para acelerar seu próprio desenvolvimento industrial por meio de máquinas e instalações fabris importadas da Alemanha.

No entanto, Schacht tampouco era favorável à permanência desse grande método alternativo de comércio mundial que permitia o desenvolvimento pacífico de economias atrasadas. Pode-se imaginar a diferença que isso teria feito no mundo atual se tal sistema tivesse sido autorizado a viver e crescer. Schacht permaneceu membro da *Fraternity*, usando o termo de Higham, e preocupava-se com o fato de que:

> "O sistema de comércio bilateral manteve o balanço de pagamentos alemão sob controle por muitos anos, mas não era uma solução satisfatória, nem permanente. É verdade que permitiu à Alemanha preservar sua indústria e alimentar sua população, mas o sistema não podia gerar um superávit em moeda estrangeira. Nunca se importou mais do que se exportou. Importações e exportações se equilibravam exatamente em termos monetários. Assim, esse sistema alcançou precisamente o oposto daquilo que eu, de acordo com os credores estrangeiros, considerava necessário."[76]

Como que para enfatizar que jamais pretendia romper sua lealdade à *Fraternity*, Schacht lamentou, em tom apologético:[77]

> "Já à época em que introduzi o sistema de comércio bilateral deixei claro que o considerava um sistema extremamente inadequado e desagradável, e manifestei a esperança de que fosse logo substituído por uma política comercial multilateral, livre e abrangente. De fato, o sistema exerceu considerável influência sobre as políticas comerciais dos concorrentes da Alemanha."

Parece que Schacht havia desencadeado forças de justiça econômica e equidade no mundo apesar de suas intenções, e que isso só pôde ser interrompido pela guerra. Mais uma vez: "De minha parte, eu não diria que o sistema de comércio bilateral figure entre aquelas de minhas medidas que valem a pena ser copiadas."[78] A introdução do escambo no comércio mundial parece ter sido para Schacht motivo de grande constrangimento.

Schacht critica Hitler por ter financiado a guerra nem por meio da tributação nem pela captação de empréstimos. "Em vez disso, escolheu imprimir cédulas,"[79] o que, naturalmente, é anátema para um banqueiro como Schacht, que alegava a perspectiva iminente de "inflação". De fato, a "inflação" não ocorreu devido aos outros controles estatais, mas Schacht afirmou que ela aconteceu — em 1945.[80] Ao final da guerra, as cédulas em circulação somavam entre 40 e 60 bilhões de marcos. Schacht observa que isso não resultou em hiperinflação e que o objetivo era manter o nível nesse patamar.[81] Poder-se-ia concluir, então, que o dinheiro fiduciário emitido pelo Terceiro Reich não foi a causa da inflação, mas sim a destruição da produção alemã ao final da guerra? De todo modo, só em 1948 a ocupação aliada tentou uma reforma monetária, baseada nas recomendações do Secretário do Tesouro dos EUA, Henry Morgenthau Jr., por meio de uma desvalorização maciça do marco. Isso teve consequências devastadoras para os alemães das classes média e trabalhadora, e Schacht afirma que houve "intenção maligna" envolvida.[82] A moeda fiduciária há muito tempo é o grande espantalho entre os economistas ortodoxos. Curiosamente, Schacht passou dois dias durante os procedimentos de Nuremberg tentando explicar as letras MEFO e, quando questionado pela terceira vez, desistiu e se recusou a continuar.[83]

Os relatórios do Banco de Compensações Internacionais mostram que, até o fim da guerra, o governo do Reich utilizou uma variedade de métodos de financiamento, incluindo aquilo que o próprio Schacht havia ridicularizado como "dinheiro estatal de giro 'Feder'".

Outro ponto interessante levantado por Schacht é que, contrariamente à suposição amplamente difundida, a recuperação econômica alemã não se baseou nos gastos com a guerra. Schacht chega inclusive a criticar Hitler partindo do pressuposto de que ele não compreendia as exigências da preparação bélica. Entre 1935 e 1938, os gastos com armamentos totalizaram 21 bilhões de Reichsmarks.[84] Schacht presume que isso se deva à ignorância de Hitler. A alternativa é que não existia um plano de longo prazo para travar uma grande guerra ou uma agressão prolongada. Não houve acumulação de matérias-primas nem uma verdadeira economia de guerra até 1939.

Em 1939, Schacht foi substituído pelo Dr. Walther Funk, que em 1932 havia atuado como vice-presidente do conselho econômico do NSDAP, sob a presidência de Feder. A substituição de Schacht por Funk, que trabalhava sob a direção de Göring, chefe do Plano Quadrienal, parece indicar que uma fase de transição havia sido concluída e que o governo estava plenamente consciente do papel de Schacht como agente do capital internacional. Otto D. Tolischus, escrevendo de Berlim para o *The New York Times*, comentou:[85]

> "O Dr. Schacht foi afastado porque acreditava que a Alemanha havia alcançado o limite do endividamento e da expansão monetária, que qualquer nova expansão representava perigo para o sistema econômico, pelo qual ele ainda se considerava responsável, e que o governo teria de conter suas ambições e limitar-se aos meios da nação. […]
>
> Até o momento, não há nenhuma explicação oficial da nova política financeira, mas, a julgar por indícios provenientes das mais altas esferas, a política deverá seguir aproximadamente as seguintes linhas:
>
> Ampliar a circulação monetária apenas para as necessidades correntes de troca e não para fins especiais.
> Abrir o mercado de capitais à indústria privada e fazer com que a indústria privada financie muitas tarefas até então financiadas pelo Estado, seja diretamente, seja por meio dos preços de encomendas públicas, que permitiram à indústria financiar a expansão de novas fábricas do Plano Quadrienal a partir de lucros acumulados e reservas.
> Criar um instrumento de crédito sem juros, com o qual o Estado — agora obrigado a dividir o mercado de capitais com a iniciativa privada — financiará suas próprias encomendas futuras, antecipando-se ao aumento das receitas fiscais resultante da expansão da produção.
>
> Nesse aspecto, portanto, presume-se que o Sr. Funk continuará a 'pré-financiar' as encomendas do Estado como fez o Dr. Schacht, mas, enquanto o Dr. Schacht o

> fazia por meio de letras, empréstimos, certificados de entrega e outros instrumentos de crédito, todos eles custando entre 4,5% e 5% de juros anuais, o Sr. Funk propõe fazê-lo com instrumentos que não consomem juros.
>
> Como isso será feito é o seu segredo, mas a simples menção a instrumentos de crédito sem juros inevitavelmente evoca o plano de Gottfried Feder, que em certa época fascinou o Chanceler Hitler, mas que o Dr. Schacht vetou."

O que havia ocorrido foi um ultimato do Reichsbank, que em janeiro de 1939 se recusou a conceder ao Estado novos créditos.[86] Isso equivalia a uma rebelião do sistema bancário ortodoxo. Em 19 de janeiro, Schacht foi destituído da presidência do Reichsbank, e seu cargo foi assumido pelo ministro da Economia, Funk. Hitler emitiu então um decreto que obrigava o Reichsbank a fornecer crédito ao Estado.

Funk comentou a política monetária da Alemanha um ano depois:[87]

> "Voltando-nos do setor externo para o interno, a questão 'como esta guerra está sendo financiada na Alemanha?' é uma questão pela qual o mundo demonstra vivo interesse. A guerra é financiada pelo trabalho, pois não gastamos nenhum dinheiro que não tenha sido ganho por nosso trabalho. Letras baseadas no trabalho — sacadas pelo Reich e descontadas pelo Reichsbank — constituem a base da moeda […]."

De modo geral, parece que as ideias de Feder estavam sendo implementadas. O NSDAP rompeu a submissão aos mercadores internacionais de ouro, e isso era discutido abertamente como o caminho do futuro. A Alemanha criou um bloco comercial autárquico tanto antes quanto durante a guerra, baseado no escambo por meio de um centro de compensação do Reich. A vinculação das moedas nacionais ao Reichsmark resultou em aumentos salariais imediatos nos Estados ocupados. O Relatório Anual do Banco de Compensações Internacionais para 1940–1941 citou porta-vozes financeiros da Itália Fascista e do Terceiro Reich:

> "O desenvolvimento dos sistemas de compensação na Europa deu origem a certos receios quanto à posição futura do ouro como elemento da estrutura monetária. Observou-se desde então que a Alemanha foi capaz de financiar o rearmamento e a guerra com reservas de ouro muito reduzidas e que o comércio exterior da Alemanha e da Itália foi realizado em grande parte com base em compensações. Daí surge a questão de saber se está sendo desenvolvido um novo sistema monetário que dispense completamente os serviços do ouro.
>
> Em declarações oficiais feitas sobre esse tema na Alemanha e na Itália, estabelece-se uma distinção entre diferentes funções do ouro. O presidente do

> Reichsbank alemão afirmou em um discurso em 26 de julho de 1940 que 'em qualquer caso, no futuro o ouro não desempenhará nenhum papel como base das moedas europeias, pois uma moeda não depende de sua cobertura, mas do valor que lhe é atribuído pelo Estado, isto é, pela ordem econômica regulada pelo Estado'. 'Outra questão', acrescentou ele, 'é saber se o ouro deve ser considerado um meio adequado para a liquidação de saldos devedores entre países, mas jamais seguiremos uma política monetária que nos torne de qualquer forma dependentes do ouro, pois é impossível vincular-se a um meio cujo valor não se pode determinar por si mesmo.'"[88]

Após a guerra, Schacht, embora absolvido das acusações em Nuremberg, não escapou à vindictividade dos Aliados, apesar dos testemunhos daqueles que afirmaram que ele fora, desde o início, um inimigo de Hitler. Em 1959, Donald R. Heath, embaixador americano na Arábia Saudita — que havia sido diretor de assuntos políticos do governo militar americano durante o período dos julgamentos de Nuremberg — escreveu a Schacht relatando que tentara interceder por ele junto ao promotor norte-americano Robert Jackson:[89]

> "Após consulta com Robert Murphy, então subsecretário de Estado, e com a permissão do General Clay, fui a Nürnberg para ver Jackson. Disse-lhe que você não apenas jamais deveria ter sido levado àquele tribunal, como também havia trabalhado consistentemente para a queda do regime nazista. Disse-lhe que eu mantivera contato constante com você durante a primeira parte da guerra, assim como o subsecretário de Estado Wells por meu intermédio, e que você me transmitira informações prejudiciais à causa nazista […]."

Em 1952, Schacht solicitou autorização para estabelecer um banco em Hamburgo, mas teve o pedido negado sob o argumento de que as letras MEFO haviam ofendido a moralidade bancária. Notavelmente, foram os socialistas que consideraram as MEFO inaceitáveis.[90]

Quem Queria a Guerra?

Se alguns industriais e empresários, como Henry Ford Sr., não queriam a guerra e apoiaram o *America First Committee*, outros — inclusive aqueles supostamente pró-nazistas — clamavam por ajuda à Grã-Bretanha e por antagonismo contra a Alemanha muito antes de Pearl Harbor. O senador Rush D. Holt, um pacifista liberal, durante a última sessão do 76º Congresso, expôs os oligarcas que promoviam a beligerância contra a Alemanha. Comentando sobre um comitê influente, *Defend America by Aiding the Allies*, chefiado pelo

jornalista William Allen White, criado para agitar em favor da guerra contra a Alemanha ou, ao menos, de "toda ajuda possível exceto a guerra" à Grã-Bretanha, o senador Holt afirmou que seus fundadores incluíam "dezoito banqueiros proeminentes". Entre os presentes na fundação do grupo, em abril de 1940, estavam Henry L. Stimson, que havia servido como advogado da J. P. Morgan, e o sócio sênior da Morgan, Thomas W. Lamont.[91] A campanha começou em 10 de junho de 1940, com anúncios intitulados "Stop Hitler Now" ("Parem Hitler Agora") aparecendo em jornais por todo os Estados Unidos. Havia uma alusão de que os anúncios haviam sido pagos por "um certo número de cidadãos americanos patrióticos". Em 11 de julho, o senador Holt discursou no Senado sobre o anúncio:[92]

> "Descobre-se que não foram os pequenos que pagaram por este anúncio, 'Stop Hitler Now!' […] Ouçam estes bancos. Os diretores desses bancos, ou as famílias dos diretores, pagaram por este anúncio. Quem são eles? Não é de se admirar que queiram Hitler detido. Diretor da J. Pierpont Morgan & Co.; Diretor da Drexel & Co.; Diretor da Kuhn, Loeb & Co. — os senadores já ouviram esse nome antes — Kuhn, Loeb & Co., banco internacional. Não é de se admirar que a Kuhn, Loeb & Co. tenha ajudado a financiar tal anúncio. Um diretor da Lehman Bros., outra firma bancária internacional, ajudou a pagar por este anúncio 'Stop Hitler', e vários outros."

Holt, referindo-se a uma lista de nomes dos patrocinadores do anúncio, declarou que eles não eram do tipo que morre em batalha, nem pais daqueles que morrem em batalha. Ele citou as esposas dos financistas internacionais W. Averell Harriman,[93] H. P. Davison,[94] o falecido Daniel Guggenheim,[95] e John Schiff, da Kuhn, Loeb & Co. Outros patrocinadores incluíam Frederick M. Warburg,[96] sócio da Kuhn, Loeb & Co.; Cornelius V. Whitney, magnata da mineração associado aos interesses Rockefeller e Morgan; e Thomas W. Lamont, da J. P. Morgan Co. Entre os apoiadores nas comunicações estavam Henry Luce, editor da *Time*, e Samuel Goldman, magnata de Hollywood. Holt descreveu esses patrocinadores não como "patriotas", mas como "*paytriots*" (uma fusão de *pay* e *patriot*).

Em seu discurso de despedida no Senado, Holt identificou com precisão o que estava por trás da agitação em favor da guerra contra a Alemanha e a atitude distinta em relação à URSS:

> "A Alemanha é um fator no comércio mundial em oposição à Inglaterra; a Rússia não é. […] Rapazes americanos serão enviados mais uma vez à Europa,

> na próxima sessão do Congresso, não para destruir ditaduras ou preservar a democracia, mas para preservar o equilíbrio de poder e proteger o comércio mundial."

É interessante notar que, em resposta, o senador Josh Lee lembrou Holt de que Roosevelt havia prometido que "nenhuma força expedicionária americana seria enviada à Europa". Holt respondeu que Roosevelt já havia quebrado muitas promessas.[97]

Um exame das manchetes dos jornais também indica quem mais avidamente clamava pela guerra dos EUA contra a Alemanha desde pelo menos 1938, bem como a histeria bélica que vinha sendo fomentada contra a Alemanha desde cedo. Além do presidente Franklin D. Roosevelt prometer, por um lado, que não envolveria os EUA em outra guerra europeia, enquanto, por outro, exigia urgentemente um grande reforço militar, dois indivíduos se destacam de forma mais proeminente no belicismo: o confidente presidencial e financista de Wall Street Bernard M. Baruch, e o governador de Nova York, Herbert H. Lehman, da Lehman Brothers. Em outubro de 1938, Baruch e Roosevelt defendiam o aumento dos gastos militares dos EUA. Em janeiro de 1939, Baruch ofereceu US$ 3.300.000 de sua própria fortuna para ajudar a equipar o exército americano. Em fevereiro de 1939, Roosevelt afirmava que o envolvimento dos EUA em auxílio à Grã-Bretanha e à França era "inevitável", embora as hostilidades só tenham sido declaradas em setembro. Em maio de 1940, em meio ao belicismo promovido por "rabinos" e por Roosevelt, "Baruch exorta os EUA a se rearmarem". Em junho, "Lehman diz a Roosevelt para enviar todas as armas solicitadas". Poucos dias depois, James P. Warburg, da famosa dinastia bancária, "afirma que somente a força deterá Hitler". Em julho, Lehman pediu o serviço militar obrigatório. Em janeiro de 1941, James P. Warburg "pede rapidez" no rearmamento dos EUA. Poucos dias antes, o rabino Stephen S. Wise havia defendido "toda ajuda exceto a guerra" à Grã-Bretanha, enquanto Roosevelt pedia "bilhões em empréstimos para combater o Eixo", e Lehman "instava pela rápida aprovação da medida de auxílio". Em fevereiro, lia-se: "Instituto Judaico planeja papel na Nova Ordem Mundial" e "Lehman exorta rapidez na votação do projeto de auxílio à Grã-Bretanha".[98] Lehman, o diplomata americano Bullitt e outros membros do partido pró-guerra argumentavam perante o público americano — esmagadoramente contrário à guerra — que, se a Grã-Bretanha fosse derrotada, os EUA enfrentariam uma invasão iminente.[99] Aqueles como o coronel Charles Lindbergh, que

demonstravam que tais alegações alarmistas eram um completo absurdo, eram difamados como “pró-nazistas”.

Conclusão

Alguns luminares de Wall Street, supostamente “pró-nazistas” com base em vínculos empresariais na Alemanha, estavam entre aqueles que agitavam em favor da guerra contra a Alemanha. Ativos empresariais estrangeiros foram mantidos em custódia durante toda a guerra pela Alemanha, de acordo com o direito internacional. O único indivíduo com ligações convincentes com o capital internacional, Hjalmar Schacht, foi afastado de todos os cargos até 1939 e acabou em um campo de concentração. Os empresários alemães que efetivamente forneceram recursos ao Partido Nazista o fizeram relativamente tarde e por sentimentos nacionalistas, dentro de uma tradição alemã alheia ao interesse próprio da escola inglesa do livre-comércio. Mesmo empresários estrangeiros que, por razões ideológicas, poderiam razoavelmente ter financiado o NSDAP — sobretudo Henry Ford — não o fizeram, apesar das persistentes alegações em contrário.

O Terceiro Reich foi uma economia de comando, e os executivos corporativos tornaram-se “curadores” de suas empresas, sujeitos à supervisão estatal. O princípio do NSDAP — “o interesse comum acima do interesse próprio” — foi mantido ao longo de todo o regime. Dividendos e lucros foram amplamente limitados. Embora seja uma suposição difundida que Hitler tenha renegado os princípios “socialistas” do programa do NSDAP, o que o regime de fato implementou foi extenso no que diz respeito ao comércio bilateral e ao uso de métodos financeiros não ortodoxos. As manobras do capital internacional, inclusive daqueles supostamente pró-Alemanha, foram no sentido da guerra — especialmente se a Alemanha não pudesse ser persuadida a retornar a métodos ortodoxos de comércio e finanças. A guerra chegou no mesmo ano em que Schacht foi afastado do cargo.

Notas:

[1] Veja por exemplo “Fascism” in ABC of Political Terms (Moscow: Novosti Press Agency Publishing House, 1982), pp. 29-30; cited in Roger Griffin, Fascism (New York: Oxford University Press, 1995), pp. 282-283.

[2] Ibid.

[3] Roger Eatwell, Fascism: A History (London: Vintage, 1995).

[4] Zeev Sternhell, The Birth of Fascist Ideology (Princeton: Princeton University Press, 1980); Neither Left nor Right: Fascist Ideology in France (Princeton, 1986).

[5] “Guidelines of the German Workers’ Party,” January 5, 1919, in Barbara M. Lane and Leila J. Rupp, Nazi Ideology Before 1933(Manchester: Manchester University Press, 1978), pp. 9-11.

[6] Oswald Spengler [1926], The Decline of the West (London: George Allen & Unwin, 1971), Vol. 2, p. 402.

[7] Hitler, Mein Kampf (London; Hurst and Blackett, 1939), pp. 180-181.

[8] Ibid., p. 183.

[9] Ibid.

[10] Friedrich List, The National System of Political Economy (1841) online at: http://oll.libertyfund.org/titles/315

[11] Ibid., “Author’s Preface.”

[12] Antony Sutton, Wall Street and the Bolshevik Revolution (New Rochelle, New York: Arlington House Publishers, 1974).

[13] Sutton, Wall Street and the Rise of Hitler (Suffolk: Broomfield Books, 1976).

[14] Everette O. Lemons, A Revolution in Ideological Inhumanity (Lulu Press, 2013), Vol. 1 pp. 339-340.

[15] Ibid. , p. 389.

[16] Kurt G. W. Ludecke, I Knew Hitler (London: Jarrolds Publishers, 1938), pp. 287-288.

[17] Sutton, How The Order Creates War and Revolution (Bullsbrook, W. Australia: Veritas Publishing (1985). As provas apresentadas por Sutton sobre o financiamento de Hitler por Wall Street não passam de supostas ligações com Fritz Thyssen

(pp. 58-63), que será analisado a seguir.

[18] "Berlin hears Ford is backing Hitler," New York Times, December 20, 1922, cited by Sutton, Wall Street and the Rise of Hitler, pp. 90-92.

[19] Veja por exemplo: " The Constantine Report," http://www.constantinereport.com/new-york-times-dec-20-1922-berlin-hears-ford-backing-hitler/

Também a citação do artigo em uma tese universitária: Daniel Walsh, "The Silent Partner: how the Ford Motor Company Became an Arsenal of Nazism," p. 4, University of Pennsylvania, http://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1018&context=hist_honors

[20] Antony Sutton, Wall Street and the Rise of Hitler (Suffolk: Broomfield Books, 1976), p. 92.

[21] Ibid.

[22] Scott Nehmer, Ford, General Motors and the Nazis: Marxist Myths About Production, Patriotism and Philosophies (Bloomington, Indiana: Author House LLC, 2013).

[23] O professor Eric Johnson parece ser particularmente próximo dos interesses judaicos, o que pode explicar sua indignação com a falta de subserviência do Sr. Nehmer. Veja: Central Michigan University, History Department Newsletter, "Faculty Publications and Activities," June 2010, p. 2, https://www.cmich.edu/colleges/chsbs/history/about/documents/historynewsletter2010.pdf

[24] Scott Nehmer, "Ford General Motors, and the Nazis," http://scottnehmer.weebly.com/

[25] Antony Sutton, Wall Street and the Rise of Hitler, pp. 104-105.

Trading with the Enemy (London: Robert Hale, 1983), de Charles Higham, segue a mesma linha.

[26] Kurt G. W. Ludecke, I Knew Hitler (London: Jarrolds Publishers, 1938).

[27] Ibid., p. 196.

[28] Ibid., p. 203.

[29] Ibid., p. 201.

[30] Sutton, Wall Street and the Rise of Hitler, p. 92.

[31] James Pool, Who Financed Hitler (New York: Pocket Books, 1997), pp. 65-96.

[32] New York Times, June 4, 1938; quoted by Sutton, Wall Street and the Rise of Hitler, pp. 90-91.

[33] Ibid., p. 90.

[34] Pool, p. 84.

[35] George T. Eggleston, Roosevelt, Churchill and the World War II Opposition (Old Greenwich, Conn.: The Devin-Adair Co., 10979), pp. 96-97.

[36] Ibid., pp. 101, 146, 147, 164, 165.

[37] Ibid., p. 101.

[38] Thomas Lamont, "American Business in War and Peace: Economic Peace Essential to Political Peace," speech before the Academy of Political Sciences, November 15, 1939, quoted by Peter Luddington, Why the Good War was Good: Franklin D. Roosevelt's New World Order, doctoral thesis, UCLA (Ann Arbor: ProQuest LLC, 2008), pp. 112-113.

[39] K. R. Bolton, "The Geopolitics of White Dispossession" in Radix, Vol. 1, No. 1, 2012, pp. 108-110.

[40] Ibid., pp. 112-114.

[41] Elliott Roosevelt, As He Saw It (New York: Duell, Sloan & Pearce, 1946), p. 35.

[42] Charles Higham, Trading with the Enemy: How the Allied Multinationals supplied Nazi Germany throughout World War Two (London: Robert Hale, 1983)., pp. 166-177.

[43] Edwin Black, "Hitler's Car Maker: The Inside Story of How General Motors Helped Mobilize the Third Reich," History News Network, http://historynewsnetwork.org/article/37935

[44] James D. Mooney, Always the Unexpected, unpublished autobiography, ed. Louis P. Lochner, (State Historical Society of Wisconsin, Madison, 1948), p. 24; cited by David Hayward, Automotive History, "Mr. James D. Mooney: A Man of Missions," http://www.gmhistory.chevytalk.org/James_D_Mooney_by_David_Hayward.html

[45] Mooney, ibid., p. 27.

[46] Luddington, p. 113.

[47] Dr. Greg Bradsher, "German Administration of American Companies 1940-1945: A Very Brief Review," U.S. National Archives, June 6, 2001, http://www.archives.gov/research/holocaust/articles-and-papers/german-administration-of-american-companies.html

[48] Ibid.

[49] Rinehold Billstein, et al Working for the Enemy: Ford, General Motors and Forced Labor in Germany During the Second World War (Berghahn Books, 2004), p. 141.

[50] Anita Kugler, Working for the Enemy, ibid., p. 36.

[51] Richard Overy, The Dictators (London: Allen Lane, 2004), p.p. 438-439.

[52] Antony Sutton, How The Order Creates War and Revolution, pp. 3-9.

[53] Ibid., inter alia.

[54] Frtiz Thyssen, I Paid Hitler (New York: Farrar & Rinehart Inc., n.d.) p. 88, cited by Sutton, Wall Street and the Rise of Hitler, p. 25.

[55] Sutton, ibid., p. 25.

[56] "Fritz Thyssen," ThyssenKrupp, http://www.thyssenkrupp.com/en/konzern/geschichte_grfam_t2.html

[57] Alien Property Commission.

[58] "How Bush's Grandfather Helped Hitler's Rise to Power," The Guardian, September 25, 2004, http://www.theguardian.com/world/2004/sep/25/usa.secondworldwar

[59] Pool, pp. 336-337.

[60] Paul Drucker, The End of Economic Man (London: 1939), p. 105; quoted by Pool, p. 272.

[61] Ludecke, p. 692.

[62] Ibid., p. 693.

[63] Sutton, Wall Street and the Rise of Hitler, p. 18.

[64] Arthur Spiegelman, "WWII Documents Bolster Nazi-Red Cross Connection," Detroit Free Press, August 30, 1996, p. 6A.

[65] Gerald L. Posner, "Interpol's Nazi Affiliations Continued after War," New York Times, March 6, 1990, http://www.nytimes.com/1990/03/06/opinion/l-interpol-s-nazi-affiliations-continued-after-war-137690.html

[66] Termo usado por Higham para se referir à conspiração financeira internacional.

[67] Higham, pp. 9-10.

[68] Hjalmar Schacht, The Magic of Money (London: Oldbourne, 1967), p. 49; http://www.autentopia.se/blogg/wp-content/uploads/2013/09/schacht_the_magic_of_money.pdf

[69] Ibid., p. 117.

[70] Ibid., p. 114.

[71] Ibid., p. 116.

[72] Ibid., p. 85.

[73] Ibid., pp. 85-86.

[74] Ibid., p. 86.

[75] Ibid., p. 87.

[76] Ibid., p. 87.

[77] Ibid., p. 87.

[78] Ibid., p. 89.

[79] Ibid., p. 98.

[80] Ibid., p. 143.

[81] Ibid., p. 109.

[82] Ibid., p. 121.

[83] Ibid., p. 118.

[84] Ibid., p. 101.

[85] "The Abolition of Debt-Bonds Is the Story behind the Removal of Dr. Schacht," Social Justice, February 13, 1939, p. 11

[86] Schacht, p. 117.

[87] Walther Funk, "The Economic Re-Organisation of Europe," Speech: July 25, 1940.

[88] The Bank for International Settlements Annual Report for 1940-1941, Eleventh Annual Report, June 9, 1941, p. 96.

[89] Hjalmar Schacht, p. 107.

[90] Ibid., p. 118.

[91] “Rabid Tory Propagandists are Worst War Profiteers,” Weekly Roll-Call, January 25, 1941, p. 6; citing Chicago Daily Tribune, June 12, 1940.

[92] “Aid to Britain Screech comes from Wall Street Profiteers facing loss,” Weekly Roll-Call, February 3, 1941, p. 5.

[93] Um estadista veterano da diplomacia americana sob vários presidentes, ele foi um dos fundadores do banco internacional Brown Brothers Harriman, cujo sócio era Prescott Bush, também membro da Loja 322. Devido às suas ligações comerciais com empresas alemãs, como as de Fritz Thyssen, presume-se que Harriman tenha sido um dos financiadores de Hitler em Wall Street, juntamente com Prescott Bush. O seu apoio à agitação bélica demonstra que não é esse o caso.

[94] Associado aos interesses do J.P. Morgan, ele foi iniciado na Loja 322 em 1920.

[95] Guggenheim, o magnata do cobre, havia sido membro da Liga de Segurança Nacional, liderada por J. P. Morgan, que havia promovido a guerra contra a Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial.

[96] Diretor da Harriman Railway Interests.

[97] “Senator Holt in Farewell Speech calls Pro-War agitators ‘Traitors’,” Weekly Roll-Call, January 11, 1941, p. 9.

[98] “The Chronology of the Devil who wants War,” Weekly Roll-Call, February 17, 1941, p. 2.

[99] “Prompt passage of aid bill urged,” The Pittsburgh Press, January 26, 1941, pp. 1, 12. “U.S. envoys who saw Nazis in action fear invasion, back Lend-Lease Bill,” Pittsburgh Press, p. 12.

Verônica Clark

Desmistificação do nascimento e financiamento do NSDAP

Por Veronica Clark. 1 de outubro de 2011. Atualizado em 19 de abril de 2024. Publicado em: Demystification of the Birth and Funding of the NSDAP • CODOH

O que exatamente o NSDAP (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães) representava e quem foram seus membros fundadores? Por que e como Adolf Hitler transformou o partido de uma modesta agremiação proletária de trabalhadores em uma máquina política plenamente desenvolvida, capaz de obter poder absoluto na Alemanha? Talvez ainda mais importante: como o partido foi financiado? Respondemos a essas questões nesta introdução. Mas, antes, iniciamos com uma análise das fases iniciais do NSDAP e de seu processo de recrutamento. É necessário compreender como esse processo se desenvolveu para entender a posição do NSDAP em relação ao judaísmo e à maçonaria, bem como a ordem social e política predominante da época. Naturalmente, também revelamos alguns outros aspectos importantes de seu desenvolvimento inicial, o que exige uma considerável desmontagem de mitos em torno de Hitler, incluindo quem de fato lhe forneceu recursos financeiros.

Triunvirato: liderança, desenvolvimento e unidade

Adolf Hitler, ao contrário de seus próprios mitos autobiográficos e dos mitos criados por outros, não era pobre — ao menos não até ter esgotado suas economias e benefícios vagando por Viena. Muitos historiadores escreveram que Hitler simplesmente vivia de um dia para o outro, desperdiçando tanto seu dinheiro quanto seu tempo, mas ao fazê-lo negligenciam as experiências e a "educação de vida" de Hitler, que mais tarde desempenhariam um papel tão importante no desenvolvimento e na orientação do Nacional-Socialismo, bem como da Segunda Guerra Mundial. O desenvolvimento e a direção de ambos podem ser rastreados até as experiências de Hitler durante aqueles anos "perdidos".

Hitler, como tantos outros jovens alemães de sua época, caiu da condição de classe média para a do "proletariado miserável". Isso era algo que o jovem Hitler se recusava a aceitar. Ele ficou profundamente amargurado por suas experiências em Viena, que ofereciam falsas promessas de prosperidade e esperança a jovens com suficiente força de vontade e talento. A dissonância predominante do tempo e do lugar em que cresceu incutiu nele um desejo ardente de mudar essas circunstâncias — algo que ele de fato fez após 1933. Hitler ressentia-se profundamente da sociedade rigidamente estratificada que era Viena, bem como a Áustria e a Europa em geral, a tal ponto que um de seus objetivos centrais, tanto nos anos de paz quanto nos de guerra, foi a construção de um sistema baseado no mérito. A posição social de nascimento não era o que importava. O que importava eram o talento, a lealdade, a confiabilidade e a fortaleza de caráter, especialmente diante da adversidade e da incerteza. Hitler conseguiu superar a maioria das barreiras de classe enraizadas de duas maneiras distintas:

1. Ele recrutou tanto homens quanto mulheres de todas as classes sociais e, de acordo com isso, adaptava seu discurso e sua postura a cada um, dependendo de sua posição social.
2. Ele substituiu a valoração econômica pela valoração racial.

Vejamos o primeiro ponto. Hitler precisava do espectro mais amplo possível da sociedade alemã, o que significava que precisava apelar igualmente a homens e mulheres, jovens e idosos, ricos e pobres, desempregados e empregados. As mulheres estavam entre os apoiadores mais devotados e fervorosos de Hitler nos primeiros anos. O mesmo ocorria com trabalhadores de baixa renda, pequenos empresários e nobres estrangeiros, como emigrados russos brancos que desejavam ver o retorno da monarquia russa. Esses grupos forneceram a Hitler uma audiência física, conexões com elites e empresários, bem como apoio financeiro, a maior parte concedida na forma de empréstimos. Hitler precisava dos industrialistas tanto quanto precisava dos trabalhadores, das elites e dos estrangeiros despossuídos. Como seu objetivo era elevar a posição de todos os alemães étnicos das classes inferiores, ele precisava conquistá-los conjuntamente, o que exigia uma estratégia de apelo multiclassista.

Quando se encontrava e discursava diante de condes, duquesas e outros membros da antiga realeza, dirigia-se a eles de maneira régia. Sua etiqueta, discurso e modos pessoais mostravam-se impecáveis nesse tipo de ambiente.

Quando se reunia ou falava com industrialistas, como Fritz Thyssen, moldava seu comportamento e postura de acordo com as esperanças e temores da Alemanha industrial. Ao mesmo tempo, era cuidadoso em atenuar sua linguagem socialista em tais círculos, para que os industrialistas não o confundissem com um marxista-comunista. Ele precisava convencê-los de que esmagaria o marxismo-comunismo e preservaria sua base de poder industrial diante da crescente massa de trabalhadores desiludidos e mal remunerados, que sentiam estar sendo enganados e explorados pela indústria alemã.

Sempre que a situação econômica se tornava difícil, os trabalhadores sofriam cortes salariais e de benefícios. Eles culpavam os industrialistas, mas Hitler percebia que os industrialistas também sofriam: muitos foram à falência tanto durante a inflação quanto durante a Grande Depressão. As reparações paralisantes impostas por Versalhes forçaram a maioria dos industrialistas e exportadores alemães a uma posição econômica insustentável, o que, por sua vez, prejudicava os trabalhadores alemães. Isso significava que Hitler precisava, ao menos, insinuar um futuro rearmamento alemão, que de fato já estava ocorrendo de forma encoberta.

Por outro lado, Hitler precisava prometer aos trabalhadores — sua maior e mais importante base de apoio em quase todos os aspectos durante os anos formativos — que não permitiria que o Estado ou a indústria os explorassem ou continuassem a tratá-los como autômatos. Pode-se ver que equilibrar os desejos e necessidades desses três setores centrais da Alemanha profundamente estratificada em classes estava longe de ser simples. Contudo, Hitler o fez, e de maneira quase incruenta (em termos relativos às revoluções comunistas na Rússia e em toda a Europa Oriental).

Passemos agora ao segundo ponto: Hitler precisava conceber uma ideologia unificadora para os povos germânicos. Essa tarefa parece simples em retrospecto, pois a Alemanha era uma sociedade homogênea pelos padrões atuais. No entanto, à época, essa não era a percepção da situação alemã. A Alemanha podia ser racialmente homogênea, mas os antagonismos de classe eram tão profundamente enraizados que poucos, se é que algum, membros das elites e da nobreza alemãs estavam interessados em compartilhar poder político ou social com alemães das classes baixa e média.

Os junkers (senhores das propriedades rurais) tratavam seus trabalhadores agrícolas (servos) como cidadãos de segunda ou terceira classe e ordenavam que

arrumassem suas coisas e partissem caso ousassem votar contra seus empregadores latifundiários. Segundo a pesquisa de James e Suzanne Pool, muitos junkers — notadamente amigos de von Hindenburg — recusavam-se a abandonar o modo de vida feudal, o que ajudou a alimentar o crescente descontentamento popular com a monarquia. Isso apenas serviu aos interesses de republicanos e maçons, ambos desejosos de ver o fim definitivo da monarquia. Suas motivações serão discutidas mais adiante; por ora, basta dizer que estavam longe de ser benevolentes.

As divisões de classe na Alemanha se sobrepunham a qualquer tipo de solidariedade racial ou étnica. Não surpreende, portanto, que o desejo de unir todos os alemães como camaradas raciais fosse compartilhado quase exclusivamente pelas classes baixa e média; mesmo muitos membros da classe média faziam tudo o que podiam para manter sua posição burguesa, ainda que isso significasse manter as classes inferiores oprimidas. Como se pode ver, o objetivo de Hitler estava longe de ser simples.

Como, então, Hitler uniu os alemães? E quão bem-sucedido ele foi? Hitler uniu os alemães invocando um conceito ideológico semelhante à *Romanità* da Itália, conforme defendida por Benito Mussolini. O conceito de Hitler era o nordicismo, cuja premissa básica e simplificada afirmava que todos os povos germânicos estavam unidos por seu componente racial nórdico e que, estando unidos por essa comum "alma racial" ou componente sanguíneo, como poderiam lutar entre si ou permanecer divididos?

Embora tal ideia unificadora parecesse viável e razoável para muitos, alguns resistiram. Os junkers, a antiga nobreza e muitas outras elites empresariais da Alemanha viam Hitler apenas como um ex-cabo insignificante, sem prestígio, dada sua origem pequeno-burguesa (baixa classe média). Hitler teve apenas sucesso parcial em unir todos os alemães como *Volksgenossen* (companheiros do povo). Sua falta de sucesso completo nesse aspecto — um objetivo certamente inalcançável — acabou por contribuir para sua ruína posterior. Elites do corpo de oficiais causaram danos incalculáveis a Hitler e ao seu esforço de guerra, mas a história de sua traição e sabotagem foge ao escopo desta discussão.

Hitler poderia ter sido mais bem-sucedido se tivesse sido mais inclusivo racialmente desde o início? Não necessariamente. Mussolini, diferentemente de Hitler, não foi racialmente exclusivo em nenhum momento e despendeu grande

esforço e tempo tentando recrutar não italianos para a causa fascista italiana. Ele foi amplamente malsucedido, especialmente na Etiópia — isso apesar de ter treinado etíopes como pilotos (antes mesmo do surgimento dos *Tuskegee Airmen*) e de lhes ter prometido status elevado dentro de um Império Fascista Italiano. Pode-se deduzir desse exemplo que o simples fato de Hitler ter estendido a mão abertamente a não alemães desde o início não teria garantido o sucesso político ou militar do Nacional-Socialismo. Mussolini o fez, e sua mão tolerante foi rejeitada.

De fato, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha não venceram a Segunda Guerra Mundial devido ao alistamento de não brancos, mas porque apoiaram e financiaram a máquina de guerra soviética e estiveram dispostos a bombardear a Alemanha indiscriminadamente. Em todo caso, isso nos traz de volta ao ponto principal: unificar um corpo de pessoas, seja ele homogêneo ou diverso, não é tarefa fácil. Hitler conseguiu convencer apenas as classes baixa e média de que o valor racial deveria se sobrepor ao valor econômico (de classe). A maioria das elites alemãs jamais aderiu ao seu nordicismo.

O que tudo isso significa? Primeiro, significa que um partido que deseja ter sucesso em um contexto liberal-democrático ocidental deve apelar tanto a mulheres quanto a homens, a cidadãos de todas as idades e de todas as classes sociais. Um líder e um partido sensatos e sérios não podem se dar ao luxo de excluir qualquer grupo. Naturalmente, isso depende da nação e da cidadania em questão, pois a marca de política e liderança de Hitler foi moldada para um tempo, uma cultura, um povo e um lugar específicos. Não foi concebida para exportação, mas para adaptação em múltiplos contextos. A política de Hitler foi, de fato, amplamente modelada a partir de Mussolini, bem como da liderança do prefeito austríaco Karl Lueger.

Segundo, significa que as massas são mais importantes para o sucesso de um partido do que as elites, devido ao seu número. Apenas as massas têm o poder de incutir medo nas classes superiores ao ameaçar apoiar partidos e organizações revolucionárias violentas, frequentemente lideradas e financiadas por quintas-colunas hostis. O Partido Comunista (KPD) foi o único partido, além do de Hitler, que evocou medo genuíno entre as elites alemãs. Hitler e o NSDAP não podiam ser ignorados justamente porque, além dos marxistas-comunistas, possuíam o maior apoio de massa da Alemanha naquele período.

Os industrialistas não podiam se dar ao luxo de enfurecer ou rejeitar Hitler e o NSDAP; se o fizessem, os seguidores de Hitler rapidamente teriam engrossado as fileiras dos comunistas ou talvez até o tivessem derrubado, como desejavam Ernst Röhm e muitos membros da SA. O partido de Hitler era o único partido nacionalista não comunista que oferecia às classes baixa e média uma posição melhor na sociedade alemã. A capacidade de Hitler de manter a esmagadora maioria de seus seguidores disciplinada e leal significava que apenas ele podia impedir um banho de sangue transitório — exatamente o que a maioria dos alemães das classes superiores mais temia. E foi exatamente isso que ele fez.

O que é importante ter em mente, contudo, é que Hitler precisava de uma ameaça crível para manter sua alavancagem pessoal e política sobre as classes superiores e o grande empresariado. Sem os comunistas para ameaçá-los por meio de convulsão social e derramamento de sangue, os industrialistas e a antiga nobreza tinham pouca razão, além do patriotismo, para apoiar Hitler e o NSDAP.

Terceiro, uma cidadania que deseja permanecer unida precisa de um partido capaz de realizar essa unidade. Os bávaros queriam se separar da Alemanha e se tornar um Estado independente. O grande empresariado exigia o fim das propriedades junkers, que desperdiçavam inúmeros resgates governamentais e exigiam tarifas comerciais que prejudicavam a indústria alemã. Os junkers não se importavam se os industrialistas sofressem, desde que suas propriedades permanecessem em seus nomes e pudessem viver um estilo de vida luxuoso às custas dos contribuintes alemães.

Para mediar tamanha divisividade, Hitler invocou o nordicismo, que conclamava os alemães a reconhecer e valorizar seus laços de sangue em vez de sua posição social (baseada na riqueza). Essa ideologia unificadora forneceu a Hitler os meios necessários para desenvolver um sistema de mérito: alguém poderia ascender ao topo da sociedade nacional-socialista independentemente das finanças de seus pais ou das próprias, pois era igual a todos os outros alemães do ponto de vista racial. O racialismo alemão e o antissemitismo de Hitler foram os meios práticos para alcançar uma unidade sem classes entre alemães anteriormente divididos.

Hitler empregou abordagem semelhante mais tarde com a Waffen-SS. Ele transformou um conceito organizacional exclusivamente alemão (a *Allgemeine*

SS) em uma ideia internacional e multiétnica ao unir todos os participantes contra o judeu-bolchevismo, o inimigo de "todos os povos".

Recrutamento Inicial de Membros

Como qualquer partido de base, o NSDAP desenvolveu-se organicamente a partir de um pequeno grupo de ideólogos convictos, tendo Adolf Hitler como principal catalisador. Contudo, o NSDAP não surgiu do nada; ele se originou de um partido que já possuía uma plataforma, um núcleo de liderança e um pequeno contingente de seguidores comprometidos. Esse partido era o Partido dos Trabalhadores Alemães (*Deutsche Arbeiterpartei*), liderado por Anton Drexler.

Hitler foi, na verdade, designado pelo Exército para espionar o Partido dos Trabalhadores Alemães. O Exército estava interessado em duas coisas: localizar nacionalistas para seus próprios propósitos e erradicar comunistas que ameaçavam transformar a Alemanha em um satélite subserviente de Moscou. As habilidades oratórias de Hitler e seu interesse por política levaram o Exército a selecioná-lo para essa tarefa encoberta. Ele passou a simpatizar com Drexler e com muitas de suas ideias e, por fim, filiou-se ao partido, recebendo um cartão de membro com seu nome e número de filiação — uma tradição que Hitler manteve posteriormente no NSDAP.

Embora Hitler tenha iniciado sua carreira política como propagandista do Partido dos Trabalhadores, ele rapidamente identificou os principais problemas da organização: ela atraía poucas pessoas e não possuía um meio eficaz de divulgação além de palestras, que muitas vezes eram monótonas. Assim, Hitler concentrou-se em desenvolver seus próprios talentos, que superavam os de Drexler, e em formular seus próprios projetos para o partido, o que levou ao nascimento do NSDAP. Hitler foi rápido em capitalizar as conexões de Drexler com membros abastados da Sociedade Thule. Ele não se filiou à Thule, mas solicitou seu patrocínio. Esses membros, sozinhos, aumentaram significativamente o potencial do partido — agora sob sua liderança — atrair alemães das classes altas, que, por sua vez, também ajudaram a financiá-lo. Após deixar o Exército, Hitler dedicou-se ao desenvolvimento do NSDAP com determinação irrestrita.

Enquanto Drexler e seu núcleo concentravam-se exclusivamente em conquistar os trabalhadores alemães, Hitler mirava públicos mais amplos e de maior

alcance. Seus relacionamentos com emigrados russos brancos, membros ricos da Sociedade Thule e, especialmente, com Gottfried Feder (economista) e Dietrich Eckart (filósofo e escritor), mostraram-se inestimáveis na aquisição do falido *Völkischer Beobachter* (VB). Feder, juntamente com dois outros membros iniciais do NSDAP, possuía 30.000 ações do VB. Dietrich Eckart conseguiu obter um empréstimo de 60.000 marcos do Reich (RM) junto ao simpático general Ritter von Epp para adquirir o jornal. O restante do preço, de 120.000 RM, veio de um industrial chamado Dr. Gottfried Grandel, conquistado pelo apelo pessoal de Hitler. Eckart provavelmente também contribuiu, assim como o Dr. Gutberlet, que se comprometeu com 5.000 RM.

Segundo o Pool, os primeiros apoiadores de Hitler provinham de uma ampla variedade de classes sociais, nacionalidades e origens étnicas. Numerosos emigrados russos brancos ricos, que mantinham contatos com a Sociedade Thule, formaram uma aliança com o NSDAP e, alegadamente, arrecadaram "vastas somas de dinheiro" para Hitler — conforme consta em um memorando oficial de 1923. Havia também Henry Ford, que era antijudaico e desejava difundir sua mensagem em nações receptivas. Sabe-se que agentes pessoais de Benito Mussolini estabeleceram contato com membros do NSDAP na Alemanha, provavelmente com o objetivo de organizar a transferência de apoio financeiro por parte do *Duce*. A grã-duquesa russa Vitória, pró-monarquia e antibolchevique, doou dinheiro a Hitler.

Sir Henry Deterding, da Royal Dutch Shell Corporation, ofereceu a Hitler enormes quantias de dinheiro em 1931, 1932 e 1933, em troca de uma garantia de que recuperaria, em algum momento futuro, seus interesses petrolíferos expropriados pelos bolcheviques. O montante provavelmente situava-se entre 30 e 55 milhões de libras esterlinas. Deterding era tão pró-alemão que acabou se casando com uma mulher nacional-socialista e até se mudou para a Alemanha. Ele, assim como muitos outros membros das elites alemãs, percebeu que apenas uma política externa assertiva poderia garantir a sobrevivência econômica da Alemanha em um mundo no qual França e Inglaterra detinham o monopólio de um quarto do globo e estavam determinadas a esmagar a competitividade global alemã.

Os alemães haviam tentado de tudo, inclusive cumprir as reparações de Versalhes, o que equivalia, de fato, a um roubo. Esse "tratado" foi concebido, na realidade, com um único objetivo: o enfraquecimento permanente da

concorrência industrial alemã. Ernst Röhm era um fervoroso nacionalista alemão que canalizava fundos do Exército para o NSDAP por meio de diversas organizações de fachada. A Sociedade Thule, que era pangermânica e nacionalista, não apenas forneceu membros ao NSDAP, mas também o ajudou a arrecadar grandes quantias de dinheiro.

Os dois joalheiros alemães Josef Füss e Herr Gahr apoiaram Hitler financeiramente. Um certo Sr. Pöschl, pequeno empresário, fez doações a Hitler desde cedo. Quirin Diestl foi outro apoiador inicial que contribuiu com pequenas quantias. Oscar Koerner, proprietário de uma loja de brinquedos, também doou dinheiro ao NSDAP. O Dr. Friedrich Krohn, dentista, contribuiu com tudo o que pôde. Adolf Müller ajudou o NSDAP a manter o VB em funcionamento ao conceder crédito continuamente a Hitler. A Sra. Hoffmann, viúva de um diretor escolar, contribuiu regularmente. Numerosos amigos do general Ludendorff, membro da Sociedade Thule, forneceram recursos financeiros ao NSDAP.

Um número significativo de estrangeiros proeminentes e de cidadãos alemães que viviam ou trabalhavam na Áustria, Grã-Bretanha, Tchecoslováquia, Finlândia, França, Itália, Holanda, Hungria, Suíça, Suécia e Estados Unidos deu dinheiro a Hitler, grande parte por intermédio de Winifred Wagner, Kurt Lüdecke e nacionalistas húngaros como Gömbös. Membros dos Corpos Francos alemães contribuíram financeiramente com Hitler, assim como muitos membros do Stahlhelm. Diversos interesses empresariais alemães de direita, como Emil Kirdorf, do grupo secreto Ruhrlade, financiaram Hitler, juntamente com muitos empresários que normalmente apoiavam Alfred Hugenberg (um homem que tentou usar Hitler para seus próprios fins).

Houve ainda o general Ritter von Epp, que ajudou Dietrich Eckart e o NSDAP a adquirir o VB; o Dr. Emil Gansser, que possuía conexões com protestantes ricos; o almirante Schröder, ex-comandante naval; o barão Sebottendorf, que tinha ligações com J. F. Lehmann (membro da Sociedade Thule, financiador e editor da Marinha alemã) e com oficiais navais simpáticos; Herr Schaffer, que adquiriu armas para a SA de Hitler; Kurt Lüdecke e, por meio dele, dois comerciantes judeus de armas que ou 1) não sabiam quem Lüdecke era, ou 2) não tinham motivos para temer Hitler (afinal, tratava-se do início da década de 1920); possivelmente o duque de Anhalt e o conde Fugger; Ernst Hanfstaengl, um rico graduado por Harvard, com numerosas conexões americanas e certa

fortuna própria; a rica Magda Quandt, que se casou com Joseph Goebbels e possuía conexões de elite; Fritz Thyssen, que mais tarde negou ter dado somas substanciais a Hitler e Göring em 1929 e, intermitentemente, ao longo da década de 1930, ambos de quem gostava muito; e assim por diante.

Nenhum Warburg. Nenhum Rothschild. Nenhum Rockefeller.

Embora os Rockefeller tenham ingressado indiretamente na esfera financeira de Hitler por meio de investimentos técnicos da Standard Oil, e os Warburgs por intermédio da I. G. Farben e, posteriormente, de J. H. Stein, nenhum deles forneceu qualquer apoio financeiro a Hitler antes de 1933. Tampouco o apoiaram ou financiaram diretamente em qualquer momento. A história de Sidney Warburg é pura fabricação. Fritz Thyssen e algumas das conexões industriais pesadas de Hugenberg — e não James Warburg — concederam a Hitler doações monetárias substanciais em 1929 (no mínimo 1.250.000 marcos do Reich), enquanto Deterding e diversas companhias alemãs de carvão sustentaram Hitler no início da década de 1930.

Embora Hitler tenha gasto somas vultosas em campanhas, ele não dispunha de dinheiro não rastreável em abundância. Todo o seu financiamento foi cuidadosamente contabilizado, e a maior parte dele provinha de publicidade no *Völkischer Beobachter* (VB); das contribuições partidárias, seguros e honorários por palestras; da facção de esquerda de Gregor Strasser, que recebia 10.000 RM mensais em 1931; da boa vontade do editor do VB, Adolf Müller; e da frugalidade financeira do tesoureiro do partido, Franz Schwarz, cujos registros financeiros meticulosos foram destruídos. Os americanos o interrogaram de forma tão brutal que ele morreu em 1946 sob custódia britânica. Seus registros, que indicavam inclusive os doadores anônimos de Hitler, jamais apareceram. Os Pool suspeitam que os ocupantes americanos os tenham destruído.

Quanto à observação de Goebbels, em 17 de janeiro de 1932, de que as finanças do partido "subitamente melhoraram", isso não era exatamente verdade. O que ocorreu foi uma melhora repentina na linha de crédito do partido, graças às manobras de Franz von Papen e do barão Kurt von Schröder com seu sindicato de investidores, que incluía vários industriais pesados de destaque, a Hamburg-America Steamship Line, o Banco Stein de Colônia, o Commerz und Privat Bank, a Companhia Mineira de Gelsenkirchen, o Deutsche Bank, o Reichskredit-Gesellschaft Bank, a seguradora Allianz, membros da indústria do

potássio, a empresa carbonífera Brabag, a Deutsches Erdöl e diversos outros industriais do carvão marrom.

Embora Hitler tolerasse bancos de quinta-coluna, como o M. M. Warburg e o Temple Bank (uma conta especial criada pelo Reichsbank para a Sociedade do Templo a fim de financiar a emigração *Ha'avara*), ele acabou restringindo e regulando suas oportunidades de negócios, forçando-os a auxiliar no financiamento da emigração judaica. O objetivo de Hitler era inibir progressivamente — e assim estrangular financeiramente — os bancos estrangeiros até que não pudessem mais existir e fossem obrigados a se transferir para fora da Alemanha, a mesma política empregada para incentivar a emigração judaica e o encerramento de negócios. Um exemplo disso foi a germanização (isto é, a tomada alemã) de duas siderúrgicas judaicas na região de Rhön, em 1937.

Passando ao processo efetivo de recrutamento, potenciais recrutas eram abordados nas ruas, em reuniões e em eventos de palestras. Recebiam panfletos ou folhetos. Em alguns casos, Hitler ou outros membros centrais do partido eram convidados a falar ou a conversar privadamente com industriais ou nobres interessados em um partido nacionalista e anticomunista. Ao contrário de mitos como o de Sidney Warburg, Hitler e a facção direitista do NSDAP não receberam, antes de 1933, tanto financiamento industrial ou bancário quanto os irmãos Strasser, os social-democratas (SPD) ou mesmo o Partido Nacionalista de Hugenberg. As razões para isso foram três:
(a) industriais e muitos Junkers não confiavam em Hitler devido às suas posições socialistas em vários temas;
(b) a maioria dos industriais e Junkers ainda não se sentia suficientemente ameaçada financeiramente para apoiar um partido revolucionário como o de Hitler;
(c) havia receio em relação à sua postura antijudaica.

Retornando ao recrutamento: a maioria dos potenciais recrutas e apoiadores financeiros tomou conhecimento de Hitler e do NSDAP por meio do boca a boca, que se mostrou o método mais eficaz. Quando homens como Scheubner-Richter, Schacht, Borsig, Kirdorf e Thyssen recomendavam o NSDAP e endossavam pessoalmente Hitler, alemães ricos e das classes média e alta estavam dispostos a considerar seriamente o partido. Hitler foi convidado a discursar para industriais pesados em 1927 precisamente por meio dessas

recomendações informais. Ele chegou a escrever um panfleto secreto destinado exclusivamente a esse público industrial-capitalista, que então o repassava a outros.

Além da propaganda boca a boca, o NSDAP afixava cartazes onde fosse possível, promovia palestras e atividades partidárias em seu jornal, vendia diversos produtos para arrecadar pequenos fundos (como itens de uso cotidiano com embalagem do NSDAP) e enviava membros mais abastados ao exterior para angariar recursos entre expatriados alemães e simpatizantes estrangeiros. Kurt Lüdecke destacou-se particularmente nesse tipo de atividade.

No início, Hitler e o NSDAP miraram veteranos, agricultores, operários, jovens, nobres, pequenos empresários e aposentados. Essas eram as classes sociais inicialmente mais receptivas, devido à situação econômica e ao antimonarquismo predominante. Posteriormente, a base de apoio de Hitler passou a incluir elites ricas, grandes industriais, estrangeiros fascistas e monarquistas, Junkers proprietários de terras, organizações de veteranos, o Exército e a Marinha alemães e até Montagu Norman, um banqueiro inglês proeminente e amigo pessoal de Hjalmar Schacht. Segundo seu secretário particular, Ernest Skinner, e Émile Moreau, Norman desprezava judeus, franceses e católicos romanos. Ele recusou-se abertamente a auxiliar o Tesouro francês e mostrou-se disposto a organizar financiamento para o NSDAP por meio de suas conexões com Bruno von Schröder (Banco Schroder), Kurt von Schröder (Banco Stein) e o Banco da Inglaterra (F. C. Tiarks e o próprio Norman). Norman nutria simpatia pelos alemães desde seus tempos de estudante em Dresden e ofereceu apoio financeiro para estabilizar o novo governo que seu amigo Schacht apoiava abertamente desde 1931. Como Hitler era hostil à França, amistoso com a Grã-Bretanha e discriminatório em relação aos judeus — três posições que agradavam a Norman —, ele recomendou que Kurt von Schröder estendesse crédito ao partido de Hitler, agora no controle do governo. Nesse aspecto, Schacht foi a verdadeira tábua de salvação de Hitler.

Quanto ao apoio inicial a Hitler, muitos agricultores estavam endividados, e a maioria — inclusive os Junkers — sentia-se ameaçada pela expropriação comunista e pela insuficiência de tarifas agrícolas protetoras. Os veteranos eram receptivos porque se sentiam traídos pela classe dirigente, especialmente pelos liberais-democratas do SPD, e tinham dificuldade em encontrar trabalho. Os operários, em sua maioria jovens, eram receptivos por se sentirem explorados

pela classe empresarial e por terem sido os mais afetados pela inflação e pelo desemprego. Aposentados, com rendas fixas, simpatizavam com a postura socialista de Hitler. Nobres interessavam-se por Hitler porque ele se opunha à maçonaria e à expropriação de suas propriedades, além de insinuar a restauração da monarquia. Em geral, todos esses grupos se opunham ao marxismo-comunismo.

Quando alguém solicitava filiação ao NSDAP, pagava-se a contribuição anual inicial, recebia-se um cartão de membro e era atribuída alguma tarefa ao partido, desde afixar cartazes até distribuir panfletos ou simplesmente divulgar o NSDAP. Após a ruptura Hitler–Strasser, exigia-se um juramento de lealdade pessoal a Adolf Hitler. Não havia um procedimento formal de verificação; bastava pagar as contribuições e servir ao partido com lealdade. Aqueles que desejavam romper com o partido eram instruídos a se retirar, inclusive por ordem direta de Hitler após os casos Strasser e Stennes.

Nesse contexto, Kurt Lüdecke, Otto Wagener e Ernst Röhm desempenharam papéis centrais no armamento, treinamento e instrução da SA. Suas arrecadações pessoais, negociações secretas com a Reichswehr e contatos com traficantes judeus do mercado negro foram essenciais para criar uma ameaça paramilitar crível ao status quo. O governo em Berlim frequentemente ignorava a violência da SA contra comunistas por se opor a uma tomada comunista do poder. Hitler utilizava a SA e as massas como sua principal base de barganha política.

Com a criação das fileiras da SA e da SS, os critérios passaram a ser lealdade e aptidão para liderança. A SS era composta por homens escolhidos pessoalmente por Hitler. Ele próprio nomeava líderes, inclusive trazendo Röhm de volta da Bolívia para reorganizar a SA. As promoções baseavam-se no desempenho, não no status social.

O NSDAP expandiu-se para além de Munique ao nomear membros para administrar operações partidárias em outras regiões. O caso mais conhecido foi o de Gregor Strasser, que chegou a acumular poder suficiente para rivalizar com Hitler. Ainda assim, Hitler conseguiu conter essas crises por meio de manobras políticas e carisma pessoal.

Em 1920, o NSDAP contava com cerca de 3.000 membros. Em 1925 eram 27.000; em 1928, 108.000. Em agosto de 1931, criou-se o serviço de

inteligência e segurança do partido. Heinrich Himmler fundou o SD (*Sicherheitsdienst*), e Reinhard Heydrich foi nomeado seu chefe. À época da crise Strasser, a SA contava com cerca de 400.000 membros, e o partido alcançou aproximadamente 2 milhões em 1933. Em 1932, o NSDAP já era suficientemente grande para conquistar 37% do Reichstag.

Aqui estão os resultados eleitorais de 1920 a 1933:

Adaptado de James E. e Suzanne Pool, *Who Financed Hitler: The Secret Funding of Hitler's Rise to Power 1919–1933*, p. 494.

Partidos políticos do Reich	jun.1920	Mai.1924	Dez.1924	Mai.1928	Set.1930	Juli.1932	Nov.1932	Mar.1933
KPD	4	62	45	54	77	89	100	81
SPD	102	100	131	153	143	133	121	120
BVP	65	81	88	78	87	97	90	92
DNVP	71	95	103	73	41	37	52	52
NSDAP	—	—	—	12	107	230	196	288
Outros partidos	98	92	73	121	122	22	35	23

Pode-se observar que o NSDAP perdeu a maior parte de seus antigos 230 assentos obtidos em julho de 1932 para o Partido Comunista ainda mais radical-revolucionário (KPD) em novembro de 1932, e não para católicos conservadores ou sociais-democratas. Os nacionalistas conservadores (DNVP) ganharam apenas 15 cadeiras. Esses resultados, contrariamente à maior parte da historiografia, não implicam o declínio do NSDAP, mas sim o desencanto das massas com qualquer partido que não estivesse disposto a prometer mudanças sociais e econômicas abrangentes para a maioria, mesmo que tais mudanças implicassem derramamento de sangue. Hitler e o NSDAP não eram vistos como suficientemente extremos e, por isso, perderam cadeiras para o KPD! Isso alarmou tanto homens como Hjalmar Schacht e Franz von Papen que eles finalmente se dispuseram a dar a Hitler a oportunidade de se tornar chanceler.

Na verdade, ele deveria ter recebido a chancelaria em julho de 1932, quando seu partido detinha o maior número de assentos no Reichstag, mas os industriais e

nobres que cercavam o general Schleicher, Franz von Papen e o presidente Hindenburg se opuseram à sua nomeação para o cargo de chanceler. Eis, portanto, o valor do suposto "financiamento mágico" de James Warburg e dos Rothschild.

Hitler enfrentou tamanha resistência nessa fase que, como outros, recorreu à chantagem. Hitler organizou uma reunião privada com Oskar, filho do presidente Hindenburg, durante a qual é suspeito que tenha ameaçado expor o papel de seu pai nos repetidos resgates financeiros, pagos pelos contribuintes, das propriedades mal administradas e falidas dos Junkers. Uma vez que a chantagem e a intriga haviam sido usadas para privar Hitler de sua devida nomeação, ele decidiu que também poderia jogar esse jogo. Pouco tempo depois, Hindenburg o nomeou chanceler, o que a maioria dos historiadores afirma ter ocorrido a pedido de von Papen. Vemos que o desejo de von Papen de impedir uma maioria comunista concedendo a Hitler a chancelaria foi apenas parte do motivo pelo qual Hindenburg o nomeou. Hitler venceu, mas não porque tenha recebido financiamento secreto. Franz von Papen continuou a intrigar contra Hitler e instou os industriais a retirarem seu apoio financeiro ao NSDAP! O objetivo desse chamado "gabinete dos barões" era conceder a Hitler apenas poder suficiente para satisfazê-lo pessoalmente, sem de fato permitir que alcançasse uma maioria forte o bastante para derrubar o status quo, mas apenas suficientemente forte para impedir uma maioria comunista.

Dado esse contexto de impasse, a velocidade do crescimento do NSDAP em apenas seis anos e sua subsequente obtenção de poder absoluto só foram possíveis com um líder autoritário em uma situação política distorcida, na qual chantagem, corrupção e manobras políticas ardilosas eram a ordem do dia. O que havia começado como um partido operário de estilo democrático, com um simples comitê executivo ao qual Hitler foi nomeado no início dos anos 1900, tornou-se uma organização de estilo autoritário com seus próprios uniformes, escritórios, instalações de treinamento, companhia de seguros, mercadorias, jornal, máquina de propaganda, exército (a SA) e aparato de segurança (SS e SD). Isso foi nada menos que impressionante, e a maior parte do crédito por seu sucesso cabe àqueles líderes e membros como Hitler, Hess, Gansser, Eckart, Funk, Schwarz, Feder, Keppler, Himmler, Rosenberg, Goebbels, os Strasser (antes de 1932), Scheubner-Richter, Hanfstaengl, Lüdecke, Göring e Röhm, todos os quais literalmente dedicaram suas vidas ao partido.

Eventos do NSDAP eram organizados com a maior frequência possível, conforme os recursos permitiam. O jornal, naturalmente, estava sempre disponível — era diário —, de modo que o público e os membros sempre sabiam o que estava acontecendo de um dia para o outro. Hitler proferia discursos e se reunia com pessoas ricas e influentes quase ininterruptamente após sua libertação da prisão. Ele foi suficientemente perspicaz para adquirir veículos automotores, que eram raros na época. O deslocamento rápido era vital para derrotar partidos rivais como os comunistas, que ainda precisavam ir a pé a seus diversos compromissos de fala e reuniões. As portas do NSDAP, por assim dizer, estavam sempre abertas para receber novos recrutas. Os interessados se inscreviam em simples centros de recrutamento no local ou enviavam suas candidaturas pelo correio à sede do partido em Munique.

Fatos Incômodos sobre Hitler e o NSDAP

A seguir apresenta-se uma lista de fatos importantes extraídos da obra *Who Financed Hitler*, de James E. e Suzanne Pool. Essa lista esclarece e resume a introdução acerca do desenvolvimento, do apoio e do financiamento do NSDAP. Mais importante ainda, ela expõe numerosos mitos associados a Hitler e ao NSDAP, como o suposto "militarismo" de Hitler, o financiamento do NSDAP por Paul ou Sidney (James) Warburg e pelos Rothschild, bem como a alegada impopularidade de Hitler entre a maioria dos alemães.

- Gustav Stresemann era tão inclinado ao militarismo quanto Adolf Hitler. Assim, a ideia de que a nomeação de Hitler para a chancelaria significaria inevitavelmente uma guerra futura é questionável.

- Reféns da alta sociedade, incluindo membros da Sociedade Thule, foram literalmente alinhados e assassinados pelos comunistas em 1918. Um total de 12 reféns foi fuzilado em um pátio escolar em Munique.

- O Pool observou que, como a economia alemã não prejudicava significativamente os lucros da maioria dos industriais, estes, como grupo, desejavam manter o status quo. E esse era justamente o problema deles do ponto de vista de partidos revolucionários como o de Hitler, bem como das massas empobrecidas e desempregadas.

- Hitler e Hess — e não Göring e Goebbels, como alegado por "Sidney Warburg" — solicitaram dinheiro em 1929. O industrial alemão Emil Kirdorf provavelmente contribuiu financeiramente para o NSDAP nesse período.

- Radek, Levine e Axelrod, todos comunistas, eram judeus. Esses três homens e o terror que infligiram pessoalmente a Fritz Thyssen e a seu pai, incluindo prisão e ameaças de morte, mudaram a vida de Thyssen. A partir de então, ele passou a apoiar Hitler de forma fervorosa.

- A lei marcial francesa e as exigências sobre os recursos do Ruhr foram excessivas para Fritz Thyssen. Ele foi preso e multado em 300.000 marcos-ouro por incentivar trabalhadores alemães à resistência passiva contra a ocupação militar francesa. As tropas francesas abriram fogo contra esses trabalhadores, matando e ferindo centenas.

- Thyssen minimizou seu apoio aos nacional-socialistas. Ele doou 1.250.000 Reichsmarks entre 1928 e 1929 — exatamente o período das supostas transferências secretas de dinheiro atribuídas a Sidney Warburg.

- Kirdorf tinha amigos e conexões bancárias judaicas, incluindo o Dr. Arthur Salomonsohn. Apesar dessas ligações com grandes capitais, Kirdorf deu muito pouco dinheiro a Hitler e ao NSDAP.

- Thyssen e Kirdorf viam pouca esperança para a Alemanha. França e Inglaterra detinham um monopólio sobre um quarto do mundo e estavam determinadas a esmagar a competitividade global alemã.

- O Diktat de Versalhes representou o fim econômico da Alemanha — real, verdadeiro e total.

- O chamado "Tratado" foi, na realidade, uma arma econômica projetada para incapacitar permanentemente a Alemanha como concorrente industrial. O total das reparações alemãs chegou a 32 bilhões de dólares, o que equivale hoje a cerca de 425 bilhões de dólares, ou 6,6 bilhões por ano.

- O NSDAP não foi colocado no poder por interesses judaicos internacionais, como sugerem alguns pesquisadores. O NSDAP lutou para conquistar o poder. Em apenas uma batalha de rua entre nacional-socialistas e comunistas, por exemplo, 300 homens foram mortos. Hitler lutou durante 14 anos para alcançar o poder e quase foi morto a tiros durante sua tentativa de golpe, fatos que desafiam essa tese.

- O conglomerado I. G. Farben e o alto sistema financeiro não desempenharam qualquer papel relevante na equação Hitler–NSDAP antes de 1933.

- Segundo os Pool, como nada do que a Alemanha fez conseguiu aliviar o desemprego e o desequilíbrio comercial, uma política imperialista tornou-se necessária para sua sobrevivência econômica. O país havia tentado sinceramente todas as outras alternativas.

- O principal motivo do grande empresariado ao apoiar Hitler e o NSDAP foi impedir o comunismo a qualquer custo.

- O general von Seeckt operou sob uma fachada pró-democracia (assim como Hitler) até o dia em que todas as correntes democráticas pudessem ser rompidas. Para von Seeckt, a desmilitarização intelectual da Alemanha era a maior ameaça de todas.

- A colaboração militar russo-alemã foi promovida por von Seeckt, e não por Hitler, tendo começado em 1921 (antes do Tratado de Rapallo). Von Seeckt foi fundamental nessa cooperação. Convém não esquecer: Hitler — e mais ninguém — possuía um exército de reserva, a SA. Assim, entre 1921 e 1922 houve certo grau de financiamento russo do NSDAP por meio dos esforços secretos de colaboração do Reichswehr com a Rússia.

- Os Aliados destruíram a indústria da Krupp, o que forneceu à empresa um motivo-chave para apoiar posteriormente o NSDAP. A Krupp, com ajuda de subsídios estrangeiros, criou empresas anônimas para realizar construção e testes de armamentos em países neutros muito antes da chegada de Hitler ao poder.

- Stresemann, assim como Hitler, desejava ver a Alemanha ressurgir como potência mundial. Nem von Seeckt nem Stresemann eram liberais-democratas (isto é, nenhum deles apoiava a democracia, que fora imposta à Alemanha contra sua vontade).

- Empresas holding foram usadas para reconstruir a Marinha alemã no início dos anos 1920, muito antes da ascensão de Hitler.

- A Alemanha "liberal-democrática" de Weimar fornecia assistência encoberta aos esforços de rearmamento alemães de todas as formas possíveis. A Krupp foi subsidiada pelo regime de Weimar, e não por Hitler.

- Dado o contexto industrial da época, a indústria de Thyssen morreria sem o rearmamento total. Isso foi consequência da excessiva dependência alemã da industrialização. Como sugeriu Lawrence Dennis em *The Dynamics of War and Revolution*, uma nação desenvolvida como a Alemanha tinha a escolha entre uma contração severa em todos os aspectos — inclusive populacional — ou a expansão. A maioria dos líderes alemães optou pela segunda alternativa.

- O rearmamento alemão começou de forma efetiva, em termos produtivos, em 1928 — cinco anos completos antes de Adolf Hitler ser nomeado chanceler.

- Os social-democratas (SPD) apoiaram o rearmamento.

- O rearmamento, por si só, não prova que a Alemanha estivesse planejando uma guerra agressiva ou que fosse inerentemente "militarista".

- Tanto as forças armadas da França quanto as da Polônia ameaçavam cercar e ocupar a Alemanha em 1919.

- Todos os membros da elite de poder alemã tinham o mesmo objetivo, diferindo apenas nos métodos para alcançá-lo: restabelecer a Alemanha

como potência mundial. Contudo, apenas Adolf Hitler compreendia a política internacional de poder, ou a chamada "economia pela espada". Em 1927, Hitler perguntou aos industriais: *isso beneficia nossa nacionalidade agora ou no futuro, ou lhe será prejudicial?* A conveniência é a base de todas as alianças.

- Para Hitler, a França — e não a Inglaterra — era o Inimigo Número Um.

- Subornos políticos não eram ilegais na República de Weimar.

- O domínio de grupos de interesse específicos e o poder do dinheiro (com o qual se compravam deputados do Reichstag) destruíram as chances de sobrevivência da República de Weimar. Ambos são, de fato, características inerentes a todas as democracias, que deliberadamente concedem às massas a ilusão de poder e de voz no governo para conter seu descontentamento.

- O SPD era o instrumento político dos sindicatos e da burocracia do trabalho organizado. Todos os demais partidos, com exceção do KPD, eram grupos de interesse do grande capital disfarçados.

- Walther Rathenau estabeleceu o precedente do "grande empresariado" na República de Weimar, e não Hitler ou o NSDAP.

- A Ruhrlade era uma sociedade secreta de grandes industriais, composta por 12 membros, que se reuniam secretamente para definir políticas econômicas e políticas conjuntas.

- Hugenberg e o Partido Nacionalista possuíam muito mais apoio financeiro discreto, prestígio e respaldo do grande empresariado do que o NSDAP. Ainda assim, nem mesmo Hugenberg era um instrumento dos industriais. Ele se opôs ao Plano Dawes anglo-maçônico, enquanto vários de seus financiadores industriais apoiavam o plano.

- O Plano Young anglo-maçônico foi implementado 11 anos após a guerra e exigia que os alemães pagassem "reparações" pelos 59 anos seguintes.

- Tanto Hugenberg quanto Strasser subestimaram Hitler. Ele não era o "peão" de ninguém. Isso já era evidente por volta da aprovação da Lei da Liberdade em 1929, exatamente na época da suposta promessa de dinheiro feita a Hitler por Sidney Warburg. O mito Warburg foi utilizado para desacreditar Hitler pela facção Strasser–Stennes do NSDAP. Stennes, com 80.000 homens da SA sob seu comando, tomou a sede do NSDAP em Berlim e a ocupou para destruir Hitler. Contudo, Hitler conseguiu em grande parte evitar a retomada violenta da sede ao estabelecer judicialmente seu direito de propriedade sobre o edifício. Ele simplesmente apresentou sua prova de propriedade aos tribunais após o fim do recesso. A polícia foi, então, obrigada a retomar a sede para ele, e a tentativa de golpe anti-Hitler do capitão Walther Stennes desmoronou. Curiosamente, Stennes nunca foi sequer membro do NSDAP.

- Hitler utilizou os métodos de Karl Lueger: fazer uso dos instrumentos de poder já existentes.

- Thyssen admitiu ter financiado o NSDAP. Seu apoio contínuo e a aliança estratégica de Hitler com Hugenberg e o Partido Nacionalista garantiram recursos financeiros a Hitler em 1929 — nenhum deles proveniente de Sidney Warburg.

- Após 1930, o *Völkischer Beobachter* passou a gerar receita cotidiana e quitou todas as suas dívidas pendentes.

- Não houve financiamento "secreto" nos primeiros anos. Max Amann hipotecou todas as propriedades do NSDAP e adiou todas as obrigações financeiras até depois das eleições de 1930, surpreendendo a todos, inclusive Hitler. Comícios e doações ocasionais de pessoas ricas complementaram os recursos após setembro de 1930.

- As filiações ao NSDAP cresceram rapidamente devido ao "efeito manada" após o grande sucesso eleitoral do partido. O *VB* também começou a gerar receitas publicitárias substanciais. Em certo momento,

Hitler levou seu idealismo proibicionista longe demais com os cervejeiros, que cancelaram todos os anúncios no *VB*. Outros membros do partido tiveram de persuadi-los a retornar.

- Adolf Müller ajudou os nazistas com o *VB*, o único jornal cuja circulação não caiu após o início da Grande Depressão.

- Os Estados Unidos provavelmente destruíram os registros do tesoureiro do partido, Franz Schwarz, que eram meticulosos — Hitler inclusive lhe ordenara registrar os nomes de doadores anônimos. Todos os registros desapareceram. Os americanos interrogaram Schwarz brutalmente e provavelmente o mataram em 1946. Os anglo-americanos estavam determinados a incriminar apenas o grande empresariado alemão pelo financiamento do NSDAP no Tribunal Militar Internacional. Dado esse fato, suspeita-se que tenha havido mais financiamento de origem americana do que apenas Henry Ford e a Teutonia, mas isso jamais será conhecido. Os anglo-saxões provavelmente buscavam encobrir o envolvimento industrial americano com a Alemanha nacional-socialista após 1933, como o da Standard Oil, já mencionado.

- Generais, em especial Alfred Jodl, foram conquistados por Hitler durante seu julgamento em Leipzig.

- O grande empresariado foi tranquilizado pelo controle total de Hitler sobre o partido e por sua posição anticomunista, especialmente depois que ele ordenou a seus 107 deputados que votassem contra o próprio projeto "de esquerda" do NSDAP, apresentado por Strasser e outros.

- A economia alemã já era controlada pelo governo e por um cartel bancário privado de cerca de 2.500 bancos antes de Hitler assumir o poder.

- No verão de 1931, a Ruhrlade fez sua primeira contribuição ao NSDAP, e Göring também estava sendo pago por Thyssen nesse período.

- Frau Quandt ingressou no NSDAP em 1930 e trouxe consigo grande influência entre os ricos.

- Hitler chamou Ernst Röhm de volta em 1930 para liderar a SA; ele vivia então na Bolívia.

- O Kaiser Guilherme II e seus filhos apoiaram o NSDAP na tentativa de convencer Hitler a restaurar a monarquia.

- Brüning era um ditador *de facto*, mas fracassava, pois a Depressão se agravava.

- O Credit-Anstalt, uma filial bancária austríaca dos Rothschild, sofreu uma corrida devastadora em maio de 1931, o que levou ao colapso de todos os bancos alemães e, posteriormente, até dos bancos londrinos. Eis o fim do mito da riqueza infinita e intocável dos Rothschild!

- A França e os Estados Unidos maçônicos agravaram o colapso alemão ao retirar empréstimos de curto prazo da Alemanha e da Áustria e com a aprovação da tarifa Hawley-Smoot.

- O Partido do Povo Alemão, que desfrutava de apoio mais conservador do que Hitler, exigiu uma revisão constitucional que encerrasse o sistema parlamentar e concedesse a Hindenburg o poder de nomear um governo.

- Outros partidos nacionalistas receberam muito mais dinheiro e apoio do que Hitler, mas mantiveram o status quo e desagradaram profundamente às massas. Assim, apenas Hitler contou com o apoio popular e, por isso, não pôde ser ignorado ou descartado, nem mesmo pela elite financeira.

- O grande empresariado, em especial os industriais, passou a financiar o NSDAP a partir de 1931.

- A Frente de Harzburg organizou e realizou uma grande mobilização em 1931. Hjalmar Schacht discursou nesse evento e declarou, de forma chocante, que o governo de Weimar estava total e absolutamente falido. Ele, mais do que qualquer outro naquele dia — inclusive Hitler —, trouxe

benefícios incalculáveis ao NSDAP. Afinal, fora o homem que anteriormente salvara a economia alemã ao introduzir o Rentenmark.

- Hitler encarregou Keppler de se reunir informalmente com empresários para formular a política econômica do NSDAP. Esse grupo ficou conhecido como o "Círculo de Amigos da Economia". É nesse contexto que entra Reinhardt, o autor do Plano Reinhardt, implementado por Hitler logo após chegar ao poder. Reinhardt — e não Hitler, nem um membro do NSDAP — defendeu abertamente o rearmamento em 1932.

- Walther Funk reuniu-se com Kurt von Schröder, sócio do banco J. H. Stein, de Colônia. Hábil negociador, Funk conseguiu "convencer Schröder" da "boa vontade" de Hitler em relação ao "sistema bancário internacional".

- Mussolini ofereceu apoio não oficial ao NSDAP. A França apoiou os separatistas bávaros, enquanto a Itália apoiou os nacionalistas bávaros. Hitler foi o único nacionalista que se opôs à França e se mostrou disposto a permitir que a Itália mantivesse o controle do Tirol do Sul (com uma população de 250.000 alemães).

- Hitler recebeu financiamento fascista italiano, que só veio à tona em 1932. Mussolini também enviou armas ao NSDAP na década de 1920.

- A organização Teutonia, sediada nos Estados Unidos, fez doações regulares a Hitler.

- Montagu Norman foi governador do Banco da Inglaterra por 24 anos. Era antifrancês, profundamente hostil aos judeus, opositor de Versalhes e favorável à Alemanha devido a seus estudos anteriores no país. Norman emprestou dinheiro aos nazistas após 1933 por meio de seu amigo pessoal Schacht. É possível que tenha canalizado recursos por meio do barão Kurt von Schröder e da empresa J. H. Stein em 1932, mas isso não está comprovado. Schröder era sócio alemão da J. H. Stein.

- O visconde Rothermere, do *Daily Mail*, forneceu dinheiro a Ernst Hanfstaengl. Era um anglo pró-alemão convicto e hostil aos judeus.

- É crucial compreender que a política externa anglo-saxônica visava impedir que qualquer potência isolada — França, Alemanha ou Rússia — se tornasse forte o suficiente para rivalizar com a Grã-Bretanha. Essa foi a verdadeira razão da abdicação forçada do rei Eduardo VIII: ele era excessivamente pró-alemão. Sua simpatia, assim como a de Montagu Norman, dos Mosley, das irmãs Mitford e do visconde Rothermere, levou Hitler a errar seu cálculo em relação à Grã-Bretanha. Ele acreditava ter mais apoio anglo-saxão do que realmente possuía.

- Deterding encontrou-se com Alfred Rosenberg na Grã-Bretanha e provavelmente prometeu financiamento. Deterding controlava interesses petrolíferos na Romênia, Rússia, Califórnia, Trinidad, Índias Orientais Holandesas e México, além de possuir instalações na Mesopotâmia e na Pérsia. Os soviéticos confiscaram e nacionalizaram seus campos petrolíferos em Baku, Grozny e Maikop, tornando-se concorrentes diretos com base em antigas propriedades suas.

- Georg Bell foi o agente de ligação de Deterding com o NSDAP. Deterding não financiou apenas o NSDAP, mas também russos brancos, nacionalistas ucranianos e rebeldes georgianos antissoviéticos.

- Deterding casou-se com uma mulher pró-nacional-socialista e mudou-se para a Alemanha. Foi ele quem forneceu o verdadeiro "grande dinheiro" ao NSDAP em 1931, 1932 e 1933 — entre 30 e 55 milhões de libras esterlinas. O Dr. Kahr afirmou que dinheiro francês chegou a Hitler após passar por nove câmbios, mas isso não foi comprovado. Na realidade, partidos bávaros como o BVP foram financiados pela França apenas porque desejavam separar-se de Berlim.

- O Tratado de Trianon foi ainda pior e mais injusto do que Versalhes. A Hungria perdeu população e território e foi completamente empobrecida. Esse tratado afastou a maioria dos húngaros da democracia. Em 1919, Béla Kun governou de forma brutal por três meses na Hungria: confiscou e expropriou propriedades privadas, massacrou camponeses

indiscriminadamente e agravou a destruição econômica, resultando em fome. Os húngaros tornaram-se majoritariamente anticomunistas, antimaçônicos e antijudaicos. A maioria desses comunistas, incluindo Béla Kun, eram judeus e maçons. Essa experiência levou o nacionalista húngaro Gyula (Július) Gömbös a financiar o NSDAP.

- Segundo Otto Dietrich, Hitler defendia o princípio de "carreiras abertas ao talento", em oposição ao poder hereditário.

- Eis a explicação para uma das referências de Goebbels à melhora econômica em seu diário: o discurso de Hitler no Clube da Indústria de Düsseldorf, em 27 de janeiro. Esse evento de arrecadação de fundos explica a anotação de Goebbels de 8 de fevereiro.

- Para contextualizar a economia alemã antes de Hitler: havia 17.500.000 desempregados no inverno de 1931–1932 — quase um terço de toda a população alemã.

- A rebelião de Stennes é extremamente importante, mas frequentemente negligenciada. Stennes era um agente pago de Strasser e do capitão Ehrhardt, ambos com apoio de grandes industriais e, no caso de um deles (Otto Wolff), de financiadores judeus.

- Como resultado dessa rebelião e de outras violências de rua, a SA, a SS e a Juventude Hitlerista (HJ) foram todas proibidas por decreto de Brüning assinado pelo presidente Hindenburg, em 1932. Eis mais uma refutação da tese de apoio dos Rothschild e Warburg a Hitler: por que permitiriam que seu suposto "peão" fosse banido? Essa proibição foi uma tentativa de destruir o NSDAP e Hitler definitivamente. Ademais, se Hitler fosse apenas um "instrumento" de uma vasta entidade internacional, como sugerem pesquisadores como Jim Condit e Guido Preparata, por que ele não venceu a eleição presidencial de 1932? Qual seria o motivo dessa entidade para impedir sua "tomada de poder" se de fato estivesse por trás dele?

- Paul Silverberg, judeu, financiou Gregor Strasser, não Hitler. Silverberg era chefe da R.A.G., uma das maiores empresas de carvão do mundo. Ele

apoiava o governo por decreto presidencial (especialmente o de Brüning).

- Foi Brüning, e não Hitler, quem levantou a questão: a democracia é capaz de funcionar na Alemanha?

Considerações Finais

Paul Silverberg era extremamente liberal, exceto no que dizia respeito ao seu próprio empreendimento empresarial. Ele naturalmente favorecia "direitos iguais" para judeus e para o grande capital, mas não para mais ninguém; da mesma forma, defendia "direitos individuais acima dos direitos nacionais" e, por isso, era completamente contrário ao NSDAP. Silverberg ficou indignado com a destituição de Brüning. Ele se opôs a von Papen, apoiou o general Schleicher como chanceler e deu grandes somas de dinheiro tanto a Schleicher quanto ao rival de Hitler, Gregor Strasser.

Gregor Strasser recebeu 10.000 marcos por mês, a partir da primavera de 1931, para o NSDAP, provenientes da indústria pesada. Eis aí o fim do mito de Sidney Warburg! Walther Funk recebeu 3.000 marcos por mês em 1931, e Hitler recebeu 100.000 marcos de várias empresas carboníferas nesse mesmo ano, pouco antes das eleições para o Reichstag. Como se pode ver, o suposto "financiamento milagroso" de 1931 não foi milagre algum. Ele veio de empresas alemãs de carvão, e não de Sidney Warburg. Na verdade, a maior parte do dinheiro do NSDAP vinha do próprio partido: prêmios de seguros, contribuições dos membros, honorários por discursos etc. Brüning, e não Hitler, foi apoiado pela I. G. Farben. O chanceler Schleicher, com o dinheiro de Silverberg e de outros grandes industriais, conspirou com Ernst Röhm em um plano para incorporar a SA ao Exército Alemão e, assim, trair Hitler.

Fica claro que Franz von Papen também não era um fantoche, ao contrário da tese de Guido Preparata (*Conjuring Hitler*). Ele se recusou a suspender a proibição da SA até 15 de junho. Também proibiu desfiles políticos até depois de 30 de junho de 1932 e nomeou a si mesmo Comissário do Reich para a Prússia. Ele gozava de amplo apoio entre industriais, grandes empresários, Hindenburg e o corpo de oficiais do Exército. Sua intenção era impedir que Hitler jamais alcançasse mais do que um poder nominal no governo. Hitler ficou tão financeiramente estrangulado em razão dessas intrigas contra ele que acabou assinando contratos que, na prática, entregavam tudo o que o partido possuía

para financiar sua campanha eleitoral de 1932: ele obteve mais de 13 milhões de votos e 230 cadeiras no Reichstag. Isso foi algo extraordinário. Ele deveria ter sido nomeado chanceler naquele momento.

A verdadeira questão era saber se Hitler poderia ser comprado. Essa era a pergunta que Franz von Papen e o chanceler Schleicher estavam fazendo. Como isso não parecia provável, ambos se opuseram à sua nomeação como chanceler pelo maior tempo possível. Von Papen acabou cedendo: ele queria poder para si mesmo e não queria uma maioria comunista no Reichstag. Ao concordar com a nomeação de Hitler como chanceler em 1933, von Papen acreditava que poderia satisfazer as ambições pessoais de poder de Hitler e manter o NSDAP sob controle, ao mesmo tempo em que utilizaria o partido de Hitler como um meio de impedir que os comunistas jamais alcançassem a maioria. Somente Hitler tinha o apoio de massas necessário para levar adiante um plano desse tipo. E somente von Papen podia garantir a Hitler a nomeação, o financiamento e o apoio dos industriais de que ele precisava para se tornar chanceler com um governo estável. De fato, Hitler merecia a chancelaria e tinha pleno direito a ela, já que contava com o apoio das massas e com o maior número de cadeiras no Reichstag. O resto, como se costuma dizer, é história.

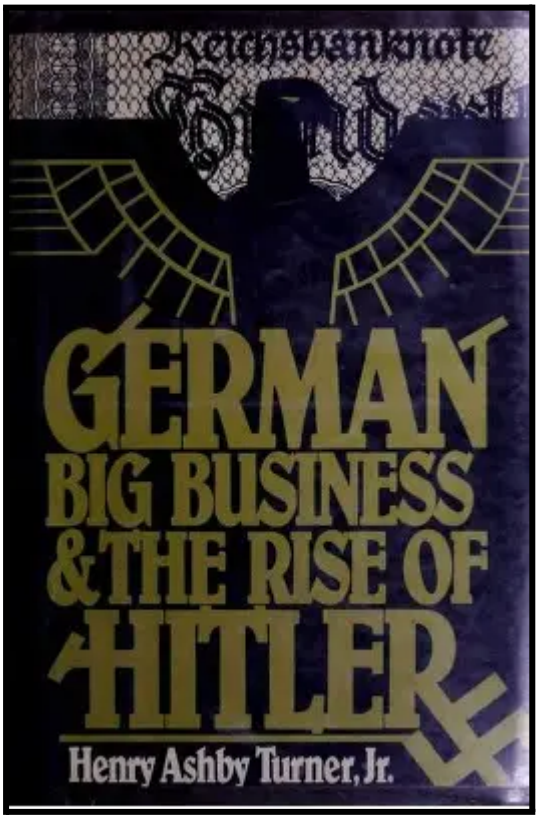
Fontes:

- Dennis, Lawrence. *The Dynamics of War and Revolution*. New York: Revisionist Press, 1975.
- Gregor, Dr. A. J. *National Socialism and Race*. London: Steven Books, 2009.
- Pool, James E. and Suzanne Pool. *Who Financed Hitler: The Secret Funding of Hitler's Rise to Power 1919 – 1933*. New York: The Dial Press, 1978.
- Pudor, Dr. Heinrich. "The High Financiers of France." In *Warwolves of the Iron Cross: The Hyenas of High Finance*, edited by Veronica Kuzniar Clark and Luis Muñoz, 51-66. United States: Vera Icona Publishers, 2011.
- Schinnerer, Erich. *German Law and Legislation*. Edited by Richard Mönnig. Berlin: Terramare Publications, 1938.
- Schwarz, Dieter. *Freemasonry: Ideology, Organization and Policy*. 6th ed. Berlin: Central Publishing House of the NSDAP, 1944.
- Schwarzwäller, Wulf. *The Unknown Hitler: His Private Life and Fortune*. Translated by Aurelius von Kappau. Edited by Alan Bisbort. Bethesda, Md.: National Press Inc and Star Agency, 1989.
- Warburg, Sidney. *The Financial Sources of National Socialism: Hitler's Secret Backers*. Translated by J. G. Schoup. Palmdale, Cal.: Omni Publications, 1995.

John M. Ries

German Big Business and the Rise of Hitler (As grandes empresas alemãs e a ascensão de Hitler). Review do livro.

Por John M. Ries. 1 de outubro de 1998. Postado em: German Big Business and the Rise of Hitler • CODOH



German Big Business and the Rise of Hitler, by Henry Ashby Turner, Jr. New York: Oxford University Press 1985. Hardbound, 487 pages, $25.00, ISBN 0-10-503492-9.

Uma boa parte do legado hoje aceito acerca do grande empresariado alemão e de seu suposto papel no estabelecimento do Terceiro Reich repousa na autenticidade das memórias de certos indivíduos-chave que participaram ou testemunharam, de muito perto, a ascensão de Adolf Hitler ao poder. Talvez os dois mais importantes tenham sido o industrial do Ruhr Fritz Thyssen e o secretário de imprensa de Hitler, Otto Dietrich. Thyssen, cujo desprezo pela República de Weimar o levou a apoiar o NSDAP de Hitler já no outono de 1923, foi por muito tempo considerado uma de suas fontes mais importantes de financiamento. Suas memórias, que Turner aponta terem sido escritas por um "ghostwriter", foram usadas por historiadores para comprovar a estreita ligação entre o grande capital e o movimento nazista desde seus primórdios.

Surgem, contudo, questionamentos quanto à autenticidade dessas memórias, sendo um exemplo particularmente interessante uma passagem na qual Thyssen afirma ter "doado 100.000 marcos-ouro ao NSDAP em outubro de 1923". Esse foi um período crítico não apenas na vida do NSDAP, mas também na da

própria República. Movimentos separatistas proliferavam por toda a Renânia e a Baviera, e os comunistas ameaçavam tomar os governos da Saxônia e da Turíngia. Além disso, a ocupação francesa do Ruhr, o coração industrial da Alemanha, continuava a exercer efeitos desmoralizantes, talvez o principal deles sendo a incrível hiperinflação que ameaçava aniquilar o que restava da classe média alemã.

Dada a situação desesperadora daquele momento, pode-se compreender bem o efeito alentador que uma soma de 100.000 marcos-ouro teria tido sobre o moral do NSDAP, então apenas um entre muitos grupos extremistas de direita que conspiravam para derrubar a cambaleante República de Weimar. Turner, porém, afirma categoricamente que "à luz das evidências disponíveis, parece improvável que Thyssen tenha dado qualquer quantia desse tipo aos nazistas". No mesmo parágrafo de suas memórias, Thyssen declara que não fez o pagamento diretamente a Hitler, mas ao general Erich Ludendorff, talvez a figura mais importante dos círculos antirrepublicanos da época, "para que a utilizasse da melhor forma possível". Se Ludendorff teria favorecido o NSDAP mais do que quaisquer outros grupos então ativos na Baviera permanece duvidoso.

As memórias de Otto Dietrich sobre a *Kampfzeit*, publicadas em 1934, são igualmente consideradas por Turner mais propagandísticas do que substanciais. Seu caráter autojustificativo revela-se nas contradições entre elas e uma versão posterior publicada em 1955. Ao longo desse intervalo, parece que Dietrich temperou seu ardor revolucionário com uma avaliação mais realista dos acontecimentos. Isso fica evidente quando se comparam os dois relatos que ele fornece das reações ao discurso de Hitler no Clube da Indústria de Düsseldorf, em 26 de janeiro de 1932. Na versão de 1934, Dietrich apresenta a seguinte descrição da impressão que Hitler causou à "elite da economia" (*die Wirtschaft*) que veio ouvi-lo falar sobre os remédios que proporia para curar a debilitada economia alemã:

> O efeito sobre os homens de negócios [do discurso], na medida em que mereciam esse nome, foi profundo e tornou-se evidente nos difíceis meses de luta que se seguiram.

Segundo Turner, essa observação foi aceita por historiadores como prova de que o grande empresariado aumentou seus subsídios ao NSDAP como resultado do

discurso. Contudo, na versão de 1955, Dietrich apresenta um quadro bastante diferente, afirmando que, para além de algumas:

> somas bem-intencionadas, porém insignificantes [recolhidas à porta]… não se poderia falar de qualquer apoio digno de menção, muito menos de um financiamento da luta política de Hitler por *die Wirtschaft* ou pela indústria pesada.

Um relato "igualmente embelezado" nas memórias de Thyssen serviu, juntamente com a versão inicial de Dietrich, como uma "fonte seminal sobre o discurso no Clube da Indústria e suas consequências".

O que fazer diante dessa contradição? Qual versão está mais próxima da verdade?

Turner compara ambas com referências externas e decide a favor da versão de 1955. "Por todos os indícios", afirma ele, "nem Hitler nem quaisquer outros nazistas empreenderam qualquer acompanhamento sistemático junto àqueles que estiveram presentes ao discurso no Clube da Indústria ou de outra forma, para arregimentá-los para seus propósitos".

Ele prossegue acrescentando:

> que o fracasso de Hitler em dar seguimento vigoroso à entrada que havia obtido na comunidade empresarial por meio de seu discurso no Clube da Indústria tende a corroborar a hipótese de que ele buscou apenas neutralizar o grande empresariado, e não trazer seus líderes ativamente para trás do NSDAP ou explorar seus recursos financeiros em benefício do partido.

A partir dos exemplos precedentes, pode-se facilmente concordar com a avaliação que Turner fez da tarefa que enfrentou ao preparar este estudo, quando afirmou que ele se tornou "*por necessidade, um livro que trata não apenas do passado, mas de mitos sobre o passado*". Esses "mitos" mostraram-se presentes não apenas em memórias contemporâneas, mas também em comunicados à imprensa, no testemunho pós-guerra de testemunhas em Nuremberg — e até mesmo no próprio Hitler. Todos contribuíram para a criação de uma lenda envolvendo um aspecto importante, porém mal compreendido, das origens do Terceiro Reich; a saber, de quais fontes o NSDAP recebeu seu financiamento.

O retrato da relação entre o grande empresariado alemão e o Partido Nazista que Turner nos apresenta revela quão pouco o grande capital teve a ver com o sucesso do partido. Na Alemanha republicana, a comunidade do grande empresariado era um grupo de interesse frouxamente organizado e politicamente ineficaz, mantido unido sobretudo por sua oposição à crescente ameaça da *Sozialpolitik*, isto é, do moderno Estado de bem-estar social. Suas articulações políticas davam-se principalmente com os chamados partidos burgueses do centro e da direita — o DVP (*Deutsche Volkspartei*), o DDP (*Deutsche Demokratische Partei*) e o DNVP (*Deutsche Nationale Volkspartei*). Contudo, o desprezo geral que o grande empresariado nutria pela forma republicana de governo — um governo que colocava em risco a posição privilegiada que ele detivera sob a extinta ordem imperial — impediu qualquer tentativa séria de usar o sistema em seu próprio benefício, um sistema no qual "votos, e não dinheiro" eram o fator determinante do sucesso político.

Nesse meio, o NSDAP era apenas um entre muitos partidos políticos cuja possibilidade de financiamento o grande empresariado considerava. Entretanto, devido às políticas econômicas anticapitalistas do partido, evidentes desde a proclamação do programa de vinte e cinco pontos em fevereiro de 1920, a comunidade do grande capital jamais conseguiu se reconciliar com a concessão de mais do que um apoio tímido, invariavelmente de natureza tática, e não ideológica. Essa desconfiança em relação a um partido que, com frequência, parecia disposto a alinhar-se com a esquerda radical em importantes questões sociais e econômicas tornou-se tão disseminada que nem mesmo o estridente antimarxismo do partido e seu desejo de inculcar apoio a valores nacionais conseguiram superá-la.

Pode ser verdade que contribuições de diversos tipos tenham vindo de grandes empresários como Fritz Thyssen, o fabricante berlinense Ernst von Borsig e o executivo aposentado do setor de carvão Emil Kirdorf; mas, apesar de afirmações em contrário, elas nunca constituíram uma fonte crítica de financiamento. A maior parte dos recursos do NSDAP provinha das contribuições dos membros, de empréstimos sem juros e da arrecadação nas entradas dos numerosos comícios de massa promovidos pelo partido. Após o avanço parlamentar de setembro de 1930, as vendas de *Mein Kampf* dispararam, proporcionando ao próprio Hitler uma fonte constante de renda. E, durante a depressão, o trabalho voluntário prestado por ativistas do partido ajudou a atenuar os efeitos das condições econômicas cada vez mais austeras.

Em suma, o NSDAP foi uma organização política tipicamente "de base" (*grass-roots*), capaz de se expandir e prosperar em um período em que a maioria dos partidos burgueses sofreu uma séria perda de apoio. Apenas o Partido Comunista pode ser comparado a ele nesse aspecto, e jamais atraiu a base de massas que o NSDAP conseguiu.

O livro de Turner nos oferece uma nova perspectiva sobre as origens da ascensão de Hitler, baseada em um exame crítico do papel desempenhado pelo grande empresariado alemão, fundamentado na análise de todos os documentos relevantes, em vez dos levantamentos bastante ecléticos atualmente à disposição do público. Espera-se que isso contribua para incentivar uma leitura mais atenta dos relatos históricos que tratam de aspectos essenciais da história contemporânea, bem como para o desenvolvimento de uma atitude mais criteriosa diante das distorções sensacionalizadas da verdade que nos confrontam diariamente.